

UNIVERSIDADE DE SOROCABA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

PEDRO ALEXANDRE RONDELLO

**ESCOLA, PODER E EXCLUSÃO SOCIAL: PRÁTICAS DE EXCLUSÃO
NA ESCOLA PÚBLICA PRIMÁRIA SOROCABANA NOS ANOS 60 DO
SÉCULO XX: UMA CONTRIBUIÇÃO PARA A HISTÓRIA DAS
PRÁTICAS DE EXCLUSÃO SOCIAL NO BRASIL**

SOROCABA/SP
2007
PEDRO ALEXANDRE RONDELLO

**ESCOLA, PODER E EXCLUSÃO SOCIAL: PRÁTICAS DE EXCLUSÃO
NA ESCOLA PÚBLICA PRIMÁRIA SOROCABANA NOS ANOS 60 DO
SÉCULO XX: UMA CONTRIBUIÇÃO PARA A HISTÓRIA DAS
PRÁTICAS DE EXCLUSÃO SOCIAL NO BRASIL**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador:
Prof. Dr. Luiz Carlos Barreira

**SOROCABA/SP
2007**

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu pai (in memórian), meu primeiro mestre e orientador, com seu amor inquebrantável e, por vezes, rude, por sua presença em minha vida, em meus caminhos, em minhas escolhas...

Aos meus irmãos, Margarida e Roberto, pelo incentivo e boa expectativa na conclusão desta etapa de minha vida.

À minha esposa Lae, companheira, amiga e grande colaboradora, por sua paciência e cooperação na construção desta dissertação.

Ao meu filho Iago, belo, terno e perspicaz, que sempre soube me estimular, sempre soube quando e o que falar e calar nos momentos em que precisei do som de sua voz, de sua risada, nos momentos que precisei de seu silêncio. Sou grato sobretudo ao silencioso toque de seus lábios em minha face quando chorei, impotente, durante a construção desta dissertação.

Ao professor Barreira, meu mestre, orientador e amigo que, nos momentos em que eu julgava não mais ser capaz de continuar nesta empreitada, estendia sua mão dando-me coragem e força para que eu pudesse caminhar no sentido de concluir meu mestrado. Agradeço por sua confiança em mim, por sua generosidade e por ter assumido, em muitos momentos, a condição de meu pai.

RESUMO

Estudando sobre o tema exclusão constatei a ampla abrangência de seus significados e formas de manifestação. Para além dos conceitos sociológicos do tema, desenvolvi a presente dissertação no sentido de investigar formas sutis e, por vezes, contraditórias de práticas de exclusão social.

Meu objetivo, neste trabalho, foi o de buscar na escola pública primária sorocabana, atuante na década de 60 do século XX, práticas que promoveram a condição de exclusão, contribuindo para o exercício de exclusões sociais no Brasil e, com base neste recorte temporal, selecionei a Escola Municipal " Dr. Getúlio Vargas " por sua projeção no cenário cultural da cidade que faz com que represente rica fonte de materiais e informações que tratam do tema proposto .

Utilizando-me de documentos, oficiais e extra- oficiais, e entrevistas com os sujeitos que protagonizaram a história da educação e da escola naquele dado momento histórico, apresento de forma sintetizada o processo de formação e ampliação da Educação na cidade de Sorocaba e, pormenorizadamente, o processo da concepção e formação da Escola Municipal "Dr. Getúlio Vargas" dentro do panorama educacional da cidade, desde seus primórdios até a atualidade.

Num segundo momento realizei o tratamento dos dados obtidos através das entrevistas realizadas, evidenciando práticas relacionadas ao tema da pesquisa para, no terceiro capítulo, serem articulados com a teoria psicanalítica de Donald Woods Winnicott que aponta para importância e alto nível de responsabilidade do ambiente no processo de formação e desenvolvimento da personalidade humana .

O presente trabalho procura trazer à luz aspectos relacionados às práticas educacionais dos anos sessenta do século XX, no que diz respeito à inclusão e exclusão, aspectos estes que ficariam na obscuridade e talvez se perdessem.

Palavras-Chave: exclusão social; Escola Municipal "Dr. Getúlio Vargas"; Sorocaba; história; educação.

ABSTRACT

Studying the theme “exclusion” I noticed the broad extension of its significance and ways of manifestation. In addition to the sociological concepts of the subject, I developed the present dissertation in order to investigate subtle and very often contradictory forms of practicing social outcasting.

My aim in this work was to search in the public primary school of Sorocaba, which was very active in the 20th century in the decade of the sixties, practices which promoted the condition of exclusion, contributing to the exercise of social outcasting in Brazil , and, based on this period of time, I chose the municipal school “Dr. Getulio Vargas” due to its projection in Sorocaba’s cultural scene, which makes it a rich source of material and information regarding the subject.

Using official and extra official documents and interviews with people who were at the center of the history of education and the school at that specific historical moment, I present in a concise way the process of conception and formation of “Escola Municipal Dr. Getúlio Vargas” within the education panorama of the city, since its early days until the present time.

In a second moment I dealt with all the data I obtained through interviews, making the practices related to the subject of my research evident, in order to articulate them, in the third chapter, with Donald Woods Winnicott’s psychoanalytical theory, which points to the importance and high level of responsibility of the social environment in the process of developing and shaping the human personality.

The present work aims at shedding light on the aspects related to the educational practices in the decade of the sixties in the 20 century, concerning inclusion and exclusion, aspects that might have remained obscure and might have been lost, were it not for this project.

Key words: social outcasting, Escola Municipal Dr. Getulio Vargas, Sorocaba, history, education.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	08
1 EDUCAÇÃO ESCOLAR EM SOROCABA	14
1.1 Gênese da Escola Municipal “Doutor Getúlio Vargas”	14
1.2 O campo escolar sorocabano no início do século XXI: dados quantitativos	19
1.3 A Escola Municipal “Doutor Getúlio Vargas” na década de 60 do século XX	22
2 ATORES DA EDUCAÇÃO ESCOLAR EM SOROCABA: HISTÓRIAS DE INCLUSÃO E DE EXCLUSÃO	26
2.1 “Eu introduzi um dispositivo no Regimento da escola: repetiu de ano cai fora” – Otto Wey Neto (diretor)	26
2.2 “Eu sempre sonho que estou dentro de uma sala de aula, estudando” – Alair Antonia Virgílio (aluna)	33
2.3 “A minha vida é numa sala de aula” – Margarida Maria Ferraz - (professora)	39
2.4 “Naquele tempo era bom dar aula, a gente chamava a atenção, eles ficavam quietos. Agora não, agora é duro” – Maria dos Santos Pires do Amaral (professora)	47
2.5 “Eu gosto mais dessa liberdade de hoje, eu acho que a gente vive mais feliz é desse modo” – Teonila Púglia (aluna)	51
2.6 – “Posso assegurar que a minha formação maior (...), que é trabalhar com as próprias emoções (...), eu tive na Getúlio Vargas” – Rui de Albuquerque Martins (aluno)	57
2.7 – “Eu era um menino muito levado e esquecia de estudar” - Lauro Gabriel (aluno)	63
2.8 - “Na minha época, na sala de aula o professor tinha uma autoridade maior, porque a educação em casa era melhor pela valorização que era dada à função do profissional” – Eunice Padilha de Campos (professora)	68
3 O AMBIENTE NA FORMAÇÃO DO SER HUMANO: CONTRIBUIÇÕES DE WINNICOTT PARA O EQUACIONAMENTO DAS PRÁTICAS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO SOCIAL	74
3.1 – Dados biográficos e principais características do pensamento psicanalítico de Winnicott	75
3.2 – Práticas de inclusão e exclusão social na Escola Municipal Dr. Getúlio Vargas à luz das contribuições do pensamento psicanalítico de Winnicott ...	85

CONSIDERAÇÕES FINAIS	96
REFERÊNCIAS	99
APÊNDICE A Transcrições das entrevistas realizadas	101
APÊNDICE B Quadros quantitativos da década de 60 do século XX	191
ANEXO A Cópias xerografadas de documentos da escola pesquisada	202
ANEXO B Reproduções fotográficas	205

INTRODUÇÃO

Buscar no passado, não tão distante, mais do que fatos e registros concretos documentados oficial e extra-oficialmente, sensações e emoções de pessoas reais que lá estiveram, representou, do meu ponto de vista, a principal proposta deste projeto.

O objetivo final, agora muito claro, foi o de detectar possíveis manifestações de exclusão realizadas na escola dos anos 60 do século XX; mas para eu atingir o objetivo que se me apresentava difuso no início, várias foram as tentativas, tantos caminhos foram ensaiados e abandonados por revelarem-se descaminhos.

As dificuldades surgiram já no início do processo de pesquisa, a começar pelo tema selecionado, “exclusão”, pois que abordar este tema requer do pesquisador cautela, tendo em vista a ampla extensão de seus significados e formas de manifestação.

A condição de exclusão, em seu sentido mais abrangente, é caracterizada por processos onde ocorrem a segregação de indivíduos por motivações diversas, sejam elas questões religiosas, políticas ou econômicas.

O sentido da exclusão, sobre o qual desenvolvo esta monografia, não pretende se deter nos conceitos sociológicos do tema, pois que ela, a exclusão, mais do que um conceito, uma abstração, representa uma prática presente nas relações humanas que promove, segundo o foco através do qual a abordo, concretamente a condição de apartação, com suas conseqüências, como veremos no depoimento de uma das alunas entrevistadas.

Faço a escolha de abordar o tema sob esse prisma com base nas orientações de Raymond Williams (1969). Para ele, o ponto de partida de nossas pesquisas não são os conceitos, mas os problemas; não os problemas analíticos, mas os históricos, ou seja, aqueles diretamente ligados à experiência humana. Afirma o autor:

“Retirar o significado da experiência e buscar torná-lo atuante é, em verdade, nosso processo de crescimento. Recebemos e recriamos alguns desses significados. Outros brotam de nós mesmos e importa que tentemos comunicá-los. A crise humana é sempre uma crise de compreensão: o que verdadeiramente compreendemos, podemos fazer”. (Williams, 1969,p.346).

Minha intenção nesta pesquisa foi investigar justamente a prática da exclusão na forma mesma como ela se deu naquele período, sobretudo em suas manifestações mais veladas, naquelas onde ocorriam algum tipo de procedimento por parte das pessoas adultas, representantes do poder na Educação, e que acabavam por promover climas afetivos

inibidores do desenvolvimento natural e espontâneo dos alunos. Minha intenção não é analisá-la, compreendê-la em um nível conceitual. E, para tanto, fui a campo em busca de documentos e depoimentos de pessoas que, de alguma forma, a vivenciaram ou a praticaram.

Iniciei meu trajeto procurando selecionar uma escola pública que correspondesse às necessidades de minha pesquisa, ou seja, uma escola pública primária que esteve em atividade por toda a década de 60 do século XX.

Dentre as várias possibilidades, optei pela Escola Municipal “Dr. Getúlio Vargas”, por ser esta a primeira Escola Normal pública de Sorocaba, trazendo em seu corpo, além dos alunos que se tornariam professores, também o curso de nível primário, a quem esses professores dariam suas aulas.

Depois de vencida alguma resistência por parte da direção atual da escola, consegui acessar seus arquivos.

Iniciei minha pesquisa investigando os livros de registro da escola. Com esses livros em mãos, foi-me possível voltar à década de 60 do século XX e encontrar o nome dos diretores, professores e alunos que lá estiveram, assim como coletar dados quantitativos referentes ao número exato de alunos que foram matriculados na Escola Municipal “Dr. Getúlio Vargas”, naquele período, ano a ano, série por série.

Com esses dados em mãos, construí tabelas que mostram claramente o número de alunos matriculados; alunos promovidos e não promovidos para a série seguinte de cada ano e cada série. Esses dados estão presentes no Capítulo I deste trabalho.

Os motivos que me levam a selecionar este tema para minha dissertação estão unicamente relacionados às minhas vivências como aluno de origem proletária dos anos 60 do século XX, e este tema, exclusão, sempre provocou-me inquietação e, inquietação que ultrapassa o nível mental, aquele nível que clama por entendimento. Queria poder apresentar aqui a argumentação sobre um motivo outro, mais acadêmico, com maior relevância no campo da pesquisa educacional no Brasil, algum motivo que levasse à propostas de denúncia explícita, de necessidades e propostas urgentes de transformação no sentido do resgate da dignidade de brasileiras e brasileiros; mas não, não tenho esses motivos, argumentações, propostas. Tenho apenas este motivo: o sentimento de exclusão por mim vivenciado naquele período dentro do universo escolar, que me recebia em seu espaço físico, me oferecendo ensinamentos, conteúdos, educação, ao mesmo tempo em que promovia discriminação de seus alunos por classe social, executando o contraditório movimento de incluir para excluir.

Quando dei início ao meu processo de formação no curso de pós-graduação no programa de mestrado nesta instituição, não sabia, ao certo, quais os caminhos trilharia na condição de mestrando. Estive situado diante de uma gama enorme de possibilidades de construção de uma pesquisa na área de Educação. Ainda não tinha em mãos uma bússola segura que me indicasse o caminho a ser percorrido, que me levasse ao destino que pretendia alcançar. Eu, sequer, sabia claramente qual seria esse destino. Mas, intuitivamente, sabia que não estava completamente desorientado. Minha inquietação era clara: exclusão.

Uma feliz coincidência contribuiu para que eu começasse a vislumbrar o caminho a ser percorrido. Um dos temas propostos na prova do processo de seleção para admissão do candidato na condição de aluno regular no programa de mestrado, realizada no final de 2003, foi justamente este: exclusão. Certamente tratava-se de uma outra abordagem do fenômeno da exclusão, abordagem esta relacionada à promoção compulsória do aluno nos anos de sua formação.

Trato aqui de outras formas de manifestação deste mesmo fenômeno, mas que convergem para um mesmo fim: exclusões sociais e manutenção das relações de poder e dominação que favorecem o enraizamento da ordem social como esta é colocada.

Ainda no início de minha caminhada dentro do programa de mestrado, tomando contato mais íntimo com as disciplinas oferecidas, a bibliografia utilizada e os mestres, procurei ficar bastante atento àquilo que fazia maior sentido para mim, àquelas disciplinas, autores e mestres com os quais tinha maior afinidade, por quem percebia haver maior empatia.

Ao cursar uma disciplina com o Professor Barreira soube que o tema sobre o qual desenvolveria minha produção deveria ter, necessariamente, um enfoque histórico, pois que venho dos anos 60, na condição de pessoa e aluno. Vivenciei práticas de exclusão fora e dentro da escola. Entendi que aquelas práticas contribuíam para alguma forma de manutenção das exclusões sociais. A bússola estava, enfim, em minhas mãos. Com o auxílio e orientação de meu mestre me pus a caminho.

Ainda que me sentisse, no início do projeto, sem uma bússola precisa que me indicasse claramente meu norte, prossegui realizando coleta de materiais, entrevistando pessoas que tinham algo a dizer e tomando contato com autores e teorias.

As contribuições de Paul Thompson (1992) orientaram-me sobremaneira, à medida que clarearam meus caminhos no sentido de me orientar quanto à importância da História Oral, no resgate e perpetuação da memória daqueles que vivenciaram realmente a história, o

que nos viabiliza o acesso à outra versão da história, aquela versão que não consta dos livros, documentos e registros de uma forma geral.

Minha formação profissional também me serviu como norte para meu processo de investigação histórica, nunca deixando de representar a base sobre a qual eu construiria minha pesquisa. Por essa razão, avaliei várias teorias e estudiosos da natureza humana, e acabei por entender que Donald Woods Winnicott (1990) era o autor que mais se aproximava daquilo que eu pretendia desenvolver pelo fato de sua contribuição teórica e prática contemplar, em primeiro plano, a fundamental relevância do ambiente no processo de formação psicológica do ser humano, nos mostrando que a qualidade do ambiente onde a criança está inserida interfere significativamente no sentido de propiciar condições para seu desenvolvimento saudável, ou o seu oposto, no sentido de representar impedimentos para esse desenvolvimento.

Partindo desse princípio, após ter levantado dados significativos sobre a escola da época, inclusive quantitativos, como dito acima, pus-me ao trabalho de colher impressões.

De posse do nome desses alunos e professores procurei estabelecer critérios de investigação para obtenção das informações que eu necessitava para a minha pesquisa.

Julguei ser necessário e suficiente que eu conseguisse entrevistar pessoas que representassem cada patamar na hierarquia da escola, ou seja, alunos, professores, diretores e outros funcionários, para que eu pudesse confrontar as informações fornecidas por uma e outra pessoa entrevistada e pudesse captar, caso houvesse, contradições e semelhanças existentes entre as informações dadas, com o objetivo de, através da análise das contradições e confirmações, apanhar o sentido subjetivo de suas vivências como indivíduos que participaram daquele universo, naquele período.

A escolha das pessoas a serem entrevistadas se deu, de certa forma, de maneira aleatória, ou seja, com a relação de nomes obtida nos registros da escola procurei fazer contato telefônico, apresentar-me, e o meu projeto, às pessoas, e solicitar que me concedessem entrevistas. Algumas dessas pessoas contatadas se disponibilizaram prontamente em me conceder entrevista, outras se mostraram mais resistentes, mas acabaram por me receber. Dois dos entrevistados me foram indicados por uma das professoras com as quais tive contato. Essas indicações facilitaram meu acesso a eles.

Pretendia, de início, entrevistar outros funcionários da escola, mas não me foi possível localizá-los e, por esta razão, realizei entrevistas com quatro alunos de origens sociais diversas, variando entre a mais humilde, filha de funcionário da estrada de ferro que se viu obrigada a abandonar os estudos após concluir a 4ª série do curso primário por conta de

dificuldades financeiras de seus pais, até outra, cujo pai foi profissional autônomo na área de imóveis e a mãe professora, e que obteve sucesso em sua vida acadêmica e profissional.

Entrevistei, também, três das professoras que lecionaram na Escola Municipal “Dr. Getúlio Vargas” naquele período, uma das quais demonstrou, em seu depoimento, ter se dedicado, durante sua carreira, à formação do aluno como estudante e como pessoa e que deixou sua função de professora aos 78 anos de idade por “bom senso”, segundo suas próprias palavras; outra que, segundo o que pude perceber em seus depoimentos e comparando com os depoimentos da primeira professora entrevistada, exerceu sua função de forma a se envolver menos com o universo educacional, do qual saiu às pressas, assim que cumpriu os anos de serviço necessários para obtenção de aposentadoria. Entrevistei uma terceira professora, esta do “pré-primário” que, apesar de não ser, e pelo fato mesmo de não ser, professora do curso primário normal me ofereceu dados relevantes sobre a forma como as crianças eram recebidas naquela escola e preparadas para ingressarem no curso primário.

Entrevistei o homem que exerceu o cargo de diretor da escola naquele período. Este entrevistado dirigia a escola abrangendo os cursos primário, ginásial e colegial, auxiliado por uma diretora do curso primário, Dona Ana Maria, que não pode me fornecer entrevista por se encontrar gravemente enferma.

As transcrições das entrevistas encontram-se anexadas a este trabalho, e a apresentação ordenada de cada uma delas compõe o segundo capítulo desta dissertação.

O corpo deste trabalho é composto, portanto, desta introdução, onde busquei apresentar os motivos pelos quais decidi por realizá-lo; os caminhos trilhados no sentido de coletar material quantitativo e qualitativo, para análise do fenômeno que investigo: exclusão na escola pública dos anos 60 do século XX; e os critérios para seleção das pessoas entrevistadas.

É composto, também, por mais três capítulos, sendo que o primeiro deles trata da história da Escola Municipal “Dr. Getúlio Vargas”, onde busco trazer, de forma sucinta, informações sobre a estrutura educacional da cidade, desde seus primórdios, bem como dados quantitativos que informam como o curso primário daquela escola era composto naquele período. Ainda no primeiro capítulo trago dados quantitativos obtidos junto à Diretoria de Ensino de Sorocaba, que nos dão medidas quantitativas do panorama atual da educação na cidade, para que o leitor tenha parâmetros para situar-se nos anos 60 do século XX, na Escola Municipal “Dr. Getúlio Vargas”, e possa perceber os níveis de expansão quantitativa daquele período até os dias atuais.

No segundo capítulo, discorro sobre os depoimentos dos sujeitos entrevistados, onde busco destacar aspectos relacionados às práticas da escola que tratam do tema de minha pesquisa, exclusão, sobretudo aspectos indicadores dos climas afetivos proporcionados pela escola a seus alunos, climas inibidores e/ou facilitadores de seu desenvolvimento.

Para análise desses depoimentos e climas afetivos, lanço mão das contribuições do psicanalista inglês Donald Woods Winnicott, contribuições com as quais construo o terceiro capítulo desta dissertação, procurando fazer a articulação dos dados obtidos nas entrevistas com os princípios psicanalíticos desse autor.

A construção deste trabalho se fez à luz das contribuições de Thompson (1992) sobre História Oral e de Winnicott (1990) sobre o desenvolvimento da natureza humana. Entendo que dialogando com esses autores e com as pessoas que protagonizaram a história da escola naquele período, e também analisando documentos e registros, foi-me dado um melhor entendimento sobre o tema que investigo e, em sendo assim, foi-me possível trazer à luz aspectos da história da educação que ficariam na obscuridade e, talvez, caíssem no esquecimento e se perdessem.

1 EDUCAÇÃO ESCOLAR EM SOROCABA

Neste capítulo, com o objetivo de situar o leitor no contexto histórico do período pesquisado, apresento, de forma sucinta, a história de como se estruturou o sistema de ensino na cidade de Sorocaba desde seus primórdios, me detendo nos dados relacionados à década de 60 do século XX, mais precisamente nos dados obtidos na Escola Municipal de 1º e 2º Graus Doutor Getúlio Vargas, pelo fato deste período representar o recorte temporal que executo na presente pesquisa.

Ainda neste capítulo, apresento a história da Escola Municipal Dr. Getúlio Vargas, desde sua concepção, na primeira metade do século passado, até o ano de 2006, período em que me foi possível levantar dados nas fontes pesquisadas.

Para a elaboração deste capítulo, fiz uso de documentos oficiais, encontrados na própria escola pesquisada. Estabeleci contato com a Diretoria de Ensino de Sorocaba e busquei informações junto ao Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Utilizei, também, dados obtidos nos contatos feitos com o senhor Otto Wey Neto, homem que esteve presente, participando ativamente do processo de construção da história da educação em Sorocaba, vivenciando as condições de aluno, professor e diretor de escola. Lanço mão, ainda, de recortes de jornais e revistas que registraram parte da história da cidade de Sorocaba e desta escola. (1)

1.1 Gênese da Escola Municipal “Doutor Getúlio Vargas”

O início da história da Educação na cidade de Sorocaba data do século XVII e está atrelada à influência e poder exercidos pela Igreja Católica no período da colonização. A Igreja, representada por frades, membros da Ordem de São Bento, inaugurou, naquele século, uma Escola de Cantochão e Latim. A instalação da referida escola deu-se em função da obrigatoriedade da Ordem de São Bento em cumprir disposições contratuais com o Capitão Baltazar Fernandez, fundador da cidade de Sorocaba, que havia feito doações à Ordem e construído o Mosteiro de São Bento. A escola dos beneditinos esteve em atividade até o início do século XIX, quando os professores da Ordem de São Bento deixaram a cidade.

(1) . Revista “A cidade – Sorocaba de todos nós - 351 anos” - Jornal Cruzeiro do Sul – 15/08/2005
 . Jornal “Diário de Sorocaba” – 28/08/77;
 . Jornal “Cruzeiro do Sul” – 21/08/94;
 . Jornal “Opção” – Órgão do Centro Cívico Dr. Getúlio Vargas – 08/1978.

Quatro anos após a chegada da Família Real no Brasil, representantes políticos locais solicitaram às autoridades do Reino, que fosse instalada uma Escola de Primeiras Letras na cidade. Tal solicitação foi atendida e, em 1815, foi instalada a primeira Escola de Primeiras Letras.

A primeira Escola Feminina de Letras foi fundada por volta de 1830, e em 1845 foi instalada a primeira Cátedra de Latim e Francês regida pelo educador professor Francisco de Paula Xavier de Toledo. Depois de aposentar-se, o professor Xavier de Toledo fundou o Colégio do Lajeado, com internato para ambos os sexos.

Até 1927 Sorocaba não dispunha de nenhuma escola secundária. O sistema de ensino na cidade contava apenas com Grupos Escolares Primários. Nesse período um grupo de cidadãos sorocabanos, composto por advogados, médicos e professores, membros do Partido Republicano Paulista (PRP), entendeu que a cidade deveria contar com a existência de um Ginásio Municipal.

Segundo depoimento do senhor Otto Wey Neto, e outros documentos pesquisados, o grande propulsor dessa idéia foi um advogado chamado Dr. João Machado de Araújo que, contando com o apoio do PRP e seus membros, e da Loja Maçônica Perseverança Terceira, que teria cedido o prédio para a instalação da escola sem ônus algum, deu andamento ao projeto de instalação de um ginásio na cidade.

No ano de 1928 esse ginásio iniciou suas atividades com o título de Ginásio Sorocabano, funcionando em prédio cedido pela maçonaria, localizado à rua Barão do Rio Branco, esquina com a rua XV de Novembro, no centro da cidade.

Em 1928 o Dr. João Machado de Araújo foi eleito prefeito de Sorocaba, e sua principal plataforma de governo teria sido o desenvolvimento do Ginásio que até aquela época tratava-se de um Ginásio Particular, do qual o próprio prefeito eleito era diretor. Em 1929, o Doutor Machado de Araújo, já ocupando o cargo de prefeito da cidade, “*encampou*” esse Ginásio e o transformou em Ginásio Municipal, ao promulgar a lei nº 209, no dia 16 de janeiro de 1929, criando o Ginásio e Escola Normal Livre Municipal de Sorocaba.

Ao ser transformado em Ginásio Municipal, seu diretor, o prefeito Machado de Araújo, teve que deixar a direção haja vista a impossibilidade de acumular dois cargos públicos. A direção do Ginásio foi assumida pelo Professor Antonio Funis que se tornou, então, o primeiro diretor do Ginásio Municipal.

Esse Ginásio Municipal funcionou de 1929 à 1936, e, neste período, já não se encontrava localizado em prédio cedido pela maçonaria, mas sim em outro prédio situado à

rua Dr. Álvaro Soares, onde, na atualidade, está sediado o clube de futebol da Estrada de Ferro Sorocabana.

Conta-nos Otto Wey Neto que, antes de se tornar um Ginásio Municipal, alguns professores prestavam serviço voluntário, ministrando aulas gratuitamente, e que só depois do Ginásio ser “encampado” pela Prefeitura Municipal, seus salários foram assumidos pela mesma.

Em dez de julho de 1931 foi criado o Curso Primário com o nome de Escola de Aplicação, para que os alunos formados no Curso Normal pudessem exercer a função de professores primários.

Em 1932 formou-se a primeira turma da Escola Normal Livre Municipal de Sorocaba, contando com cinquenta e quatro alunos. A matrícula de número 1 dessa escola é de Adelina Pannunzio, datada do dia 04 de março de 1929. No período da formação da primeira turma, durante a Revolução Constitucionalista de 1932, alunos desta escola participaram ativamente do momento político pelo qual passava a nação, sendo que alguns deles foram voluntários na Revolução, enquanto outros formaram uma Guarda Municipal para a defesa da cidade contra um eventual ataque das forças adversárias.

Ainda nesses primeiros anos de sua existência, o número de alunos foi aumentando gradativamente, fazendo com que o prédio onde estava instalado o Ginásio não mais comportasse a demanda. Surgiu, nesse dado momento histórico, a necessidade de se construir prédio próprio para o Ginásio Municipal que, em 1937, conquistaria sua estadualização.

Nos primeiros anos da década de trinta, iniciaram-se campanhas para angariar fundos para a construção da sede do Ginásio. Nestas campanhas, um empresário da cidade, chamado Alberto Trujillo, doou uma gleba de 13.000 metros na Avenida Dr. Eugênio Salerno para a construção do prédio da escola. Metade dessa terra deveria ser destinada à construção da Escola Municipal e a outra metade à construção do Ginásio do Estado, hoje com o nome de Dr. Júlio Prestes de Albuquerque, mas, mais conhecido como “Estadão”. Essas campanhas contaram com a coordenação do segundo diretor do Ginásio Municipal, o professor Achilles de Almeida, que deu início à “campanha do tijolo” com o objetivo de angariar fundos junto à população local, para a construção do prédio da escola no terreno doado pelo senhor Trujillo.

Ao término das obras do ginásio, que estava, então, sob a direção do professor Antonio Miguel Pereira Júnior, a Secretaria de Estado da Educação, pela lei nº 2476 (06/12/1935) tornou oficial o estabelecimento “Ginásio Estadual Sorocabano”.

A primeira construção foi realizada na parte superior do terreno doado e foi destinada a sediar o Ginásio Estadual, no prédio do Ginásio Estadual funcionou, provisoriamente, a

Escola Normal Livre. A outra metade do terreno, localizada logo abaixo do Ginásio Estadual, ficou reservada para a construção do prédio da Escola Municipal.

No final da década de trinta o então prefeito, Capitão Augusto César do Nascimento Filho, tinha iniciado a construção de um prédio para a Escola Municipal no terreno doado pelo sr. Alberto Trujillo, e esse prédio foi inaugurado em 1942.

Naquela ocasião o curso ginásial era realizado em cinco anos. Depois desses cinco anos, cursava-se o que chamavam de Propedêutico que seria uma espécie de formação de professor primário, que depois se transformou em Escola Normal. Esse curso Propedêutico começou a funcionar no prédio do Ginásio Estadual Dr. Júlio Prestes de Albuquerque e depois foi transferido para o prédio ao lado, recém-construído, da Escola Municipal que funcionava como Propedêutico do Ginásio do Estado, ou, como era mais conhecido na época, “Propedêutico do Estadão”. Essa nova escola recebeu o nome de Escola Normal Livre de Sorocaba.

A Escola Normal Livre estava submetida ao Estado em se tratando de controle de qualidade. O curso normal, por tratar-se de formação de professores, era constituído de quatro seções distintas: seção de Psicologia, composta por Pedagogia e Psicologia, História da Educação e Práticas de Ensino; seção de Sociologia; seção de Biologia, composta por Biologia e Anatomia; seção de Artes.

O professor de Psicologia era mantido pelo Estado e acumulava à função de professor a função de fiscal para controlar a qualidade do ensino dentro da escola. Os demais professores eram todos mantidos pela Escola Normal Livre, municipal.

Depois da fundação da Escola Normal Livre Municipal, outras escolas normais particulares foram fundadas na cidade de Sorocaba, tais como a Escola Normal Ciências e Letras e a Escola Normal Santa Escolástica.

A escolha do nome da Escola Municipal se deu devido a fatos históricos emergentes naquele período: segunda metade da década de quarenta. Após a segunda grande guerra, nos conta o sr. Otto Wey, “*[...]houve aquela euforia pela vitória dos aliados, e o prefeito de então, Dr. José Fernal, resolveu homenagear alguns dos grandes líderes dos aliados [...] aquela Escola Normal ele resolveu usar o nome de Getúlio Vargas [...]*”. E continua seu relato: “*[...] uma outra escola [...] Presidente Roosevelt [...] uma escola chamada Escola Winston Churchill [...]*”. E neste momento de sua fala nos informa sobre a forma como era visto o Comunismo: “*[...] o único que não foi homenageado naquela ocasião foi Stálin, que talvez por ser [...] de uma corrente ideológica diferente, que era de comunismo[...]*”.

Segundo dados obtidos na revista “A Cidade”, lançada pela Fundação Ubaldino do Amaral e publicada pelo Jornal Cruzeiro do Sul em 15 de agosto de 2005, publicação esta que trata de um levantamento histórico resumido da formação e desenvolvimento da cidade de Sorocaba desde a sua fundação até aquela data, outro fato que também contribui para a escolha desse nome para a escola foi um atentado frustrado contra a vida do Presidente Getúlio Vargas, quando em visita à Sorocaba, em 1945. Este acontecimento reforçou a idéia de que a cidade deveria homenageá-lo. Esse mal sucedido atentado atingiu o capitão Carlos Franco Pinto por sua semelhança física com o Presidente da República. O decreto que determinou o nome da escola foi assinado pelo prefeito da época, o senhor José Fernal.

Em 1949, devido ao fenômeno da expansão do ensino público gratuito em todo o Estado, a cidade de Sorocaba, no intuito de atender à crescente demanda de alunos que procuravam se inserir no universo escolar, criou o Colégio Municipal de Sorocaba, Profº Gualberto Moreira, oficializado pela Lei nº 119 de 4 de julho de 1949.

Em outubro de 1954 o Ginásio Municipal Diurno e a Escola Normal Municipal Noturna passam a formar o Colégio e Escola Normal “Dr. Getúlio Vargas”.

Em 18 de fevereiro de 1967 a Escola torna-se Instituto de Educação Municipal “Dr. Getúlio Vargas”, pela Lei nº 1452.

Em 1971 acontece a Reforma do Ciclo Secundário e Normal e duas opções são oferecidas para os alunos do primeiro ciclo: o curso normal e outro voltado para a área de Ciências Físicas e Biológicas.

Em 1973 ocorre a integração dos antigos cursos Primário e Ginásial no Curso de 1º Grau e institui-se três cursos profissionalizantes: Habilitação para o Magistério e Técnico Redator Auxiliar cuja autorização para funcionamento seria concedida um ano após sua criação, e o curso de Auxiliar de Laboratório de Análises Químicas, que seria autorizado a funcionar dois anos após sua criação.

Em 29 de outubro de 1974 a escola passa a ser denominada Escola Municipal de 1º e 2º Graus “Dr. Getúlio Vargas” pela Lei Municipal nº 1796.

Na atualidade a escola conta com dois blocos de construção. O primeiro, chamado de “prédio antigo”, inaugurado em 1942 e o segundo, “prédio novo” inaugurado em 1971.

Assim, segundo as palavras do Sr. Otto Wey, a escola sobre a qual constrói-se este trabalho, teria nascido “[...] dessa simbiose, de Ginásio Municipal, Ginásio Estadual, até ter aí uma Escola Normal [...]” que se tornou em 1945 a Escola Municipal Dr. Getúlio Vargas.

Apresentarei, na seqüência, dados quantitativos que obtive na escola, extraídos dos livros de registro onde consta o número de alunos do curso primário, matriculados,

promovidos e reprovados em toda década de 60 do século XX. Apresento ainda outros dados quantitativos obtidos junto ao Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e Diretoria de Ensino de Sorocaba, relacionados a aspectos da educação desta cidade.

1.2 O campo escolar sorocabano no início do século XXI : dados quantitativos

Segundo levantamento feito pelo IBGE, Sorocaba, cidade com área total de 456,0 Km, em julho de 2004 contava com uma população estimada em 552.194 pessoas sendo, portanto, sua densidade demográfica de 1,211 habitantes/Km.

Em 1960 sua população total era de 117.729 habitantes, com densidade demográfica de 0,26 habitantes/Km. Dessa população, segundo esses dados obtidos junto ao IBGE, 90.899 habitantes sabiam ler e escrever, e 24.258 pessoas eram estudantes.

Em minha pesquisa, na atual Diretoria de Ensino de Sorocaba, cujo objetivo era acessar os arquivos da década de 60, deparei-me com impedimentos que inviabilizaram meu acesso. As pessoas responsáveis por tais documentos alegaram que o acesso em si se torna impossível devido às más condições das instalações e ordenação desses arquivos, afirmando que os dados daquele período não estão armazenados.

Por conta de minha insistência na obtenção do maior número possível de informações na coleta de dados, as responsáveis pelos arquivos disponibilizaram dados atuais que me forneceram um panorama quantitativo da educação atual na cidade.

Apresento, na sequência, esses dados atuais levantados na Diretoria de Ensino de Sorocaba para que o leitor tenha informações atualizadas do panorama geral do número de escolas e cursos oferecidos na atualidade em Sorocaba e possa ter parâmetros para visualizar a Escola Municipal “Doutor Getúlio Vargas” dentro desse panorama fazendo, comigo, um retrocesso aos anos 60 do século XX para, nesse exercício de retro-visão, compreender a importância dessa escola naquele momento da história da educação e da cidade.

A Diretoria de Ensino de Sorocaba não soube precisar o número de alunos e escolas daquela época, sequer autorizou para que eu adentrasse em seus arquivos, alegando inacessibilidade, mas disponibilizou documentos que informam que no ano de 2005 Sorocaba contava com as seguintes escolas e cursos:

Escolas Municipais = 33

- 01 escola de 1ª e 2ª séries;
- 13 escolas de 1ª a 4ª série;
- 14 escolas de 1ª a 4ª série e Educação Infantil;
- 01 escola de 1ª a 8ª série, Ensino Médio e Sequencial Técnico;
- 02 escolas de 1ª a 8ª série e Ensino Médio;
- 01 escola de 1ª a 8ª série, Ensino Médio e Supletivo II;
- 01 escola de 1ª a 8ª série e Supletivo II

Escolas Estaduais = 89

- 24 escolas de 1ª a 4ª série;
- 01 escola de 1ª a 4ª série e Educação Especial de Deficiente Visual;
- 02 escolas de 1ª a 4ª série e Educação Especial de Deficiente mental;
- 02 escolas de 1ª a 4ª série e Educação Especial de Deficiente Auditivo;
- 01 escola de 1ª a 5ª série;
- 01 escola de 1ª a 7ª série;
- 01 escolas de 1ª a 8ª série;
- 01 escola de 1ª a 8ª série, Ensino Médio e Supletivo do Ensino Fundamental;
- 04 escolas de 1ª a 8ª série, Ensino Médio e Telecurso do Ensino Fundamenta e Ensino Médio;
- 01 escola de 1ª a 8ª série, Ensino Médio e Educação Especial de Deficiente Mental;
- 01 escola de 1ª a 8ª série, Ensino Médio e Supletivo do Ensino Médio;
- 01 escola de 2ª a 8ª série, Ensino Médio e Telecurso do Ensino Fundamental e Ensino Médio;
- 04 escolas de 1ª a 8ª série e Ensino Médio;
- 01 escola de 3ª a 8ª série e Ensino Médio;
- 01 escola de 4ª a 8ª série, Ensino Médio e Supletivo do Ensino Fundamental e do Ensino Médio;
- 21 escolas de 5ª a 8ª série e Ensino Médio;
- 01 escola de Supletivo do Ensino Fundamental e Médio;
- 13 escolas de 5ª a 8ª série, Ensino Médio e Supletivo do Ensino Fundamental e Médio;
- 05 escolas de 5ª a 8ª série, Ensino Médio e Supletivo do Ensino Médio;
- 01 escola de 5ª a 8ª série, Ensino Médio e Educação Especial de Deficiente Mental;

01 escola de 5ª a 8ª série, Ensino Médio, Supletivo do Ensino Fundamental e Ensino Médio e Educação Especial de Deficiente Auditivo;

01 escola de 5ª a 8ª série, Ensino Médio, Supletivo do Ensino Médio e Educação Especial de Deficiente Auditivo.

Escolas Particulares = 84

29 escolas de Educação Infantil e Ensino Fundamental;

07 escolas de Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio;

01 escola de Educação Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio e Educação Profissional;

05 escolas de Educação Especial;

02 escolas de Ensino Fundamental;

02 escolas de Ensino Fundamental e Ensino Médio;

03 escolas de Ensino Fundamental, Ensino Médio e Educação Profissional;

03 escolas de Ensino Médio;

01 escola de Ensino Médio e Educação Profissional;

02 escolas de Educação Profissional e Supletivo;

20 escolas de Qualificação Profissional;

01 escola de Supletivo;

01 escola de Supletivo de Ensino Fundamental e Ensino Médio;

07 escolas temporariamente suspensas.

Os dados apresentados acima apontam para a realidade atual da educação em Sorocaba, em se tratando do número de escolas e cursos oferecidos. A Escola Municipal de 1º e 2º graus “Doutor Getúlio Vargas” surge, neste panorama, oferecendo, no ano de 2006, os cursos de Ensino Fundamental e Ensino médio, com 483 vagas para alunos de 1ª a 4ª série, 526 vagas para alunos de 5ª a 8ª série, e 284 vagas para alunos do Ensino Médio, perfazendo, então, um total de 1.293 vagas.

Em toda a década de 60 do século XX, temos que esta escola ofereceu à população sorocabana, segundo números obtidos nos livros de registro da escola, um total de 2.135 vagas para alunos de 1ª a 4ª série.

Apresento, a seguir, dados obtidos nos registros da escola referentes à década de 60 do século XX, procurando, nesta oportunidade, relatar as formas pelas quais realizei a pesquisa dentro da escola.

1.3 A Escola Municipal “Dr. Getúlio Vargas” na década de 60 do século XX

Minha incursão nos arquivos da escola, depois de superada alguma resistência da direção em liberar meu acesso, representou, como havia previsto, uma viagem ao passado: vários armários contendo as pastas com os registros e dados de todos os alunos que por lá passaram desde sua fundação, na primeira metade do século passado, até os dias atuais.

Encontrei relativa seqüência na organização, por datas e números crescentes nos arquivos. No entanto não encontrei, como imaginei que aconteceria, documentos que comprovassem declaradamente indícios de práticas de exclusão explícita de alunos no curso primário. Contava, previamente, com a possibilidade de localizar algum registro de suspensão da frequência do aluno do curso primário, e registros de expulsão ou desligamento do aluno da unidade de ensino, decorrente de alguma forma de insubordinação ou incompetência. Não, tais registros não existem.

Considerando que minha proposta nesta pesquisa é investigar o fenômeno da exclusão de alunos do primeiro ciclo do ensino fundamental, chamado de curso primário na época pesquisada, e não de alunos do segundo ciclo, chamado de ginásial, limitei-me à análise dos registros que diziam respeito à população pesquisada, mas não me privei de investigar como se davam as práticas de punições de alunos do ginásial. Neste campo, obtive mais dados do que imaginei possível encontrar, visto que existem livros que registram as punições e suas causas, sendo que as punições mais freqüentes tratavam de suspensão dos alunos que variavam de um a dez dias.

Os motivos mais comuns dessas punições estavam associados a algum tipo de insubordinação relacionados à ausência do aluno em datas festivas, saídas da escola durante o período de aula sem autorização da direção, prática de tabagismo dentro dos limites da escola. No entanto, tais punições não representaram, do meu ponto de vista, práticas de exclusão no sentido que busco encontrar, qual seja, a exclusão caracterizada pela desvalorização da pessoa devido às suas origens ou dificuldades na aprendizagem. As punições que cito acima representavam, na época, uma chamada à ordem imposta, haja vista que eram explicitamente aplicadas devido à infração de alguma regra pré-determinada pelo regimento interno da escola.

O controle do comportamento do aluno, dentro e fora de sala de aula, garantia a manutenção da ordem imposta através de um exercício explícito de aplicação de um poder instituído.

A título de ilustração trago anexado a este trabalho cópia xerografada de registros dessas punições (ANEXO A), o que, sem dúvida, não representa prática de exclusão explícita ou velada, prática esta que busco detectar no curso primário da década de 60 do século XX.

Apresento ainda, anexadas a este trabalho, fotografia do prédio da escola quando de sua construção em início da década de 40, e fotografia da escola nos dias atuais. (ANEXO B).

Ao realizar pesquisa nos livros de registro da escola, neles localizei a lista de alunos de cada série, em cada ano da década de 60. Exaustivamente procurei por indícios de registros que caracterizavam alguma prática de exclusão e, em registro, apenas encontrei o número e nomes dos alunos matriculados a cada ano e que não obtiveram sucesso, ou não conquistaram sua promoção para a série posterior ao final do ano letivo.

Ao mesmo tempo em que realizava esse trabalho, procurei fazer contato com a antiga diretora da escola, Dona Ana Maria, mas esse contato ficou inviabilizado devido a enfermidade desta senhora. Consegui falar ao telefone com sua filha, Dona Aninha, que me pôs em contato com Dona Margarida, antiga professora da escola pesquisada e amiga íntima da ex-diretora, Dona Ana Maria. Esta senhora, Dona Margarida, se disponibilizou em me receber e conceder a entrevista, na qual procuro investigar, sobretudo, sobre as práticas disciplinares e forma como as crianças eram recebidas no universo escolar dos anos 60 do século passado.

Ao realizar a pesquisa cujo tema central é a exclusão, explícita ou velada, me vi obrigado a realizar levantamento de dados quantitativos que viabilizaram o acesso às pessoas reais que lá estiveram nos anos 60.

Embora o objetivo primeiro de minha pesquisa não fosse de natureza quantitativa, obtive dados quantitativos de significativa relevância que, em certa medida, nos oferece um esboço da forma como se dava a inclusão da população no universo escolar daquela época.

Recorrendo à produção de Marília Pontes Sposito, encontramos informações sobre a expansão do ensino público no Estado de São Paulo, sobretudo na cidade de São Paulo, e lá vemos que essa expansão se deu devido às pressões exercidas por representantes de camadas populares no sentido de incluir suas crianças no universo escolar, mas também ocorreu por questões políticas, de cunho populista, concebidas e executadas, sobretudo, pelo ex-presidente Jânio Quadros.

Certamente a cidade de Sorocaba também foi atingida pelo fenômeno da expansão, mas, segundo entrevista com o diretor da escola na época, a Escola Getúlio Vargas não sofreu qualquer influência deste fenômeno de expansão, tendo em vista que o número de vagas era limitado e assim se manteve. Outras escolas, na tentativa de atender à demanda da época,

foram construídas em Sorocaba, e as já existentes ampliaram o número de vagas. No entanto, o senhor Otto Wey Neto afirmou que esta escola manteve-se à parte do fenômeno de expansão, informação esta desconfirmada pelas professoras entrevistadas.

Durante a realização da pesquisa quantitativa, me foi dado observar alguns detalhes que me chamaram a atenção por sua peculiaridade, detalhes estes que apresento abaixo.

Em 1960, no registro do resumo geral do ano, as categorias que constavam em livro eram as seguintes: alunos matriculados; alunos presentes no exame final; alunos promovidos; alunos eliminados e porcentagem de promoção. A partir de 1961, foi excluída do livro de registro a categoria “alunos eliminados”.

Outro fato que chama-me à atenção é a alteração na qualidade dos registros à partir de 1965. Temos que, à partir de 1965, a forma como eram registrados os dados sofrem significativo declínio na qualidade. Em 1968 temos a ausência de registro das classes de 1º ano e, em 1969 a ausência de registro das classes de 1º e 3º anos.

Na seqüência apresento os dados quantitativos que viabilizaram meus contatos com as pessoas reais que vivenciaram as relações dentro do âmbito escolar:

Os dados obtidos nos livros de registro da Escola Municipal Doutor Getúlio Vargas, nos apontam um fenômeno que chama atenção pela sua singularidade: podemos perceber que ocorre um crescente e significativo aumento, a cada ano registrado de 1960 à 1963, em termos de porcentagem, no número de alunos promovidos às séries seguintes. A partir de 1964 ocorre um pequeno decréscimo nesse número e essa porcentagem se estabiliza numa variação máxima de 6 pontos percentuais de 1964 à 1969, atingindo seu nível mais alto em 1967, com 97,04% de promoção de alunos à série seguinte. Temos:

- 1960 - 78,00% de alunos promovidos à série seguinte;
- 1961 - 83,90% de alunos promovidos à série seguinte;
- 1962 - 91,04% de alunos promovidos à série seguinte;
- 1963 - 95,75% de alunos promovidos à série seguinte;
- 1964 - 93,59% de alunos promovidos à série seguinte;
- 1965 - 92,27% de alunos promovidos à série seguinte;
- 1966 - 95,37% de alunos promovidos à série seguinte;
- 1967 - 97,04% de alunos promovidos à série seguinte;
- 1968 - 93,25% de alunos promovidos à série seguinte;
- 1969 - 94,29% de alunos promovidos à série seguinte.

Apresento no corpo deste trabalho um apêndice com os quadros de todos os anos da década de 60 do século XX, onde estão presentes os dados quantitativos referentes ao número de alunos matriculados, promovidos e não promovidos à série seguinte. Ainda nesses quadros deixo registrado o nome das professoras de cada série, à cada ano, na década pesquisada. (APÊNDICE B).

Através da pesquisa quantitativa temos que 9,04% dos alunos matriculados na década de 60, do século XX, não foram promovidos para a série seguinte à série que cursava. Esse percentual representa 193 alunos dos 2.135 que lá ingressaram.

Fica a pergunta: o nível de exigência para a aprovação do aluno teria sido abrandado no decorrer da década de 60? E a manutenção da “*qualidade do ensino, da escola, do aluno*”, como pretendia seu diretor, o que teria sido feito dela?

2 ATORES DA EDUCAÇÃO ESCOLAR EM SOROCABA: HISTÓRIAS DE INCLUSÃO E DE EXCLUSÃO

Neste capítulo executo a apresentação ordenada das entrevistas que realizei com algumas das pessoas que construíram e compuseram a história da Escola Municipal “Dr. Getúlio Vargas” e da educação escolar na década de 60 do século XX. Informo, nesta oportunidade, que as transcrições dessas entrevistas encontram-se anexadas ao corpo deste trabalho (APÊNDICE A).

Executo, aqui, a articulação entre o material obtido nos depoimentos dessas pessoas com a teoria de Donald Woods Winnicott, apresentada por mim no capítulo III deste trabalho.

2.1 “Eu introduzi um dispositivo no Regimento da escola: repetiu de ano, cai fora” – Otto Wey Neto (diretor).

O motivo primeiro que me levou a procurar Otto Wey Neto, para que ele me concedesse uma entrevista, é o fato dele ter ocupado o cargo de diretor da Escola Municipal “Dr. Getúlio Vargas” na década pesquisada e, por assim ser, preencher os requisitos dos critérios que estabeleci para selecionar pessoas a serem entrevistadas, uma vez que julguei necessário entrevistar pessoas de cada patamar da hierarquia da escola.

Para além deste motivo, através da diretora atual da Escola Municipal “Dr. Getúlio Vargas”, obtive a informação de que Otto representaria rica fonte de informações sobre a história da escola, visto que nela esteve na qualidade de aluno do magistério em 1944; na condição de professor de Metodologia e Prática de Ensino a partir de 1945, assumindo o cargo de vice-diretor em 1952 para, em 1955, ocupar o cargo de diretor da escola, onde permaneceu segundo seu depoimento, até sua aposentadoria, em 1983.

O fato de Otto ter estado na escola durante todo este período, nas condições de aluno, professor, vice-diretor e diretor, me leva a concluir que seu depoimento e as informações que contém elucidam bem as práticas da escola na década de 60 do século XX.

Meu primeiro contato com Otto se deu por telefone. Antes de estabelecer esse contato, tive alguma dificuldade para falar com ele. Minhas duas primeiras tentativas foram frustradas, visto que se encontrava fora da cidade, em sua chácara. Fui atendido, ao telefone, por sua esposa nessas duas oportunidades. Ela se mostrou simpática à idéia da entrevista, me garantindo que seu marido certamente a concederia. Combinei com ela dia e hora para realizar o terceiro telefonema e conseguir falar diretamente com ele. Nessa terceira oportunidade Otto

me atendeu e, em nossa conversa ao telefone, mostrou-se bastante disponível a me conceder a entrevista.

Em dia e hora combinados fui até sua casa, situada na região central da cidade. Trata-se de construção antiga, sólida, forte e simples. Sua decoração também é simples, mas austera. Paira no ar o cheiro de asseio e livros, como uma biblioteca. A presença física de Otto, como sua casa, é sólida, forte, simples. Desde o momento em que cheguei a sua presença, durante todo o tempo da entrevista, até o momento em que me despedi e deixei sua casa, tive sempre a sensação de estar diante de uma figura de autoridade, apesar de sua simpatia. Em nenhum momento sequer deixei de me sentir diante de um diretor de escola.

Trata-se de um homem bastante idoso, que me confessou estar com alguns problemas de saúde e perdendo a audição mas, apesar da idade avançada, conserva a lucidez e de forma gentil e professoral vai me contando sua história, que se confunde com a história da educação da cidade e com a própria história da Escola Municipal “Dr. Getúlio Vargas”.

Otto, num primeiro momento, entendeu que minha intenção de pesquisa se limita a levantamento de dados sobre o processo de fundação da Escola Municipal “Doutor Getúlio Vargas”, para que eu possa contar essa história de forma narrativa. Por essa razão se preocupa bastante, no início da entrevista, em me passar dados precisos sobre os movimentos que culminaram na fundação dessa escola, dados estes que, sem dúvida, considero relevantes na construção desta dissertação para melhor situar o leitor, historicamente, dentro do universo escolar daquela época. Contudo, este não é meu principal objetivo, apesar de sua importância.

Não pretendo apenas narrar a história, ainda que seja sob o ponto de vista das pessoas que a construíram. Para além da narrativa da história, busco ouvir a voz de seus protagonistas e compreender a dinâmica interna das relações existentes entre eles, apanhando seus movimentos e contradições no sentido de identificar a existência, ou ausência, de exercício de poder instituído na escola e atuado pelas pessoas que lá estiveram com o objetivo da manutenção do próprio poder através da promoção das exclusões sociais.

Otto conta-me a história da fundação da Escola Municipal “Dr. Getúlio Vargas”, e o faz com propriedade, pois que lá estivera, de início, na condição de observador e, posteriormente, na condição de membro participante na qualidade de aluno, professor e diretor. Esses dados históricos fornecidos foram utilizados no primeiro capítulo desta dissertação.

Ao contar a história da fundação da Escola Municipal “Dr. Getúlio Vargas”, vai nos contando sua própria história, sobretudo no que diz respeito à formação acadêmica e exercício profissional.

Relata-nos que sempre teve incentivo de sua família para manter-se nos estudos. Apesar de não se tratar de família abastada, havia ali um ambiente que o estimulava a estudar e desenvolver-se. Deixa bastante claro que os estudos eram importantes para sua família e para ele mesmo, Otto. Por essa razão investiu em sua própria formação e fez disso uma prática que manteve até a idade madura.

Cursou o nível primário (como chamado na época) no Instituto Educacional Santa Escolástica. O curso ginásial fez no Instituto de Educação Dr. Júlio Prestes de Albuquerque. O curso de formação de professores primários, magistério, na Escola Normal Municipal, que posteriormente veio a ser chamada de Escola Municipal “Dr. Getúlio Vargas”. Cursou Direito na Faculdade de Direito de Bauru e Educação Física na Faculdade de Educação Física de Sorocaba.

Inicia sua carreira profissional dentro da Educação, através de concurso, na condição de professor da Escola Municipal “Dr. Getúlio Vargas”, lecionando a disciplina Metodologia e Prática de Ensino.

Em 1952, através de concurso público, conquista o cargo de vice-diretor dessa escola e, com a posterior vacância do cargo de diretor, assume a direção da escola.

Durante a década de 60 ocupava este cargo na Escola Municipal “Dr. Getúlio Vargas” e, a partir daí vai nos dizendo sobre suas práticas na condição de diretor da escola.

Ao ser questionado, segundo sua opinião, sobre a finalidade da escola na década de 60, Otto sorri, me fazendo entender que julgara tal pergunta desnecessária e, talvez, um tanto tola, pois que tal finalidade seria absolutamente clara desde o início dos tempos: “*A finalidade da Escola pra mim é a mesma desde os tempos antigos até os tempos atuais*”. E continua, colocando ênfase em sua voz: “*que é educar, é dar formação, é formar personalidade, dar ao aluno aquele preparo para a vida civil, pra vida que ele vai enfrentar no dia-à-dia. Entende?*”

Na seqüência nos fala sobre a importância da criação e manutenção de cursos profissionalizantes para absorção dos jovens estudantes no mercado de trabalho. Fala sobre isso com bastante convicção, parecendo-me certo de que esta seria a função mais importante da Escola. Ainda dentro deste tema, num outro momento da entrevista, nos relata de seu empenho, na condição de diretor, em adquirir verbas para a criação e manutenção do colégio politécnico em Sorocaba. “*Aqui em Sorocaba não tivemos nenhuma verba. Eles ajudaram porque eu fui, eu fui pescar verba lá dentro do Ministério, e construí aquele, aquela ala que você viu lá na Rua Rio de Janeiro*”. Neste momento da entrevista informa-nos sobre o quanto sem empenhou no campo da educação na cidade: “*Aquela ala foi construída por mim. [...] Lá*

em cima, no último andar tinha [...] uma sala que tinha torno, fresa é, e tinha uma sala de cabeleireira pras moças, e tal, né". Aqui explicita o valor que dava aos cursos profissionalizantes: *"Nós dávamos uma formação, um início profissional pra eles. Aquilo que eu te falei do SENAI e do SENAC."*

Relata que nos anos pesquisados havia verdadeiro controle do Estado sobre as Escolas Normais Livres. O Estado mantinha um professor, geralmente da área de psicologia, que exercia, além da função de professor, também a função de fiscal da qualidade do ensino de cada Escola Normal Livre.

Otto nos conta que havia muita procura por vagas na Escola Municipal "Dr. Getúlio Vargas" devido à qualidade do ensino, afirmando que houve duas fases no que diz respeito ao aceite do candidato à vaga como aluno na escola: *"Olha, nós fizemos dois, duas fases: houve uma época em que o departamento de Educação do Estado, ele dividiu a cidade em bolsões, então cada escola só poderia receber alunos residentes naqueles bolsões [...]"*. Neste ponto da entrevista manifesta sua forma de pensar a respeito de seleção de alunos segundo o que chamava de qualidade: *"[...] isso limitou um pouco a qualidade do aluno. Agora, de um modo geral, a briga pela, pelas vagas do Getúlio Vargas eram elitizadas, eram, era elite quem procurava Getúlio Vargas"*. Informa-nos, nesta oportunidade sobre a forma como a escola seria mais voltada para a elite. *"[...] Primeiro lugar, era uma escola que tinha uma mensalidade simbólica, pais que pagavam [...] o que seria hoje [...] dois reais e pouco, três reais, uma coisa assim, né. Em segundo lugar, era uma escola boa, era uma escola de alto prestígio na cidade, né."*

Otto nos fala que houve duas fases distintas no que diz respeito ao aceite do aluno na escola. Uma delas foi marcada pela determinação do poder do Estado que ditou que a escola deveria aceitar alunos residentes dentro do perímetro vizinho à escola, os chamados bolsões, o que teria, de alguma forma, prejudicado à "qualidade" do aluno, pois que, bastava residir dentro desse bolsão e a escola era obrigada a aceitar o aluno, caso houvesse vaga, independente da "qualidade" desse aluno. As matrículas eram distribuídas através de sorteio e isso ficava por conta da sorte de cada candidato. O candidato que era sorteado tinha sua vaga garantida; aquele que não o era, não tinha direito à matrícula. Isso ocorria devido à limitação do número de vagas nessa escola. Sobre a "segunda" fase Otto não fala claramente, e eu, pesquisador, fiquei me perguntando o que diria seu silêncio e, por assim ser, me tornei bastante atento na intenção de compreender seu sentido. Com a atenção aguçada me foi possível entrever em algumas de suas falas que, na "segunda" fase havia maior liberdade da direção em receber determinado tipo de aluno segundo o que era considerado maior nível de

“qualidade” em detrimento de alguns alunos que, de alguma forma, não correspondiam a essas especificações. No sentido dos alunos darem prosseguimento ininterrupto aos estudos, Otto afirma: “[...] geralmente eles entravam no primeiro ano, e iam embora, né, então eu só tinha algumas vagas, essas algumas vagas a gente era obrigado a dar [...] uma “peneirada”, entende, não recebia qualquer aluno.” E o critério para essa “peneirada”, segundo Otto, era a capacidade para ser aprovado numa espécie de exame de admissão criado por ele e aplicado pela diretora do curso primário, Dona Ana Maria. Otto conta-nos:

“Eu fazia uns exames de vez em quando e chamava a Dona Ana Maria (riso) e falava pra Ana Maria: “olhe Dona Ana Maria, têm aqui uns dez, dez nomes aí, convoque esses, essa criançada e veja qual é que a senhora vai por aí.” E ela, ela fazia um negócio muito bem feitinho, e só admitia aquele que era bom mesmo, mas é, era sempre difícil, nunca foi fácil”.

Vou aqui entendendo que aquele aluno que não “era bom mesmo” permanecia fora do universo escolar, excluído, portanto.

Otto afirma não ter tido problemas com disciplina dos alunos, sobretudo no curso primário. Afirma ter sido muito bem assistido pela diretora do curso primário, Dona Ana Maria:

“Ana Maria tomava conta muito bem, [...] ela fazia treinamento, ela fazia reuniões, ela fiscalizava, apesar de eu ir de vez em quando assistir, sentar na última carteira e assistir uma aula lá, da professora. Sem avisar, entrava, sentava lá: “pode, professora, pode continuar”, [...] e isso. Mas a Ana Maria foi [...] eficientíssima [...] ela foi uma professora maravilhosa, uma diretora, grande colaboradora”.

Ao afirmar que nunca teve problemas com indisciplina de alunos, ele nos conta que, no cargo de diretor da escola, criou um dispositivo que excluía automaticamente o aluno que não fosse aprovado no final do ano letivo, afirmando que a média para aprovação do aluno era 7, o que fazia com que se garantisse a manutenção do alto nível de “qualidade” dos alunos que lá estudavam:

“Ah! não, da 1ª à 4ª séries eu nunca tive trabalho; ao contrário: eram bonzinhos. E outra coisa: eu introduzi [...] um dispositivo no regimento da escola: “repetiu o ano, cai fora.” Lá não podia repetir, se eles repetissem eles iam, e eu aviso: o mal aluno acabava sendo indisciplinado, então ia ser, a disciplina não tinha problema, a média de aprovação era 7 [...] Ah! Não tinha, se reprovou vá procurar outra escola.”

Ao ser questionado sobre sua postura diante da situação política em 1964, com o golpe militar, ele responde que não teve problema algum nesse sentido, tendo sempre se conduzido

com o que chama de parcimônia. Denomina o Golpe Militar de 64 de “Revolução”. Nesse período ele assumia, além do cargo de diretor da escola, também o cargo de vereador da Câmara Municipal de Sorocaba. Ele nos diz:

“[...] então, no ano da revolução eu estava na prefeitura, ao lado do prefeito e, ao lado do prefeito, eu conhecia todos os meus professores, eu sabia da tendência de cada um, jamais eu tive um problema lá dentro da escola, dizendo que, e, olha, eu fui vereador também, fui oito anos vereador e eu nunca fiz, nunca misturei “alhos com bugalhos”. Entende? Então, nesse período pré-revolução e pós-revolução eu sempre me conduzi com [...] parcimônia [...], não fui perseguidor de ninguém, não exigi a cabeça de ninguém [...]. Todos eles continuaram, cada um no seu lugar, lecionando”.

Neste ponto da entrevista relata que tentou, inclusive, orientar seus professores quanto aos perigos que corriam naquele momento da história política do país, afirmando que: *“[...] eu pedi que eles não exorbitassem na sala de aula, porque não faltaria algum aluno que fosse [...] denunciar o professor por algum comportamento que o aluno considerasse duvidoso [...]”.*

Quando questionado sobre as leis do ensino e suas mudanças, ele nos diz que tinha facilidade em acatá-las e aplicá-las, pois que: *“[...]a legislação é federal, mesmo o Estado obedece, na organização curricular, na formação dos professores, no tipo de trabalho dentro de cada escola, obedece leis federais”.* E continua discorrendo sobre o tema: *“Então, é o Ministro da Educação é quem dita as normas, é ele quem, [...] determina o que deve ser feito na escola”.* E a partir daí fala sobre as experiências vividas na escola: *“Então, nós tivemos boas experiências, né, experiências maravilhosas, mas que não foram pra frente, porque, falta de recurso”.* Neste momento Otto volta a falar sobre a importância dos cursos profissionalizantes que preparariam o estudante para o mercado de trabalho.

Ao ser questionado sobre o fenômeno da expansão do ensino público no Estado de São Paulo, ocorrido naquele período, ele nos conta que a Escola Municipal “Dr. Getúlio Vargas” não sofreu esse impacto, uma vez que o número de vagas era limitado e assim se manteve: *“[...] eu nunca recebi mais aluno do que trinta e cinco alunos por sala de aula [...]”.* Mas reconhece que:

“[...] a escola do Estado em função, [...] dessa explosão [...] talvez demográfica também, não é, [...] e dessa vontade da família de por o aluno na escola. [...] Então o Estado ficou assoberbado com esses problemas, e não havia vaga para todo mundo. Aí começaram a construir, mas mesmo construindo ainda houve falta de vagas. O que acabou acontecendo? As escolas que funcionavam em dois períodos, passaram a funcionar em três. As que funcionavam em três: manhã, de tarde e à noite, criaram um turno intermediário”.

Mas, segundo Otto, a Escola Municipal “Dr. Getúlio Vargas” não teria sofrido as consequências desse fenômeno, pois que ele, Otto, nunca se importara com a “[...] *quantidade de ensino, mas com qualidade. Se eu fosse me importar com a quantidade as salas estavam cheias[...]*”. Afirma que, para manter o padrão de qualidade teve, inclusive, que enfrentar autoridades locais que “*solicitavam*” que ele abrisse mais algumas vagas: “[...] *sempre tinha prefeito que me mandava bilhete falando assim: “Ah! põe mais um na sua classe, se tem trinta e cinco, tem trinta e seis,”[...] ah! eu não punha. Falei, então: “venha o senhor aqui, ponha aqui e pronto”[...] é isso aí*”.

Ao continuar falando sobre o assunto do fenômeno da expansão do número de vagas nas escolas nesse período, o tom de sua fala, de início de forma sutil e depois de forma explícita, vai tomando um sentido de crítica:

“Então, aí vieram [...] as medidas de ordem não legais, não [...] regulamentares de dizer: “aprova todo mundo, passa todo mundo, assim os alunos da última série caem fora e eu posso receber mais alunos aqui”. Enfim a avaliação deixou de ser um fato, vamos dizer, importante na vida da Escola, porque fazer [...] uma, a, escola, o professor entra na sala de aula e não avalia aquilo que ele está fazendo, não sabe se aqueles alunos vão, vão um dia aproveitar tudo aquilo que ele ensinou, ou se já está aproveitando o que ensinou. Então, eu acho que são problemas sérios, não é. E hoje está sendo, voltando outra vez esse velho problema. Isso não é um problema de 40, nem de 50. Isso é um problema de agora, de 2005, não é”.

Na sequência reafirma sua determinação, na condição de diretor, em manter padrões rígidos de qualidade de ensino: “*No meu tempo exigia, o padrão de ensino, o padrão de qualidade muito rígido*”.

Otto afirma que “*provavelmente*” nunca desligou um aluno, sequer, da unidade escolar por motivos de insubordinação, no entanto aplicava punições em forma de suspensões, ou seja, o aluno insubordinado ficava suspenso das aulas, proibido de frequentá-las por um determinado número de dias caso incorresse em algum tipo de infração das normas internas da escola. A exclusão ocorria apenas nos casos de o aluno ser reprovado por notas no final do ano letivo: “[...] *repetiu o ano, cai fora*”.

Afirma, também, nunca ter rejeitado um aluno por quaisquer tipos de deficiência, fossem essas deficiências físicas ou mentais: “[...] *mas eu nunca tive um aluno que foi se matricular e que eu tivesse negado a matrícula porque ele tivesse qualquer deficiência, física ou mental [...]*”.

Ao ser solicitado que tecesse algumas considerações sobre o processo ensino/aprendizagem, tanto daquele período quanto da atualidade, Otto reafirma a

necessidade de o ensino se transformar para que acompanhe “[...]o mundo de hoje, a tecnologia de hoje”. Fala sobre o fato de que, muitas vezes, o aluno atual traz consigo uma gama de conhecimentos adquiridos através dos meios de comunicação que, não raras vezes, supera o conhecimento do professor. Ao afirmar isso procura reparar sua afirmação dizendo: “[...] não que ele saiba mais que o professor, mas ele é mais informado [...], porque ele tem mais tempo de ficar em frente da televisão, ou da internet, conhecendo coisas, [...] e dominando uma série de assuntos [...]”. Segundo Otto, viria daí a necessidade da Escola “se adaptar”, “se ajustar”. Reafirma a importância da Escola no sentido de preparar o aluno como mão-de-obra: “[...] como fonte de profissão, acho que está ótimo, a Escola está ajudando a soltar no mercado mais, elementos mais habilitados [...]”. E ao afirmar isso continua, a título de conclusão de sua fala: “[...] então eu acho que a Escola, está certo fazer isso, mas ela precisa também, informar o aluno, não só formar, a forma, a informação ajuda na formação do aluno, é isso aí”.

E, com essas considerações finais, encerramos a entrevista com Otto Wey Neto, diretor da Escola Municipal “Dr. Getúlio Vargas”, na década de 60 do século XX.

2.2 “Eu sempre sonho que estou dentro de uma sala de aula, estudando” – Alair Antonia Virgílio (aluna).

Foi possível saber da existência de Alair através dos livros de registro da Escola Municipal “Dr. Getúlio Vargas”. Seu nome constava no livro de matrículas e também no livro de registro dos resultados dos exames finais de cada ano.

Alair foi aluna desta escola, cursando o primeiro ano primário em 1960. Segundo o que pude observar no livro, ela teria sido reprovada no primeiro ano. Consegui, através do catálogo telefônico, o número de seu telefone e fiz contato com ela.

Ainda por telefone, em nossa primeira conversa, investiguei sobre o fato dela ter sido reprovada, o qual foi confirmado. Decidi por perguntar sobre o grau que teria atingido em sua vida escolar, ela me respondeu que não havia concluído o ginásio, o que seria hoje a oitava série, pois que fizera o curso supletivo na Escola Anglo e não havia conseguido concluir.

O fato de Alair ter sido aluna da Escola Municipal “Dr. Getúlio Vargas” cursando sua primeira série já em 1960, e ter sido reprovada nessa série, fez com que eu entendesse que sua permanência na escola teria durado, pelo menos, até 1964. Considerei a relevância desse prolongado tempo de experiência na escola dentro do período que pesquiso. Somado a isso, ela se mostrou bastante receptiva à idéia de me conceder uma entrevista, o que fez com que eu a selecionasse para a minha pesquisa.

Devo aqui confessar que as razões citadas acima não foram as únicas que me fizeram decidir por entrevistá-la. No caso específico dessa pessoa minha escolha não foi totalmente aleatória, como o foi para a escolha dos outros alunos e professoras entrevistados. O fato de que ela não obtivera muito sucesso em sua vida acadêmica me atraiu, pois fez com que eu entendesse que ela poderia me fornecer dados importantes para a construção e conclusão de minha dissertação, uma vez que, ao que tudo indicava, se tratava de uma das alunas que teria vivido, na condição de vítima, alguma prática de exclusão dentro de uma escola pública primária de Sorocaba, dos anos 60 do século XX, a Escola Municipal “Dr. Getúlio Vargas”.

Combinamos a data e o horário em que ela me concederia a entrevista.

Alair me recebe em sua casa, para a entrevista, mostrando-se muito disposta a concedê-la. No entanto, apesar de toda sua receptividade, me parece um tanto constrangida devido ao aspecto humilde de sua moradia. De fato, trata-se de uma residência muito humilde, mas arejada, limpa, acolhedora. Acolhedora como sua proprietária.

Ao falar de sua casa, localizada em bairro habitado por pessoas de classe social menos favorecida, como se estivesse se desculpando por seu aspecto humilde diz: *“É fresquinha, né, Pedro, só que está caindo, Pedro, porque você vê a situação, está difícil, Pedro, não está fácil”*. Na verdade, em nenhum momento tive a impressão de que a casa estivesse em ruínas. Trata-se, aparentemente, de uma casa bastante sólida, sem sinais de deterioração evidentes, apesar de ser pequena e simples.

Durante a entrevista fomos, por diversas vezes, interrompidos por sua irmã mais velha que interferia nas respostas da entrevistada, procurando auxiliar no fornecimento de dados. O pequeno cão de Alair, que se encontrava aos nossos pés, também interferiu algumas vezes, latindo, procurando chamar sobre si a atenção de sua dona e do entrevistador. Quando estávamos próximos do final da entrevista chegou um de seus irmãos que fez alguns comentários sobre suas vivências na Escola Municipal “Doutor Getúlio Vargas”. Em seguida chegaram outras pessoas, visitas, e entendemos que seria o momento de encerrar a entrevista, visto que os dados que eu buscava para minha dissertação de mestrado já se encontravam gravados, pois que o depoimento que Alair nos forneceu o que eu fora buscar naquela tarde de sábado em sua casa: testemunhos de vivências da prática de exclusão ocorrida na década de sessenta do século vinte na escola Municipal “Dr. Getúlio Vargas”, da cidade de Sorocaba/SP.

Alair conta-nos das condições econômicas e sociais de sua família, quando era criança. Segundo ela, tratava-se de família numerosa: pai, mãe e dez filhos. Enquanto era aluna da Escola Municipal “Dr. Getúlio Vargas” cinco, dos dez filhos do casal, estudavam lá.

Seu pai, que no passado havia trabalhado como profissional autônomo na área da construção civil e, com isso, tido condições de manter a família em situação menos difícil, naqueles anos se encontrou em sérias dificuldades financeiras e, por essa razão, todos os membros da família tiveram que, de alguma forma, trabalhar para ajudar o pai na manutenção da casa.

Segundo o entendimento de Alair, essa situação contribuiu para que se manifestasse sua dificuldade relacionada ao aprendizado na escola, o que culminou em sua reprovação no primeiro ano primário. Entendemos aqui, com base em suas afirmações, que o ambiente da casa, devido às questões financeiras, não representou, de forma suficiente, continência e estímulo para que desenvolvesse seu inato potencial para o crescimento em algumas áreas de sua vida, sobretudo no que diz respeito à educação institucionalizada.

Quando eu pergunto se havia sido reprovada, dado este que eu já havia obtido quando de minha pesquisa nos arquivos da escola, ela me responde: *“Fui, fui, lembro, lembro [...] Eu acho que era assim, porque nessa época nós estávamos passando por uma fase muito difícil”*. E explica-nos os motivos pelos quais teria sido reprovada na escola: *“[...] meu pai tinha, assim, muita dívida, então pra gente que era criança você sabe que é tudo certo, né, eu “alembro” que nós fazíamos saquinho de carvão, esses saquinhos que você compra, de carvão, nós fazíamos”*. E explica os motivos que obrigavam ela e seus irmãos a trabalharem: *“[...] meu pai era, estava à beira da falência [...] Pra vender saquinho de carvão e, para nós era uma festa, porque criança não tem noção, [...] a gente [...] tinha que, além de estudar [...] fazer bastante ainda, tinha que ter produção, tinha que ter”*.

Ao ser questionada sobre a forma como seus pais pensavam e entendiam a escola, sua importância ou não importância na vida e formação das pessoas, Alair afirma que sua mãe, apesar de ser analfabeta e, talvez também pelo fato de ser analfabeta, considerava ser a escola muito importante para a formação de seus filhos: *“[...] minha mãe era uma pessoa que [...] não sabia nem ler e nem escrever [...] mas era uma pessoa sábia [...] que fazia você não faltar nenhum dia da escola [...] sabia administrar uma casa [...] como se ela fosse uma pessoa letrada [...]”*.

Fala de seu pai, que naquela época trabalhava como pedreiro da Ferrovia Sorocabana, como uma pessoa enérgica, que exercia mesmo a autoridade e que essa autoridade emanava dele de forma que todos o obedeciam sem questionar. De forma autoritária ele comandava os filhos: *“[...] só com os olhos, assim, tinha que respeitar [...] você tinha [...] que saber o que ele queria”*. Afirma que ele era uma pessoa controladora e que apenas sua irmã mais velha, presente durante parte da entrevista, conseguia, de alguma forma, burlar esse exercício

autoritário de poder paterno. Vamos entendendo que a atitude autoritária do pai em relação à formação dos filhos pode ter representado um clima afetivo inibidor do desenvolvimento de Alair, cuja expressão, ao lembrar e relatar esse fato, deixa transparecer resquícios do medo que sentia.

Alair nos vai relatando sua vida como filha, irmã, aluna. Diz que seu pai não pode “*estudar*” os filhos por dificuldade financeira, com exceção de um, o mais novo, que teria feito parcialmente um curso de química, mas que optou por não concluí-lo, pois que pretendia casar-se, quando já estava bastante próximo de seu término. Alair fala isso com expressão de pesar.

Fala de sua trajetória dentro da escola, dizendo que gostava muito, pois que era uma escola boa, apesar de suas professoras serem muito enérgicas: “*É uma lembrança boa, porque tinha ginástica, tinha jogo de futebol*”. Aqui fala sobre sua condição de incluída, pois que nessas ocasiões estabelecia-se condições facilitadoras da expressão de sua espontaneidade: “[...] *e tudo que tinha a gente participava. Tinha um coral, também, [...] naquele tempo tinha um seminário, participava do Coral, do Coral*”.

Relata que cursou, de início, apenas o básico e que depois de alguns anos ingressou no curso supletivo para concluir o que, na época, era chamado de curso ginásial: “[...] *daí fiz até, [...] aquele que você tinha que fazer, mesmo, [...] daí eu não fui mais porque meu pai, minha mãe [...] tinham muitos filhos [...] Eu fui, acho, que até a quarta [...]*”. E reafirma as necessidades financeiras pelas quais a família passava naquele período: “[...] *nessa época aí [...] nós estávamos passando por dificuldades [...] nós tínhamos que fazer até saquinho de carvão, pra nós era divertimento aquilo [...]*. Relata que ao trabalhar brincavam e se divertiam enquanto o pai se angustiava com a situação precária de sua família: “*Meu pai ficava trancado de desgosto dentro do quarto, e nós brincando, fazendo saquinho e cantando, [...]*”. Continua a entrevista informando que retomou os estudos anos mais tarde e quase concluiu o ensino fundamental: “*Fiz, fiz o supletivo. [...] Ah! eu fiz o ginásio inteiro [...], eu só fiquei em matemática [...] eu quase que concluí tudo mesmo, porque só na matemática que ficou faltando, daí eu via que não ia mesmo, daí eu saí*”.

Alair nos conta que, desde criança, nunca teve grandes ambições. Afirma ter nascido para servir: “*Ah! [...] eu sempre fui [...] uma pessoa [...] eu nasci pra servir [...] eu vim nesta [...] vida pra servir, eu não vim [...] pra [...] concluir algum estudo [...] pra “mim” poder, na velhice, ter alguma coisa que qualquer um tem, né, eu vim pra servir.*”

Por ser a filha mais nova dentre as mulheres, foi incumbida, e se incumbiu, da tarefa de cuidar de seus pais na velhice, até a morte destes: “*Eu cuidei do meu pai, cuidei da minha*

mãe, eu fui a última mesmo [...] então eu fiquei com eles até...”. Fala sobre isso com um tom de resignação, mas deixa-me entrever que experimenta, de certa forma, algum sentimento de frustração por não ter estudado mais: “[...] eu sempre sonho que estou estudando [...] eu sempre sonho que eu estou dentro de uma sala de aula, estudando [...] me vejo dentro de uma escola e eu estou estudando [...] sempre tive isso, assim, sempre falo que eu estou estudando”. Trata-se aqui de material onírico, de fato, e não de devaneios ou fantasias.

Esses sonhos, somados ao fato de que, depois de adulta, voltou a estudar, cursando o supletivo, e também somados à expressão sonhadora em seu semblante, me levam a inferir que Alair traz consigo algum sentimento de frustração, ainda que de forma encoberta. O sentimento flagrante é o de resignação.

Alair conta-nos, à sua maneira, sobre as práticas escolares dos anos 60, no período em que foi aluna da Escola Municipal “Dr. Getúlio Vargas”, no que diz respeito à inclusão e exclusão, explícita ou velada.

Começa por dizer que os professores da época eram bastante enérgicos. Fala de sua professora do primeiro ano dizendo: “[...] e essa era muito ruim mesmo [...] acho que era a professora mais ruim que tinha lá [...] muito ruim, enérgica, mesmo”. Quando lhe perguntei de que forma os professores exerciam sua autoridade, ela responde: “Ô, enérgico [...] se você fizesse alguma coisa que ele não gostava, ele chamava você lá na frente e... reguada na mão (faz movimento como se estivesse batendo com régua na própria mão), [...] na cabeça, na mão”.

Afirma que a Escola Municipal “Dr. Getúlio Vargas” tinha a maior parte de seu corpo discente composta por “gente de classe alta”, afirmando: “Ah! era mais rico que estudava lá [...] porque, você vê ali, é Eugênio Salerno, ali, todos ali é tudo gente, gente de classe alta, os alunos que estudavam ali, os alunos, [...] a minoria eram, era pobre que estudava ali”.

Quando perguntei, considerando sua origem social humilde, de que maneira foram aceitos, ela e os irmãos, como alunos da escola, ela disse acreditar ser por causa da relação de amizade existente entre seus pais e a diretora da escola, Dona Ana Maria. Sua irmã, interferindo neste momento, disse que foi por sorteio, mas ela, Alair, insistiu que foi pelo fato de seus pais serem amigos da diretora, afirmando que naquela época não havia sorteio.

Fala sobre a diretora, Dona Ana Maria, com expressão de carinho e, talvez, gratidão em seu rosto, pois que, para Alair e seus irmãos, essa diretora foi muito acolhedora, apesar de ser enérgica:

“A diretora, Dona Ana, ela era assim, uma pessoa muito enérgica, tudo o que acontecia,

[...]se a professora reclamasse de alguma coisinha, você tinha que ir lá na, na diretoria e ficava uma meia hora ali, tomando chá de, de cadeira e escutando, escutando conversa ali, que era pra você entrar no eixo [...] acho que dizia assim, pra você ser um pouquinho melhor, estudar mais [...] Era uma diretora muito enérgica, mas era uma pessoa assim, de um coração que, nossa! Eu não saía da casa dela [...] ela queria muito bem a gente, não sei se porque a gente era de classe muito inferior das outras crianças”.

Na seqüência, Alair nos fala que havia divisão de classe social dentro da sala de aula, ou seja, os alunos financeiramente mais abastados sentavam-se a um lado da sala e os de origem mais humilde sentavam-se de outro: *“Porque a gente tinha amizade mesmo com pessoas do mesmo nível da gente, não se misturava ali, assim, [...] os alunos eram divididos, assim: os ricos ficavam pra cá e os, os alunos [...] que eram de classe mais baixa eram do lado de lá”*. Com as mãos Alair representa os movimentos de apartação. Continua a dizer: *“Na mesma sala, mas era dividido [...] os professores vinham, puxavam a sardinha pro lado dos mais ricos. [...] Ah! a gente sentia isso na pele [...]”*. E neste momento relata sobre distintivos que eram entregues para alguns alunos da escola: *“[...] eles davam uma fitinha verde e amarela penduradinha assim [...] na blusinha, eu acho que nunca tive uma fitinha daquela penduradinha na blusinha [...] Nunca tive [...] e nem o meu irmão também. Ele lembrou que a fitinha era só dos bacanas, mesmo”*. Continua dizendo que essa separação por classe social acontecia também na hora do recreio, no pátio: *“[...] as amizades minhas [...] com as pessoas daqui que iam na escola comigo [...], que moravam aqui na vila, [...] a gente sentava tudo separadinho, um sentava assim, do outro lado da quadra, o outro sentava aqui, um pouquinho, ô, tudo separadinho”*. E com as mãos faz novamente os movimentos que representam apartação. *“Porque você brincava mais, assim, com as pessoas, [...] do mesmo nível, assim, da gente, né”*.

Quando volto a perguntar sobre as aplicações de punições, ela conta-nos que: *“Mas eu lembro que fui muitas vezes atrás da porta [...], porque fazia qualquer coisinha, você ficava [...] desde cedo até na hora de você ir embora, atrás da porta, você ficava, atrás da porta, de pé, ali”*. Pergunto sobre os motivos que levavam a professora a colocá-la de castigo atrás da porta e ela responde: *“[...] era que jogava papelzinho no outro, ou você conversar [...] com o da frente, [...] com o detrás, [...] por falta de atenção mesmo [...] no que a professora tava dando na lousa”*. Ainda falando sobre punições ela retoma a fala sobre sua professora do primeiro ano: *“Só que ela já era uma pessoa [...] de idade [...] e os alunos tudo assim [...] de sete, oito anos, então era qualquer coisinha, assim, era, ela batia mesmo, não era fácil, não”*.

Quando busco, com Alair, informações sobre o depoimento dado por Otto, relacionado ao dispositivo no regimento interno da escola que excluía automaticamente alunos

reprovados, ela confirma: *“Mas é isso mesmo”*. E atribui à amizade existente entre seus pais e a diretora o fato dela e seus irmãos não terem sido desligados da escola devido às reprovagens de uns e de outros: *“[...] a amizade nossa com a diretora, Dona Ana, era incrível [...] eu lembro que eu [...] vivia dentro da casa dessa mulher [...] era por querer bem, mesmo, que ela deixava [...] uma reprova, outra reprova, [...] porque ela sabia também, acho, [...] das dificuldades que a gente passava”*. E reafirma que, com outros alunos, cujo vínculo de amizade era inexistente, as regras eram cumpridas, ou seja, se fosse reprovado seria desligado: *“Não, ela não, eles não permitiam, mesmo”*.

Alair afirma, quando interrogada sobre possíveis casos de desligamento de alunos da escola, em decorrência de indisciplina, não saber que tais ocorrências tenham existido: *“Eu acho que não [...] porque, você vê, meu irmão Jair também era outro que [...] nossa senhora! era incrível, e nunca foi expulso da escola, né”*.

Ao ser questionada sobre sua opinião à respeito dos castigos praticados pelas professoras aos alunos, ela diz sobre o quanto se sentia humilhada: *“E, eu não gostava [...] achava que era, assim, uma coisa injusta [...] humilhante, ia, você ter que ficar atrás da porta, os outros alunos ficavam te gozando, então eu acho que era uma humilhação”*. Contudo, afirma não haver distinção por classe social para aplicação dessas punições. Diz que o critério utilizado para se punir ou não algum aluno era a qualidade de seu comportamento: *“Acho que ia mais os peraltas, né”*.

Com a chegada de visitas na casa de Alair resolvemos dar por encerrada a entrevista. Ela, sempre muito gentil, me apresentou às pessoas. Conversamos mais um pouco sobre outros assuntos, principalmente sobre seus cães. Fez questão de que eu conhecesse seu cão de guarda, da raça Pittbull: um cão assustadoramente feroz. Depois disso me acompanhou até o portão de sua casa e, mais uma vez, se disponibilizou em me receber novamente caso houvesse necessidade.

Nos despedimos.

2.3 “A minha vida é numa sala de aula” – Margarida Maria Ferraz (professora).

Decidi por solicitar uma entrevista com a professora Margarida Maria Ferraz pelo fato dela ter sido uma das professoras que lecionou na Escola Municipal “Dr. Getúlio Vargas” na

década de 60 e, por esta razão, corresponder à minha necessidade de obter depoimentos de pessoas que vivenciaram as relações no universo educacional daquele período.

A necessidade de ouvir várias vozes, de pessoas que ocuparam diferentes posições dentro da escola, somado ao fato de eu encontrar facilidade em localizar esta professora, e também por sua demonstração de interesse em colaborar com a produção de minha dissertação, fez com que eu a selecionasse para a minha pesquisa.

Meu primeiro contato com Margarida, ou Guida, como gosta de ser chamada, aconteceu em novembro de 2005. Foi um contato telefônico breve através do qual me apresentei como aluno de mestrado do Programa de Pós Graduação em Educação da UNISO.

Ao telefone ela me pareceu um tanto cética, visto que não me conhecia. Pude sentir, na forma como me atendeu ao telefone, que ficara desconfiada de que minha solicitação de entrevistá-la pudesse tratar-se de algo que não fosse uma pesquisa para dissertação de mestrado. Com cuidado, procurei explicar a ela minhas reais intenções quanto à entrevista e, assim, ela se disponibilizou em me atender. Por estarmos, naquela época, próximos ao final do ano, ela pediu que eu voltasse a fazer contato em outra oportunidade e garantiu que me receberia.

Em fevereiro de 2006 voltei a telefonar para ela, e nesta oportunidade mostrou-se bastante disponível e simpática à idéia de me conceder a entrevista. Combinamos dia e horário para esse encontro.

Guida me recebeu com um clima bastante acolhedor em sua casa, um pequeno apartamento alugado, situado no mesmo bairro onde se localiza a Escola Municipal “Doutor Getúlio Vargas”. Trata-se de um apartamento simples, compacto, com decoração leve e bem iluminado. Senti-me bem recebido, mesmo à vontade naquele pequeno ambiente que acumula as funções de sala de estar, sala de televisão e escritório. Dona Guida, com sua simpatia natural, é certamente capaz de transformar uma pequena sala em um ambiente acolhedor.

No início, ela relutou bastante em permitir que eu gravasse a entrevista. Procurei convencê-la da importância de ter sua voz gravada, seus depoimentos registrados com o som de sua voz, afirmando que isso enriqueceria enormemente a validação de meu trabalho, além de que o registro da voz dela permaneceria como um documento histórico que não deve ser perdido ou esquecido.

Guida é uma senhora de 82 anos, embora aparente ter menos que esta idade. Nunca se casou e nem teve filhos. Era a filha mais velha de uma família de três irmãos. Sua mãe faleceu quando tinha quinze anos, e seu pai quando tinha dezoito anos. Com a morte dos pais, a jovem Guida assume o comando da casa e dedica-se à formação de seus irmãos menores e à

sua carreira como professora. Revela-se uma mulher forte, com postura e princípios bastante seguros, firmes, apesar de seu porte físico revelar-se miúdo e frágil. Traz em seu semblante, no presente, expressão de serenidade, ao mesmo tempo que revela energia e determinação. Durante a maior parte da entrevista, além de suas respostas, me concedeu seu sorriso acolhedor.

Antes que eu pudesse ligar o gravador, conversamos sobre assuntos diversos, tais como: seus pais, irmãos, sobrinhos, sobrinhos-netos e sobrinhos-bisnetos. Falamos sobre os santos da igreja católica e sobre o nome de santa que seu pai lhe dera: Margarida Maria.

Ela pediu-me que lhe entregasse o roteiro da entrevista que eu tinha em mãos. Começou a ler e me perguntou se ela poderia escrever as respostas ao invés de gravarmos sua voz. Muito à contra-gosto concordei, pois que eu já quase me conformara com a idéia de que ela não permitiria, mesmo, que eu gravasse suas respostas. Mas, quando enfim eu aceitei que, ao invés de gravarmos, ela escrevesse as respostas, Guida sorriu e me autorizou a ligar o gravador. Iniciamos a entrevista de forma mais direta.

Guida, então, autoriza-me a gravar seu depoimento e autoriza também que o conteúdo da entrevista seja utilizado para minha dissertação de mestrado.

Ela conta-me sobre sua vida como aluna, dizendo que seus pais não tinham condições financeiras para custear seus estudos, mas que pode estudar gratuitamente, na condição de bolsista, de início no internato Santo Antonio, embora não fosse uma das internas e, posteriormente, no Colégio Santa Escolástica. Fez faculdade de Pedagogia aos 45 anos; “[...] *foi quando o dinheiro deu pra estudar*(riso)”.

Fala com gratidão sobre uma professora, Dona Helena Maia, e sua família, que a teria acolhido em seu internato gratuitamente e preparado para continuar seus estudos como bolsista na Colégio Santa Escolástica: “*Fiz o curso, graças a Deus, com muita facilidade, eu não fui a primeira da classe, mas das primeiras, graças à Dona Helena Maia, que tenho na memória e a quem sou eternamente grata, a família Maia*”. Parece-nos que, apesar das dificuldades apresentadas pela vida ela, Guida, encontrou ao longo de seu desenvolvimento pessoas que lhe proporcionaram climas facilitadores desse desenvolvimento.

Ela nos diz que desde muito pequena foi questionadora, movida pelo desejo de compreender as causas, os motivos e as finalidades do que lhe era ensinado: “*Quando eu fui aluna [...] costumava às vezes questionar [...] queria saber o porquê das coisas*”. E conta-nos que assim foi desde idade muito tenra: “[...] *desde seis anos eu quis questionar, e isso às vezes causava, [...] uma certa contrariedade na família, porque eu queria saber o porquê das coisas e nem sempre o porquê diz-se a uma criança de seis anos* (riso)”.

Olhando a relação de questões que eu elaborei para a entrevista, Guida continua, dizendo que cursou todo o ginásio no Colégio Santa Escolástica e que o curso de continuação para o magistério foi cursado na Escola Municipal de Sorocaba, hoje Escola Municipal “Dr. Getúlio Vargas”.

Iniciou sua carreira como professora aos dezenove anos, lecionando num curso noturno para pessoas adultas: “[...] *eu dei aula nesse pré-normal pros alunos adultos, alguns com quase trinta anos. Eu tinha dezenove, e para manter a disciplina na classe, não era fácil, mas graças a Deus, eu consegui, conseguia brincando, conseguia impondo*”.

Nos conta sobre uma situação vivida em sala de aula nesse período. Um aluno seu, ao invés de escrever as respostas de uma prova que ela estava aplicando, teria lhe escrito uma poesia. Guida soube lidar muito bem com a situação, lendo a poesia para toda a classe e dizendo ao aluno “poeta”: “*Sua poesia está ótima, agora, a prova que você me deu é zero* (ênfase na palavra zero)”. E conclui me dizendo: “*Esse dia eu conquistei a classe, porque eu não tive que tentar esconder a poesia* (riso)”.

Depois desse período, pediu transferência para o curso primário, afirmando que esta era sua verdadeira vocação: “[...] *eu pedi transferência para o curso primário porque a minha vocação, na minha vontade, que eu sabia que podia produzir alguma coisa, era no curso primário*”. Em outro momento da entrevista afirma: “*A minha vida é numa sala de aula [...] vinte e um anos na quarta série. Diz, diz que em time que está ganhando não se mexe*. (riso). Guida mostra-se saudosa e bem humorada ao falar sobre isso: “[...] *Não sei, mas, mas era assim. Tinha uma professora que era sempre do primeiro ano, uma sempre do segundo, sempre do terceiro [...]*”.

Disse que, quando iniciou sua carreira como professora do curso primário da Escola Municipal “Dr. Getúlio Vargas”, era tudo muito calmo, muito tranquilo devido ao fato de, no início, terem poucas classes. Afirma que havia, entre as pessoas que lá trabalhavam, uma relação bastante harmoniosa, de cooperação.

Fala sobre o modelo do ensino naquele período, e sobre o conceito de disciplina, manifestando seu desagrado: “*O aluno entrava, sentava, estudava, estudava, estudava, estudava, escrevia, escrevia, escrevia, escrevia, aí, no final do dia ia embora pra casa, lição de casa, bastante. Eu achava que não havia muito atrativo na escola*”. E, por pensar assim procurava, em suas classes, algum tipo de inovação: “[...] *então na minha classe eu fazia [...] eu trabalhava muito em cima da música, e isso as outras professoras achavam engraçado, né, achavam graça que, de repente, no meio da aula aparecia aquela cantoria [...]*”. E, neste ponto acrescenta dados que informam sobre sua capacidade de manter a ordem, apesar de

trabalhar de forma lúdica com os alunos: “[...] e a cantoria aparecia quando a classe estava bem limpinha. Classe limpa, meninos, meninas, sempre têm aqueles mais travessos [...] eu procurava corrigir a disciplina com música”. E revela-nos a forma como lidava com as travessuras de seus pequenos alunos: “[...] em lugar de passar “pito”, mandar de castigo, ficar com a cara no canto, ou então atrás da porta. Nada! A gente cantava”. Em outro momento da entrevista nos diz: “Então era assim, meu conceito de disciplina era uma coisa completamente diferente do que existia. Não, não vou justificar, não vou dizer que esse é o certo, nada, eu só digo que comigo funcionou com muita alegria, foi isso”. Em outro momento da entrevista: “Eu acho que disciplina é uma questão de comunicação, de orientação e de dar-se ao respeito” Em outro momento: “Então o meu senso de disciplina, de diretividade das coisas [...] era uma coisa diferente, não vou dizer que fosse a melhor, absolutamente, eu era severa também, não, não era assim, não ia aceitando tudo”. Neste momento revela, de forma bastante explícita, sua concepção de disciplina: “A disciplina a gente impõe por meio do respeito, o aluno tem que saber quem é quem, ele é o aluno, você é a professora [...]”. Para Guida os papéis, ao menos no sentido profissional, devem ser muito bem definidos.

Vai nos relatando sobre sua didática, que se revela bastante ousada e inovadora para a época. Sua classe era conhecida, na escola, como “pátio dos milagres”:

“Ah! eu tinha uma colega que era ótima [...] eu tinha meus quadros, eu tinha mural, eu tinha lá, microfone era cabo de vassoura, falava no microfone, então essa, eu tinha biblioteca na classe, era um caixote: “quem tiver livro repetido em casa, livro que já leu, pode pôr aqui”. Na hora da leitura recreativa, alguém passava lá, e todos iam escolher, e cada um lia o que bem entendia na hora da leitura recreativa. Então foi isso, e essa minha amiga que eu estava contando, de vez em quando ela espiava na minha classe e dizia: “Como vai o pátio dos milagres?””

Nos conta que, no entanto, uma vez foi mandada pela escola para participar de um Curso de Educação e lá recebeu informações que confirmavam a necessidade de se rever a didática no sentido de melhorar sua qualidade: “Ai, esse dia eu me vinguei. Eu cheguei e disse, falei pras colegas: “”O pátio de milagres foi oficializado, agora vocês também vão ter que fazer” (risos)”.

Afirma que o critério que utilizava para manter o aluno interessado em participar do processo de ensino/aprendizagem era também um tanto diferente das demais professoras da época: “[...] eu dava pouca nota na minha classe, eu trabalhava com pontos [...] eles estavam na idade de colecionar pontos, então nós colecionávamos pontos”. E vai contando como fazia a distribuição dos tais pontos: “[...] você fez toda a lição de casa? Pode marcar aí:

cinquenta pontos. Você achou difícil, mas fez assim mesmo, difícil, mas fez o dever, assim mesmo? Marca sessenta pontos. Você não acabou porque foram passear? Então me devolve vinte pontos". E fala sobre a forma como os alunos reagem a isso: "[...] e eles, mas eles ficavam desesperados por causa dos pontos". E ela mesma, sorrindo, tece uma crítica à sua prática relacionada a isso: "[...] nada mais anti-pedagógico que isso, mas funcionava porque eles trabalhavam com vontade, e era isso que eu queria: que eles gostassem da escola".

Na seqüência, e em outros momentos da entrevista, Guida vai nos contando sobre algumas de suas práticas que caracterizam movimento no sentido de incluir os alunos que, de alguma forma, estavam sendo vítimas de exclusão: "[...] Então, meu relacionamento com eles era excelente, era muito, recebi um aluno uma vez que foi (ênfase) muito mal recomendado, até perguntaram se eu aceitaria, ele já era mais velho que os outros". Esse aluno, do qual fala, vinha de uma escola de onde havia sido expulso por ter provocado propositalmente a morte de uma cabra. Ela conta que esse aluno sempre foi muito bem comportado e que todos os dias, sem dizer nada a ninguém, nem mesmo à professora, trazia, antes de começar a aula, flores embrulhadas num jornal e deixava sobre a mesa de Guida. Ela já sabia que era ele quem trazia as flores e, mesmo assim, nunca disse nada, apenas agradecia, se dirigindo à classe, ao aluno anônimo pelas flores recebidas. Somente no dia da formatura, ao entregar ao aluno o seu diploma, ela lhe agradeceu diretamente por todas as flores recebidas durante todo aquele ano. Nos conta que ele, constrangido, perguntou a ela quem havia revelado seu segredo. Ela respondeu que sempre soubera, pois que não era boba. O aluno chorou, emocionado.

Fala sobre sua severidade em sala de aula, sobretudo no que diz respeito à inclusão do aluno, independente de sua origem social.

De alguma forma, através do conteúdo obtido nesta entrevista, tive a impressão de que, se houvesse alguma predileção por parte de Guida por algum tipo de aluno, este era, na maioria das vezes, oriundo de uma classe social mais humilde: "[...] agora, eu era severíssima, na classe, severa mesmo (ênfase). O que eu não admitia, por exemplo, que uma criança ofendesse a outra, porque a minha classe era muito, (faz silêncio por um breve instante. Pensa como se buscasse na mente uma palavra que melhor traduzisse o que pretendia dizer) muito diferente, heterogênea mesmo". E neste ponto da entrevista fala sobre a diversidade de classes dentro de sua sala de aula: "[... Eu tinha filhos de, de diretor, médicos, advogados, e tinha filhos de lavadeiras, faxineiras, gente mesmo do, do trabalho pesado. Eram ótimos, tanto aprendeu um, como o outro aprendeu também". E com orgulho relata "[...] eu sempre escutava isso, [...] que o uniforme mais brilhante que tinha na classe, não

era de camisa de linho, era uma camisa feita de saco de farinha [...] a mãe era lavadeira e sabia como lavar uma roupa, e o menininho espelhava de beleza. (riso)”.

Ela prossegue afirmando que a clientela, em termos de classe social, era completamente heterogênea, mas que dentro da escola era feito com que se tornasse homogênea: *“Clientela heterogênea, mas completamente, até o momento em que entrasse na escola [...] que entrou na escola você [...] não tinha classe, nem do dinheiro, nada, eram todos alunos do mesmo nível”.*

Neste ponto da entrevista fico pensando nos depoimentos de Alair e avaliando o quanto contradizem o depoimento de Guida.

Com base nas histórias que Guida vai contando sobre suas práticas de inclusão, vou inferindo que esse movimento de homogeneização das classes talvez tenha se dado dentro de sua sala de aula, o que não representa a escola como um todo, pois, se assim o fosse, não haveria necessidade de Guida procurar fazer com que um aluno de origem humilde se destacasse em sala de aula no sentido de superação de alguma condição ou sentimento de inferioridade. Essa prática era comum nas salas de aula de Guida, como pretendo apresentar a seguir.

Ela fala-nos com carinho de um de seus alunos que mais se destacara por um tempo. Tratava-se de um aluno negro, de origem muito humilde e compleição física forte, por quem ela nutria um afeto especial e a quem considerava seu braço direito na sala de aula, pois que a ele delegava algumas funções de ajudante: *“[...] era um menino tão forte, tão grande que ele destacava da classe”.* Ao falar desse aluno sua expressão fica ainda mais suave: *“[...] calmo, inteligente, olhe, [...] era o meu ajudante [...] quando eu queria que ele se destacasse em alguma coisa eu dizia: “eu estou querendo mudar aquela última carteira, por mais perto de mim [...] você traz pra mim? [...]”.* Sorrindo, Guida conclui: *“[...] e lá ia ele, com a carteira erguida, e punha no lugar (riso)”.* Ela nos conta gratificada que há poucos anos esse seu aluno levou suas filhas, formadas em faculdades da Uniso, para que a conhecessem.

Diz que pedia para as mães de classe mais abastada que lhes entregassem os uniformes que seus filhos não mais usavam para que pudesse repassar para as crianças mais humildes: *“[...]Então, com esses uniformes eu vestia as crianças da caixa escolar, que chamavam, entrava uma visita, costumava, a criançada toda se punha em pé, e eu desafiava que me mostrassem quais eram as crianças da caixa escolar, esse orgulho eu sempre tive”.*

Quanto aos critérios para a realização de matrícula, para aceitar novos alunos, afirma: *“A matrícula era feita quando a criança entrava, a, que seria hoje pré-primário [...] raramente havia uma dispensa de alunos, então eles iam chegando [...] continuando o*

primário todo". Neste momento apresenta-nos dados sobre o fenômeno da expansão do número de alunos: *"As classes somente foram crescendo, crescendo, porque no início tivemos poucas classes, com quinze alunos, vinte alunos. Eu cheguei a ter, quarta série, a ter classe com cinqüenta alunos"*. Aqui nos mostra mais uma prática de inclusão: *"[...]Porque vem mais um, vem mais um, coração de mãe, você sabe como é, não tem tamanho, né"*. E dizia, naquela época: *"Não tem onde ficar? Vem comigo"*.

Neste momento da entrevista penso nas afirmações de Otto e percebo que as informações não coincidem, pois que ele afirmou que as classes da Escola Municipal "Dr. Getúlio Vargas" nunca excederam ao número de trinta e cinco alunos. Ao confrontar essas afirmações com os livros de registro da escola constato que as informações fornecidas por Guida correspondem à realidade.

Ela conta-nos que trabalhou como *"[...] orientadora educacional, lá eu fui educadora vocacional e diretora, depois de sair da Escola Municipal "Dr. Getúlio Vargas", no Colégio Veritas [...]"*. Aqui informa-nos que, tanto nesta posição, quanto na de professora, sempre soubera exercer sua autoridade: *"[...] eu chamava à diretoria, fazia se sentar, eu nunca perdi um aluno por indisciplina: "senta aí, vamos conversar" [...]"* Posição de diretora e professora também, se fosse o caso, em separado, eu não precisava mandar para a diretoria, eu me levava junto".

Quando professora primária eventualmente recebia alunos vindos de outras escolas, outras cidades e, quando isso acontecia, procurava incluí-lo em sua turma com a ajuda de outros alunos seus: *"Eu punha na primeira carteira, perto de mim [...] eu estava atenta a toda dificuldade que ele tivesse. Eu tinha meus ajudantes solidários, tive bons alunos que se prontificavam a ajudar o coleguinha [...]"*. Neste momento explica como procurava resgatar a história pregressa de seu novo aluno: *"[...] e a gente, naturalmente, incentivando sempre, e eu sempre pedia que contasse que jeito era a escola, se tinha saudade de lá, o que que tinha de diferente da nossa, até que pra ir, pra turminha ir se fechando, né, em torno dele e, e dava certo, (riso) dava certo"*.

Conta-nos que, no decorrer desses anos todos, teve alguns alunos portadores de deficiências físicas, e os tratava da mesma forma, auxiliada por outros alunos seus.

Num dado momento da entrevista, confirma a informação dada por Otto sobre as dificuldades que as professoras passaram durante um período em que a prefeitura deixou de efetuar seu pagamento por três meses: *"Houve um governo aí que, meu Deus do céu,, é, não digo todas professoras, mas eu vivia, sustentava a minha casa com o que eu ganhava, nós ficamos três meses sem pagamento [...]"*. E explica: *"[...] é, a política era outra, dava mais*

ênfase, vamos dizer, pra outra parte que pra nossa necessidade. Mas a gente agüentou tudo junto [...]”.

Quando entramos no tema que trata da aplicação ou não de castigos físicos, pude detectar alguma contradição no depoimento de Guida. Ela certamente não aplicava esses castigos, dizendo que os considera uma “*aberração*”. Mas nega que houvesse castigos físicos na Escola Municipal “Dr. Getúlio Vargas” e, em seguida nos conta que seu irmão, que era aluno lá, era vítima de uma professora que lhe aplicava esses castigos.

Falou sobre o pré-requisito imprescindível para se ser uma boa professora: amor à profissão. Tece críticas às pessoas que não se empenham no sentido de realizar um belo desempenho profissional, como ela o fez por sessenta anos, pois que, quando se aposentou, continuou dando aulas como professora particular, sempre com determinação e dedicação. Afirma que sua carreira nunca lhe forneceu dinheiro suficiente para ficar rica, sequer casa própria e carro adquiriu com o salário recebido em todos os anos dedicados à Educação. Mas fala sobre isso rindo e, vê-se claramente que se trata de uma velha senhora plenamente realizada no campo profissional.

Encerramos nossa entrevista e Guida me solicitou que a mantivesse informada sobre o andamento de minha dissertação, me desejando sucesso na empreitada.

Conversamos um pouco mais, depois de encerrada a entrevista, sobre assuntos amenos. Ela me mostrou o trabalho em crochê que estava executando: um pequeno casaquinho de bebê que tecia para seu sobrinho-neto recém-nascido.

Desceu as escadas comigo me acompanhando até a porta.

Nos despedimos.

2.4 “Naquele tempo era bom dar aula, a gente chamava a atenção, eles ficavam quietos. Agora não, agora é duro” – Maria dos Santos Pires do Amaral (professora).

Maria dos Santos Pires do Amaral foi selecionada para esta entrevista por preencher, assim como Margarida Maria Ferraz, os requisitos necessários para esta pesquisa. Também a selecionei pela facilidade encontrada em localiza-la e por sua disponibilidade em me receber. Seu depoimento em muito enriquece esta pesquisa, por trazer, nas palavras faladas e nos silêncios, importantes dados para análise do tema proposto nesta dissertação: exclusão

Maria, uma senhora de 78 anos, que foi professora da Escola Municipal “Dr. Getúlio Vargas”, na década de 60 do século XX, me recebe em sua casa, para conceder-me esta entrevista, de forma bastante simpática.

Quando fiz contato telefônico com ela, solicitando que me concedesse uma entrevista, me pareceu, de início, prontamente disponível; mas, em seguida mostrou-se mais cautelosa e pediu que eu ligasse na semana seguinte para a confirmação. Depois, já na sua casa, me contou que ficara preocupada, temendo que se tratasse de algum golpe, pois que não me conhecia. Disse ter telefonado para sua amiga, Guida, para confirmar de que se tratava realmente de um trabalho acadêmico.

Apesar de sua disponibilidade em me receber em sua casa, esta entrevista fica permeada por silêncios. Parece-me que Maria não se põe muito à vontade para falar sobre o tema. Em alguns momentos, mostra-se um tanto reticente nas respostas, noutros me responde diretamente, sem refletir sobre a resposta que vai me fornecer.

Oriunda de uma família pequena, pais e dois filhos, afirma ter perdido seu pai aos cinco meses de idade, mas que sua mãe incentivou seus estudos. Estudou no Colégio Santa Escolástica desde o primário até sua formação no magistério. Nos conta que, naquele tempo, ser professora era algo muito comum. Até mesmo esperado. A moça que tinha oportunidade de estudar cursava, naturalmente, a escola normal e se tornava professora: “[...] *acho que, (se referindo à própria mãe) ela que, acho que punha na cabeça da gente, né. Naquele tempo, vai ser professora, professora a gente ficava tranqüilo, né, que era pra ser professora, né*”.

Quando questionada sobre suas expectativas relacionadas a sua profissão, responde de forma não muito clara que, quando se formou, sua expectativa era mesmo dar aulas.

Ao falar sobre suas vivências dentro da Escola e sua prática como professora, vai nos informando que iniciou sua carreira profissional na condição de professora substituta, e pôde contar com o auxílio de amigos e parentes influentes que facilitaram seu ingresso no universo profissional, além de ser aprovada em concurso: “[...] *eu lembro que eu me formei em quarenta e cinco [...] quarenta e oito eu já peguei aula [...] substituindo o grupo noturno, certo*”. Conta-nos das facilidades no ingresso no campo profissional: “[...] *o Nei Fogaça era [...] casado com a minha tia, (...) ele [...] chamava, quando sobrava essa aula [...] aquele tempo a gente [...] pedia escola [...] meu tio era médico, conseguiu com o Dr. Alberto, eu entrei, né*”. E continua seu relato sobre o concurso que teria prestado para ser admitida na Escola Getúlio Vargas: “[...] *e depois, aí, teve um concurso, né, e, eu, parece que a segunda da lista, daí eu peguei, peguei na Municipal [...]*”

Maria Lecionou por trinta anos, de 1947 à 1977, quando se aposentou.

Confirma as informações fornecidas por Guida quanto ao clima amistoso existente entre os colegas professores e direção da escola: “[...] *eu gostei do Getúlio [...] aquele tempo, era o Otto [...] era primo do meu marido, ele que era diretor, né [...] a Ana Maria e, eu sei*

que a turminha era boa, a gente gostava, né porque, porque combinava bem”. Nos conta que Guida a auxiliou no início da carreira, uma vez que era mais velha e tinha mais prática, afirmando que os laços de amizade que unem as duas permanecem até hoje.

Conta-nos que, naquele tempo, havia a obrigatoriedade das aulas de “catecismo”, com ensino religioso católico, dizendo que os alunos não católicos eram dispensados das aulas que aconteciam às sextas-feiras e eram ministradas pela própria diretora da escola, Dona Ana Maria, afirmando que gostava dessa prática.

Quando questionada sobre sua opinião quanto à finalidade da Escola, parece não ter compreendido imediatamente o sentido de minha pergunta e me questiona sobre isso. Procuro ser mais direto e lhe pergunto: “*Pra que serve a escola?*”. Ela ri e me responde, como se minha pergunta fosse um tanto absurda, como o fez Otto quando o entrevistei: “*Ah! (riso) era pra ensinar, né, não sei, eu gostava [...]*”.

Diz não ter tido problemas com indisciplina de alunos em sua sala de aula, pois que, durante as aulas eles teriam sido comportados. Afirma que no recreio é que alguns deles manifestavam algum tipo de comportamento incompatível com as normas da escola, mas que tais casos eram resolvidos na diretoria, e, nesse momento, faz uma comparação qualitativa entre os alunos da década de 60 do século passado e os alunos atuais: “*Aquele tempo era bom dar aula a gente chamava atenção, eles ficavam quietos, agora não, (riso) agora é duro [...]*”. E continua: “*[...] mas na sala de aula, [...] eles não fazem isso, eles sempre recuam*”. Voltando a falar sobre as facilidades dos anos 60 em termos de controle sobre os alunos, e da cooperação dos pais, continua: “*Não sei, não sei. Olhe, obedeciam, sabe [...] Mais tranquilo, chamava os pais, qualquer coisa eles vinham, cooperavam, né, e o aluno obedecia, também, sabe*”.

Nega que na Escola Municipal “Dr. Getúlio Vargas” houvesse algum tipo de castigo físico e nos fala sobre as formas, através das quais, procurava corrigir algum comportamento indevido segundo as normas da escola: “*[...] eu não tinha queixa na classe [...] era pouco que eles mandavam com a diretora [...] só quando precisava mandar algum [...] era o aluno que não parava [...] não fazia lição [...] falava pra ela (diretora), daí ela chamava [...] a mãe pra conversar, né.*”.

É possível, neste momento da entrevista, detectar uma flagrante contradição em seu depoimento, pois que, num momento nega que houvesse naquela escola qualquer tipo de castigo físico, noutro diz que deixava o aluno em pé, de castigo. Bem, segundo meu entendimento, ficar em pé atrás de uma porta por um determinado tempo que, segundo o depoimento de Alair em sua entrevista, poderia ser bem longo, representa um castigo moral,

mas também físico. Vou interpretando aqui que Maria entendia como castigo físico apenas o ato de bater ou de causar algum outro tipo de dor física que não fosse as dores nas pernas e pés por ficar por muito tempo em pé atrás da porta: “*No começo, podia ficar em pé, assim, sair fora da classe, ali fora, né, mais bater já não podia, não* (riso)”

A contradição me parece evidente aqui, pois que afirma não ter havido castigos físicos, mas se castigava fisicamente. E Maria, assim como o fez Guida, negou claramente que houvesse castigo físico na escola “[...] *Não tem, aí na escola, não, falar verdade, não* [...]” e, assim como Maria, Guida também se contradisse em sua entrevista quando contou que seu irmão, aluno da escola naquele período, era castigado fisicamente.

Diz que era considerada, pelos seus alunos, uma professora severa, afirmando que tinha que ser, do contrário perderia o controle sobre o comportamento deles: “[...] *eles falavam que eu era durona, né. Na classe tinha que ser assim mesmo, né* [...] *Ah! porque não deixava fazer, mesmo, né* (riso), *ah! se abaixa a cabeça pra um, né* [...]”

Fala sobre os alunos de origem humilde, afirmando que estes eram mais fáceis de serem trabalhados (ou controlados?): “[...] *Não podia mesmo dar liberdade, né, mas o resto era tudo bonzinho, aí, falar verdade, os mais pobrinhos era os melhores que a gente lidava*”. Nos conta da forma como lidou com um aluno que sequer podia trazer algum lanche para a escola, revelando seu cuidado em não expor este aluno à situações humilhantes, e fala, também, das festas providenciadas por Dona Ana Maria, a diretora: “[...] *tinha também bem pobrinho, eu tinha um aluno, judiação, era pobre, naquele tempo não dava lanche na escola, [...] eu via, tinha dó*”. E conta-nos de que forma procurava “suavizar” a condição miserável desse aluno: “[...] *então todo dia eu pegava, fazia um sanduíche pra ele, sabe, pra ele não passar vergonha eu combinei com ele, chegava mais cedo, eu ia lá, punha na carteira dele, embaixo, sabe* [...]”. Na sequência faz menção às festas que eram dadas na escola: “[...] *e no começo as festas eram tão boas. A Ana Maria fazia o dia da criança [...] e o marido dela era dono de padaria, então fazia todo doce, aqueles colossos de doces [...] fazia mais barato [...] a criança se divertia*”.

Durante toda a entrevista fiquei procurando compreender o sentido das palavras e silêncios e, agora, durante esta análise, vou me aprofundando em sua compreensão.

Em algum momento se torna flagrante uma postura preconceituosa, quando nos fala das peraltices de alguns alunos de classe média, cujos pais eram donos de grandes comércios na cidade: “[...] *uns alunos aí, que era filho de gente boa, né, mas eu sei que eram levados, né* [...] *quando eu me aposentei eram quatro ou cinco* [...]”. Fiquei me perguntando: se esses alunos eram filhos de “gente boa”, filhos de que espécie de “gente” seriam “os mais

pobrinhos”, aqueles mesmos para quem ela procurava “doar” lanches às escondidas, aqueles mesmos com os quais tinha maior facilidade em lidar?

Se comparada com Guida, Maria pareceu-me ter sido uma professora que não vivenciou sua prática profissional com a mesma intensidade de idealismo e, arrisco dizer, paixão. Certamente não posso, quanto a isso, fazer uma afirmação segura, pois que os dados concretos relacionados a esta minha impressão, obtidos nesta entrevista, são escassos. Os silêncios de Maria parecem ter dito mais do que suas palavras, mas esta minha impressão é por demais subjetiva para que eu possa afirmá-la seguramente. Eis aqui algumas de suas afirmações que me levaram a tal conclusão:

“Chamava a mãe, a mãe falava que ia fazer, fazer, né. Um dia fazia, depois, né. Então o que a gente fazia? A gente tinha que largar [...] fazer o que? [...] Eu acho, acho que vai continuar do mesmo jeito. Não? Impossível que mude. Não? (Maria fala aqui do futuro da Educação no país). [...] sei que eu acho que não vai mudar, não. Também, mudar pra que? Não?”

Fala sobre sua pressa em se aposentar, uma das razões pelas quais eu inferi que ela não fora uma professora tão envolvida com sua prática profissional, tendo, obviamente, o envolvimento de Guida como parâmetro: *“Sei que daí, quando eu tava dando aula [...] me chamou e disse: “se você quiser, você pode pedir aposentadoria, eu já vejo e amanhã você não vem”*. Conta-nos com um sorriso nos lábios: *“[...] Ah! foi em novembro, minha filha [...] ia casar em dezembro mesmo, tanta coisa pra “mim” fazer, ah! peguei, já pedi aposentadoria e já, não esperei nem [...] (riso)”*.

Quando se aposenta deixa, de uma vez por todas, o ofício de professora.

Encerramos nossa entrevista, Dona Maria me acompanhou até o portão e nos despedimos.

2.5 “Eu gosto mais dessa liberdade de hoje, eu acho que a gente vive mais feliz é desse modo” – Teonila Púglia (aluna).

Teonila, ou Nila, como gosta de ser chamada, foi aluna da Escola Municipal “Dr. Getúlio Vargas”. Hoje, aos quarenta e nove anos, trabalha na Zoonoses, ocupando o cargo de Educadora em Saúde Pública”.

Filha caçula de uma família de onze irmãos, Nila concordou em me conceder esta entrevista, se disponibilizando a comparecer em meu consultório para sua realização. Em data

e horário combinados lá estava ela, sorridente e disponível, para me passar as informações que eu precisava para a elaboração desta dissertação.

Nila vai nos contando sobre sua vida, como aluna e filha, dizendo que desde muito cedo ela e seus irmãos auxiliavam seu pai que trabalhava como corretor de imóveis: *“Só os mais velhos iam arrumando emprego fora [...] desde os 11, 12 anos todos nós trabalhávamos, apesar de ser com meu pai, mas a gente já tinha uma responsabilidade [...] de trabalho, né”*. E informa-nos como seus pais agiam em relação aos estudos dos filhos: *“[...] e o meu pai, ele estava presente sempre, mas quem cuidava do estudo era minha mãe”*.

Fala sobre o fato de que a escola sempre foi prioridade em sua família, nos contando o quanto seus pais, sobretudo sua mãe que era professora primária em outra escola, investia nos estudos dos filhos: *“Eu sou de uma família de onze irmãos [...], e o estudo sempre foi prioridade do meu pai e da minha mãe, especialmente minha mãe que era que, mais assim, pegava no meu pé e queria que eu estudasse”*.

Conta-nos que a importância dada aos estudos vem de gerações passadas da família de sua mãe, dizendo que sua avó priorizava a educação formal já no início do século XX, quando isso era pouco comum: *“[...] Ela (falando de sua mãe) se formou em Itapetininga [...] que tinha a escola pra magistério. Sorocaba não tinha e Itapetininga, que era bem menor, é, as pessoas iam estudar lá”*. E informa-nos sobre dados do início do século passado: *“[...] e minha mãe é de uma fase que, em 1913, que os pais, a maioria não considerava que devia estudar, mas a mãe dela, minha avó, fez questão”*. E continua: *“[...] e era meio estranho mandar uma filha, né, uma mulher estudar fora, e a minha mãe foi e se formou nessa escola em Itapetininga, professora do primário”*.

Nila diz ter poucas lembranças de sua infância na escola, no curso primário, sobretudo em sala de aula, dizendo que não houve nenhum acontecimento que tenha deixado marcas mais profundas em sua memória, sejam elas positivas ou negativas. Seu depoimento faz parecer que seu curso primário transcorreu de forma tranqüila, sem percalços: *“[...] eu não tenho muita memória disso é, eu acho que não tenho nenhuma marca muito do primário, que tenha ficado pra mim, mas também não tenho uma marca forte de, falar: “puxa, eu me lembro daquele tempo”, né”*.

Diz não ter sofrido e, sequer, se lembrar de ter assistido algum tipo de punição aplicada a algum de seus colegas no curso primário: *“Não me lembro [...] de colega que bagunçava, nem em primário, nem em ginásio. Colegial eu já tenho outra história mas, [...] eu não me lembro, de alunos sendo retirados da classe, sendo chamado à atenção, isso não marcou pra mim”*.

Ao ser questionada sobre a origem social dos alunos da Escola Municipal “Dr. Getúlio Vargas”, na década de 60, Nila diz: *“Olha eu, eu classificaria como uma classe média, mas não uma classe média baixa, né, uma classe média, nem alta, era uma, era uma classe média”*. Afirmo que crianças da classe alta estudavam no Colégio Santa Escolástica, por ser este um colégio particular. Mas nos informa sobre a concorrência existente para se conseguir vagas nas escolas “Estadão” e “Getúlio Vargas”: *“[...] que era, assim, chique estudar no Estadão e no Getúlio. Nessa, nessa fase até era muito difícil conseguir vaga, né, mas eu acho que, assim, a maioria da minha classe era classe média”*.

Neste e em outros momentos da entrevista, faço, necessariamente, comparações entre os depoimentos de Alair e Nila. Fico pensando nos depoimentos de Alair que, não só presenciou, como também vivenciou algum tipo de punição em sala de aula; e em Nila, que sequer se lembra de ter assistido alguma dessas práticas.

Penso em Nila, aos onze anos, trabalhando como secretária de seu pai na imobiliária da família e sendo estimulada e auxiliada pela mãe, professora que, por sua vez, fora estimulada por sua mãe, no início do século, a estudar.

Fico pensando em Alair que, com menos de dez anos, se via obrigada a executar trabalhos braçais, embora o fizesse cantando, para auxiliar no orçamento doméstico, estimulada por sua mãe, que nunca aprendera a ler ou escrever, a continuar estudando até que se formasse no quarto ano primário.

Vejo essas duas mulheres na atualidade, ambas com a mesma idade, nascidas e criadas na mesma cidade, ambas cursando o primário na mesma escola, e constato o quão flagrante é a distância social existente entre as duas. Alair, nascida num lar humilde, filha de proletários não alfabetizados, pôde cursar até a quarta série primária, pois que se viu obrigada a deixar a escola para auxiliar seus pais nas lides da vida, o mesmo acontecendo com seus nove irmãos. Nila, por sua vez, nascida num lar cujo pai era profissional autônomo e a mãe professora primária, pôde concluir seus estudos atingindo nível superior, o mesmo acontecendo com nove, de seus dez irmãos, e, na atualidade, cursando sua segunda faculdade.

Retomando o depoimento de Nila, ela nos conta que sempre fora preguiçosa, gostava de ir para a escola, mas nunca teve gosto pela leitura, dizendo que graças ao empenho de sua mãe, que não poupava esforços, pôde se manter na escola e atingir os níveis que atingiu na condição de aluna: *“[...] todo ano a família inteira ia pra Mongaguá, na praia [...] e aí sempre a gente atrapalhava essa viagem por causa de segunda época, não só eu como meus irmãos [...]”*. E mais uma vez relata sobre o empenho de sua mãe em relação aos estudos dos filhos: *“[...] minha mãe [...] levava todos os livros de todos que ficavam de segunda época, e*

todo dia, antes de ir à praia, tinha que falar a lição pra ela [...] e, graças a isso, a gente não repetia de ano, porque minha mãe fazia estudar, mesmo [...]”.

Num outro momento da entrevista tece, com muito cuidado, uma crítica à mãe, que teria facilitado, em alguns momentos, seus estudos, priorizando a aprovação na escola em detrimento de sua formação: *“[...] é, uma coisa que eu acho que minha mãe fez, das coisas que ela fez, que eu acho que não foi correta, é. Então, dos onze irmãos, a gente tinha uns dois ou três que gosta muito de ler”*. E, ao mesmo tempo que tece a crítica vai nos dando dados que informam sobre as qualidades de sua mãe no tocante à leitura: *“[...] minha mãe também lê muito até hoje [...] lê de dois à três livros por semana, a Veja (revista) inteirinha, então, e ela tem muito prazer pela leitura, e eu não tenho”*. E dá prosseguimento ao relato onde critica alguma atitude de sua mãe em relação aos estudos dos filhos: *“[...] eu me lembro, nessa época aí de ginásio, nós tínhamos que ler [...] muitos livros e fazer resumo, e aí eu pedia pra minha mãe ler pra mim, e fazer o resumo pra mim, e aí eu lia o resumo e decorava pra poder fazer a prova”*. E conclui: *“[...] e hoje eu vejo que ela não devia ter feito isso, que eu já não gostava muito de leitura. Isso eu me lembrei agora (...) aí eu me acomodei, sendo que minha mãe lia pra mim (...) hoje eu enxergo que não deveria ter acontecido”*. De alguma forma tenta justificar a atitude da mãe: *“[...] e era tão importante (para a mãe), tinha que passar, tinha que estudar, tinha que ir, que ela fazia essa facilidade”*.

Nila diz que, apesar de ser filha de professora, nunca quis cursar o magistério mesmo sendo, segundo seu modo de entender a Educação, aquela fase melhor que a atual para se exercer esta profissão: *“Não tinha vontade nenhuma de ser professora”*. E afirma que fez sua primeira faculdade sem saber ao certo porque fazia aquele e não outro curso. Fazia a faculdade porque devia fazer, aquele era o momento oportuno. Hoje, cursando a faculdade de Relações Públicas na UNISO, sabe que é esta sua verdadeira escolha, feita de forma consciente: *“[...] a minha escolha de faculdade, mesmo, está sendo hoje, que eu escolhi Ciências foi, assim, por acaso [...] eu não tinha muito gosto por alguma coisa [...] não tinha uma, uma idéia já formada sobre isso [...]*”. E continua explicando como foi o início de sua faculdade: *“[...] era a Fundação da UNIP [...] lá eu fiz esse curso de Ciências que eu achei legal, que tinha biologia, eu gosto muito de biologia, e no fim fiz Ciências. Mas sofri muito, tinha muita matemática que não é minha praia [...]*”.

Nila nos conta sobre sua ascensão profissional: *“[...] quando eu fazia essa faculdade de Ciências, eu fiz concurso e fui trabalhar na Secretaria da Fazenda, como escriturária [...]*”. Na sequência vai nos contando sobre seu progresso profissional: *“[...] abriu um concurso na Secretaria da Saúde que era pra ser funcionária da Sanitária [...] ganhava mais*

é, fiz esse concurso, aí passei, fui pra SUCEN [...]”. Relata que continuou a fazer outros cursos: “[...] me ofereceram um curso de especialização pra eu me tornar Educadora de Saúde Pública [...] na USP [...] Então eu fui fazer esse Curso de Educação em Saúde Pública”. E com esses cursos e práticas foi percebendo que gostava da área da educação: “[...] e fui vendo [...], que até eu tinha dons com essa parte da Educação, ou da Educação Ambiental, ou da Educação de Saúde, eu tinha dons para isso [...]”. Continua seu relato sobre suas atividades profissionais: “[...] fui trabalhar no Zoológico de Sorocaba. Aí continuei a Educação Ambiental, seis anos, acho, no zoológico, depois fui convidada para ser diretora do Parque Chico Mendes de Sorocaba, também seis anos [...]”. E como se estivesse apresentando-me seu curriculum vitae continua: “[...] fui a diretora fazendo cursos pra criança, sempre com Educação, e hoje estou na Zoonoses, que eu faço lá, Educação em Saúde [...]”. E volta a falar de sua condição de aluna, na atualidade: “[...] dezembro de 2004 [...] entrei no site da UNISO, da UNIP, pra olhar tudo o que tinha [...] aí, quando eu olhei lá relações públicas [...]”. E conta-nos o quanto está satisfeita com sua carreira e com a escolha atual que fez no campo acadêmico: “[...] É, mesmo parecendo que é tudo que eu faço [...] é o que eu gosto de fazer [...] se relacionar com, com o público, aí comecei a fazer, tô no segundo ano, chega no [...] dia de hoje”.

Por estar vivenciando, na atualidade, a condição de aluna, Nila faz várias comparações entre a Educação dos anos sessenta e a Educação atual. Nessas comparações vai explicitando seu modo de pensar, de entender a Educação, deixando clara sua opinião sobre o decréscimo da qualidade no ensino atual se comparado com o ensino daquele período. Nos informa também sobre sua forma de pensar a qualidade na formação e atuação dos professores, comparando os dois períodos: *“É, eu estou tendo uma vivência diferente hoje [...] estou fazendo faculdade de novo [...] tenho comparado muito com meus professores do passado, né, começando desde o respeito dos alunos pelo professor, o respeito do professor pelo aluno [...]”. Nila faz aqui considerações sobre as diferenças existentes entre ambos os períodos em que vivenciou a condição de aluna: “[...] eu acho que muitos professores (hoje) já fazem de um modo que eles não se deixam respeitar, né”. E retoma suas lembranças do passado como aluna: “[...] eu me lembro no, [...] ginásio, os professores, eles dominavam a classe com um olhar, bastava você olhar nos olhos do professor e saber que aquele era o momento de silêncio total e de prestar atenção na aula, né”. Nesta oportunidade realiza comparação qualitativa entre os dois períodos: “[...] em termos de ensino, de qualidade, nossa, não se compara [...] eu revendo as matérias, nossa, mas era um monte de coisa que ficou fixado, que você continua lembrando [...]”. Aqui fala sobre os alunos da atualidade: “[...] e tenho*

comparado com o restante de minha classe (atual) que [...] eles não sabem nada, nada de português, nada de inglês, e isso me impressiona muito [...]”. De alguma forma exalta a qualidade do ensino nos anos 60 do século passado: *“[...] eu ainda sou da geração que pegou um estudo bom, lá no passado [...] mas eu fico impressionada com o que ta voltando na minha memória, que eu aprendi no passado”*. E mais uma vez compara com o ensino atual: *“[...] e que eu vejo que essa criançada que acabou de sair do colegial é, não aprendeu, não é que não lembra, é que não aprendeu e não sabe, nada [...]*”. Repete as qualidades do ensino no passado: *“[...] É, eu peguei uma escola pública que, ela era muito séria, os professores eram [...] sérios, eram trabalhadores, se preocupavam com [...] os alunos, com postura (...) eu me lembro [...] que era muito forte pra mim, a postura do professor [...]*”. Retoma a comparação com os dias atuais: *“[...] comparando com hoje, Isso me assusta, de ver, assim, a não preocupação dos alunos, não querendo aprender nada, e alguns professores querendo enrolar, e também não querendo dar nada, igual os alunos”*.

Faz menção sobre a educação que recebera em seu próprio lar, de seus pais, onde o respeito aos pais, aos professores e pessoas mais velhas era ensinado e vivenciado de forma natural, e considera que a escola representava uma continuação da educação recebida em casa: *“E’, uma coisa que aprendemos: muito respeito aos pais, né. A gente sempre teve muito respeito, com meu pai, com minha mãe, e sempre minha mãe passou isso: da gente respeitar os mais velhos, os professores, então, era meio que uma continuação de educação mesmo”*.

Quando a questioneei sobre a informação que eu recebi, em outras entrevistas, quanto ao fato de o aluno ser automaticamente desligado da escola em caso de reprova, Nila diz que, ao menos no ginásial, isso não acontecia, pois que fora reprovada na 5ª série e não perdeu sua vaga, concluindo o primeiro e segundo graus, como chamado na época, na Escola Municipal “Dr. Getúlio Vargas”.

Diz que foi uma aluna comportada no primário e ginásial. Embora não gostasse de estudar, gostava da escola. No colegial seu comportamento sofreu grandes transformações e ela, junto com alguns colegas, cometeram pequenas transgressões que culminaram em punições como suspensão. Conta-nos sobre um colega que, tanto confrontava a autoridade dos professores e direção da escola, que acabou por ser expulso.

Diz que gostaria, na atualidade, que os pais dos alunos lhes dessem mais limites, lhes dissessem “não”, para que se criasse no filho a noção de respeito, tão rara na atualidade e tão presente naquele período.

Afirma que no presente, diferente dos anos 60, há muito maior liberdade de expressão, mas que o preço dessa liberdade estaria sendo o decréscimo da qualidade, do professor e do

ensino. Gostaria que, no presente houvesse essa tal liberdade de expressão, como há, mas que se mantivessem o respeito e a qualidade do ensino no mesmo nível que havia no passado, anos 60 do século XX.

Encerramos nossa entrevista. Nila se desculpou pensando que, talvez, suas informações não tivessem contribuído para minha dissertação. Pude garantir com segurança que as informações que me fornecera contribuía, enriquecia em muito, a construção de minha dissertação.

Nos despedimos.

2.6 “Posso assegurar que a minha formação maior [...] que é trabalhar com as próprias emoções [...] eu tive na Getúlio Vargas” – Rui Batista de Albuquerque Martins (aluno).

Minha intenção, ao entrevistar Rui foi, como nos outros casos, também coletar dados que me fornecessem informações sobre as práticas educacionais da escola pesquisada nos anos 60 do século XX.

A professora Guida havia me falado sobre este seu ex-aluno me dizendo que ele poderia contribuir em muito para a minha pesquisa, tecendo comentários bastante elogiosos sobre ele.

Restava eu saber se ele estaria ou não disposto a me conceder entrevista. Pedi autorização à Guida para mencionar seu nome quando tentasse contato com Rui, entendendo que essa estratégia viria facilitar uma aproximação entre nós. Ela prontamente concordou.

Meu primeiro contato com Rui foi por telefone, onde me apresentei e citei o nome de Guida, dizendo que ela o havia indicado para a entrevista. Ele mostrou-se bastante receptivo à idéia e combinamos dia e hora para a sua realização.

Rui me recebeu em seu escritório, mobiliado de forma simples e funcional, situado em bairro nobre da cidade.

Trata-se de um homem maduro, contando hoje com cinquenta e seis anos de idade, embora sua aparência seja bem mais jovem.

Rui mostrou-se bastante simpático e acolhedor.

Demos início à entrevista, ambos sentados numa sala simples. Na parede atrás de mim pendia uma moldura que enquadrava o título de Cidadão Sorocabano, homenagem concedida a ele pela prefeitura de Sorocaba em 24 de novembro de 2004, por sua colaboração à cultura municipal na qualidade de jornalista.

Início a entrevista pedindo a Rui sua autorização para utilizar o material na construção de minha dissertação. Minha solicitação é atendida prontamente.

Na seqüência ele vai nos falando sobre suas vivências na Escola Municipal “Doutor Getúlio Vargas” dizendo que foi seu aluno de 1956 à 1961.

Vai nos contando que, ao avaliar o passado com as experiências acumuladas até o presente, entende que ocorreram significativas mudanças na Educação daquele tempo até hoje, mudanças na forma como a escola é concebida e a Educação exercitada ao longo desse tempo.

Fala sobre o fato de que essas mudanças extrapolam os limites da escola, pois que ocorrem também nos lares. Afirma: “[...] *eu acredito que a época era muito mais fácil para o professor trabalhar, em primeiro lugar que as famílias tinham uma rigidez maior em questão dos limites dos filhos [...]*”. E fala-nos da importância dada pela família aos estudos: “[...] *pras famílias era muito importante [...] que o aluno gostasse da escola, soubesse da importância [...]*”. E ao falar sobre isso faz referência ao fenômeno da não inclusão de todas as crianças no universo escolar: “[...] *da oportunidade de estudar, que você não tinha tantas escolas como hoje, e muitos alunos ficavam sem escolas, então era um privilégio ser aluno[...]*”.

Continuando a falar sobre as diferenças existentes entre aquele período e a atualidade, cita a desvalorização do papel do professor nos dias atuais: “[...] *o professor, na época, ele tinha um bom salário [...] os professores, eles foram com o tempo se desgastando, mas naquela época eles tinham um bom salário, eles eram valorizados [...]*”. E nesse momento manifesta sua opinião sobre o tema: “[...] *como deveriam ser até hoje [...] o professor era comprometido com a Educação mesmo de uma, uma forma muito profissional [...]*”.

Rui nos fala sobre o fato das famílias delegarem à escola a função de educadora, uma vez que mantinham a distância do universo escolar. Ao falar sobre isso, deixa transparecer que essa postura dos pais era bem aceita pela escola para que pudesse exercer sua função sem muitas interferências:

“Naquela época os pais tinham um ponto negativo na escola, os pais não tinham acesso à escola como têm hoje. Os pais chegavam até a entrada da escola, confiavam nos professores e deixavam os filhos dentro da escola. Muitos pais nem conheciam o ambiente escolar, porque os pais eram considerados, na época, pela Educação [...] problema para a convivência escolar. Pai ia reclamar de professor, tudo causava alguma intriga, não era interessante para a escola [...]”.

Fala sobre o nível de comprometimento dos professores, na condição de educadores, na formação de seus alunos: “[...] *eram professores comprometidos, professores muito preparados, professores que trabalhavam com o coração [...]*”. Cita alguns desses professores: “[...] *a exemplo de Dona Guida, que é uma lenda para toda uma geração, o próprio professor Otto Wey Neto [...] a Dona Berenice, que era uma meiguice, que tratava todas as crianças como se fossem filhos [...]*”. E ao falar sobre isso explicita a forma como o ambiente escolar foi promotor e facilitador do desenvolvimento, ou seja, um ambiente suficientemente bom, nos termos de Winnicott.

O ambiente, construído ao menos por duas de suas professoras e um professor/diretor, aos quais faz menção de forma carinhosa e grata, representou para Rui continência e estímulo para seu desenvolvimento, embora não fosse, em absoluto, um ambiente permissivo. Rui nos informa que havia bastante rigidez nas normas estabelecidas.

Ao mesmo tempo que aponta para o clima afetivo facilitador do desenvolvimento entende que, em alguns aspectos, esse mesmo ambiente revelou-se inibidor, por conta dos métodos utilizados, tolhendo a espontaneidade e criatividade de alguns de seus alunos, inibindo seu potencial. Ele fala: “[...] *a educação era rígida [...] mas era uma educação rígida para a realidade da época [...]*”. E faz comparações sobre os dias atuais: “[...] *hoje na escola construtivista, ela trabalha pro aluno desenvolver o próprio potencial [...] nossos pais queriam que a gente tivesse o boletim pleno, ou seja, dez em tudo, e criticava aquele aluno, por exemplo, que tinha nota baixa [...]*”. Ao falar sobre isso faz interessantes reflexões: “[...] *bom, aquele aluno que tinha nota baixa em matemática, poderia ser um grande escritor, um poeta, um historiador, agora, aquele que ia mal em português, ele poderia ser um grande engenheiro, poderia trabalhar em exatas [...]*”.

Rui conta-nos que nunca encontrou dificuldades em relação aos estudos e à escola. Aquele universo o acolheu e o estimulou plenamente, sobretudo porque já contava com o apoio de seus pais e avô que o incentivavam a dedicar-se aos estudos. Ele nos conta: “[...] *uma coisa que eu prezo muito também era o comprometimento dos meus pais. Embora fossem de uma classe pobre, a minha mãe todo dia engomava nossos uniformes, engomava e a gente ia impecavelmente vestido para a escola [...]*”. Fala sobre certa dificuldade financeira por que passava a família, dificuldade esta superada pela harmonia presente no lar: “[...] *na minha casa o dinheiro era apertado, mas era uma família feliz, sabe, uma família que pela própria origem de meu avô e da minha avó, eu e meus irmãos tínhamos acesso a uma biblioteca muito rica [...]*”. Nos relata sobre o acesso que ele e seus irmãos tinham aos grandes autores e pensadores: “[...] *e as grandes obras da humanidade, e outras coisas, a gente tinha e, sabe,*

tinha e gostava de ler, como o meu avô lia muito[...]”. Parece-nos que Rui podia contar com a estimulação dos pais, avô e outros adultos suficientemente bons.

Diz ter sido uma criança bastante saudável, se desenvolvendo espontânea e naturalmente: *“[...] uma coisa que a gente tinha como privilégio, perto de casa tinha um campinho de futebol, não havia maldade como havia hoje [...] os adultos respeitavam as crianças, não tinha pedofilia e outras coisas,, então a gente brincava [...] jogando bola, praticando esportes [...]”*.

Rui nos fala sobre o distintivo utilizado na escola pelos alunos que se destacavam no desempenho escolar, quantificado e expresso em notas. Aquele símbolo que tornava os “bons alunos” distintos dos demais. Aquele mesmo distintivo que Alair nunca pode ostentar na lapela de sua “blusinha”, e que Lauro conseguiu conquistar uma única vez. Rui o recebia com frequência: *“[...] eu, graças a Deus, eu sempre conservava um distintivo de aluno acima da média [...] era um distintivo verde e amarelo que honrava também os alunos [...] são práticas, assim, simples que distinguem o aluno [...]”*. Mas ao falar essas palavras Rui reflete: *“[...] não sei dessa, dos processos de igualdade que se procura fazer hoje, se caberia essas distinções, né”*. E com isso confirma que a escola promovia, em certa medida, e de forma mais ou menos sutil, práticas que inibiam o processo de desenvolvimento pleno de todos os seus alunos, práticas essas que, vista de dentro de minha proposta de análise, culminam em sentimentos de não pertencer integralmente, ou de pertencer sem o mesmo grau de importância e acolhimento.

Na seqüência ele nos fala sobre a “pressão” exercida sobre alguns alunos no sentido de atingirem a média exigida: *“[...] tinha determinados alunos que apresentavam algumas dificuldades, dificuldades que às vezes mexiam até psicologicamente com eles [...] pressionado de uma forma ou de outra, porque não atingia o desenvolvimento dos outros [...]”*. Ao falar sobre, isso imediatamente se reporta ao ambiente escolar, afirmando que lá se sentia como se estivesse em uma família: *“[...] sabe, é curioso, porque funcionava, assim, como uma família [...]”*.

Rui fala-nos sobre as pequenas transgressões às normas impostas, ao se referir ao natural processo de desenvolvimento das crianças quando atingem a idade onde dão início ao processo de erotização consciente: *“[...] nas séries finais, na Quarta, Quinta série [...] eu era solicitado pelos meus companheirinhos, que já estavam começando a descobrir a sexualidade, a desenhar mulheres nuas para eles se satisfazerem nos banheiros da escola [...]”*. Ao falar sobre isso revela que havia um comprometimento ético entre os meninos e

nunca diziam a ninguém quem estaria produzindo as figuras, apesar de sofrerem algum tipo de repressão por parte dos adultos.

Ele prossegue confirmando que o ambiente escolar foi suficientemente bom para ele, promovendo seu desenvolvimento: “[...] posso assegurar que minha formação maior, que eu considero mais importante para o ser humano, que é trabalhar com as próprias emoções [...] eu tive no Getúlio Vargas, no Getúlio Vargas, porque a convivência com aqueles professores”.

Mas ao falar das punições aplicadas aos alunos daquele período explicita claramente sua opinião sobre o tema, dizendo: “O problema das punições na época [...] eu acredito, que de uma forma até desumana [...]”. E aqui confirma suas práticas: “[...] porque aquela história do burro que era encostado no canto da parede era uma verdade, e havia os puxões de orelha [...] e os beliscões, às vezes, de determinados educadores, entre aspas, mas era a cultura da época [...]”. E informa-nos que havia, então, um misto de climas facilitadores e climas inibidores do desenvolvimento das crianças, apesar de suas vivências na escola terem sido marcadas, principalmente, por climas afetivos que proporcionaram seu desenvolvimento.

Quando tento investigar mais sobre a possibilidade de ter havido na escola algum tipo de discriminação dos alunos com base em sua origem social, Rui afirma: “[...] você sempre tem, veladamente, alguma preferência [...] a escola era municipal, e [...] a Tereza, que era filha do prefeito, é [...]”. Rui mostra-se um tanto desconfortável ao falar sobre isso, mas continua: “[...] os professores procuravam evitar o máximo, mas vez por outra eles davam uma escapadinha e você (riso) acabava verificando que a Tereza tinha um mimo especial [...]”. Na seqüência, talvez por entender que não deveria ter exposto tão claramente a percepção que teve quando menino, procura abrandar o peso de sua informação alegando que outro aluno, de origem bastante humilde, não sofria discriminação: “[...] mas você verifica [...] no seu trabalho, que a Dona Guida [...] exaltou bastante o Abedenego (aluno contemporâneo de Rui), que era negro, era de uma família humilde [...]”.

Na seqüência fala sobre suas próprias origens, afirmando que também era humilde, mas onde não faltou incentivo para seus estudos, pois que a escola fazia parte da cultura de sua família à gerações: “[...] meu pai era pintor [...] mas teve uma formação legal porque ele foi aluno do Colégio Sagrado Coração de Jesus em São Paulo, e teve companheiro de escola o Grande Otelo, por exemplo, e meu pai fazia cenários e o Grande Otelo representava na escola [...]”. Neste ponto, Rui nos informa que a expressão da criatividade e espontaneidade já era cultivada em sua família, antes de seu nascimento. Prossegue nos contando: “[...] minha avó era professora, educadora em Apiaí, era prima do Júlio Prestes de Albuquerque,

que foi eleito presidente e não tomou posse [...] meu avô era coletor federal [...]. E conta-nos sobre alguns privilégios que sua família teve por conta da posição que ocupavam: *“[...] então eles tinham o privilégio de uma determinada posse e mandavam os filhos, os quatro filhos estudarem no Colégio Coração de Jesus, e, São Paulo [...]*”. Na sequência fala sobre algumas das características de seu pai: *“[...] mas daí meu pai já não teve essa oportunidade, era um sonhador, enfim meu pai não era rico [...] ele era pintor, daí, como pintura não dava grana [...]*”.

Como pudemos perceber, ao longo de seu depoimento, apesar da relativa dificuldade financeira por que passara sua família, ele, Rui, encontrou ambiente suficientemente bom, tanto em casa como na escola.

Ao se aproximar do final do encontro, Rui, fazendo considerações sobre a escola mostra-se intensamente saudoso e, com sua forma poética de falar, me leva com ele, mais uma vez, aos anos 60 do século XX, confirmando meu entendimento de que a Escola Municipal “Dr. Getúlio Vargas” representou para ele, Rui Albuquerque, ambiente acolhedor, continente e estimulador de seu potencial humano para o desenvolvimento, criatividade e espontaneidade. Com olhar distante me diz:

“[...] você me levou numa viagem ao passado. Vi no meu pensamento a avenida Eugênio Salerno com os flamboyants lindíssimos na primavera, todos explodindo um colorido fantástico e esparramando pelos paralelepípedos e pelas calçadas da avenida [...] lá, na frente do busto de Eugênio Salerno, descia pela praça 9 de julho, era o meu “caminho da roça” e ali, na 9 de julho, tinha um violinista fabricante de violino, Luciano Pelegrine, e às vezes eu parava na frente dele para ver o Luciano fazendo, o velhinho fazendo, como Gepetto, fazendo o violino, tocando o violino, testando os violinos. Então eu descia por ali e entrava na escola. A escola para mim era o meu castelo. Era um negócio fascinante e, depois de adulto, eu fui visitar a escola e eu vi que aqueles degraus que pareciam tão enormes, gigantescos para mim, eram pequenos, sabe. Aquele pátio que se formavam os grupos das classes, é pequeno [...]”.

Com lembranças do passado e considerações sobre as diferenças existentes entre a Educação dos anos 60 e a atual, encerramos a entrevista.

Agradei ao Rui por sua colaboração. Ele me agradeceu pela oportunidade de relembrar o passado e falar sobre o tema.

Nos despedimos.

2.7 “Eu era um menino muito levado e esquecia de estudar” – Lauro Gabriel (aluno).

Os mesmos motivos que me levaram a entrevistar as outras pessoas, cujos depoimentos compõem parte deste trabalho, fizeram com que eu entrevistasse Lauro.

Seu nome, assim como o de Rui, me foi indicado pela professora Guida, o que veio facilitar meu contato com ele.

Assim como aconteceu com os demais entrevistados, nosso primeiro contato se deu através de telefone. Ao telefone me apresentei, falei sobre minha pesquisa e intenção de entrevistá-lo. Citei o nome de Guida dizendo que ele, Lauro, teria sido uma indicação dela para que seu depoimento fizesse parte de minha pesquisa.

Nosso encontro aconteceu em minha clínica, por sugestão do próprio Lauro, que afirmou que em sua casa ou escritório seríamos frequentemente interrompidos e que isso poderia prejudicar a entrevista.

Em dia e hora combinados compareceu em minha clínica e realizamos a entrevista.

Lauro, no presente, é um empresário bem sucedido. Homem afável e simples, tratou de regressar, em memória, aos anos sessenta com um largo sorriso no rosto, demonstrando entusiasmo.

Lauro inicia seu relato, após me dar autorização para utilizar desse material para minha dissertação, afirmando ter sido reprovado no 1º e 2º anos do curso primário por não se interessar muito pelos estudos. Ele nos conta: “[...] a reprova, é que eu era um menino muito “levado” e esquecia de estudar [...]”.

Diz ter iniciado seus estudos em 1956, terminado o que hoje chamamos de ciclo básico e deixado de estudar para trabalhar com o pai no armazém da família. Retornou aos estudos em 1966 para concluir o ginásio e dar prosseguimento até a conclusão do curso de contabilidade.

Lauro conta-nos de sua infância vivida no Bairro Santa Terezinha, o mesmo bairro onde se situa a Escola Municipal “Doutor Getúlio Vargas”. Fala que nesta escola estudaram ele e seus dois irmãos.

Ele conta que ser um “*menino educado*” era bastante importante na época. Isso era exigido por sua mãe:

“[...] o que a gente tinha que ter muito, na época, era educação. E os pais, a minha mãe, principalmente, se soubesse que você tinha sido sem educação na escola, se você tivesse ficado de castigo na escola, se por algum motivo a professora botou você de castigo, che-

gava em casa e apanhava [...]”.

Informa-nos que sua mãe e pai procuravam estimular seus filhos a estudarem, auxiliando nas tarefas da escola: *“[...] meu pai exigiu estudar, [...] não teve estudo, mas cobrou da gente por estudo [...] minha mãe era mais brava que ele [...] corrigia, ajudava [...] ficava no balcão do armazém, com o caderno aberto ali, e minha mãe ensinando, meu pai ensinando alguma coisa”.*

Ao falar sobre isso confirma a aplicação de castigos físicos aplicados pelos professores da escola, e sobre eles fala em outro momento da entrevista, confirmando dados sobre as humilhações sofridas por alguns alunos, dados já trazidos por Alair e Rui: *“[...] com a Dona Maria nós não se enquadrava porque ela era brava [...] eu cheguei a ajoelhar no milho”.* E continua falando sobre os castigos que sofrera quando aluno: *“[...] ficar de pé olhando para a parede era mais vergonhoso [...] passar a aula toda olhando para a parede [...] passava a aula toda, não podia virar [...] era mais vergonhoso, você não descia para o intervalo [...] ali, de pé [...]”.* E fala sobre o sofrimento físico, além da humilhação: *“[...] o pé inchava por ficar de pé, ali, por três horas, três horas e meia [...] a Dona Iaiá era uma pessoa, aquela era brava! Aquela batia mesmo [...]”* Ao citar essa professora, especificamente, nos conta que sua mãe interveio em uma ocasião por já conhecer a natureza de ambos, seu filho e Dona Iaiá. Sobre isso nos fala Lauro: *“[...] a minha mãe veio pedir para tirar eu da classe dela, porque ela me conhecia e sabia que ia “dar pau”, e mais, na primeira semana já “deu pau”. Ela me deu uma “apagadorzada” na cabeça [...]”* E, continuando, nos conta o motivo da agressão: *“[...] da onde eu tava eu virei para conversar; da onde ela estava atirou o apagador na minha cabeça, então eu cheguei em casa, a minha mãe ficou sabendo, eu apanhei por ter feito isso aí [...]”.* E fala-nos sobre a intervenção da mãe: *“[...] e minha mãe resolveu conversar com a Dona Ana (diretora) e me tiraram da Dona Iaiá e me passaram para a Dona Berenice [...]”.*

Lauro conta-nos que foi uma criança espontânea, apesar da severidade da mãe e de algumas das professoras. Tão espontâneo e ativo teria sido que, em alguns casos, provocou o descontentamento por parte dessas professoras.

Grande parte da entrevista trata de suas vivências na infância, dentro e fora da escola. Vai revelando espontaneamente que sua infância foi vivenciada de forma efusiva e dinâmica, onde o brincar ocupou lugar de destaque. Ao falar sobre as brincadeiras e as brigas de meninos nos informa sobre a manifestação natural da agressividade, mas vai ficando evidente que não se tratava de uma agressividade nociva, aflorada por impulsos predatórios

relacionados à destrutividade. Tratava-se, sim, de uma agressividade espontânea, inerente à própria natureza humana dos meninos que a praticavam. Ele nos conta: “*Então, tinha briga na saída da escola [...] só que hoje é diferente, as brigas eram na mão [...] não usavam arma [...] era no tapa mesmo [...] como não podia brigar dentro da escola, marcava briga para fora da escola*”. E continua seu relato: “*[...] mas eram coisas [...] só molecagem mesmo [...] as brigas de turminha sempre teve, isso desde quando eu me conheço por gente*”. Em outros momentos da entrevista, nos relata que na atualidade, ao reencontrar com seus antigos “adversários” eles riem e comentam sobre as brigas e traquinagens do passado, o que vem a confirmar o sentido não destrutivo da manifestação daquela agressividade.

Em outro momento afirma que, apesar de sua maneira espontânea de lidar com a realidade de mundo externo, brincando, podia sentir que o clima da escola era tenso, de alguma forma seria inibidor. Ele afirma: “*[...] eu acho que da escola era tenso, porque tudo a gente tinha medo, tinha medo até da faxineira. A gente tinha medo [...]*”. Afirma que o sentimento era de medo, mas no mesmo momento parece rever sua afirmação e altera qualitativamente sua avaliação informando: “*[...] ah! Fala medo, mas era respeito [...]*”.

Na sequência Lauro nos fornece informações sobre as diferenças existentes entre as classes sociais dentro da escola, diferenças essas que podia flagrar na qualidade dos lanches que um e outro alunos levavam para o recreio: “*[...] na época [...] começou a servir leite [...] um leite ruim de paladar [...]*”. Nesse momento inicia sua comparação entre as diferenças de nível social existente na escola: “*[...] não era toda criança que gostava de tomar aquele leite, principalmente esse pessoal que tinha o padrão de vida melhor, vinha com a barriga cheia, então não gostava de tomar esse leite [...]*”. Fala sobre os lanches que levavam: “*[...] o lanche que a gente levava [...] era um pãozinho com manteiga, não tinha outra coisa [...] o outro pessoal já levava um pão de forma, um pão mais macio pra comer [...]*”. Destaca bem a diferença dos níveis: “*[...] o pessoal da vila [...] que frequentou o municipal, olhava os lanches dos caras. Tinha muitos que era pão com banana, pegava uma banana e, no intervalo você olhava, o cara tava comendo (risos) pãozinho com banana [...]*”.

Lauro fala sobre o fato de sua irmã ter sido uma boa aluna enquanto ele era conhecido no ambiente escolar como um aluno que apresentava problemas, tanto que se suspeitou que deveria ter alguma dificuldade de ordem neurológica talvez, tendo sido recomendado a seu pai que o submetesse a exames médicos. Sobre isso nos conta: “*[...] foi a Dona Guida até que achou que eu estava ficando muito “levado” e tinha que fazer um exame na cabeça [...]*”. E continua seu relato, rindo: “*[...] então meu pai não me forçou a voltar a estudar porque quando nós fomos ao médico, o médico falou pra ele: “olha, você deixe ele, quando ele*

quiser voltar a estudar ele volta a estudar” [...]”. Vou aqui entendendo que o natural processo de desenvolvimento espontâneo do menino Lauro, por se distinguir de um modelo mais adestrado, foi confundido com possível patologia.

Em um dado momento da entrevista fala sobre o medo que os alunos tinham da diretora, apesar dela não ter desenvolvido o hábito, ou estratégia de exercício de poder, de gritar com os alunos. A imagem que Lauro, e outros entrevistados, me passam dessa senhora faz com que eu a imagine como uma mulher que exercia sua autoridade de diretora sem se exceder na forma como conduzia essa escola. Exercia o poder com autoridade, e sua autoridade inspirava medo. Ele relembra: *“[...] a Dona Ana era uma diretora, me lembro, andava impecável [...] sempre penteada e bem arrumada, mas era de uma educação impar [...] não vi aquela diretora gritar, ela só chamava o aluno, trazia para a sala dela, sempre foi assim, sempre [...]”.* Fala sobre a diretora com expressão de admiração no rosto: *“[...] quando a Dona Ana chegava na porta e ficava olhando a gente, molecada, tremia [...] porque ela não gritava [...] ela conversava porque queria os seus alunos direito [...]”.*

Na sequência fala sobre os “*distintivos*” que os alunos recebiam. Esses “*distintivos*” eram os tais distintivos, já citados por Alair e Rui, afirmando que apenas uma vez foi agraciado com tamanha honra, por ter dificuldades em obter notas altas: *“[...] o aluno que tivesse uma certa nota ganhava [...] não lembro se era acima de oitenta, na época não era oito, era oitenta [...] o aluno ganhava [...] acho, na minha vida toda só ganhei uma vez o “distintivo”. (risos).* Segundo ele, esse “*distintivo*” teria o prazo de validade de um mês: *“[...] você ganhava e perdia, e a validade é até a próxima prova, então, se você fosse bem você ganhava o “distintivo”, e se você fosse mal, você perdia o “distintivo”. [...]”.* E conta-nos como era esse distintivo: *“[...] era um lacinho verde e amarelo [...] e você punha no peito, assim, e você andava e estufava o peito [...]”.* Mostra-nos aqui o quão significativo era, para o aluno, ostentar esse símbolo de superioridade, que o distinguia daqueles que não eram capazes de atender às exigências da escola, no que se referia à quantificação, através de notas, de conteúdos aprendidos.

Em seguida, como fizeram os outros entrevistados, Lauro faz comparações sobre o ensino dos anos sessenta e o ensino atual: *“[...] não é que a escola era mais rígida, o respeito pela escola era maior, e você saía da escola no quarto ano sabendo ler, escrever; e hoje, se você pegar uma criança do quarto ano, não sei se ela sabe ler e escrever [...]”* E vai nos falando sobre suas lembranças: *“[...] quando eu fui fazer exame para tirar diploma do quarto ano [...] fazia exame oral, fazia leitura, e era a Dona Ana que fazia, que tomava a leitura [...]”*

não era a professora [...]”. Aqui nos informa sobre o controle de “qualidade” exercido pela direção da escola.

Na seqüência, Lauro fala-nos dos rumos tomados na vida por ele e seus dois irmãos. Sua irmã seguiu a carreira do magistério, tendo se formado na Escola Municipal “Dr. Getúlio Vargas” e, posteriormente, lá trabalhado como professora. Seu irmão cursou duas faculdades, Educação Física e Direito, e ele, Lauro, cursou apenas o Ensino Médio, como técnico de contabilidade. No entanto, ambos optaram por seguir os passos do pai, estabilizando-se no comércio da cidade. Afirma sempre terem trabalhado muito, ele, seu pai e seu irmão, para conseguirem conquistar e manter a confortável situação financeira atual.

Nossa entrevista foi concluída com suas considerações sobre seus esforços no sentido de ser bem sucedido na vida e sobre sua forma de pensar quanto às diferenças existentes entre os anos 60 do século XX e os dias atuais: “[...] *Graças a Deus fui bem sucedido no comércio [...] nunca deixando oportunidade nenhuma passar [...] até hoje ainda trabalhamos [...] a vida toda a gente levanta antes do sol nascer [...] meu pai nos ensinou [...] um pai fantástico[...]*”. Ele prossegue: “[...] *eu acho que o pessoal dos anos 60, talvez 50, 70, as crianças eram mais educadas [...] o que eu vejo hoje é que os pais não têm tempo de dar educação para os filhos e transporta essa educação para a escola [...]*”. E ao dizer isto faz a seguinte consideração: “[...] *o que eu vejo é que a escola era um complemento para a educação que vinha de casa, então hoje [...] transfere pra escola a educação [...] isso, do meu ponto de vista, não está muito certo, não [...]*”.

Nessas considerações faz menção de que a escola perdeu algo de seu poder quando os pais tiveram mais acesso a ela e professores passaram a ser punidos por aplicarem punições em seus alunos.

Fui percebendo, ao longo da entrevista, que Lauro, apesar de ter sido alvo de muitas punições e repreensões por parte de pais e alguns mestres, não teve, ao contrário de outra aluna entrevistada, grandes prejuízos em sua espontaneidade e criatividade, uma vez que, com o apoio e estímulo de seu pai, superou o que era considerado, na época dificuldades, de adaptação. Parece-nos que pessoas adultas significativas em sua infância foram capazes de lhe oferecer ambiente suficientemente bom para que seu potencial aflorasse e se desenvolvesse.

Ao final da entrevista agradei por sua valiosa colaboração. Ele se disponibilizou em me atender novamente caso eu precisasse. Nos despedimos.

2.8 “[...] na minha época, na sala de aula o professor tinha uma autoridade maior, porque a educação em casa era melhor pela valorização que era dada à função do profissional” – Eunice Padilha de Campos (professora).

Os motivos que me levaram a procurar Eunice para entrevista vem do fato dela ter se formado no magistério na Escola Municipal “Doutor Getúlio Vargas” e, imediatamente após sua formação e durante sua especialização, já ser incluída no quadro de professores da escola, ainda que na condição de professora substituta. Outra razão que me fez selecioná-la para este trabalho é o fato de ter sido professora de crianças do curso pré-primário daquela escola, preparadora, portanto, dos pequenos alunos que ingressariam no curso primário. Por ela ter vivenciado essa condição entendi que poderia me fornecer dados relacionados aos métodos utilizados na escola para preparar o aluno para seu ingresso no curso primário.

Meu primeiro contato com Eunice foi por telefone. Ao telefone me apresentei, e à minha pesquisa, e solicitei uma entrevista. Ela atendeu prontamente minha solicitação e, em dia e hora combinados, fui até sua casa.

Trata-se de casa simples, construída em terreno bastante amplo, situada em bairro antigo da cidade, cujos moradores são pessoas de origem humilde que fazem parte da tradição da cidade. Em sua casa, bem iluminada e acolhedora, trabalhavam pintores de parede no dia em que a entrevistei, no entanto não fomos interrompidos ou incomodados de alguma forma por eles.

Eunice é uma senhora que se aproxima da casa dos sessenta anos, bonita, simpática. Filha de pais humildes, trabalhadores. Em sua família, por parte de mãe, houveram pessoas que se dedicaram à educação, no passado. Seu pai, já falecido, era da raça negra e sua mãe da raça branca. Sua mãe, uma senhora de 84 anos, esteve presente durante toda a entrevista. Manteve-se silenciosa e pensativa. Só ouvi sua voz quando cheguei e Eunice me apresentou a ela, e também no final do encontro, quando veio me servir um café.

Eunice, no início da entrevista, pegou alguns livros e cadernos que utilizara na escola na época em que foi professora do curso primário, já nos anos 70.

Pedi sua autorização para gravar a entrevista e para utilizar o conteúdo gravado em minha dissertação de mestrado. Ela me concedeu a autorização prontamente.

Iniciamos a entrevista.

Eunice inicia contando que começou a lecionar Na Escola Municipal “Dr. Getúlio Vargas” em 1968, onde havia se formado no curso do magistério. Disse ter concluído o curso primário no Instituto Educacional Matheus Mailasky, mantido pela estrada de ferro

sorocabana. Parte do ginásial cursou no Colégio Anchieta, outra na Escola Municipal “Dr. Getúlio Vargas” e outra na escola Achilles de Almeida. Depois disso retornou para a Escola Municipal “Dr. Getúlio Vargas” para concluir o segundo grau, no magistério. Fez três anos de magistério e um ano de especialização em pré-escola, essa especialização foi feita no Colégio Santa Escolástica. Eunice afirma que se não conseguisse fazer essa especialização aqui em Sorocaba, já estava com a inscrição feita no Colégio Caetano de Campos, em São Paulo, tão determinada estava a fazer a tal especialização. Foi professora da pré-escola por oito anos.

Continua falando de sua própria história dizendo que começou sua carreira muito jovem, aos dezoito anos de idade, cobrindo a licença de uma das professoras da Escola Municipal “Dr. Getúlio Vargas”. Antes disso teria feito estágio com uma professora que dava aulas para crianças do pré-primário numa sala cedida pelo Seminário de Sorocaba. Ela nos conta: “[...] eu fiz um pouco de estágio com a professora Rosa, que dava aula através do método Montessori, ela dava aulas numa sala do seminário de Sorocaba [...]”. E neste momento nos fala algo sobre o método: “[...] O método Montessori [...] é um método silencioso, onde pouco se fala e onde a gente dá dicas para a manipulação do material [...] tinha bastante material lúdico que eu utilizava [...]”. Aqui fala nos sobre o material utilizado: “[...] nós utilizávamos, na época, barras e cubos pedagógicos, diversas caixas, eram inúmeras caixas [...] uma caixa para cada aluno. O número de alunos, eram pouquíssimos, era uma delícia trabalhar [...]”.

Nos conta sobre o investimento da prefeitura da cidade no sentido de trazer para cá professores e especialistas para ministrarem cursos aos professores de Sorocaba. Ela nos conta: “[...] professores que vieram de Belo Horizonte, e eles ficaram no Colégio Santa Escolástica aproximadamente um mês, e foi uma experiência riquíssima, que eu trouxe comigo até quase o final de minha carreira [...]”.

O método trazido por esses professores tratava do seguinte: “[...] você trabalhava com os alunos através, principalmente, das datas comemorativas, ou se não [...] alguma coisa que enfocava diretamente a criança [...]”. E continua discorrendo sobre o método: “[...] através das linhas circulares trabalhava com os alunos e ajudava eles [...] manterem o equilíbrio, tá, era um equilíbrio emocional e um equilíbrio também material[...]

Ao ser questionada sobre a forma como trabalhava com o equilíbrio emocional da criança ela relata um fato isolado de um de seus alunos que estaria, na escola, apresentando alguns sintomas fóbicos, segundo seu entendimento. Ela nos conta: “[...]na época eu tive uma criança com fobia[...]

psicologia. Ela continua falando sobre a forma como conseguiu lidar com essa situação específica, demonstrando, aqui, que procurou oferecer aos seus alunos ambiente suficientemente bom, facilitador de seu desenvolvimento: “[...] *com aquela experiência muito curta, custou para eu notar que aquilo era fobia [...] que foi que aconteceu? Eu solicitei à direção da escola [...] a maior parte de minha aula era dada no pátio, até que eu conseguisse trazê-lo para a sala de aula*”. Dona Eunice transferiu, nesse período, sua sala de aula para o pátio da escola para atender às necessidades de um de seus alunos que manifestava medo fóbico da sala de aula. Disse que algumas das outras crianças também choravam, mas que ela procurava atender às necessidades de seus alunos em se tratando de acolhimento. Afirma: “[...] *em seis meses ele conseguiu superar [...] no início foi uma situação muito difícil [...]*”.

Ela conta-nos que participou da inauguração do auditório da Escola Municipal “Dr. Getúlio Vargas”, e que esse auditório teria sido inaugurado com a última turma de pré-escola para quem lecionara: “[...] *inaugurei o auditório do Getúlio Vargas [...] foi inaugurado com a última turma que eu lecionei de pré-escola [...] as minhas crianças dançaram [...] todos ficaram de pé para essa apresentação [...]*”. Fala sobre isso com orgulho, e nesse momento da entrevista, dá-nos dados sobre o envolvimento de figuras do campo político da cidade no universo escolar. Ela nos conta: “[...] *na época o prefeito municipal era o Dr. Armando Panunzio [...] foi um prefeito importantíssimo para Sorocaba, e ele nos visitava de manhã, no cafezinho da manhã [...] lá na escola, e ele era, gostava de ser tratado como uma pessoa normal [...]*”.

Ao falar sobre o envolvimento de pessoas do meio político na escola relembra de uma professora que foi trazida do Rio de Janeiro, pela prefeitura, para ministrar cursos de aperfeiçoamento para as professoras locais. Ela nos fala : “[...] *professora Corina [...] professora de história [...] sensacional [...] voltada para a pré-escola (...) os ensinamentos dela seguiu comigo pelo resto da minha carreira, tanto na valorização do aluno, a valorização da carreira [...]*”. E continua: “[...] *ela já era uma professora que, na época, já estava com setenta anos de idade, mas foi uma pessoa que, o auditório do Getúlio Vargas, ela conseguiu levantar [...] com suas aulas [...]*”. E conta-nos sobre os métodos desta professora: “[...] *o que era priorizado, sobretudo, era o trabalho com o aluno, que o aluno viesse a se inteirar diretamente com aquilo que era aprendido, através da história que ela desenvolvia [...]*”. E relata sobre a abrangência do método na vida do aluno: “[...] *e essa história tinha que abranger conhecimentos gerais, tinha que abranger história, geografia e matemática, era essa a preocupação dela, sem deixar de lado os aspectos morais* “.

Quando solicito que fale mais sobre si mesma, quanto à escolha de sua profissão, revela que, quando adolescente, não pretendia seguir a carreira do magistério. Seu pai, inclusive, teria arrumado um emprego para ela em um cartório da cidade, mas as oportunidades de se envolver com o mundo da escola foram surgindo e ela fez do magistério a sua vida.

Diz que já faz doze anos que está aposentada, no entanto seis anos antes de se aposentar desligou-se da função de professora para assumir outros cargos dentro da educação. Como orientadora pedagógica trabalhou por dois anos na própria Escola Municipal “Dr. Getúlio Vargas”. Outros anos, ainda como orientadora pedagógica, trabalhou na escola Leonor Pinto. Passou também a trabalhar na prefeitura municipal de Sorocaba como assistente na formação de cursos para professores.

Quando pergunto sobre suas origens, conta-nos Eunice: “[...] meu pai teve uma formação primária [...] também uma formação de Ensino Médio [...] se formou pela escola profissional de Sorocaba [...] e ele fez o curso de ferroviário [...] e depois ele passou a ser ferroviário [...]”. Em seguida fala sobre sua mãe: “[...] Minha mãe [...] só a quarta série primária, foi empregada doméstica [...] da família dos Padilha [...]”. Fala sobre as cidades de origem de seus pais: “[...] Meu pai foi nascido em São Roque e minha mãe nascida em Itu [...]”. E prossegue dizendo da preocupação de seus pais quanto aos estudos dos filhos: “[...] sempre eles foram preocupados com a educação, tanto é que eu e meu irmão tivemos formação, eu tive formação universitária, meu irmão teve até o ensino médio”. Fala-nos sobre sua formação: “[...] pela universidade eu fiz até a pós-graduação de pedagogia e didática de ensino superior”.

Ao ser solicitada para falar sobre o ambiente escolar dentro da Escola Municipal “Dr. Getúlio Vargas”, sobre a realidade da escola na década de sessenta do século XX, Eunice conta-nos: “O Getúlio Vargas, na época [...] era a escola [...] que atingia mais a elite sorocabana, eram principalmente filhos de juizes transferidos de outra cidade, corporação militar, também, e médicos. Então, a elite era a frequência do Getúlio Vargas [...]”. E explica que, ao seu entender, isso se dava devido à qualidade dos professores que compunham o corpo docente daquela escola e também de seu diretor. Continua: “[...] quem favorecia muito isso eram os professores, modestia à parte, eram ótimos professores [...] e também o diretor da escola, muito empenhado e atencioso, é, pela educação de Sorocaba [...]”.

Eunice demonstra ter uma memória privilegiada ao citar os nomes e sobrenomes das professoras que lá trabalharam com ela.

Quando solicito que me conte sobre as formas utilizadas pela escola no sentido de trabalhar com os alunos de 1ª a 4ª séries que apresentariam maior dificuldade, ela nos diz:

“[...] essas situações a escola sempre teve [...] por um motivo, ou por outro, mas nós travávamos conversas entre nós, as professoras [...] as mais antigas que sempre, elas procuravam nos orientar, e também a própria direção da escola [...]”. E conta-nos de forma comparativa aos dias atuais que: *“[...] nós não tínhamos o apoio de psicólogos, mas tudo que era vindo das pessoas mais velhas, das mais experientes nós procurávamos seguir [...] era o ponto de apoio”.* Ao falar sobre isso acaba por não informar muito sobre a forma como lidavam com os alunos que tinham dificuldades, limitando-se apenas a informar que seguiam as orientações de professoras mais velhas e experientes.

Nesse momento recua ainda mais no passado e nos fala sobre uma prima de sua mãe que também dedicara sua vida à educação: *“[...] eu venho, já, de uma família que já tem formação, é, de professores. Eu tenho uma prima de minha mãe, já falecida, professora Alzira, que foi a primeira professora da escola da vila Fiori [...]”.* E fala sobre essa prima com admiração: *“[...] ela dava a primeira série, sempre, toda vida lecionou [...] foi uma grande professora, só pelo fato de ela se dedicar a carreira toda à primeira série em uma escola rural [...] é uma pessoa que, para meus alunos, nunca deixei de citar o nome dela [...]”.*

Na seqüência Eunice vai nos contando, espontaneamente, sobre as formas através das quais atraía seus alunos para o mundo da escola e da leitura, já quando professora do curso primário: *“[...] gostava muito, na parte da leitura, então eu sempre encerrava minhas aulas com a aula de leitura, tanto é que eles nem percebiam, mas eu lia a coleção de Monteiro Lobato inteira [...]”.* E conta-nos como fazia isso: *“[...] eu sempre encerrava minha aula meia hora antes, eles arrumavam o material, e essa última meia hora era para alguma coisa extraordinária [...] muito gostoso, porque esse bate-papo era meu e deles, então nós conversávamos [...]”.* E continua seu relato com um sorriso nos lábios: *“[...] então eu era bastante voltada para eles, e Monteiro Lobato focava justamente aquilo que eles queriam, molecada de terceira série gostava muito de “malvadeza”, né [...]”.* Conta que utilizava outras obras da literatura infantil cujo sentido tratava da importância da individualidade na composição do todo, como o livro “A Palhinha do Presépio”. Fala-nos sobre outro pequeno livro que utilizava, “Flor de Maio”, que traz a forma pela qual se é possível reparar falhas estruturais. Outros livros mais, sobretudo de aventuras, ela usou com a intenção de atrair e envolver seus alunos no mundo da imaginação, fantasia e criatividade.

Vou concluindo, com seu depoimento, que esta mulher dedicou grande parte de sua vida no sentido de propiciar às crianças que estavam sob seus cuidados, ambiente suficientemente bom, com clima afetivo facilitador de seu desenvolvimento.

Ela não se casou e nem teve filhos. Além de professora exerceu outras atividades sociais na cidade, de significativo destaque, tais como secretária municipal dos direitos da mulher, presidente do movimento das mulheres negras de Sorocaba e, na atualidade é presidente do Rotary Clube de Sorocaba – Bandeirantes. Vive, hoje, na casa simples de bairro tradicional, com sua velha mãe, sua cunhada e sobrinhos.

Encerramos a entrevista com suas considerações sobre a educação do passado e a educação atual, onde ela afirma:

“[...] na minha época, na sala de aula, o professor tinha uma autoridade maior, porque a educação em casa era melhor pela valorização que era dada à função do profissional. E a medida em que o tempo está passando a figura, a imagem do professor, não é tão valorizada o quanto deve ser. Se nas próprias casas se desse o valor, seria melhor o desempenho do professor e melhor seria também o desempenho do aluno”.

Já no final da gravação chegaram visitas para Eunice, razão pela qual decidi por encaminhar a entrevista para o seu encerramento, apesar dela afirmar que naquela manhã estava totalmente disponível para me atender.

Depois de encerrada a gravação, eu e Eunice continuamos conversando por mais algum tempo sobre o tema educação e outros assuntos triviais. Ela pediu que eu falasse um pouco sobre minha formação e atividades. Sua mãe nos serviu café e continuamos conversando por mais algum tempo. Em seguida ela me acompanhou até o portão de sua casa e nos despedimos.

E assim, com esta síntese dos depoimentos, encerro este capítulo onde procurei trazer ao presente relatos de vivências, testemunhos de pessoas que construíram a história da Escola Municipal de 1ª e 2ª Graus “Doutor Getúlio Vargas” na década de sessenta do século XX. As transcrições das entrevistas encontram-se anexadas a este trabalho.

3 O AMBIENTE NA FORMAÇÃO DO SER HUMANO: CONTRIBUIÇÕES DE WINNICOTT PARA O EQUACIONAMENTO DAS PRÁTICAS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO SOCIAL.

Neste capítulo apresento, sem ter a intenção de descrever um tratado de psicanálise, dados que informam sobre os processos de origem e desenvolvimento da personalidade humana, segundo a abordagem psicanalítica do analista inglês Donald Woods Winnicott, que entende que o ser humano seria o resultado da articulação de seu potencial inato com a cultura na qual está inserido.

A apresentação de alguns conceitos da teoria psicanalítica de Winnicott tem, como objetivo, situar o leitor quanto ao processo de formação da personalidade do indivíduo e sua interação com o meio. E, tendo em vista que meu objeto de estudo é a pessoa em seu processo de formação como ser de relações, necessário se faz considerar a importância do ambiente onde se forma.

Na elaboração deste capítulo, considerando a extensão e abrangência da obra de Winnicott, procurei selecionar os aspectos de sua construção científica diretamente relacionados ao tema que me propus desenvolver. Considero que outros aspectos da obra de Winnicott, por sua relevância nas questões da vida humana em sociedade, devam ser utilizados em outra oportunidade que não a construção desta dissertação.

Ao selecionar Winnicott para dar sustentação às minhas reflexões e análise do fenômeno que investigo, deparei-me com a enorme abrangência de sua produção e, por assim ser, entendi que deveria utilizar, para além de sua produção, as contribuições de outros autores que se debruçaram sobre sua obra, realizando estudos, análise e reflexões sobre a teoria de Winnicott.

Autores como Davis e Wallbridge (1982); Zimmerman (1999); Freller (1999), Bogomoletz (2004), me auxiliaram como facilitadores do entendimento e síntese da vasta produção de Winnicott.

Da obra do próprio Winnicott, procurei me aprofundar mais detidamente em um de seus livros, que traz de forma direta as contribuições necessárias para o desenvolvimento deste capítulo, através do qual me é possível realizar a articulação entre sua teoria e a prática educacional da década de 60 do século XX na Escola Municipal “Dr. Getúlio Vargas”, no que diz respeito ao tema exclusão. O livro ao qual me refiro, trata de profundo estudo sobre a natureza humana e “Natureza Humana” é o seu título.

Em certa altura desta apresentação, trago dados pontuais sobre o pensamento de Freud, sobretudo no que diz respeito à sua concepção sobre a agressividade humana. Bem, o leitor já deve ter se dado conta de que este trabalho não tem a pretensão de um aprofundamento na teoria psicanalítica, pois que isto nos levaria para outros rumos que divergiriam da proposta de minha pesquisa. Minha intenção, como explicitado no primeiro parágrafo deste capítulo, é apresentar ao leitor informações sobre o processo de desenvolvimento da personalidade em interação com o meio, com o objetivo de trazer à luz a importância e alto nível de responsabilidade do ambiente nesse processo e não um aprofundamento nos conceitos e teorias psicanalíticas.

Ao fazer referências a Freud, minha intenção é apenas apresentar ao leitor parâmetros de comparação que o situem no sentido de melhor compreender o pensamento de Winnicott.

Reitero que minha intenção nesta elaboração, em última análise, é investigar as relações de poder presentes no universo escolar dos anos 60 do século XX e dar voz às pessoas que lá estiveram, para que me seja possível detectar possíveis práticas de exclusão ocorridas na Escola Municipal “Dr. Getúlio Vargas” naquele período. E é por esta razão que considero a importância de focar com maior precisão este aspecto do ser humano: sua dimensão psicológica e sua relação com o ambiente onde se forma e se desenvolve, no contexto familiar e social, entendendo, aqui, a escola como extensão e parte fundamental desse contexto.

Davis e Wallbridge (1982) me forneceram dados claros sobre a biografia e pensamento de Winnicott, e o próprio Winnicott me forneceu ricas informações sobre a natureza humana. Esses dados e informações apresento na sequência.

3.1 Dados biográficos e principais características do pensamento psicanalítico de Winnicott.

Donald Wood Winnicott nasceu na Inglaterra em 1897, formou-se em medicina, com especialização em pediatria, área em que atuou por quarenta anos. Sua preocupação com aspectos emocionais de seus pacientes em interação com as respectivas mães, tornou-se a base para suas investigações e intervenções.

Em sua prática profissional e na condição de um estudioso de psicanálise, realizou a articulação e integração dos fenômenos observados em seus pacientes, como médico, com aspectos da dimensão emocional dos mesmos. Nos coloca que a psicanálise representa a continuidade dos estudos a partir do ponto onde a fisiologia teria parado. Em sendo assim, a

psicanálise expandiria o território científico de forma a abranger fenômenos inerentes à personalidade humana, abarcando em sua área os sentimentos e conflitos emocionais humanos, campo este inacessível à fisiologia, pois que extrapola sua área de acesso e atuação.

A valorização do estudo da natureza humana, sobretudo da importância das primeiras relações objetais, representou o início do fio condutor de seu trabalho. Essas relações objetais, para Winnicott, significam as primeiras relações do bebê, sendo que a mãe representa esse primeiro objeto.

É importante esclarecer que, em se tratando de terminologias de psicanálise, o termo “objeto” tem sentido bastante distinto de outras áreas:

O uso do termo “objeto” na literatura psicanalítica pode confundir o leitor. Deve ser tomado em seu significado particular como o oposto de “sujeito”. Na realidade, aplica-se mais vezes a uma pessoa ou parte de uma pessoa do que a uma coisa. Assim, “relação objetual” na realidade veicula a idéia de uma relação pessoal (DAVIS; WALLBRIDGE, 1982, p. 57).

Seu primeiro trabalho analítico foi publicado em 1936, e neste trabalho investigou as relações existentes entre os conflitos emocionais e os transtornos de alimentação.

Winnicott, na construção de sua teoria sobre o desenvolvimento emocional, investigou seu processo desde seu início, cuja origem se situa em experiências intra-uterinas, vivenciadas pela criança, oferecendo, assim, sua inestimável contribuição, no sentido de proporcionar ao mundo o acesso às informações para a compreensão do significado da infância e do ambiente que a contém na vida do ser humano. Entendendo que o processo de desenvolvimento emocional se dá enquanto houver vida no indivíduo, afirma:

Seria lógico descrever o desenvolvimento do ser humano desde a concepção, gradual – mente prosseguindo através da vida intra-uterina, o nascimento, passando em revista o bebê que aprende a andar e a criança em fase de latência, e depois o adolescente, e mais tarde alcançando o adulto maduro, pronto para ocupar um lugar no mundo, e que depois envelhece e, afinal, morre (WINNICOTT, 1990, p. 51).

Sua teoria do desenvolvimento trata da relação mãe/filho e das influências da família e do ambiente no processo de desenvolvimento do indivíduo. Ele ressalta, nos estágios iniciais do desenvolvimento humano e nas etapas subsequentes, a fundamental importância do mundo externo à criança.

Ao discorrer sobre a importância da mãe no processo de desenvolvimento da criança, esclarece:

A mãe deve estar disponível para sustentar a situação no tempo. Não basta que ela esteja já fisicamente disponível: é preciso que ela esteja pessoalmente bem, a ponto de manter uma atitude consistente durante um período de tempo, e ser capaz de sobreviver ao dia e aos conjuntos de dias chamados semanas e meses, permitindo a criança experimentar repetidamente as ansiedades ligadas aos impulsos instintivos e a elaboração em seguida às experiências, e a retomada da relação com a mãe após os períodos de elaboração. Os bebês podem sobreviver mesmo que ninguém desempenhe esse papel, mas eles sobreviverão com alguma coisa faltando em seu desenvolvimento emocional, algo de importância vital, resultando numa inquietude [...] na ausência de profundidade e na incapacidade para o brincar construtivo, sofrendo mais cedo ou mais tarde uma inaptidão para o trabalho, um resultado insatisfatório tanto para o indivíduo quanto para a sociedade. (WINNICOTT, 1990, p. 176).

A mãe deve trazer em si disponibilidade para a aceitação dessa fase do desenvolvimento da criança para, progressivamente, processar aquilo que Winnicott chama de “desilusão das ilusões”, no sentido de que a criança possa perceber, naturalmente, que ela possui o seio da mãe, mas que este seio não é parte ou prolongamento dela mesma, criança, iniciando aí um processo de reconhecimento do não-eu. Sobre isso afirma;

No princípio, existe uma quase perfeita adaptação à necessidade, permitindo ao bebê a ilusão de ter criado os objetos externos. A mãe gradualmente decresce em sua capacidade de adaptação às necessidades (emocionais), mas o bebê tem meios e modos de lidar com essas mudanças. É enganoso pensar no estabelecimento do senso de realidade do bebê como um produto da insistência da mãe quanto à natureza externa das coisas do mundo externo. [...] A ilusão deve surgir em primeiro lugar, após o que o bebê passa a ter inúmeras possibilidades de aceitar e até mesmo utilizar a desilusão. (WINNICOTT, 1990, p. 121).

Ao falar sobre família, explica:

Quando chega ao estágio de desenvolvimento em que consegue perceber a existência de três pessoas, ela própria e duas outras, a criança encontra, na maioria das culturas, uma estrutura familiar à sua espera. No interior da família, a criança pode avançar passo a passo, do relacionamento entre três pessoas para outros relacionamentos mais complexos. É o triângulo simples que apresenta as dificuldades e também toda a riqueza da experiência humana. Na estrutura familiar, os pais fornecem também a continuidade no tempo, talvez uma continuidade desde a concepção da criança até o fim da dependência, que caracteriza o término da adolescência. (WINNICOTT, 1990, p. 57).

Winnicott nos mostra a interação entre os processos inatos e de maturação com o ambiente externo ao indivíduo, nos informando que todo ser humano se desenvolve a partir de uma fase cuja dependência é absoluta e evolui em direção à fase de independência humana,

que jamais será absoluta pois que sempre haverá interdependência entre o indivíduo saudável e o ambiente onde vive.

Davis e Wallbridge (1982), nos informam que essa teoria é construída a partir do estudo dos primórdios da infância, a partir mesmo das experiências intra-uterinas do bebê, da “exploração verbal daquilo que é pré-verbal na história do indivíduo”.

Ao priorizar a relevância dos fatores ambientais que provocam mudanças fundamentais nas relações objetais, pois que a forma como são estabelecidas as relações primeiras do indivíduo com a mãe e com seu ambiente imediato repercutirão na forma como esse mesmo indivíduo criará e manterá vínculos em outras relações posteriores, explica:

Na **maturidade**, o ambiente é algo para o qual o indivíduo contribui e pelo qual o homem ou mulher individuais se sentem responsáveis. Nas comunidades em que há uma proporção suficientemente elevada de indivíduos maduros existe um estado de coisas que proporciona a base para o que chamamos democracia.[...] A existência de um ambiente doméstico para a criança, durante o importantíssimo período de desenvolvimento emocional anterior à latência e posterior à aquisição da capacidade para relacionamentos interpessoais, realizados entre pessoas totais, é especialmente importante (WINNICOTT, 1990, P. 173).

Prosseguindo sobre sua explanação sobre o ambiente e destacando a responsabilidade do adulto, no que diz respeito aos cuidados com a criança, afirma:

[...]é preciso lembrar que os **estágios iniciais jamais serão verdadeiramente abandonados**, de modo que ao estudarmos um indivíduo de qualquer idade, poderemos encontrar todos os tipos de necessidades ambientais, das mais primitivas às mais tardias. Ao cuidar de crianças [...] é necessário estarmos atentos à idade emocional do **momento**, de modo a podermos fornecer o ambiente emocional adequado (WINNICOTT, 1990, p.179).

Na produção de Davis e Wallbridge, temos a informação de que a vida e obra de Winnicott foram marcadas por sua crença na capacidade humana para a vida, desenvolvimento e integração, fazendo com que esta, a vida, “seja criativa e valiosa”, mas também foi marcada pela consciência de que “a vida é inerentemente difícil para qualquer ser humano”, já a partir de seu princípio; daí a fundamental importância de um ambiente facilitador do desenvolvimento, um ambiente suficientemente bom para que o potencial humano se explicita e desenvolva. Um ambiente suficientemente bom, facilitador, viabiliza, no ser humano, a maturidade física e emocional que levaria à integração desse ser com a sociedade de forma positiva no sentido do intercâmbio de contribuições para o desenvolvimento de ambos, indivíduo e sociedade.

Exercendo a profissão de pediatra, Winnicott investigou profundamente as formas pelas quais o meio ambiente participa ativamente do processo de construção da subjetividade da criança. Esse meio ambiente, num primeiro momento, é representado pela ação dos pais, pela participação suficientemente boa, ou não, na construção do indivíduo humano, sendo eles os responsáveis pela constituição da subjetividade. Se a criança cresce em um meio ambiente não facilitador, ou inibidor de seu desenvolvimento, onde não haja suporte adequado para seus conflitos, haverá uma distorção no desenvolvimento, com suas consequências na forma de patologias e dificuldades de interação no meio social.

Winnicott morreu em 1971, deixando para a humanidade sua contribuição de inestimável valor no que diz respeito ao entendimento do processo de formação, constituição e desenvolvimento do ser humano enquanto ser total, integrado em suas dimensões biológica, psíquica e social. Ele nos mostra, em sua obra, a necessidade de, ao debruçar-se sobre os fenômenos funcionais do organismo humano, sobretudo considerar sua interação com os aspectos da emoção, os conflitos emocionais, assim como também considerar a realidade externa ao indivíduo, compreendendo o quão imprescindível é conceber o indivíduo como uma totalidade. Daí a importância de se perceber a criança de forma integral, avaliando a relevância das influências da família e sociedade em sua formação, e não apenas como um organismo pensante.

Segundo Winnicott, vamos entendendo que a criança que se desenvolve a partir de uma mãe e ambiente não suficientemente bons, acaba por apresentar sintomas que indicam um atraso ou distorção do desenvolvimento emocional, uma vez que, pela ação dos climas inibidores presentes na vida dessa criança, instalam-se impedimentos que vêm a inibir a plena maturação emocional.

Extrapolando o nível da dimensão emocional, visto que exercia a medicina na condição de pediatra, Winnicott entende que ocorrem influências significativas da forma como o ambiente atua sobre a criança, atingindo também seu corpo físico. Essas influências, quando negativas, podem proporcionar o surgimento de doenças somáticas decorrentes de invasão ou deficiências do ambiente.

Segundo esta abordagem, podemos compreender a fundamental importância do ambiente no que diz respeito tanto ao desenvolvimento da saúde física e emocional do indivíduo, quanto no surgimento de patologias.

Para que se torne mais clara a teoria de Winnicott neste trabalho, apresento aqui alguns aspectos do pensamento de Freud quanto à natureza humana, aspectos sobre os quais

Winnicott diverge, apesar de reconhecer e utilizar de muitas outras contribuições de Freud para a construção de sua obra.

Sobretudo em se tratando dos instintos, explica:

Freud descrevia esses fenômenos de um modo que atualmente é bem conhecido. Ele chamou os impulsos instintivos de Id, e a parte do self que está em contato com o mundo externo ele denominou Ego. Por muitos anos seu trabalho consistiu em estudar as lutas do Ego contra os impulsos do Id [...] Freud foi capaz de mostrar ao mundo a natureza e a força dos impulsos do Id, ou seja, do instinto. Ele demonstrou que o que estava associado a conflitos e emoções intoleráveis tornava-se reprimido, drenando os recursos do Ego (WINNICOTT, 1990, p.74).

Em outro momento, ao falar mais sobre as contribuições de Freud, afirma:

Freud fez por nós toda a parte desagradável do trabalho, apontando para a realidade e a força do inconsciente, chegando à dor, à angústia e ao conflito que invariavelmente se encontram na raiz da formação de sintomas, anunciando publicamente, de forma arrogante, se necessário, a importância dos instintos e o caráter significativo da sexualidade infantil (WINNICOTT, 1999, p. 54).

Freud, em sua obra “O Mal Estar na Civilização (1930)”, mostra-nos sua concepção sobre a natureza humana, que seria estruturalmente egoísta no sentido de buscar a satisfação de suas necessidades de forma imediata, fazendo uso de sua agressividade inata que seria atuada na forma de destrutividade. Para ele, o ser humano, na expressão de sua agressividade, é naturalmente destrutivo e violento e, por essa razão, a sociedade deve conter e mutilar esse potencial agressivo, para que se torne um ser apto a viver em sociedade.

Essa forma de entendimento da agressividade humana pressupõe a perpetuação da oposição entre indivíduo e sociedade, sendo que apenas uma das partes seria vitoriosa nessa contenda; vitória erigida sobre o aniquilamento ou mutilação do outro.

Apesar de reconhecer e se utilizar das contribuições de Freud, Winnicott avança em suas pesquisas, construindo uma abordagem diferente da abordagem freudiana, no que diz respeito à natureza humana, procurando analisar e compreender o ser humano em relação ao ambiente. Ele mostra-nos que o ser humano traz, em sua natureza, a capacidade inata, o potencial para tornar-se mais que um predador, mas sim um animal social apto para a construção e cooperação com a sociedade que o recebe, sendo necessário, no entanto, que essa sociedade lhe forneça condições para desenvolver essa capacidade. Quando o ambiente onde nasce e se forma esse ser humano revela-se não suficientemente bom no sentido de lhe

proporcionar as condições básicas para o desenvolvimento de suas capacidades inatas para a vida produtiva em sociedade, é que ele se comporta da forma destrutiva como Freud o descreveu.

Ao tratar das forças instintivas afirma:

No interior da pessoa agem forças tremendas quando, por haver saúde, existe a plena vitalidade. Para termos uma idéia do que ocorre durante o trabalho de reorganização interna após a experiência instintiva, devemos nos remeter às obras dos artistas que (em razão de sua técnica excepcional e sua confiança no próprio trabalho) conseguem alcançar a quase totalidade da força que existe na natureza humana. [...] Essas coisas surgem com força total no mundo interno do bebê [...] embora seja verdade que no decorrer do tempo, enquanto a experiência de vida se torna mais rica, o mundo interno também se torna mais e mais rico em conteúdos. As forças básicas e o conflito, no entanto, estão presentes desde o início, assim que as experiências instintivas se encontram ao alcance do bebê. [...] Gradualmente, do interior do mundo interno, surge uma espécie de padrão, uma ordem a partir do caos. Esse trabalho não é mental nem intelectual, mas uma tarefa da psique (WINNICOTT, 1990, p.97).

Considerássemos, nós, que o ser humano seja naturalmente agressivo e destrutivo, como nos diz Freud, poderíamos entender que a saúde deva ser imposta ao indivíduo pela sociedade, imposição esta exercida no sentido de impedir a manifestação dos impulsos agressivos através de alguma forma, mais ou menos explícita, de punição ou coerção.

Para Winnicott, a saúde é parte integral da natureza humana, e não há formas de promover sua imposição, pois que se manifesta espontaneamente quando o ambiente não impede o desenvolvimento emocional do indivíduo. Esse meio ambiente pode, sim, apenas viabilizar o surgimento de manifestações patológicas como resultado das perturbações ocorridas nas fases iniciais da formação de seu psiquismo, considerando-se que o meio ambiente nessas primeiras fases, é composto pelas relações familiares para posteriormente ampliar-se, abrangendo outras relações. Winnicott afirma: “Na saúde existem inúmeras oportunidades de intercâmbio entre essa vida no mundo interno e o mundo externo, no qual se vive e em que há relacionamentos. Cada um enriquece o outro.” (Winnicott -1990; p. 98)

O ser humano, para Winnicott, nasce predisposto à saúde, com tendência inata à integração emocional e ao desenvolvimento. Não há a necessidade de sua mutilação, no sentido do conceito de castração freudiana, e sim há a necessidade de estimulação de seu potencial inato para o desenvolvimento e contribuição positiva para com a sociedade. Esta seria a função do meio ambiente, família, grupo social, escola e outras esferas da sociedade onde vive o indivíduo.

Essa tendência inata só se torna real quando as pessoas que fazem parte do universo imediato da criança interferem de forma positiva e equilibrada em seu processo de formação. Essa interferência não pode se manifestar de forma excessiva, pois que o excesso pode acarretar o aniquilamento do processo natural de desenvolvimento; por outro lado, se a interferência ocorrer de forma escassa, esse indivíduo experimentará condições de abandono. Sendo assim, entendemos que é a forma como os adultos interferem no processo de maturação da criança que proporciona a facilitação de um desenvolvimento natural e saudável ou leva ao surgimento de patologias ou dificuldades na interação com a sociedade.

Partindo desse princípio, Winnicott constrói os conceitos de “mãe suficientemente boa” e “mãe não suficientemente boa”, mostrando a importância do ambiente externo no processo de desenvolvimento do ser humano, ambiente este que pode propiciar climas facilitadores ao desenvolvimento, quando suficientemente bons, ou inibidores do desenvolvimento, quando não suficientemente bons.

O ser humano, segundo o entendimento de Winnicott, nasce predisposto ao amadurecimento e à integração. Contudo, essa predisposição só se efetiva quando o ambiente onde nasce e se forma oferece condições favoráveis para que isso ocorra, quando pessoas adultas, cujos papéis são relevantes na vida da criança, oferecem condições facilitadoras para o seu desenvolvimento através do cuidado, acolhimento e das funções básicas que apresentam à criança de forma e nos momentos adequados, levando-se em conta as peculiaridades, características e necessidades individuais da criança.

A explicação de Freud no que diz respeito à agressividade humana apresentada em sua obra “Além do Princípio do Prazer (1920)”, trata o tema em termos de “instinto de morte”, o que representaria uma predisposição inata do ser humano à destrutividade que deve ser contida pela ação da sociedade. Como nos mostra Davis e Walbridge (1982), Winnicott não aceitava essa explicação, não concebia a idéia de que seria inerente à natureza humana a predisposição para sua própria destruição. Esses impulsos e instintos, para Winnicott, representam a fonte natural da espontaneidade e da criatividade, características estas imprescindíveis ao desenvolvimento do indivíduo e da sociedade.

Ao rejeitar a concepção de Freud, ele apresenta-nos sua forma de entender a agressividade humana, explicando que ela seria decorrente de um processo natural de busca de independência, no sentido do desenvolvimento e maturação e não uma manifestação impulsiva de aspectos de destrutividade cujo objetivo seria a destruição do objeto e aniquilamento do outro.

Por essa razão, devemos entender a manifestação da agressividade também como resultado natural da relação existente entre o indivíduo e o mundo externo, e não associá-la de forma imediata à destrutividade, pois que nem toda agressividade destrói. Seria ela, a agressividade em sua forma mais natural, a manifestação dos impulsos inatos do indivíduo manifestos no sentido da busca da maturação, integração e plenificação de seu desenvolvimento.

No segundo capítulo desta dissertação, vimos, no depoimento de Lauro, as formas como a agressividade, segundo o entendimento de Winnicott, se manifesta de maneira espontânea e não necessariamente destrutiva. Vemos sua manifestação permeada de sentido lúdico e constitutivo das identidades dos sujeitos que a praticaram.

Os cuidados da mãe em estágios precoces promovem o início da construção de uma estrutura emocional para a criança. A forma como outros adultos intervêm em estágios posteriores, vem fortalecer essa estrutura, cujo início de sua construção se deu nos primeiros momentos de vida da criança, ainda em condições intra-uterinas.

Winnicott, ao tratar do processo de desenvolvimento do ser humano, cria a teoria do objeto que compreende a formulação da existência do objeto subjetivo, que marca a fase inicial do processo de desenvolvimento; objetivo, que é posterior à primeira fase; e objeto transicional.

Segundo essa concepção, ocorre um movimento de transição que marca a passagem entre o mundo interno do bebê, subjetivo e imaginário, e o mundo externo com características objetivas e dados de realidade. Essa passagem faz com que se crie um espaço virtual, denominado por Winnicott como espaço transicional, que por vezes ele chama de “espaço potencial”, “área de ilusão” e “área da criatividade”, pelo fato de que esse movimento do subjetivo mundo interno para o objetivo mundo externo possibilita alto nível de riqueza da criatividade.

Winnicott nos explica o que entende por mundo interno: “[...] o mundo interno é o mundo pessoal [...] ele é mantido na fantasia [...] na vida real o mundo interno [...] está sempre sujeito à mudanças devidas aos acontecimentos gerados nos relacionamentos externos daquela pessoa[...]”. (1990; p. 104)

Vemos em Davis e Wallbridge que, segundo Winnicott, os fenômenos transicionais representam a condição para o início das atividades de brincar e das práticas culturais primeiras. Inicia-se, nessa fase, o desenvolvimento da capacidade para o simbolismo como resultado dos intercâmbios existentes entre o mundo interno da criança e o mundo externo a

ela. Nessa troca, entre os conteúdos de mundo interno e dados de realidade externa, origina-se a individualidade da criança.

Em fase posterior, a escola, com seus representantes, deve assumir a condição de facilitadora desse intercâmbio, exercendo atividades que proporcionem o aprendizado e desenvolvimento do aluno, pois que nela, escola, estão contidas figuras significativas que habitam o mundo externo à criança.

A mãe representa o primeiro núcleo parental, seguida de outras pessoas que ocupam o espaço onde se desenvolve a criança. A escola representaria, segundo esse entendimento, o segundo núcleo, onde se daria a continuidade desse processo de desenvolvimento.

Para que esse desenvolvimento ocorra de forma satisfatória, é de fundamental importância que tanto a mãe tenha essa disponibilidade interna para o acolhimento, aceitação, continência, quanto o ambiente onde mãe e bebê estão inseridos. A escola representaria o prolongamento desse ambiente e, para que o desenvolvimento satisfatório se mantenha, necessário se faz que esse ambiente seja também suficientemente bom, represente também espaço continente para esse pequeno ser em desenvolvimento: a criança.

Davis e Wallbridge (1982) nos informam sobre a forma como Winnicott entende as tendências anti-sociais. Essas tendências, segundo sua explicação, têm a função de sinalizar ao ambiente externo a presença de falhas basais surgidas no processo de estruturação do indivíduo e decorrentes de privações iniciais, para que esse ambiente possa corrigir essas falhas no sentido da reintegração e não no sentido da exclusão.

Os instintos e os impulsos, para Winnicott, representam a fonte natural da espontaneidade e da criatividade, qualidades indispensáveis ao desenvolvimento de uma vida plena para o indivíduo, e útil para a sociedade onde está inserido e não, como afirma Freud, a expressão de uma energia devastadora que se não for coibida pela ação do mundo externo, levará indivíduo e sociedade à destruição.

Para Winnicott, a agressividade, por ser expressão da vida, deve ser utilizada em proveito da vida do próprio indivíduo e da sociedade, e não neutralizada no sentido do aniquilamento, pois que, segundo ele, o que caracterizaria a condição de adulto amadurecido em um ser humano, seria sua capacidade para se identificar com o meio externo a ele, participando do processo de estabelecer, manter e transformar esse ambiente sem a mutilação de sua natureza individual.

3.2 Práticas de inclusão e exclusão social na Escola Municipal “Dr. Getúlio Vargas” à luz das contribuições do pensamento psicanalítico de Winnicott.

Winnicott entende a criatividade e espontaneidade como características naturais do ser humano, afirmando que essas características só não afloram e se desenvolvem naturalmente quando ocorrem falhas ambientais nas primeiras etapas da vida da criança, falhas estas que podem ser reeditadas em etapas posteriores, como no ambiente escolar, caso não seja suficientemente bom.

Essas falhas representam a condição propícia à instalação daquilo que não é espontâneo, viabilizando, na vida da criança, o surgimento da submissão e aquiescência onde a espontaneidade, criatividade e integridade se perdem, dando lugar à formação de um ser humano parcial, mutilado, docilmente robotizado.

O papel da escola, seguindo essa linha de análise, dentre outros, deveria ser o de proporcionar à criança condições para a expressão de sua espontaneidade e criatividade, estimulando seu progresso e rematrizando, ainda que parcialmente, falhas basais de sua formação, ou seja, se o ambiente primeiro não continha em si características de suporte e continência para o pleno desenvolvimento da criança, a escola deveria representar a oportunidade para que essas falhas fossem reparadas, contribuindo para o desenvolvimento de suas aptidões no sentido de uma existência plena e produtiva. No entanto, temos indícios de que a escola pesquisada não representou, para todos os alunos que lá estiveram, um ambiente reparador e facilitador, como vemos no depoimento de uma de suas alunas, Alair, e nos depoimentos da professora Maria e do diretor da escola, Otto.

Alair nos diz: “[...] se você fizesse alguma coisa que ele (professor) não gostava, ele chamava você na frente e... reguada na mão [...] na cabeça, na mão”. Em outro momento afirma: “[...] os professores vinham, “”puxavam mais a sardinha”” pro lado do, dos ricos [...] a gente sentia isso na pele[...]”.

Temos na fala de seu diretor a seguinte afirmação: “[...]e eu aviso, o mau aluno acabava sendo indisciplinado [...] eu não vou ficar com aluno repetente aqui. Foi o primeiro que eu tirei, foi o repetente.”

Na fala da professora Maria a indisponibilidade para o acolhimento e continência da espontaneidade do aluno é flagrante: “Não podia mesmo dar liberdade, né”. Bem, fica a pergunta: se não podia se dar liberdade, dava-se o que?

Se entendermos que o meio externo representa importância fundamental no desenvolvimento desse processo de maturação, devemos lançar nosso olhar para a função da

escola e compreender a importância do professor em considerar a história de vida do aluno, ainda que esse contato entre professor e aluno não seja marcado por profunda intimidade, intimidade esta que deve ter ocorrido na experiência entre mãe e filho.

Como mostra-nos Freller (1999) em sua produção, onde promove a articulação do pensamento de Winnicott com questões da educação, uma relação estabelecida entre professor e aluno, que ultrapasse o modelo de autoridade/submissão, por mais simples que seja, viabiliza a formação de um vínculo que viria a ser facilitador do desenvolvimento da criança.

Considerando-se ser o humano um ser de relações, se o professor ultrapassasse o contato apenas técnico, que promove a transmissão do conhecimento, e se movimentasse no sentido do estabelecimento desse vínculo, ele, professor, estaria proporcionando à criança um ambiente favorável, ou, nos termos de Winnicott, um ambiente suficientemente bom, promotor desse desenvolvimento.

No entanto, o que nos foi possível observar, através de análise dos documentos e depoimentos, é a alternância de modelos facilitadores e inibidores do desenvolvimento. Muitas vezes o que se tornava flagrante era a existência de precariedade de contatos e vínculos, pois que ocorria com frequência a imposição do poder e dos conteúdos a serem assimilados, onde o aluno apenas absorvia, ou não, o material que lhe era transmitido. O desenvolvimento do aluno, no sentido emocional, foi muitas vezes desconsiderado em nome de uma restrita e engessada ordem de imposições de ordem. Em relação a isso, nos informa o ex-aluno Rui: “[...] *O problema das punições na época, eu, eram as vezes [...] de uma forma até desumana [...]*”. E confirma: “[...] *porque aquela história do “burro” que era encostado no canto da parede é uma verdade, e havia os puxões de orelha e os beliscões [...]*”. Nesta oportunidade procura explicar as origens dos castigos: “[...] *um comportamento que foi importado, principalmente dos Estados Unidos e que procurava também adestrar o aluno dentro de um processo comportamental*”.

Na escola e período pesquisados, ocorria também a fragmentação do ser. Em muitas ocasiões, temos que sua história pregressa, suas raízes, não eram suficientemente consideradas e devidamente valorizadas: “[...] *os professores vinham, puxavam mais a “sardinha” pro lado [...]* dos ricos (...) *a gente sentia isso na pele [...]*” comunica Alair. Outro ex-aluno, Rui, nos informa que uma de suas colegas de classe da época era a filha do prefeito da cidade e que havia, sim, uma atenção maior, dirigida a esta aluna por conta de sua origem: “[...] *é, você acabava verificando que a Tereza tinha um mimo especial*”. Na sequência, esse mesmo aluno, procurando abrandar a força de sua informação, busca resgatar uma situação bastante pontual e recortada que ocorria na escola da época

relacionada ao acolhimento e valorização de um aluno específico, de origem bastante humilde, da raça negra: “[...] *you verify in your work that Dona Guida, for example, exulted quite a bit about Abednego [...]*”. E nos fala sobre as características desse colega: “[...] *Era negro, né, e era de uma família humilde, uma família protestante (...) as professoras adoravam o Abednego [...]*”. A valorização da pessoa, com base nestes depoimentos, era medida, principalmente pela origem social do aluno.

Analisando o depoimento do diretor da escola, entendemos que a valorização do aluno se dava, também, segundo sua capacidade, ou incapacidade, para atingir as médias exigidas pela escola com o objetivo de manter a “*qualidade*” do aluno e o bom nome da instituição: “[...] *repetiu de ano caiu fora.*”, afirma seu diretor.

Temos nesses recortes dos depoimentos das pessoas que fizeram a história da escola naquele período, a informação de que a criança e todo seu inestimável valor como ser humano único, social e histórico, com sua própria identidade, não foram, em alguns casos, suficientemente bem acolhidos e suas necessidades emocionais não foram contempladas.

O ser humano, no próprio exercício de viver, ao longo de seu desenvolvimento, interage de forma constante com o meio externo a ele e o sentido e significado de sua existência ficam pautados por esse intercâmbio, pois que dessa forma lhe é proporcionado o sentimento de pertencer a uma determinada sociedade, usufruindo de seus benefícios e contribuindo para a formação, manutenção e transformação dessa mesma sociedade. Um ambiente suficientemente bom seria facilitador dessa interação no sentido de promover a inclusão desse indivíduo na sociedade a qual pertence. Um ambiente não suficientemente bom seria, segundo esse entendimento, promotor do sentimento de não acolhimento, de não pertencer, de exclusão.

É certo que regras, normas, valores dão medidas que promovem condições para que o indivíduo se reconheça enquanto sujeito de uma determinada cultura. O ambiente dispõe de um espaço real e um espaço potencial para que haja a promoção da relação do indivíduo com o mundo. Por essa razão, Winnicott explica que o processo de desenvolvimento humano depende profundamente da intervenção do ambiente.

Não estamos aqui, equivocadamente, confundindo suporte ou continência emocional, estimulação da espontaneidade, expressão da criatividade da criança, com falta de limites e permissividade. Estamos sim, com base nas contribuições de Winnicott, analisando o nível de responsabilidade do ambiente externo, escola, no processo de desenvolvimento de seu aluno, e avaliando o quanto esse ambiente, naquele dado momento histórico, dentro do período pesquisado, não representou de forma integral um ambiente suficientemente bom, facilitador

do desenvolvimento da criança, pois que, em muitas situações, tolheu sua espontaneidade, inibiu a criatividade por meio da aplicação severa de métodos que impunham a manutenção da ordem estabelecida, culminando, para alguns de seus alunos, numa condição de exclusão. O que podemos perceber é que, em alguns momentos, a escola cumpriu a função de facilitadora do desenvolvimento, e em outros exerceu o papel de inibidora desse mesmo desenvolvimento.

A ex-aluna, Alair afirma: “[...] *se você fizesse uma coisa que ele (professor) não gostava, ele chamava você na frente e ... reguada na mão.*” E continua: “[...] *os alunos eram divididos assim: os ricos ficavam pra cá e os, os alunos, assim, que eram de classe mais baixa, eram do lado de lá*”. Ao lembrar das punições aplicadas, fala-nos a respeito de sua forma de pensar e sentir sobre o assunto: “[...] *eu achava que era, assim, uma coisa injusta, porque eu achava humilhante, você ter que ficar atrás da porta, os outros alunos ficavam te gozando, então eu acho que era humilhação*”. E, em outro momento resgata boas lembranças, raras lembranças de situações em que se sentia acolhida, pertencendo de forma positiva ao ambiente escolar, incluída. E este sentimento de pertencer ocorria justamente em situações do brincar, onde a espontaneidade, criatividade eram estimuladas. Ela nos conta: “*É uma lembrança boa porque tinha ginástica, tinha jogo de futebol, e tudo o que tinha a gente participava[...]*” . E continua com expressão suave no rosto: “[...] *E tinha um coral também, naquele tempo, tinha um seminário, participava do coral [...] gostava, adorava cantar, cantava na igreja, no coral*”.

Outra ex-aluna, Nila, cujos pais sempre valorizaram os estudos, sendo que sua mãe era professora e lecionava em outra escola, fala da escola trazendo lembranças que informam que, para ela, a escola ofereceu maior continência e estímulos para que seu potencial se desenvolvesse de forma mais espontânea, ainda que reconheça que sentia, em algumas ocasiões, medo de se expressar livremente, indicando, com isso, a presença de exercício inibidor do desenvolvimento por parte de alguns professores. Ela afirma: “[...] *esse respeito [...] de dominar a classe com o olhar [...] não era uma atitude que punha medo na gente [...] a sensação que eu estava lá com minha mãe dentro da classe [...]*”. Ao dizer isso Nila continua: “[...] *mas eu também fui sempre respeitadora de regras. [...] Eu gostava de ir na escola [...] eu gostava de ir, mas eu era preguiçosa para estudar, mas eu assistia às aulas[...]*”. Em outro momento Nila fala claramente sobre uma flagrante diferença que percebe existir entre a escola dos anos 60 e a escola atual, no que diz respeito ao que ela chama de “*liberdade de expressão*”. Afirma que na escola dos anos 60, sentia medo de se expressar espontaneamente. Afirma ao falar sobre os dias atuais: “[...] *É a liberdade de você*

falar mais abertamente com o professor[...]". E continua: "*[...] eu não faria isso antes (se referindo ao passado como aluna da escola Getúlio Vargas), o que eu tive medo de falar lá atrás, eu consigo falar hoje, com respeito, com delicadeza [...]*". E continua a falar sobre a liberdade de expressão: "*[...] eu vejo a liberdade de hoje, é muito mais gostosa, você pode se expressar, é, você pode se comunicar. É, eu gosto mais dessa liberdade de hoje, assim, eu acho que a gente vive mais feliz desse modo [...]*". Ao afirmar isso pondera: "*[...] mas eu gostaria muito que retornasse o respeito aos professores, mas que eles soubessem impor o respeito [...] sem aquele autoritarismo de antigamente, né, que não podia abrir a boca*".

O ex-aluno, Lauro, ao falar sobre sua experiência como aluno daquela escola, traz, em seu semblante, um ar bastante descontraído e uma expressão de quem sente saudade daqueles tempos. Conforme nos relata, cresceu em ambiente facilitador do desenvolvimento, apesar da humildade de seu lar e das imposições de regras na escola, as quais ele encontrava meios de burlar ou desobedecer. Parece-nos que Lauro foi uma criança a quem foi permitido brincar. Ele nos conta: "*[...] eu sempre vivia sendo chamado na diretoria porque eu era, no intervalo, muito traquina, então eu sempre estava na diretoria, que a Dona Ana chamava [...]*". E ressalta as qualidades desta senhora: "*[...] sempre teve uma educação muito fina e gostava principalmente de mim. Me chamava pra fazer as coisas da escola, sempre tive uma convivência boa com a Dona Ana [...]*". Por ser muito espontâneo, criativo e brincar muito, teria sido reprovado por dois anos consecutivos, fato que fez com que se levantasse a suspeita de que ele deveria ter alguma patologia a nível neurológico. Ele nos conta: "*[...] a escola, representada aí pela Dona Guida [...] suspeitaram que eu tinha algum problema na cabeça [...] eu era meio traquina [...]* "ah! não pode ser. Tem alguma coisa errada com ele" [...]".

O ex-aluno Rui informa-nos ter sua origem em um lar onde o estudo era bastante valorizado. Na escola, vivenciou experiências de acolhimento e continência, mas reconhece que a escola não representou, em todos os momentos, para todos os alunos, um ambiente suficientemente bom, facilitador do desenvolvimento. Ele nos fala sobre sua percepção quanto aos aspectos que considera positivo daquela época: "*[...] eram professores comprometidos, professores muito preparados, professores que trabalhavam com o coração, a exemplo da Dona Guida, que hoje é uma lenda para toda uma geração [...]*". E nos conta de como ele, Rui, era valorizado como pessoa, e estimulado a desenvolver-se: "*[...] não esqueço nunca um dia que a Dona Berenice me viu marchando pra classe e falou: "olha como ele anda, caminha com o peito estufado [...] marcha forte, ele vai ser soldado" [...] isso daí eu conservo hoje como um fato importante [...]*".

Em outros momentos, Rui enfatiza os aspectos que considera negativos no processo educacional daquele período: “[...] *Os problemas das punições na época, eu, eram às vezes, eu acredito, que de uma forma até desumana [...] eles ofereciam, de um lado, a educação mas, de outro lado, eles queriam que o aluno se comportasse de uma forma mais adestrada [...]*”. Essas considerações de Rui facilitam-nos uma visão mais abrangente das práticas educacionais e das relações presentes naquele período. A escola, segundo essas reflexões, teria oferecido para alguns alunos, em determinadas oportunidades, ambiente suficientemente bom, promotor do desenvolvimento, onde ele se percebia aceito, pertencente, incluído. Em outros momentos, para determinados alunos, a escola teria exercido a função de punidora e adestradora, contribuindo para a manutenção das relações de poder e dominação, em detrimento do pleno desenvolvimento humano de seu aluno.

Temos que o diretor exercia o poder do cargo que ocupava, no sentido da manutenção da ordem e “*qualidade*” do ensino, em detrimento da espontaneidade, tornando viável que a escola “engessasse” o aluno de forma a conformá-lo às normas institucionais, priorizando a quantificação (notas) que garantiria, segundo sua maneira de pensar, a “*qualidade do aluno, do ensino, da escola*” . “[...] *e eu digo, o mal aluno, ele é indisciplinado*”.

Vemos que a professora Guida, ao mesmo tempo que contribui para a manutenção da ordem pré-estabelecida e imposta, executa um movimento no sentido da transformação e desenvolvimento dos seus alunos, fazendo uso de um natural desejo de pertencer de um de seus alunos no sentido de quebrantar-lhe à resistência ao método educacional imposto. Esse aluno teria resistido em lhe apresentar as tarefas de casa a cada dia e Guida, com muita sutileza, exercendo sua autoridade de professora fez com que esse mesmo aluno desejasse apresentar a tarefa assiduamente. Outra de suas práticas como educadora, era premiar os alunos com pontos de modo que os “bons” alunos acumulassem mais pontos enquanto que os “maus” alunos acumulariam menos.

A professora Guida, no entanto, sabiamente reconhecia que a escola não dispunha de “*muitos atrativos*” e, em sendo assim, procurava superar essa deficiência utilizando recursos encontrados em sua própria criatividade. Ela nos conta: “*Eu achava que não tinha muito atrativo na escola, então, na minha classe [...] eu trabalhava muito em cima de música [...] eu procurava corrigir a disciplina com música, em lugar de “passar um pito”, mandar de castigo [...]*”. E continua explicando como agia: “[...] *ficar com a cara no canto, ou então atrás da porta. Nada! A gente cantava*”. E aqui confirma a prática de castigos físicos utilizada pelas outras professoras, práticas essas que vinham inibir o desenvolvimento da espontaneidade e criatividade, como nos contaram Alair e Rui.

A professora Maria sintetiza a forma como representou o poder instituído em sua prática, como educadora daquela escola nos anos 60 com a frase: “*Não podia mesmo dar liberdade, né*”. Ela também nos informa sobre o nível de sua disponibilidade interna para exercer a função de facilitadora e promotora do desenvolvimento de seus alunos como seres humanos totais, pela forma precipitada como deixou sua carreira de professora.

A professora Eunice nos diz que principalmente a elite sorocabana frequentava a Escola Municipal “Dr. Getúlio Vargas” naquele período: “[...] *sempre foi assim, formavam enormes filas para conseguir uma vaga no Getúlio Vargas, isso para a pré-escola. Para a segunda série em diante, era feito um vestibular onde os primeiros classificados ficavam [...]*”. E, de certa forma, justifica: “[...] *a escola era pequena [...] da elite sorocabana, mas contava também com outros alunos que freqüentavam também a escola, mas a maioria era a “nata” [...]*”. E nos informa que crianças oriundas de outras classes sociais eram também recebidas dentro do universo escolar e atendidas pela “*caixa escolar*”, que lhes fornecia materiais e uniformes para freqüentarem a escola. Esses dados, somados ao depoimento de Alair, nos informam que a escola, em alguma medida, movimentou-se no sentido da inclusão de crianças pobres em seu universo. Outras informações, colhidas em outros depoimentos, nos indicam que essa inclusão era bastante relativa, haja vista que havia, em muitas oportunidades, práticas flagrantes de discriminação dos alunos de acordo com a classe social de onde provinham.

A professora Eunice fala de seu empenho, no sentido de ser facilitadora do desenvolvimento do aluno, procurando estimular sua fantasia e criatividade. Buscou, essa professora, lançar mão de recursos disponíveis na época, para contemplar as necessidades de seus alunos.

A predisposição à integração e amadurecimento, inerente à natureza humana, só se efetiva a partir da ação de pessoas adultas que ocupam papéis importantes na vida da criança, ações essas que servem como facilitadoras desse processo.

Como mostra-nos Winnicott, todo ser humano passa da condição de dependência absoluta, para uma condição de dependência relativa, até atingir o estado de independência humana, que nunca será absoluta pelo fato mesmo de estar o ser humano em constante inter-relação com o ambiente, perpetuando-se, assim, o estado de interdependência entre ambos.

Freller (1999) esclarece sobre essa gradual evolução, informando que essa facilitação ambiental ocorre, num primeiro momento, através de funções básicas apresentadas pela mãe ou substituto, tais como segurar, manejar e conhecer objetos. Essas são experiências primordiais para cada ser humano, e devem ser viabilizadas no momento certo e de forma

adequada para que o indivíduo, a partir desse repertório, possa, ao longo de sua vida, atualizar potenciais de ação e expressão. E essa tendência ao amadurecimento em muito depende da facilitação do ambiente e da não interrupção do processo.

Segundo Winnicott, existe um anseio no ser humano por se desenvolver, por participar e dar sua contribuição para o meio social e cultural ao qual pertence. Esse anseio fica evidenciado, nesta pesquisa, no depoimento de Alair, ao se referir a sua experiência no coral da escola. E também se manifesta de forma flagrante, quando relata-nos sobre seus recorrentes sonhos de que está na escola. Um desejo não realizado.

O ser humano, como ressalta Freller (1999) busca, por necessidade, pertencer, expressar conteúdos subjetivos no meio externo, e para tanto faz uso de sua vida imaginativa para que a expressão seja concretizada em objetos e atos significativos. Sob este enfoque, entendemos que a aprendizagem escolar e a internalização de conteúdos da cultura representam experiências almejadas pelo indivíduo, como bem nos dizem Alair, Nila, Lauro e Rui em alguns momentos de seus depoimentos.

Analisando, segundo esse entendimento, vemos que a escola não deveria necessariamente cumprir a função de uniformizadora dos seres humanos para que esses coubessem em formas pré-moldadas, que produziram o homem civilizado.

Uma vez que a criatividade é inerente ao ser humano, e seu movimento no sentido de pertencer e contribuir com o meio social, cultural, são características inatas, a escola deveria ter a função de receptadora de seu potencial criativo, estimuladora de suas inatas tendências à integração e desenvolvimento, servindo como continente facilitador desse natural processo evolutivo.

É bastante evidente, no pensamento de Winnicott, sua rejeição aos modelos que versam sobre a necessidade de se tolher a agressividade da criança no sentido de “castração” freudiano. De fato, ele não concebe a idéia de que possa haver resultados positivos no processo de desenvolvimento da criança, quando ações que tragam em si qualquer tipo de violência são aplicadas na intenção de promover a adequação do indivíduo ao meio social. Winnicott defende, ao longo de sua produção, a idéia de que há, sim, a necessidade de se criar condições de estimulação da criança para que seu desenvolvimento se processe de forma espontânea, em um ambiente suficientemente bom, pois que esse natural desenvolvimento levará a criança espontaneamente à integração no meio social. Devido à condição de dependência vivenciada pela criança, é necessário que ela tenha modelos adultos que contribuam para a estruturação de sua identidade, no sentido de ter referências que a situem como um indivíduo em seu meio.

Sobre o processo que se inicia quando se estabelece a relação mãe e bebê, e quando este dá início à estruturação de seu conceito de identidade, prosseguindo ao longo das outras etapas de seu desenvolvimento, incluindo a fase escolar, fala-nos o autor:

O professor que fornece à criança os instrumentos e as técnicas para o brincar construtivo e o trabalho, e também um objetivo para o esforço através da avaliação pessoal, esta na mesma posição de importância ou necessidade daquele que cuida de um bebê. A pessoa que cuida do bebê e o professor não menos que aquela, estão disponíveis para receber o gesto espontâneo de amor da criança, capaz de neutralizar suas preocupações, remorsos ou culpas, surgidos em consequência das idéias que se desencadeiam no auge da experiência instintiva (WINNICOTT, 1990, p. 94).

O adulto, seja ele membro da família de base, seja professor, faz parte de toda uma extensa gama de significados que serão internalizados pela criança. Por essa razão, a qualidade do vínculo estabelecido entre a criança e o adulto marcará a distinção entre uma referência suficientemente boa e facilitadora do desenvolvimento da criança, ou o seu oposto, inibidora desse desenvolvimento.

Analisando a forma como professores e diretor se posicionaram em suas práticas como educadores, vemos que muitas vezes agiam de forma impositiva. Os conhecimentos, as normas de conduta, os procedimentos dentro da escola, foram impostos verticalmente, com algumas exceções, não se considerando a natureza individual de seus alunos. A cultura era imposta, por vezes de forma violenta. Temos a confirmação disto nos depoimentos das pessoas entrevistadas.

Segundo as concepções de Winnicott, como bem mostra-nos Freller (1999), o professor deveria representar uma figura de referência adulta suficientemente boa, agindo no sentido de facilitar ao aluno a apropriação da cultura escolar, sem que houvesse imposição ou uso de algum tipo de violência, como ocorreu na escola e período pesquisados, segundo depoimentos das pessoas que protagonizaram aquela história.

Winnicott, ao falar sobre a importância do brincar para a criança, informa que esse brinquedo se torna imprescindível, não unicamente no sentido do jogo, pois considera que essa atividade espontânea promove na criança e no adulto o exercício da liberdade que viabiliza a capacidade para a criatividade. Nesta pesquisa, temos o relato de duas professoras sobre sua prática e vemos que elas, Guida e Eunice, fizeram uso desses recursos e, parece-nos, foram bem sucedidas, ainda que parcialmente, no sentido de estimular a criatividade das crianças.

É condição humana o contínuo processo de desenvolvimento emocional, que tem seu início antes do nascimento, através das vivências intra-uterinas, prosseguindo ao longo da vida, até seu término.

Durante todo esse processo, o ambiente intervém no sentido de facilitar ou inibir esse desenvolvimento. A ação do ambiente pode proporcionar que um clima afetivo facilitador e estruturante seja reeditado em outras etapas, quando a criança já o vivenciou em seus primeiros momentos de vida, como também pode intervir no sentido da reparação de falhas estruturais.

Por outro lado, quando o ambiente oferece um clima afetivo inibidor, tal clima pode provocar falhas no desenvolvimento natural e saudável, ainda que a criança tenha sido atendida, em suas primeiras fases, com mãe e ambiente suficientemente bons, ou ainda pode reeditar, nessas etapas posteriores, o mesmo teor negativo dos climas afetivos dos primórdios da infância que inibiram o pleno processo de desenvolvimento emocional.

Com base nessas reflexões, entendo a função dos adultos que compõem o universo escolar, sobretudo o professor, na condição de educadores, mas também na condição de seres humanos adultos, como facilitadores da expressão da criatividade do aluno em sua interação com o mundo externo, de forma que não haja a submissão de um pelo outro. A ação do professor deveria manifestar-se no sentido de ativação e ampliação do espaço potencial da criança, e não no sentido de ajustá-la ao meio externo, em detrimento de sua espontaneidade e criatividade.

Temos, em nossa pesquisa, que uma das professoras entrevistadas, Guida, procurou exercer a função e sua condição de educadora, lançando mão de recursos, inovadores para a época, que em alguma medida contemplavam a espontaneidade e criatividade de seus alunos. Sua sala de aula era conhecida por suas colegas como “*pátio dos milagres*”. Essa professora, apesar de ter nascido e se formado numa época onde o rigor marcava a forma como as crianças deveriam ser educadas, foi capaz de oferecer a seus alunos, em muitas situações, um clima facilitador de seu desenvolvimento, pois que, através de algumas técnicas criadas por ela mesma, ativou e ampliou o espaço potencial de seus alunos. Sua forma de atuação é ainda lembrada na atualidade, após mais de quarenta anos, por alguns de seus alunos que falam sobre dona Guida demonstrando afeto e gratidão. Outra professora, Eunice, também trabalhou no sentido de acolher, oferecer e estimular recursos para o desenvolvimento de seus alunos.

Outros adultos da escola, na época, não agiram de forma semelhante e priorizaram as normas pré-estabelecidas da instituição, exercendo sua condição de adulto e autoridade

instituída com o objetivo de adaptação submissa da criança ao universo escolar de forma a moldá-la às exigências ambientais externas a ela.

Essa forma de ação dos adultos da escola tinha, como objetivo, ajustar a criança ao sistema social previamente instituído e, com isso, como visto em Freller (1999), o que seria um natural processo de transição entre uma etapa, onde a criança vivencia suas relações familiares, e a etapa posterior, onde a criança dá continuidade no processo de expansão de sua condição de membro de uma sociedade mais ampla, deixa de ser apenas uma transição, ou passagem de uma etapa a outra, para se tornar um exercício de poder, onde os conteúdos são transmitidos verticalmente através da imposição de regras e valores, com conseqüente uniformização da criança às leis da escola.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa apresentei, além da história resumida da educação na cidade de Sorocaba e da história da Escola Municipal de 1º e 2º Graus “Doutor Getúlio Vargas”, dados numéricos que confirmam a presença de um movimento no sentido de incluir, a cada ano, um maior número de alunos no universo escolar.

Pesquisa semelhante, mas muitas vezes mais abrangente, já havia sido realizada por Marília Pontes Spósito, cujos resultados estão presentes em sua obra “O Povo Vai à Escola”, quando trata do fenômeno da expansão do ensino público em São Paulo, iniciado em meados da década de quarenta.

Procurei, nesta pesquisa, situar o leitor quanto à realidade da cidade de Sorocaba dentro deste fenômeno claramente explicitado por Spósito. No entanto, esses dados apontam apenas para a existência de uma inclusão no sentido quantitativo.

Limitados, foram esses dados quantitativos, para o propósito desta pesquisa.

Não tive a intenção, aqui, de apresentar e discutir aspectos relacionados ao decréscimo da qualidade do ensino das últimas décadas que, em hipótese, poderia estar vinculado ao acréscimo do número de vagas nas escolas que incluíram em seu universo significativa parcela da população.

Tive a intenção, sim, de apresentar esses dados quantitativos, para oferecer ao leitor o panorama da expansão do número de vagas e inclusão de um maior número de alunos, com o objetivo de dar-lhe parâmetros para visualizar a Escola Municipal “Dr. Getúlio Vargas” dentro desse panorama.

Minha principal intenção, no entanto, foi extrapolar o sentido da inclusão/exclusão em termos numéricos, pois que se a eles me limitasse, eu teria que entender que a realidade se resume, em sua essência, apenas àquilo que os números dizem e meus sentidos percebem. Teria que abrir mão de minha própria concepção de mundo e de homem, de minha noção de divisão de classes, valores morais e de minhas posições políticas frente ao mundo e à sociedade construída sobre um modelo de relações de dominação.

Ficasse limitada, minha pesquisa, à quantificação, eu teria que ter deixado em minha estante minhas recordações e emoções e voltar aos anos 60 apenas com os olhos, meio míopes, para somente coletar dados registrados nos documentos oficiais e de lá retornar com as mãos cheias de resultados, tão secos e duros quanto concretos. Resultados, do meu ponto de vista, estéreis.

Para lá eu voltaria, como de fato o fiz, e apenas contaria assim, com os livros de registros e matrículas sobre a mesa, os óculos pendendo da ponta de um nariz empoeirado, contaria assim: ano 1960 = (x) alunos matriculados na 1ª série primária / (y) alunos concluíram a série / (z) alunos não a concluíram; na seqüência, continuaria: (x) alunos matriculados na 2ª série primária / (y) alunos concluíram a série / (z) alunos não a concluíram... e a isso me limitaria até se esgotar a década, o número de alunos, os olhos e a alma do pesquisador.

Seguisse eu apenas tais métodos e desconsiderasse a dimensão histórica do processo educacional, com suas determinações políticas, econômicas e sociais, com suas implicações nos aspectos emocionais do desenvolvimento dos seus alunos, este projeto teria sido resolvido quase que por si só, apenas com o auxílio dos registros oficiais, meus óculos para a leitura e uma calculadora de bolso; mas me diriam pouco os tais resultados, pois que traria dos anos 60 dados numéricos apenas.

Talvez esses dados fossem até animadores, se pudéssemos constatar que, afinal de contas, não havia, assim, um número tão significativo de evasão ou impedimento de ingresso no universo escolar, supondo que um tal número pudesse ser considerado significativo se estivesse situado entre 10% ou 20%, ou, 78,04% e 92,33%, ou outro número qualquer.

Poderíamos estabelecer um critério, qualquer critério, que determinasse que a evasão, ou exclusão, atingiria um certo grau de relevância a partir dos interesses deste ou daquele estrato da sociedade, e tudo ficaria resolvido. Poderíamos, então, dizer aliviados: “Que coisa! Afinal os excluídos não foram tantos assim.” Ou poderíamos refletir, pesarosos: “Que coisa! Tantos foram os excluídos naquela época da história”. E nada mais.

Considero, no entanto, que dados apenas numéricos são estanques e não me disseram o que eu precisava e pretendia ouvir: a voz do poder atuado, ou exercido, pelos indivíduos que o representavam e a voz daqueles sobre os quais o poder foi exercido. Esta foi a razão pela qual me aprofundei em minha pesquisa, indo para além dos registros oficiais, investigando documentos extra-oficiais e contatando os protagonistas da história que investigo.

Com esse procedimento, foi-me dado perceber que a exclusão, da qual falo, apareceu neste trabalho de forma mais sutil, confundida com as práticas de inclusão.

Ouvi a voz do passado nas palavras verbalizadas por aqueles que participaram da história da escola na década de 60. O passado, as práticas que incluíam as crianças no universo escolar, os sutis movimentos de discriminação por classe social, os explícitos comportamentos que promoviam a condição de exclusão, me foram sendo narrados por seus protagonistas. Chegaram a mim, na voz de Alair, marcada pela humildade e resignação; nas

vozes de Nila, Rui e Lauro, que apresentam tons que em muito se assemelham entre si, marcadas pelo saudosismo e um clima que deixa transparecer sentimentos de gratidão, gratidão aos professores e à própria escola. Esse passado fica presentificado também na voz de Guida, voz doce, ternamente firme; na voz de Eunice, límpida como sua memória; na voz de Maria, permeada de silêncios e risos; e na voz de Otto, firme, segura, revelando sua lucidez e certezas.

Essas vozes, mais do que os números, vão-me contando histórias, revelando impressões, desnudando sentimentos, de forma a tecer um painel que revela a própria história da escola dos anos 60 do século XX.

Winnicott auxiliou-me no sentido de perceber e poder explicitar as formas pelas quais essas pessoas participaram dessa tecitura, nas condições de incluídos e excluídos, promotores da inclusão e da exclusão, na medida em que vivenciaram e proporcionaram climas afetivos que facilitaram o surgimento e permanência do sentimento de pertencer, de estar incluído, mas também na medida em que impediram, ou dificultaram, a formação desses climas ao instalarem e conservarem ambientes inibidores do desenvolvimento, promotores, portanto, do sentimento de exclusão.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Fabiano. **A importância da tradicional escola municipal**. A Cidade – Sorocaba de todos nós – 351 anos, Sorocaba: Jornal Cruzeiro do Sul, nº 1, página inicial 111 – página final 113, 15/08/2005

BOGOMOLETZ, Davy Litman. **Conhecendo Winnicott**. Rio de Janeiro: Saúde Virtual, 05/2004. Disponível em: <<http://www.saude.inf.br/saude320.htm>> . Acesso em: 24 fev. 2006.

DAVIS, Madeleine; WALLBRIDGE, David. **Limite e espaço**: uma introdução à obra de D. W. Winnicott. Rio de Janeiro: Imago, 1982.

FRELLER, Cintia Copit. Pensando com Winnicott sobre alguns aspectos relevantes ao Processo de Ensino e Aprendizagem. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 10, n. 2, 1999.

Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65641999000200012&ing=en&nrm=isso> . Acesso em: 01 jul. 2006.

FREUD, Sigmund. **Além do princípio do prazer**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

_____. **O mal-estar na civilização**. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

FUNDAÇÃO IBGE. **Dados coletados pelo IBGE no CENSO/1960**. Disponível em: <ibgesorocaba@yahoo.com.br> . Acesso em: 03 jul. 2003.

LUCA, Vítor Ciossi de. História da Escola Municipal “Dr. Getúlio Vargas”. **Diário de Sorocaba**: Sorocaba, 28 ago.1977, p. 5.

SOROCABA: História.

Disponível em:

<<http://www.sorocaba.sp.gov/secoes/sorocaba/historia/index.php>> .

Acesso em: 12 jun. 2006.

SOROCABA: Informações.

Disponível em:

<<http://www.sorocaba.sp.gov.br/secoes/sorocaba/dadosgerais/index.php>> .

Acesso em 03 jul. 2006.

SOUZA, Ulysses Alves de. Maior turma do “Normal” celebra 50 anos. **Cruzeiro do Sul**, Sorocaba, 21 ago. 1994, p. 6.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura e sociedade**. São Paulo: Nacional, 1969.

WINNICOTT, Donald Woods. **Natureza humana.** Rio de Janeiro: Imago, 1990.

ZIMERMAN, David E. **Fundamentos Psicanalíticos:** teoria, técnica e clínica. São Paulo: Artmed, 1999.

APÊNDICE A

Transcrições das entrevistas realizadas:

(1) A ordem de apresentação das transcrições, neste anexo, está de acordo com a ordem com que foram realizadas as entrevistas.

Entrevista Dr. Otto Wey Neto

Pesquisa histórica em Educação, entrevista realizada em novembro de 2005, para dissertação de mestrado em Educação, com o Sr Otto Wey Neto.

Iniciando.

P- Sr. Otto Wey, né?

R- Otto Wey Neto.

P- Otto Wey Neto. Pois, não, qual que é a história?

R- É, é o seguinte, se você quiser escrever a história do Getulio Vargas, você tem que começar antes, contado a história do Ginásio Municipal. Em 1927 Sorocaba não tinha ainda nenhuma escola secundária, eram só os grupos escolares primários, e aí um grupo de professores, professores, advogados, ligados ao Partido Republicano Paulista o PRP, resolveu criar um, um Ginásio em Sorocaba, fazer um Ginásio, e o grande propulsor dessa, dessa idéia, foi o advogado chamado Dr. João Machado de Araújo que era desse partido, e ele, o sonho dele era dar um Ginásio para Sorocaba, então, esse Ginásio é, bem, a bem da verdade, que se diga, se quiser interromper um pouquinho? (Pequena pausa para o Sr. Otto folhear um livreto que trazia nas mãos). Esse Ginásio, ele riu, graças à boa vontade de alguns amigos, todos do mesmo partido, com intuito de dotar Sorocaba de um Ginásio, de um Ginásio Sorocabano, e contou com apoio, nessa ocasião, da loja Maçônica Perseverança Terceira, que cedeu as instalações sem ônus nenhum, e ele e uns outros advogados e médicos, e professores resolveram então tocar o Ginásio.

P- Como que era o nome?

R- Isso foi em 1927.

P- Certo. E o nome dele qual era?

R- João Machado de Araújo, Dr. João Machado de Araújo, família Machado de Araújo é uma família tradicional de Sorocaba, e esse, em 1928 esse Ginásio começou a funcionar, com o título de Ginásio Sorocabano, funcionando onde é hoje, é, hoje tá aquele prédio da loja maçônica Perseverança Terceira, não sei se você conhece Sorocaba, ali na rua Barão do Rio Branco, aquele edifício ali funcionava, ali era a loja maçônica, era um prédio de um andar só e no andar de cima funcionava esse Ginásio, em 1920, isso começou em 1928, em 1929, é, houve eleição e o Dr. João Machado de Araújo dói candidato a prefeito e foi eleito, então a principal plataforma dele era o Ginásio, que naquela ocasião era um Ginásio particular e ele depois encampou esse Ginásio e transformou o Ginásio em Ginásio Municipal, porque ele era o prefeito, só que ele era o diretor daquele particular ele, não podia continuar como diretor por ser prefeito, então ele deixou o cargo de diretor e quem foi o primeiro diretor foi o Professor Antônio Funis, esse foi o primeiro diretor desse Ginásio Municipal, foi em vinte e nove, então o Ginásio Municipal foi, é, o Sorocabano foi de vinte e oito á vinte e nove, na verdade as demarches de fundação foram em vinte e sete, mas começou funcionar realmente em vinte e oito á vinte e nove ele funcionou, em vinte e nove ele passou a ser o Ginásio Municipal, porque aí o prefeito já estava lá, que era o diretor do Ginásio e deu uma mão forte pra isso. Esse Ginásio Municipal funcionou de vinte e nove até trinta e seis, Ginásio Municipal. Nessa altura ele já tinha saído da, do prédio da Perseverança Terceira, que não cobrava nada, era um ato simples de colaboração, e passou a funcionar num prédio onde hoje é estrada de ferro Sorocabana Futebol Clube, na rua Dr. Álvaro Soares, naquele prédio funcionou o Ginásio, o Ginásio Municipal, então aí já os professores eram pagos pela Prefeitura, não tinham a cota do sacrifício de trabalhar, alguns trabalhavam de graça, outros ganhavam uma, uma porcária, ganhavam aí uma, uma miséria e o Ginásio Municipal se transformou então a Escola de Sorocaba. Só que aquele prédio é, começou a ficar pequeno pro Ginásio que começou a crescer, então eles iniciaram uma campanha de construção de um prédio próprio pro Ginásio

Municipal. Nesta altura eles tinham conseguido já a, a estadualização desse Ginásio, eles já, de Municipal eles conseguiram passar para Estadual e iniciaram uma campanha e conseguiram um, empresário sorocabano chamado Alberto Trujillo a doação de uma gleba de 13.000 na avenida Dr. Eugenio Salerno pra construção de um prédio: metade seria uma escola Municipal e outra metade uma escola Estadual e ainda uma outra, um outro pedaço que seria construído o Ginásio, o Ginásio não o Seminário São Carlos Borromeu, que funciona ali hoje, chamado prédio do Seminário. Tudo isso fazia parte daquele mesmo conjunto doado pelo Alberto Trujillo que foi um Benemérito Sorocabano, ele doar aquela, aquela avenida né, bem, a campanha pró construção do Ginásio do estado né, que já era, já estava se transformando em Ginásio do Estado. Foi um sucesso, eles fizeram a campanha do tijolo, a campanha da construção e acabaram construindo um prédio na Dr. Eugênio Salerno, na parte de cima porque a parte de baixo que não tinha muro, não tinha nada era reservada para uma escola Municipal, não se sabia ainda que escola seria. Naquela ocasião o curso ginásial era um curso ginásial de cinco anos e ali o que eles chamavam depois desses cinco anos o Propedêutico, que era uma espécie de formação de professor primário, que depois se transformou em uma escola normal. Esse curso Propedêutico, funcionava, começou a funcionar ali mesmo, no mesmo prédio onde hoje o, Júlio Prestes de Albuquerque.

Mas a Prefeitura, o prefeito de então, que é o capitão Augusto César do Nascimento Filho já tinha iniciado a construção de um prédio para a Escola Municipal. Esse prédio foi inaugurado praticamente em 1941, eu não tenho certeza da data, mas foi em quarenta de um, porque eu comecei, eu me formei lá nessa escola, eu me formei em quarenta e quatro, já nesse prédio novo, e comecei lecionar no0 prédio novo já em quarenta e cinco, ele deve ter terminado a construção em quarenta e um.

Então os alunos do Ginásio do Estado iam fazer o Propedeutico naquele prédio que ficava ao lado, que não se chamava Getúlio Vargas. Depois eu conto a história do Getúlio Vargas pra você. (pequena pausa: fomos interrompidos pela esposa do Sr. Otto).

As escolas começaram a funcionar, apesar de serem escolas é, vamos dizer, com o mesmo objetivo educacional, começaram, não tinha muro separando o Estadão né, o Estadão do Getúlio Vargas que não era Getúlio Vargas e o Propedeutico do Estadão, que é a 5ª série, ou 6ª, 7ª série eram os alunos iam ter aula lá no Getúlio Vargas, onde é hoje o Getúlio Vargas. Isso foi, o Ginásio Estadual foi de trinta e seis até quarenta e quatro, até 1944. Bem, com a criação, criou-se depois, a, esse Gi, o, a Legislação Estadual depois modificou e criou seu curso normal, ou seja, o curso de formação de professores primários. Esse curso foi criado mais ou menos no fim a década de trinta, mas aqui em Sorocaba não existia, não existia um curso desse, e o que aconteceu? A escola normal livre de Sorocaba, a escola, esse curso foi criado com o nome de Escola Normal Livre de Sorocaba. Por quê livre? Porque existiam as Estaduais existiam as particulares ou Municipais que não eram do Estado, então eram escolas normais livres, essas escolas normais foi criada, então a escola normal livre. Você sabe como funcionava uma escola normal livre?

P- Não tenho idéia.

R- É o seguinte: A escola, é, tinha um controle de qualidade mantido pelo Estado, então a escola, o curso normal por ser formado de professores primários tinham quatro sessões. Tinha uma sessão de pedagogia que era a sessão, a primeira sessão que era composto de pedagogia e psicologia, história da educação e prática de ensino. Depois tinha uma sessão de sociologia, onde só se aprendia sociologia, depois tinha uma terceira sessão de biologia, que era biologia e anatomia e, finalmente tinha uma sessão de artes, que seria a quarta sessão, onde entrava música, trabalhos manuais na sessão de artes, mas o professor de psicologia era mantido pelo estado. Era uma espécie de fiscal permanente do estado, e o professor designado para essa nossa primeira Escola Normal Livre, cujo diretor era o Dr. Bento Mascarenhas, esse primeiro, esse primeiro professor de psicologia foi uma sumidade no magistério chamado Professor

Renato Sêneca de Sá Fleury, Renato Fleury. Ele era o fiscal do estado. Era, vamos dizer, o homem que controlava a qualidade de ensino dentro da escola. Os demais professores eram todos mantidos pela Escola Normal Livre, que no caso de Sorocaba, era uma Escola Normal Municipal.

Mas aquele professor, eram chamados, professor do Estado, eram fiscal, aí vieram outras escolas. A Escola Normal, por exemplo o Estado, o Estadão, depois passou a ser Escola Normal. Outra escola normal criada em Sorocaba foi o Ciências e Letras. Outra foi o Santa Escolástica. Todas com professor de psicologia, menos o Estadão. Esses eram todos do estado, mas o Ciências e Letras, o Santa Escolástica né, eram todos esses professores de psicologia, eram professores mantidos pelo estado, e o Getúlio Vargas não fugiu da idéia, não fugiu da regra, o Getúlio Vargas recebeu esse nome, é, não sei, se você for na prefeitura você vai encontrar lá um decreto, qualquer coisa assim. Logo após o término da segunda grande guerra, a guerra terminou em quarenta e cinco, houve aquela euforia pela vitória dos aliados e o prefeito de então Dr. José Fernão resolveu homenagear alguns dos grandes líderes dos aliados, então na escola, aquela escola normal, ele resolveu usar o nome de Getúlio Vargas. Criou-se uma outra escola de, de, um grupo escolar noturno que chamou o Presidente Roosevelt, funcionava onde é o Visconde de Porto Seguro aqui, Presidente Roosevelt, parece que funcionou na rua Carlos Gomes, rua Carlos Gomes, rua Carlos Gomes, aquele pico da catedral ali, uma escola chamada Escola Winston Churchill, que também era um supletivo de adulto, não existia ainda o, o mobral não existiam essas, esses movimentos de alfabetização de adultos. O único que não foi homenageado naquela ocasião foi o Stálin, que talvez por ser, vamos dizer, aliado, mas de uma corrente, vamos dizer, ideológica, diferente, que era de comunismo, né, então não houve escola aqui em Sorocaba com o nome de Stálin, mas o, e nem da, do De Gaulle, que também foi um dos líderes da revolução como elemento da França, né. O Getúlio Vargas começou a funcionar desse jeito, teve como professor do Estado o professor Renato Fleury. Eu fui professor, eu comecei a trabalhar como professor de Prática de Ensino, de Didática né, isso a partir de 1945, depois eu fiz concurso para vice-diretor, pra diretor e terminei como diretor lá, mas professores assim como do Estado, depois do professor Renato Fleury veio a professora Josefina Zilian de Carvalho, uma professora que depois deixou o magistério porque foi exercer um alto cargo na Casa da Moeda do Rio de Janeiro, que seria hoje o Banco Central. Ela foi pra lá, aí entrou uma outra professora chamada Thaís Aidée de Filipe, que foi uma professora que também ficou com a incumbência de lecionar psicologia, agora ela dava, normalmente, psicologia e pedagogia na mesma cadeira, depois entrou a professora Aluizia Antaro, que foi quem, a última que eu me lembro, que esteve exercendo essa função. Aí eu estava a favor com essa, com essa mordomia, vamos dizer de ter um professor só em cada Escola Normal. Você já imaginou isso no estado todo? Teria muitos professores mantidos pelo estado dentro de uma escola que não era do estado, eram escolas particulares, Escola Normal Livre ou Municipal, mas Escola Normal Municipal que não era Getúlio Vargas, teve a sua vida transcorrida normalmente, mas ela nasceu desse, dessa simbiose, de Ginásio Estadual, até ter aí uma Escola Normal, depois o Estado teve lá no próprio Estadão. Fizeram um muro separando, hoje tem uma divisão, lá. Eu, quando fui diretor fiz um teatro reaproveitando aquele muro, ta lá o teatro Pedro Salomão José. Fiz uma cantina, fiz quadra, enfim, fiz uma porção de melhoramentos naturais e construí uma ala na rua Rio de Janeiro, com verba federal, porque criou-se naquela ocasião o chamado Ginásio Politécnico. Era um Ginásio onde preparar o aluno, era uma experiência do Ministério da Educação, que eu não sei, nem lembro agora o nome, quem é, que queria já dar uma formação profissionalizante ao aluno da, do antigo ginásio. Seria vamos dizer, o aluno da primeira a oitava série né, hoje é primeira à oitava, antigamente era primeira, era da quarta à oitava, da primeira série era o grupo escolar, depois vinha o ginásio, tinha primeira até quarta série, aí passou, em 1941, 41, 42, formou-se a última turma de professores saídos do ginásio, da quarta

e da quinta série. Aí, naquele ano seguinte, em quarenta e, em 43 houve uma enxurrada nas escolas normais. Todos que saíram praticamente da quarta e da quinta série que queria fazer curso normal foram para as Escolas Normais, aí já não existia a Estadual, então a Escola Normal, que, vamos falar Getúlio Vargas, ela recebeu esse, essa plethora de alunos que veio da quarta e da quinta série. Depois, criou-se o pré-normal. O pré-normal foi uma série antecipando a Escola Normal. Esse pré-normal foi o terceiro, seria o primeiro ano, mas foi o terceiro, a terceira, a, Os três anos sequenciais de uma Escola Normal, então fazia, o aluno que entrava no normal fazia o pré, depois o primeiro, depois fazia o segundo ano, então houve nesse ínterim um hiato de alunos, então se formou essa grande turma de cento e tantos alunos, oriundos das quartas e quintas séries. Não tinha no ano seguinte aluno, eram só transferidos das antigas, então se me lembro bem, que se formaram 118, 120 alunos, no ano seguinte eram 17, 12 alunos, porque houve um hiato exatamente separando essas fases de escola. Aí depois o pré normal acabou, criou-se três anos de Escola Normal, depois criaram quatro e havia uma espécie de complementação do magistério. Hoje existem escolas que fazem magistério mas que são de gestão, gestão educacional, que vão fazer só essa fase final dando ao aluno que sai da Escola Normal um complemento pedagógico pra que ele possa depois ser diretor de escolas e professores. Hoje nem isso existe mais, hoje praticamente tem que ser pedagogo, formado em pedagogia porque o curso de pedagogia acabou se diluindo, se multiplicando, então ficou um curso relativamente fácil do aluno alcançar. Então hoje você entra num, num grupo, numa escola de primeiro grau, tem de quinze a dezesseis professores, todos tem pedagogia, todos são formados em pedagogia e esse, essa formação, vamos dizer, acadêmica de pedagogia, dá a esse aluno uma, um direito dele amanhã ser diretor, ser professor, ser vice-diretor, sendo que o diretor, geralmente ele é oriundo de uma das disciplinas da escola, pode ser um professor que não tenha pedagogia mas tenha biologia, ele pode ser diretor, aliás a cadeira de educação física, também sou formado em educação física, forneceu muitos diretores, excelentes diretores de escola que não tinham pedagogia, tinham educação física e lecionavam na escola. A cadeira de educação física, então eu conheço grandes professores que, que são meus amigos hoje, até, até hoje né, e que foram excelentes diretores.

P- O senhor começou como diretor no Getúlio Vargas?

R- Não. Eu comecei como professor de Didática, professor de Prática de Ensino.

P- Em que ano?

R- Em quarenta e cinco.

P- E como diretor?

R- Diretor foram dois, foram uns três anos depois, eu fiz concurso, aliás não havia um concurso, é preciso que se explique: não havia um concurso pra diretor, havia um concurso pra você obter o registro de diretor, o registro de vice diretor, então esse concurso para obtenção do registro é que dava direito a ocupar o cargo, quem não tinha esse, esse, esse registro não podia ocupar o cargo. Eu fui fazer o concurso, concurso era em São Paulo. Quem dava o registro era o Departamento de Educação, né, e esse, eu fui, então fui diretor, fui vice-diretor, poucos anos, e depois com a vagância do cargo de diretor eu fui para, eu fui para diretor de escola.

P- Em que ano foi?

R- Não recordo agora, não sei se você tem aí.

P- Aqui tem só algumas perguntas que eu vou colocar depois.

R- Sei. Eu tenho isso no meu currículo. No meu currículo eu tenho todas, todas, se você quiser eu te dou uma cópia depois, disso tudo.

P- Quero, gostaria sim.

R- Aí eu te dou uma cópia, pra você falar em Escola Getúlio Vargas, você tem que falar em todo esse passado, em toda essa, essa circunstância que levou a educação de Sorocaba ao ponto que está hoje, né?

P- Em que ano que o senhor começou a sua primeira série senhor Otto, que o senhor entrou na escola?

R- Quando eu comecei no ginásio?

P- No primário, em que ano?

R- Eu me formei no ginásio em quarenta e dois.

P- Em que ano que o senhor entrou?

R- Eu devo ter entrado, quatro, cinco anos antes, trinta e qualquer coisa.

P- Trinta e sete, certo? O senhor foi diretor lá do Getúlio Vargas, de que ano a que ano?

R- Eu vou te dar, lá no meu currículo eu tenho esses dados todos e tenho os títulos de nomeação, tenho tudo certinho, eu não sabia que você ia precisar disso, se não eu tinha separado.

P- Eu vou fazer algumas perguntas agora, e o senhor vai respondendo né, muito a vontade, não são perguntas dirigidas diretamente, só pra dar abertura, pra ser falado sobre o tema. Segundo a sua forma de pensar senhor Otto, qual seria a finalidade da escola nos anos sessenta?

R- Nos anos setenta?

P- Sessenta.

R- Sessenta. A finalidade da escola pra mim é a mesmo desde os tempos antigos (sorri) até os tempos atuais, que é educar, é dar formação, é formar personalidade, dar ao aluno aquele preparo pra vida civil, pra vida que ele vai enfrentar no dia-a-dia entende? A escola tem que preparar isso, agora no longo que evolui tecnologicamente, então é preciso que a escola se ajuste, se adapte, ela precisa ir se adaptando, então por exemplo hoje eu vejo como muito, muito peculiar, muito salutar, essas escolas mantidas pela indústria e pelo comércio, que é o SENAI e que é o SENAC, são cursos hoje profissionalizantes mais dirigidos, é o empregador que paga aquela escola exatamente para obter uma mão de obra que amanhã vai surgir pra ele, principalmente no mercado saturado como é o nosso, no mercado de trabalho hoje é saturadíssimo, hoje na maioria das carreiras você se forma e não encontra colocação imediata, você fica vamos dizer, aí garimpando os empregos sem poder trabalhar suficientemente, mas eu acho que a escola de 1960, como a de 50 e de 70, são escolas que tem que se evoluir, nós estamos numa era de informática totalmente diferente, hoje a criança entra na escola e faz perguntas ao professor que se ele não for bem informado ele cai do cavalo, porque ele tem na casa dele uma televisão, tem uma internet, e tem meios de comunicação que estão além da escola, que vão além da classe escolar, daquele quadro negro, daquela lousa. Mcloan já falava isso, a sessenta, a, em mil, há trinta, quarenta anos atrás, que é o pai da comunicação, que se as escolas não se adaptarem vai acabar a sala de aula, vai ficar o aluno dentro de casa fazendo lição e fazendo pesquisa, então a escola tem que se ajustar.

P- Por que o senhor escolheu senhor Otto, essa carreira, a carreira do magistério, quais foram as razões que te levaram a fazer a escolha?

R- Olha, houve um caso muito sintomático que me levou a, a seguir essa carreira, que me formei na Escola Normal em 1944, Escola Normal, não no ginásio, no ginásio foi antes, em 44 eu me formei, naquele ano o professor Renato Fleury, que foi meu professor de pedagogia e psicologia, ele se aposentou, e a, a assistente dele a Josefina Zilian de Carvalho pleiteou o cargo dele, ela era professora de Didática, de Prática de Ensino, conseguiu, passou a ser a professora do Estado, aquela professora mantida pelo Estado dentro da Escola Normal, e o lugar dela vagou-se, naquela ocasião o diretor da escola, o Dr. Bento Mascarenhas, que foi o primeiro diretor do Getúlio Vargas, e quando eu me formei ainda era ele, né, o Dr., vai conversar com o Prefeito Fernão para ver se ele, quem é que ele ia por no lugar da Josefina Zilian, que a Josefina Zilian estava com a cadeira de Psicologia, ou a sugestão seguida foi dada pro primeiro aluno da cadeira de Prática de Ensino, da cadeira de Didática, e fui eu, era eu, por coincidência era eu. Você sabe que um recém-formado não tem emprego, ele ta, então

eu recebo um convite para lecionar na escola que eu me formei, uma cadeira que eu gostava, me formei em primeiro lugar nessa cadeira, então acabei aceitando, e comecei a lecionar, me preparar. Por final veio um caso muito interessante, é um caso meio pitoresco, eu adorava o Professor Renato Fleury, achava um mestre, de uma visão educacional muito grande, autor de várias obras, de livros didáticos, se você for continuar pesquisando você vai ver a somatória de livros que tem na biblioteca do Professor Renato Fleury.

Eu, antes de aceitar o meu convite, eu fui falar com ele, na mesma hora ele me incentivou, aí eu disse a ele que ia precisar de, de, da colaboração dele me dando instruções, me dando informações a respeito da formação do professor futuro, então, ele dizia que não tinha tempo, que ele estava muito ocupado, ainda que ele estava escrevendo muito, mas mesmo assim ele se prontificou a me ajudar, então o Clube Recreativo, que fica ali na praça tinha um cafezinho, todo, toda noite o pessoal ia tomar um cafezinho lá no Recreativo e ele ia, então eu passei a frequentar o cafezinho do Professor Renato, ele se entusiasmou tanto que ele só lecionava de dia, ele colecionava casos, fatos, experiências e foi me transmitindo, eu adquiri com essa conversa ao pé do fogo, eu adquiri uma experiência muito grande com o Professor Renato Fleury. Ele tinha um irmão que também foi pedagogo Luis Gonzaga da Silveira Fleury, por sinal eu sou mesmo da Academia Sorocabana de Letras e ele é meu patrono na academia, é irmão do Professor Renato.

Mas é, acabei engatando no magistério desse jeito, aí dentro da Escola Normal acabei ficando vice-diretor, diretor, e já passei durante muitos anos para ser Secretário da Educação, fui Secretário da Educação do, do Prefeito Armando Panunzio, não do Antonio Carlos Panunzio, do pai dele, durante nove anos, durante oito anos, os dois mandatos dele, no emperenho desses dois mandatos teve um Prefeito que é o José Crespo Gonzáles, foi o Prefeito de Sorocaba, eu como sou Advogado, então ele, ele me convidou para ser Secretário Jurídico, mas eu não me dei bem com a função de secretário, da educação eu estava gostando, então eu fui quatro anos Secretário da Educação depois, tudo está no meu currículo, você vai, vai ver, e depois eu fui Secretário de Educação novamente no segundo mandato, mas antes eu tinha sido Secretário da Educação do Governo Zetidoro Mascaranhas, foi antes do Panunzio, fui dois anos secretário dele.

P- E a Escola Normal Getúlio Vargas, num dado momento da história, ela assume pra si também uma outra função, um outro segmento que é o Grupo Escolar né, que é o anexo a Escola?

R- Certo. Toda Escola Normal, mesmo as livres eles deviam ter uma escola de aplicação que chamava.

P- Certo!

R- O diretor da escola de aplicação era o assistente da cadeira de educação daquela primeira sessão que eu falei então nessa. (fim da primeira parte da fita de gravação).

P- Eu gostaria que o senhor me falasse um pouco mais a respeito do Grupo Escolar, dentro da Escola Normal.

R- Bom, a, a o grupo, dentro da Escola Normal não funcionava como um grupo escolar, se bem que tinha todas as características de um grupo escolar. Era u8ma grupo escolar dentro da escola, mas era, ele era chamado de escola de aplicação, ou então curso de aplicação, era umas, umas, tanto que a do Getúlio Vargas eu fiz uma escola de aplicação lá quando eu fui diretor, muito boa, não existia a quinta série, ainda, do primário, mas eu já fiz a quinta série lá, não existia a pré-escola mas eu fiz a pré-escola, então o aluno entrava lá no Getúlio Vargas na pré-escola e saía no colegial. Fiz segundo grau também no Getúlio Vargas, então era uma briga (ênfase) para entrar no Getúlio Vargas porque todo mundo, era uma escola de alto nível.

P- E quem era a clientela que mais, mais acessava, mais conseguia entrar?

R- Olha, nós fizemos dois, duas fazes. Houve uma época em que o Departamento de Educação do Estado, ele dividiu a cidade em bolsões, então cada escola só poderia receber

alunos residentes, aqueles bolsões, isso limitou um pouco a qualidade do aluno, agora de um modo geral a briga pela, pelas vagas do Getúlio Vargas eram elitizadas, eram, era elite quem procurava o Getúlio Vargas, primeiro lugar, era uma escola que tinha uma mensalidade simbólica, pais que pagavam naquela ocasião o que seria hoje, vamos dizer, dois reais e pouco, três reais, uma coisa assim né, em segundo lugar era uma escola boa, era uma escola de alto prestígio na cidade né, hoje existem outras muito boas também né, mas ela, esse nosso primário acabou sendo um curso primário de alto nível, de excelente formação, eu exigia dos professores e, e eles se acabaram transformando não só numa escola, vamos dizer, de treinamento de professores, futuros professores, mas também de alta qualificação.

P- Certo. Eu procurando eu pesquisei nos livros de registros da escola, eu pude observar que, fui olhando em todos os livros lá, pude observar que a mesma professora que deu aula pra primeira série, primeiro ano em 1960, foi a professora que deu em 61, que deu em 62, assim por diante, a professora que dava pra segunda série em 1960, dava em 61, 62, como que era feito isso?

R- Havia uma especialização, entende, um treinamento de professor, então geralmente a professora, eu tinha por exemplo a Dona Iaiá era uma, é, aliás era Dona Iaiá mas ela não Iaiá, Desolina de Souza.

A Dona Iaiá, ela se especializou em alfabetização, ela tinha seus métodos próprios, tinha seu jeito próprio de lidar com a criançada de sete anos, então não, ela queria isso, e a escola era melhor que ela ficasse lá. Tem uma outra ficou ousando a consolidação da alfabetização que era o segundo ano, então entrou uma outra que ficou no segundo ano, outra, até que finalmente uma professora de quinta série que dava aulas excelentes, como se fosse ginásio né, então saíam, a maioria desse segundo grau, daquela ocasião, tinham, tinham vestibulinho, prá entrar né, mas era isso, então por isso que o mesmo professor as vezes você, você encontrou lá, que eles ficavam na, na mesma classe, uma ano, no outro anos na mesma classe, no9 outro ano na mesma classe né, o aluno que, que mudava.

P- E como que era a ação do diretor à respeito do bom trabalho, da qualidade do trabalho do professor, como era feito isso?

R- Em que nível?

P- Lá no primário.

R- No primário?

P- Ficava por conta da diretoria, da Diretora Dona Ana Maria, ou o senhor tinha, tinha.

R- Não, não, a Ana Maria, Ana Maria tomava conta muito bem, ela, ela fazia treinamento, ela fazia reuniões, ela fiscalizava, apesar de eu ir de vez quem quando assistir, sentar na última cadeira e assistir uma aula lá da professora, sem avisar, entrava, sentava lá “pode professor, pode continuar”, né, e isso, mas a Ana Maria foi uma exce, eficientíssima, ela ta com Alzheimer né?

P- Sim é, é bastante eficaz.

R- Então ela, ela foi uma professora maravilhosa, uma diretora, grande colaboradora, mesmo quando eu fui para diretor ela continuou depois como professora e foi excelente.

P- E como que era, Senhor Otto a, a disciplina dos alunos de primeiro grau, como que era lidado?

R- Ginásio. Vamos dizer do Ginásio, vamos falar em primeiro grau do Ginásio, da 1ª à 8ª, da 5ª à 8ª?

P- Não. Do, da 1ª à 4ª série.

R- A não, da 1ª à 4ª eu nunca tive trabalho, ao contrário eram bonzinhos, é outra coisa, que introduzi uma, uma, um dispositivo no regimento da escola: repetiu o ano cai fora.

P- Certo.

R- Lá não podia repetir. Se eles repetissem eles iam, e eu aviso, o mau aluno acabava sendo indisciplinado, então ia ser, a disciplina não tinha problema, a média de promoção era sete.

P- E o aluno que fica, que reprovava saía?

R- Ah! Não tinha, se reprovou vá procurar outra escola.

P- Certo, e era o que nós chamamos de jubilado?

R- É, não é bem jubilado, é também va, vamos dizer que seja o aluno jubilado, é aquele que não teve a matrícula aprovada né, mas se bem que o jubilado é aquele que se aposentou né, o jubilo é festa da aposentadoria mas, só no, no, hoje chamam de jubilado, vai.

P- Certo, então na, na, de 1ª à 4ª série não tinha problema?

R- Nunca tive problema com disciplina e mesmo na, da 5ª à 8ª eu também não chequei a ter grandes problemas. Problemas que nós tivemos lá, foram problemas mais de ordem é proselitismo político, professores, no governo do Dr. Zatidoro Mascaranhas, ele atrasou muito o salário né, atrasou demais e ele tinha, ele tinha professores que precisavam daquilo, aquele ganha pão deles, atrasa três meses do pagamento né, isso é uma, uma situação que não, teve uma professora que foi esperar o Prefeito na entrada da Prefeitura e ela tava precisando de dinheiro, tinha onze filhos, se eu não me engano, e ela, dizem, soltou o vocabulário em cima do Prefeito, o Prefeito subiu e assinou a suspensão dela e mandou pra mim, pra, pra escola, o que que eu tenho que fazer, eu sou subordinado ao Prefeito, a Escola Municipal, e ta lá, a professora está suspensa. Chamei a dona fulana: a senhora está suspensa. O Prefeito suspendeu o pessoal que foi lá na Prefeitura e, e praticou atos lá que não, não foi muito, e os alunos fizeram greve.

Liderados pela Iara, (risos) já, no, naquela ocasião, a Iara foi aluna do Getúlio, então os alunos respeitam.

P- Quem que é Iara?

R- Iara Bernardes, Deputada Federal do PT.

P- A Deputada Federal, ela foi aluna lá?

R- Mas eu nunca tive problemas, assim, de modo geral eu nunca tive problema.

(Pausa para eu me orientar nas perguntas)

P- Qual era, qual eram Dr.Otto, as expectativas da sua família em relação a sua formação, como que foi o pai, a mãe, como que foi o investimento desse pai, dessa mãe em relação a sua formação?

R- É uma boa pergunta. Meu pai era funcionário municipal, ele não era, seria hoje vamos dizer, ele era chefe da repartição de água e esgoto, o que seria o SAAE hoje aqui de Sorocaba. Eu, eu não, não tinha recurso para estudar fora de Sorocaba. Sorocaba não tinha curso superior nenhum, nenhum, nem, a primeira Filosofia que funcionou, funcionou n Getúlio Vargas, no período da manhã funcionava Filosofia, mesmo assim era antes de ir lá para aquele prédio na General Osório, que hoje ta, no, é da UNISO, né, campus da UNISO, mas então eu fui fazer aquilo que eu, que os recursos financeiros da família permitiam, do contrário poderia até dispensar de outra coisa, fui ser Advogado depois de muito tempo, me formei em Direito em 1970, 74, se eu não me engano, não, acho que foi, não, eu sou da turma de 60, coleí grau em 61, eu me formei em Bauru, para vir pra Sorocaba perdia dois anos, que aqui não tinha faculdade ainda, depois eu fui fazer Educação Física.

P- Certo.

R- Quer dizer que a formação universitária minha foi mais, quase que por minha conta, não foi propriamente da, da, do meu pai, da minha mãe, foi mais a minha família, o sacrifício da minha família.

P-Certo, mas pai, mãe, lá quando o senhor era menino ainda, eles estimulavam o senhor?

R- Ah! Sim. Meu pai sempre me estimulou, dentro das possibilidades ele me estimulou, então meu pai sempre teve um gênio muito aberto, muito alegre.

(Pausa para orientação do pesquisador, quanto às perguntas a serem feitas)

P- Mais uma pergunta senhor, senhor Otto. Como era a sua atuação diante da, da atuação em relação a atuação profissional dos professores, lá na escola, como é que era?

R- Olha, eu sempre tive um espírito de liderança muito acentuado, apesar de eu ter um corpo docente lá no Getúlio Vargas bem mais velho que eu, professores que podiam ser meu, meu pai né, e dei pela idade, eu sempre os respeitei muito, eu tive professores pó exemplo que foram verdadeiros monumentos em termos de cultura, o Senhor Fernando Rios por exemplo foi, eu fui diretor dele, e, e, era até uma vergonha eu ser diretor daquele professor, que aquele professor era uma cultura brilhante, falava várias línguas, falava francês, falava inglês, falava espanhol, e era um homem culto, mas ele era meu professor de francês na escola, então eu, eu o tratava com todo respeito, como tratava todos né, que isso me deu um certo carinho, tanto que os meus professores, que estão vivos ainda né, que muitos já foram embora, todos eles gostam de mim, eu não tenho nenhum professor que, que seja, que tenha alguma animosidade comigo, né, todos eles eu tratava muito bem.

P- E os funcionários da escola, o pessoal que trabalhava...

R- Esses eu tive problemas...

P- ...na secretaria?

R- Esse eu tive problema, esse eu tive, lá na secretaria nem tanto, mas na escola eu tive problema, foi as intromissões políticas a, os Prefeitos mandavam lá um, uns funcionários que nem sempre, correspondiam né, então eu tive problemas com porteiro, tive problemas com inspetor de alunos que sempre eram tapa-buraco, cabide de emprego né, eu nunca botei nenhum parente lá né, nada, mas mesmo assim eu tive problemas com funcionários, não da secretaria, secretária, a minha secretária durante muitos anos, você deve, você foi pesquisar lá na escola, foi a Jacinta Palombo, foi a secretária do Getúlio Vargas.

P- Será que eu localizo, será que eu ainda localizo?

R- Não, ela é falecida.

P- É falecida, certo.

R- E a assistente dela, a secretária dela é a dona Branca Nascimento, também já falecida, essa gente já morreu, só eu to aqui de, de semente. (risos)

P- Existe, vivo ainda algum funcionário, alguma pessoa que trabalha, que não era professor, que trabalhava lá na época, que eu poderia entrevistar senhor Otto?

R - Não lembro viu, eu acho que o corpo docente, um faleceu a pouco tempo Matregane, professor que trabalhou igual a nós, a Neuda deve estar viva né, a Neu, a Neuda que é, era aquela professora de Psicologia mantida pelo Estado, ela foi uma delas, a Luiza Amparo morreu né? (dirige a pergunta a sua esposa que se encontra na sala, que responde afirmativamente).

R - Morreu, é não tem quase ninguém vivo.

(pausa para orientação do pesquisador quanto as perguntas seguintes).

P - Como o Sr entendia, Sr Otto, a postura profissional do professor, como deveria ser esse professor segundo a sua concepção, sobretudo, da criança pequena ainda do, de 1ª a 4ª série?

R - Olhe de 1ª a 4ª série eu posso dizer que nunca tive problemas, o professor da 1ª, da 2ª, da 3ª, da 4ª e da 5ª série, que tinha a 5ª série, mesmo do pré, do prézinho, sempre foram muito ligados, sempre foram professores que revelaram um ape, uma amor pelas crianças e uma, um pendor pelo ensino, agora eu não posso dizer o mesmo do, do curso ginásial pra cima e do curso do ensino médio, eu tive bons professores, maus professores, mas no sentido técnico, sentido pedagógico né, e eles, poderiam ter sido melhor se, se equipassem melhor, fizessem uma reciclagem, fossem estudar, mas nem todos iam, faziam isso né, talvez até por força dessa mesma situação que predomina até hoje que é justamente a remuneração; então professor é obrigado a dar aula em dois, três lugares pra poder, fazer não é o, no fim do mês, o seu, o volume do seu salário né, então você vai pedir pra um professor desses perder algumas horas, pra fazer o curso de reciclagem, não faz.

P - 64. Como o Sr estava na escola nesse período?

R - Eu estava como secretário, o prefeito Armando Panunzio foi eleito em sessenta e quatro exatamente no ano que tomou posse em, foi eleito em sessenta e três, tomou posse em sessenta e quatro, foi no ano da revolução, então no ano da revolução eu estava na prefeitura, ao lado do prefeito e, ao lado do prefeito eu conhecia todos os meus professores, eu sabia da tendência de cada um, jamais eu tive problema lá dentro da escola dizendo que, e olha eu fui vereador também, fui oito anos vereador e nunca fiz, nunca misturei alhos com bugalhos, entende, então nesse período pré-revolução e pós-revolução eu sempre me conduzi com, com, é, parcimônia, com não, não tive assim uma, uma acentuada, não fui perseguidor de ninguém, não exigi a cabeça de ninguém né, todos eles continuaram cada um no seu lugar lecionando e eu pedi a eles que não se ezorbitssem na sala de aula, porque não faltaria aluno que fosse, então, dedar, né, denunciar o professor por algum comportamento que o aluno interpretasse como duvidoso né, mas os meus professores de modo geral foram sempre muitos bons.
(pausa para orientação do pesquisador quanto as perguntas seguintes).

P - Como é que o Sr, foi percebendo, foi sentindo e foi aplicando as leis do ensino, as mudanças que foram acontecendo nas leis, a condição?

R - Olha, você sabe que a legislação do ensino, ela é federal, mesmo o Estado obedece, na organização curricular, na formação de professores, no tipo de, de trabalho dentro de cada escola, obedece leis federais. Então é o Ministro da Educação é quem dita as normas, é ele quem, quem determina o que deve ser feito na escola, então tivemos boas experiências né, experiências maravilhosas mas que não foram pra frente, porque, falta de recurso, quando esse colégio politécnico que eles idealizaram, e que em São Paulo vicejou, foi pra frente, em função de outras verbas, não federais entende, é talvez da prefeitura, de outras de outro, Estado, aqui em Sorocaba não tivemos verba nenhuma, eles ajudaram porque eu fui, eu fui pescar verba lá dentro do Ministério e construí aquele, aquela ala que você viu lá na rua Rio de Janeiro, aquela ala foi construída por mim, e lá em cima você chegou a subir lá, ou não tu viu aquela, tem umas oficinas ainda ou não, eu, faz tempo que eu não vou lá.

P - Eu não acessei as salas, eu só andei por lá mas não entrei.

R - Lá em cima no último andar tinha uma, uma sala que tinha torno, tinha freza é, e tinha uma sala de cabeleirera pra moças e tal ne, nós dávamos uma formação, um início profissional pra eles, aquilo que eu te falei do Senai e do Senac.

(pausa para orientação do pesquisador quanto as perguntas seguintes).

P - Ocorreu um fenômeno né, que teve mais ou menos início nos anos quarenta de uma expansão do ensino público no Estado de São Paulo?

R - Quarenta?

P - Mais ou menos na, bom, na década de quarenta, por volta de quarenta e cinco houve o início de uma grande expansão, ou seja, muito mais pessoas, crianças tiveram acesso à escola. Houve um aumento do número de vagas, isso aconteceu no Estado de uma forma geral, e esse grande “boom” né, essa grande explosão, essa expansão, ela foi gradual, ela foi acontecendo gradualmente e foi até o final da década de sessenta, como é que foi sentido isso na escola Getúlio Vargas?

R - A escola Getúlio Vargas não tinha problema porque a, o número de vagas sempre foi limitado, eu nunca recebi aluno do que trinta e cinco alunos por sala de aula, então havia isso, mas a escola do Estado em função a dessa explosão, vamos, talvez demográfica e dessa vontade da família de por o aluno na escola, não é isso... então o Estado ficou assoberbado com esses problemas e não tinha vaga para todo mundo. Aí começaram a construir, mas mesmo construindo, ainda houve falta de vagas. O que acabou acontecendo? As escolas que funcionavam em dois períodos passaram a funcionar em três. As que funcionavam em três, de manhã, de tarde e à noite, criaram um turno intermediário. Então aí vieram as, as medidas de ordem não legais, não, não regulamentares de dizer: “ aprova todo mundo, passa todo mundo, assim os alunos da última série caem fora e eu posso receber mais alunos aqui”. Enfim, a

avaliação deixou de ser um fato, vamos dizer, importante na vida da Escola, porque fazer um, uma, a escola, o professor entra na aula e não avalia aquilo que ele está fazendo, não sabe se aqueles alunos vão, vão um dia aproveitar tudo aquilo que ele ensinou, ou se já estão aproveitando o que ensinou. Então eu acho que são problemas sérios, não é. E hoje está sendo, voltando outra vez esse velho problema. Isso não é um problema de 40, nem de 50. Isso é um problema de agora, de 2005, não é?

P - Certo.

R - E estamos hoje vivendo esse mesmo sistema, não é.

P - Certo. E de alguma forma a Escola Getúlio Vargas, ela não, não sentiu...

R - Não, a escola, a escola, olhe, se você falasse a qualidade do Getúlio Vargas hoje é a mesma? Não sei, não posso afirmar. No meu tempo exigia, o padrão de ensino, o padrão de qualidade muito rígido. Agora: é uma escola municipal. O poder mantenedor tá aqui, tá ali, na, agora tá lá no alto da boa vista, né, mas tá sempre pertinho. Não é como federal, uma escola federal. O federal dirige uma escola no Ceará, uma escola no Amazonas, uma escola do Rio Grande do Sul, né, e a reclamação você tem que fazer com o Ministro, e ninguém vai hoje para Brasília pra fazer isto. Estadual também tampouco. Mas a municipal sempre sofre com essas políticas, não é. Olhe, eu to fora da, do Getúlio Vargas e até hoje eu to recebendo pedidos de amigos pra ver se eu consigo uma vaga pro seu aluno, pro seu filho lá no Getúlio Vargas. E nem sempre eu consigo (sorri), e nem consigo. Que nem sempre? Não consigo. (pausa para orientação do pesquisador quanto as perguntas seguintes).

P - Quais eram os critérios lá nos anos sessenta, pra, pra aceitar o aluno, pra matricular o aluno?

R - Olha o critério da manutenção do aluno dentro da escola, é que ele fosse, fosse aprovado e tal né, agora, para o primário, vamos falar em primário de 1ª a 4ª série, era, eram critério mais variáveis entende, e a gente tinha às vezes até que escolher o aluno, já pro ginásio havia o vestibulinho, pro normal vestibulinho.

Eu fiz vestibulinho pra entrar na Escola Normal, era um vestibulinho, hoje falam vestibulinho, mas era um exame de ...

P - Equivalente né?

R - Equivalente ao vestibulinho.

P - Certo, e pro primário?

R - E depois foi, por muito tempo foi sorteio, foi sorteio, o aluno, o pai da família ia lá inscrevia o aluno, o candidato né, ele ia lá e no dia tal e tantas horas na frente de todo o mundo eram sorteados até preencher as vagas.

P - Isso no ginásio, no ginásio ou no?

R - No ginásio e no colegial, no colegial.

P - E no grupo, no primeiro ano?

R - No primeiro ano, também, a gente, que geralmente eles entravam no primeiro, e iam embora né, então eu só tinha algumas vagas, essa algumas vagas era obrigado a dar, a dar uma, uma peneirada entende, não recebia qualquer aluno.

P - E qual era o critério, pra, pra ir peneirando?

R - Eu fazia uns exames de vez em quando e chamava Dona Ana Maria (riso), e falava pra Ana Maria.

“Olhe Dona Ana Maria, tem aqui uns dez alunos, dez nomes aí, convoque esses, essa criançada e veja qual é que a Srª vai por aí”.

E ela, ela fazia um negócio muito bem feitinho, e admitia só aquele que era bom mesmo, mas é, era sempre muito difícil nunca foi fácil.

P - Certo, e o objetivo era, era manter a qualidade?

R - A qualidade, sempre a qualidade, eu nunca me importei com a quantidade de ensino, mas com a qualidade. Se eu fosse de me importar com a quantidades as salas estavam cheias, e

olha sempre tinha. Prefeito que me mandava bilhete, falando assim: “ A, põe mais um na sua classe, se tem trinta e cinco , tem trinta e seis e sete”.

P - Não punha?

R - A, eu não punha, falei então venha o Sr aqui. Ponha aqui e pronto, eu vou ... é isso aí.

P - E os casos de insubordinação do aluno, algum aluno insubordinado é, ocorria o desligamento dele?

R - Não, desligamento provavelmente não, mas nós tivemos, não havia assim, eu nunca tive um problema desse, eu tive uma vez um problema com, eu encontrei uma vez o caderno de uma menina, e ela teve a “pachorra” de procurar no dicionário todas as palavras obscenas e fez um dicionário de palavras obscenas num caderno, só que ela esqueceu este caderno embaixo de uma carteira, a inspetora de alunos quando sai os alunos, vai verificar e levou o caderno para mim, só não tinha nome do aluno, mas, tudo quanto era coisa de pornografia tava lá.

E eu então o que aconteceu, o que eu fiz, chamei o pai, chamei uma professora, uma orientadora da escola, chamei o pai, família de japonês, e falei: “olha, isso é a sua filha escreveu, isso é coisa da juventude, procure um psicólogo, dê uma orientação pra ela melhor, eu não vou impedir que ela continue na escola absolutamente, mas ela precisa de um tratamento, isso aí eu, eu não tenho como reeducar essa criança aqui na escola esse meni...” é uma menina de uns doze, treze anos.

Os pais ficaram chateados e tiraram a menina da escola, mas não fui que eu tirei, eu apenas comuniquei à família, achei que eu devia comunicar, e sugeri o que a família devia fazer.

P - E quais eram, quando acontecia do aluno ou aluna é, serem insubordinados, desobedecerem alguma da. Algumas das regras, quais eram as punições mais comuns?

R - Eram suspensão, eu cheguei uma vez a suspender uma aluna que estava num banco na Avenida Eugênio Salerno em situações indecorosas com o namorado, o namorado era estudante de medicina. Então eu mandei chamar a aluna né, e dei uma, uma advertência, advertência não foi nem, e quase que, aí aparece o namorado lá querendo brigar comigo né, mas é, ela estava uniformizada, fora da escola, não tava, e outra coisa, foi um vizinho de frente que insistiu e que me ligou pra escola, eu não tava lá fiscalizando a moça, um vizinho de frente falou: “olha, tem uma aluna sua aqui, Dr Otto e tal que tá numa situação, muito esquisita e tal”, aí eu mandei o inspetor lá e ele: “depois vai falar com o diretor que ele quer falar com você”, ela foi na mesma hora, aí aparece ele lá na, depois, aí na, na, insubordinação é, quase havia não, hoje parece que o aluno está um pouco mais insubordinado, pelo menos é o que tem notícia aí.

P - Como que eram realizadas as avaliações, quais eram os critérios de avaliação do aluno?

R - Cada professor tinha o seu critério, ou através de provas, ou através de provas e pesquisas, enfim cada professor adotava sua melhor forma de avaliação, eu nunca interferi na avaliação de cada disciplina, tive bons professores que avaliavam muito bem.

P - A média de aprovação era sete?

R - Era sempre boa, a média era muito boa.

P - Mas a nota mínima para aprovação era sete?

R - Era sete durante muito tempo foi sete, não era sete, foi subindo, quando começou haver aquela procura de vaga e tal, eu falei: “Eu não vou ficar com aluno repetente aqui”. Foi o primeiro que eu tirei foi o repetente, depois pra passar era, era nota seis, depois foi pra sete, isso melhorou a qualidade.

P - A qualidade do, do ...?

R - A qualidade do ensino, a qualidade do aluno, a escola.

P - E como que a escola, começando das, das crianças pequenas, na visão do diretor, como que a escola lidava com aquele aluno que não era insubordinado, ele não era relapso, não era um aluno desligado, mas era um aluno que tinha dificuldades no aprendizado, como era?

R - Olha eu tive alguns casos assim como a Dn^a Ana Maria, a Ana Maria, detectou alguns casos, principalmente alguns eram acuidade visual né, que eu então chamei os pais e acabamos corrigindo né, agora nunca tive um excepcional, não vou dizer que, que tivesse um aluno é, excepcional, não que eu, não fosse, é que não tinha, o síndrome de down por exemplo requer um cuidado todo especial, mas eu nunca tive um aluno que foi se matricular e que eu tivesse negado a matrícula, porque ele tivesse qualquer deficiência física ou mental, é isso aí.

P - Como a escola Getúlio, a direção dessa escola lá nos anos sessenta, via, entendia, percebia a participação das famílias, dos pais no processo de ensino ... (fim da 2^a metade da 1^a fita de gravação), como que o Sr entendia a participação da família Sr Otto?

R - E, eu achava que a família devia participar, agora nem sempre aquele elemento chefe da casa era o que participava as vezes era a esposa, mas era família, então eu fazia reuniões periódicas com os pais, tive boas reuniões, teve reuniões que quebravam o pau entende, que foram muito fortes, no sentido de reivindicações, de argumentação, mas a família participou, isso é importante, principalmente no acompanhamento das crianças, isso é importante. O aluno que chega em casa e fica dizendo que está meio perdido, como começar a fazer sua pesquisa, como começar fazer seu trabalho ele acaba tendo o apoio do pai, o apoio da mãe de um, de um irmão mais velho, acaba ajudando e ele, e ele acaba fazendo direitinho o trabalho dele.

P - Eu vou pedir pra nós finalizarmos esse encontro, que o Sr faça se o Sr puder, algumas considerações a respeito do processo ensino, aprendizagem, lá naquele período e na atualidade. O que o Sr puder ou quiser falar a respeito do tema.

R - Durante a, a entrevista que o Sr fez comigo eu já falei que o nosso ensino precisa mudar, nós precisamos fazer com que o ensino acompanhe a, o mundo de hoje, a tecnologia de hoje. Já disse a você que o aluno às vezes chega na sala de aula sabendo mais que o professor, não que ele saiba mais que o professor, mas ele é mais informado do que o professor, porque ele tem mais tempo de ficar em frente da televisão ou da internet conhecendo coisas, sabendo de coisas e dominando uma série de assuntos, eu vejo pelo meu neto, tenho um neto de doze anos, ele discute assuntos comigo que jamais eu discutiria com doze anos de idade, e mais, então eu preciso estar informado à respeito daquilo que é exatamente pra poder, a gente fazer uma, um estudo, um comparativo. Eu acho que se a escola de hoje não se adaptar, não se ajustar, aliás ela parece que tem algumas escolas estão hoje botando computadores em salas de aula, tem sala de aula com vinte, trinta computadores, isso já ajuda, agora não é, não é ensinar a informática, trabalhar com computador isso, isso pode ser até um, um meio antigamente ensinavam datilografia, hoje ensinam computação, ensinam digitação, então eu acho que isso aí como, como dizer, como fonte de profissão acho que está ótimo, a escola está ajudando a soltar no mercado mais, elementos mais habilitados, hoje se, se uma, se uma moça um rapaz vai pedir um emprego perguntam, você sabe trabalhar com computador, sabe digitar? Se não sabe ele é um analfabeto, então eu acho que a escola está certo fazer isso, mas ela também precisa informar o aluno, não só formar, a forma, informação ajuda na formação do aluno, é isso aí.

P - Bom essa entrevista foi realizada com o Dr Otto Weis, diretor, educador, na cidade de Sorocaba, da escola Getúlio Vargas na década de sessenta do século vinte.

Essa entrevista o objetivo dela é, colher material pra pesquisa na área de educação pro programa de pós-graduação do Mestrado da Universidade de Sorocaba, realizada pelo aluno Pedro Alexandre Rondello, em novembro de 2005.

R - O Sr autoriza que eu utilize o material dessa entrevista para fins acadêmicos?

P - Para fins acadêmicos sim.

P - Certo, eu agradeço muito, foi um grande prazer entrevistar o Sr.

R - Tá bom, muito obrigado você.

Entrevista com Dona Alair Antônia Virgílio

Entrevista realizada com Dona Alair Antônia Virgílio em 21/01/2006, para fins acadêmicos, para dissertação de mestrado de Pedro Alexandre Rondello.

P.- Alair, você autoriza que esta fita,(cão, presente na sala, late neste momento encobrindo parcialmente minha solicitação para uso deste material para fins acadêmicos.

Contudo, tal autorização me foi concedida em resposta a minha pergunta) essa, essa, que eu use no meu mestrado ?

R.- Pode , pode .

P.- Certo. Então me fale um pouquinho. Você entrou na escola, começou a estudar com que ano, que idade você tinha, Alair ?

R.- A, eu tinha uns, 7 ou 8 anos, né Pedro.

P.- Como é que foi pra você entrar lá na escola Getúlio Vargas ?

R.- A, eu gostava, era uma escola boa, os professores eram ótimos. Tinha uns professores, assim, que era mais enérgicos, né.

P.- Como é que era isso ? Mais enérgico ? O que que é isso ?

R.- O enérgico, você, assim, por exemplo, assim, se você fizesse uma coisa que ele não gostava ele chamava você na frente e ...reguada na mão (faz o movimento como se tivesse batendo com a régua na própria mão).

P.- Dava regulada ?

R.- Na cabeça

(a irmã da entrevistada interfere na entrevista e diz:)

Irmã- Ó usava uma régua desse tamanho assim(mostra com as mãos o tamanho que teria a régua utilizada para o castigo: aproximadamente 50 centímetros) e ele atacava aqui na, na, na cabeça.

R.- Na cabeça na mão .

R.- E se, se não, a pessoa não se escondesse, tinha um irmão meu aí que também estudou lá ele se entrava por baixo da carteira, aí a regulada até quebrava porque acertava na carteira .

R.- os professores eram muito enérgicos .

P.- Quem que era a sua professora do primeiro ano lá?

R.- A do primeiro ano, Pedro, eu não "alembro", eu " alembro "as outras que tem a Dona Celeste e a Dona Guida.

P.- A Dona Guida foi a sua professora ?

R.- Foi, Dona Celeste, Dona Iaiá eu acho que foi do primeiro ano, e essa era muito ruim mesmo .

P.- Você lembra o nome dela, por que Iaiá é apelido né?

R.- Mas ela foi sempre conhecida com esse nome Pedro, desde que, pra todos, ela até morreu não faz muito tempo né, ela foi assim homenageada com esse nome mesmo .

P.- Iaiá, e ela era ruim ?

R.- Nossa senhora, acho que era a professora mais ruim que tinha lá era ela, Dona Iaiá muito ruim, enérgica mesmo.

P.- E a escola Getúlio Vargas era uma escola pra que, que classe social, você estava falando?

R.- A, era mais rico que estudava lá.

P.- Já era municipal Alair ?

R.- A- Era já era Municipal mas, era mais assim, aluno, porque você vê ali é Eugênio Salerno ali, todos ali é tudo gente, gente de classe alta , os alunos que estudavam ali, os alunos a maioria eram, era pobre que estudava ali .

P.- E como é que foi pra você seu pai conseguiu vaga lá, como é que foi para ele conseguir vaga para os filhos ali ?

R.- Eu acho, nós tínhamos muita amizade com a diretora Dona Ana, eu acho que através dela que nós entramos ali na escola, meus pais eram amigos .

P.- Era sorteio .

R.- Hã, não sorteio é agora Antonieta, sorteio é agora, foi por amizade mesmo .

P.- Certo, com a Dona Ana ?

R.- Dona Ana.

R.- É sorteio, minha neta entrou por sorteio .

R.- Mas agora né, que é sorteio .

P.- E como que era pra você, Alair e para os seus pais, pra família de uma forma geral ter os filhos, colocar os filhos na escola, colocar os filhos pra estudar, principalmente numa escola como o Getúlio.

R.- A, era muito difícil porque, assim, a gente não era assim uma família assim, que tinha assim, assim, como é que eu posso falar pra você, era , a gente era pobre né .

P.- Seu pai trabalhava com que ?

R.- Meu pai trabalhava em Sorocabana .

P.- Ele era funcionário de lá .

R.- Funcionário da Sorocabana, trabalhava como pedreiro de lá, o trabalho, começou assim trabalhando no armazém, carregando sacaria depois ele começou trabalhar como pedreiro. Porque lá era uniforme, você tinha que ter uniforme naquela escola, então era uma coisa que, tinha que comprar caderno, né, então era uma coisa assim, não era muito fácil .

P.- E quantos, quantos irmãos, quantos irmãos vocês eram naquela época, criança com idade escolar ?

R.- A gente era, escola era, eu, Odair, Jair, o Carlos, a Nadir, eram cinco, nós somos em dez.

P.- São em dez, naquele período?

R.- Era cinco.

P.- Em idade escolar ?

P.- E seu pai, como salário de pedreiro as, da Sorocabana ele mantinha essas crianças ?

R.- Mantinha. ,

P.- Como que era Alair, a sua convivência com os colegas, com os professores ?

R.- Em uma lembrança boa porque tinha ginástica ,tinha jogo de futebol, e tudo que tinha a gente participava. Tinha um coral também, na, na, naquele tempo, tinha um seminário participava do coral , do coral .

P.- Você participava ?

R.- Participava, foi uma época muito boa, muito gostosa . Agora eu não me lembro muito bem mesmo é dos professores, única coisa que eu me lembro mesmo, que acho que é era uma coisa que eu gostava né, era a Dona Celeste que dava aula de canto, desse eu me lembro muito bem .

P.- Você gostava ?

R.- Gostava, adorava cantar, cantava na igreja, no coral.

P.- Certo, segundo o que eu investiguei nos livros lá de registros da escola, você e uma série de outros alunos, acho que até mais de cem, é, você foi uma aluna que foi reprovada na primeira série ?

R.- Fui, fui, lembro, lembro.

P.- Como é que foi essa reprova, porque isso ?

R.- Eu acho que era assim porque nessa época nós estávamos passando por uma fase muito difícil, meu pai tinha, assim, muita dívida, então pra gente que era criança você sabe que é tudo certo, né, eu " alembro" que nós fazíamos saquinho de carvão, esses saquinhos que você compra de carvão, nós fazíamos porque meu pai era, estava a beira da falência mesmo, meu pai estava .

P.- Vocês faziam para vender ?

R.- Para vender saquinho de carvão, e para nós era uma festa, porque criança não tem noção, agora agente conta, a gente se diverte com essa desgraça né, porque pro meu pai era uma desgraça, uma desgraça né, porque ele, ele meu pai era uma pessoa assim que ele trabalha, ele trabalhou muito teve muito dinheiro mas pegou assim uma época assim que, não sei se a moeda assim, caiu de uma hora para outra e ele fazia casa e entregava a chave na mão do, da pessoa e ele perdeu tudo. Ele ficou numa ruína total .

P.- E foi nesse, foi nesse período que você....

R.- Foi nesse período aí que nós, eu estava estudando, não sei se foi na 3^a ou na 4^a série, então foi um dos motivos da

Que a gente né, era criança tinha que, além de estudar ainda tinha que fazer saquinho, e tinha que fazer bastante ainda, tinha que ter produção, tinha que ter .

P.- Para ajudar o pai ?

R.- Para ajudar o pai, eu até gostava tem uma época boa, eu tenho uma boa lembrança dessa época .

P.-E o que seu pai, sua mãe pensavam á respeito da escola, o que eles achavam da, do, de escola, da importância ou não

R.- Olha você vê, a mãe era uma pessoa que ela, ela não sabia nem ler e nem escrever, a minha mãe, mas era uma pessoa sábia, sabe, uma pessoa sábia que fazia você não faltar nenhum dia da escola, você tinha que ir na escola, nossa, é, sabia administrar uma casa, nossa, você precisa ver, como se ela fosse uma pessoa letrada, a minha mãe era, ela não tinha escola mas vou te contar, mas administrar uma casa igual aquela ali vou te contar, porque nós somos, sempre assim a gente lidou com pouco dinheiro, porque ela sabia, fazia aquele dinheiro, render, porque na época eles que, que tinham dinheiro mesmo, meu pai não era uma pessoa assim de de dar, assim, aquela quantia, assim , sabe, ficava tudo com ele .

P.- Controlava tudo ?

R.- Tudo contro, é, tudo controlava, a única que era, passava bem, era a, essa daqui, porque essa daqui(aponta em direção á porta onde sem encontra sua irmã e faz sinal com a mão indicando que esta " roubava " dinheiro do pai) ela roubava, o dinheiro .

P.- E, ela conseguia .

R.- E, ela era mais esperta.

P.- Certo, e a sua mãe então valorizava, pelo que eu entendi, os estudos ?

R.- Nossa !

P.- Não deixava faltar ?

R.- Nossa, nossa não deixava faltar, nossa minha mãe foi uma pessoa que eu vou te contar viu. É difícil né, eu vejo aí minha cunhada aí que, que as crianças estudam, e "de vez" de valorizar né, não tá nem aí, deixa a criança faltar, não é assim que deve fazer né.

P.- E seu pai o que que ele pensava da escola ?

R.- Meu pai também era uma pessoa muito enérgica, nossa, uma pessoa assim que, que ele olhava assim só com, só com olhos, assim, tinha que respeitar, assim, só com o olhar assim, você tinha que, saber o que ele queria .

P.- E ele exigia que vocês estudassem, ou não ?

R.- A única coisa que ele não teve condições de estudar nenhum filho né, o único que ele, que ele tinha condições de estudar que ele, pagou os estudos e no fim quando ele foi, era o mais novo, Vlademir, começou fazer química, no fim quando estava para terminar ele, parou de estudar para poder casar. Até que casou era "de menor " quando ele casou .

(pausa para Alair atender o chamado da sua irmã em outra sala) .

R.- E eu sonho, Pedro, e eu sempre sonho que eu estou estudando, eu acho estranho isso, eu sempre, sonho, que eu estou dentro de uma sala de aula estudando .

P.- Como é que é isso?

R.- Entendeu, eu acho estranho porque eu vejo assim, me vejo assim dentro de uma escola e eu estou estudando, sempre, sempre, sempre tive isso assim, sempre falo que eu estou estudando.

P.- Você estudou até que série?

R.- Aí eu fiz o ginásio, Pedro, eu fui fazer na Anglo, mais depois parei porque você vê, era só eu tal, eu, eu sou última das, das mulheres, né, então tinha, ficou eu, meu pai e minha mãe, então depois eu comecei estudar já depois de uma boa certa idade, né, daí

P.- Mas, deixa eu entender, você estudou, daí entrou assim novinha com sete, oito anos

R.- Isso, daí fiz até assim o, aquele que você tinha que fazer mesmo né, daí eu saí, daí eu não fui mais porque meu pai minha mãe acho que, tem, tinham muitos filhos né Pedro, tinham os mais novos também.

P.- Aí depois você fez supletivo, é isso ?

R.- Fiz, fiz o supletivo.

P.- Você fez até que série do supletivo ?

R.- A eu fiz o ginásio inteiro Pedro, eu só fiquei em matemática só, a que, né meio que entrava matemática na cabeça, mas daí eu quase que eu concluí tudo mesmo porque só na matemática que ficou faltando mesmo, daí eu saí .

P.- Tá, quando nós somos muito criança que a gente, tem lá os sete, oito anos de idade, a gente tem algumas idéias para o futuro né, "o que eu vou ser quando crescer " . O que você pensava sobre isso Alair ?

R.- A, eu acho que eu, eu nunca tinha esse, sabe, eu acho que nunca pensei, assim, eu sempre fui, assim, uma pessoa, assim, que eu, eu nasci pra servir, Pedro, eu vim nesta, nesta vida pra servir, eu não vim, assim, pra, pra acho que concluir algum estudo ou, assim, pra mim mesma, pra mim poder na velhice ter alguma coisa que qualquer um tem, né, eu vim pra servir. Eu cuidei do meu pai, cuidei da minha mãe, eu fui a última mesmo, né Pedro, então eu fiquei com eles até.....

P.- Hoje você é casada ?

R.- Sou nada Pedro, não casei ...

P.- Você ficou solteira ?

R.- Fiquei solteira .

P.- Certo, então você não tinha muito essa coisa de aspiração, não é ?

R.- Não, não, não, mas eu o que eu ganhei dinheiro, Pedro, com a costura, Pedro, eu era uma costureira e eu tinha minha, freguesas que era aqui da, dessas parte aqui do alto do Trujillo, então são gente que, um pouquinho melhor que a gente, né. Então eu costurava pra, pra duas, Pedro, nossa era uma verdadeira mina de ouro, Pedro, nossa, eu vivi muito tempo, costurando. Agora que eu, eu parei um pouco de costurar, né, porque minha mãe faz três anos que eu perdi a minha mãe, então eu já cuidava um pouco melhor dela, né.

P.- E esta casa aqui é sua ?

R.- Isso.

P.- Sua casa, própria, gostosa essa casa .

R.- É fresquinha, né, Pedro, só que está caindo, Pedro, porque você vê a situação esta difícil, Pedro, não está fácil.

P.- Procura lembrar um pouquinho, se você puder Alair, como era a prática do diretor, da diretora, como que era o diretor da época ?

R.- A diretora era a Dona Ana, ela era assim uma pessoa muito enérgica, tudo o que acontecia, assim, se a professora reclamasse de alguma coisinha, você tinha que ir lá na, na diretoria e ficava uma meia hora ali tomando chá de cadeira e escutando, escutando conversa ali que era pra você entrar no, eixo .

P.- Que tipo de coisas a Dona Ana falava ?

R.- A, acho que ela dizia assim, pra você assim, ser um pouquinho melhor né, estudar mas, porque ali, Pedro, era uma escola, assim, por exemplo, assim, a professora falava assim : " amanhã nós vamos fazer uma aula da tabuadinha" . Você tinha que ter a tabuadinha na ponta da língua, Pedro, você levantava, ela te chamava e você tinha que falar a tabuadinha inteira. Você não podia errar um número Pedro, gora você pergunta para um criança que está na escola " quanto que é 9x5 ou 7x6? ", não sabe Pedro .

P.- E se errasse, o que acontecia ?

R.- A se errasse ia, ia pra diretoria, aí vinha bilhetinho pra escola, porque não foi ...

P.- Pra casa .

R.- Pra casa, porque não foi...aí ele, ele por exemplo, assim fazia você ler uma boa parte do livro, era uma escola boa a Getúlio Vargas, sempre foi uma escola boa, é uma das melhores escolas, a Getúlio Vargas.

P.- E a Dona Ana era uma diretora enérgica ?

R.- Era uma diretora muito enérgica, mas era uma pessoa, assim, de um coração que nossa, eu não saía da casa dela, Pedro .

P.- A é, freqüentava?

R.- E, é porque eu passa, eu, a casa dela ficava bem na rua Eugênio Salerno e pra ir pra escola tinha que passar na frente da casa dela, e na volta também, então eu entrava ali na casa dela. Era uma pessoa que ela queria muito bem a gente, não sei se porque a gente era de classe muito inferior das outras crianças, porque a gente tinha amizade mesmo com pessoas do mesmo nível da gente, não se misturava ali, assim, as escolas assim, eles eram divididas assim, a

P.- As salas?

R.- Os alunos .

P.- As salas de aulas?

R.- Não, os alunos, eram divididos assim, os ricos ficavam pra cá e os, os alunos assim que eram de classe mais baixa eram do lado de lá. (com as mãos representa os movimentos de separação).

P.- Na mesma sala ?

R.- Na mesma sala, mas era dividido, eles tinham, assim, a essa....os professores vinham puxavam mais a sardinha pro lado do, dos ricos.

P.- Você sentia?

R.- A, a gente sentia isso na pele, até meu irmão estava lembrando, eles davam uma fitinha verde e amarela penduradinha assim, no na blusinha, eu acho que nunca tive uma fitinha daquela penduradinha na blusinha .

P.- Dava na semana da Pátria não é?

R.- Não era todo dia você ficava com uma fitinha, verde e amarela assim, pra ver que você era um ótimo aluno, não é, não ficava assim uma, tinha assim, acho que umas dez fileiras né, eu ficava assim na, uma das, tinha 1, 2, 3, na quarta eu ficava .

P.- Nunca teve a fitinha ?

R.- Nunca tive, que eu me lembre nunca tive aquela fitinha e nem meu irmão também. Ele lembrou, que a fitinha era só dos bacanas mesmo.

P.- Você percebia alguma diferença em termos de rendimento, de nota, entre os " bacanas " e os humildes ?

R.- Não, não, não porque eu era boa em conhecimentos gerais, eu era, eu era muito ruim quando eu também tentei estudar depois de velha já português e matemática mesmo Pedro. Nossa em redação assim, eu era muito boa mas tinha assim, erros de português, mas eu era um aluno acho que, gostaria de brincar e tinha os outros menores que tinha que andar atrás também e eles não prestavam Pedro, era só reclamação então era uma coisa que ficava assim

tudo na minha costa né Pedro. Tinha o Carlos e o Vlademil, o Carlos era um capeta Pedro não era gente, até agora ele é ainda assim, então era tudo eu que era responsável .

P.- Lá na escola era...?

R.- Lá na escola. Então todo dia Pedro eu tinha que ir na, entrar na classe dele -----do Carlos, eles me, chamavam eu, então quer dizer, era uma coisa que incomodava né Pedro, você chamada todo dia na classe.

P.- Mas o que ele aprontava tanto que chamavam?

R.- Eu acho que era aquilo, criança peralta ele era muito sem educação Pedro, como essa garota que saiu(aponta para a porta por onde havia passado uma adolescente de aproximadamente 15 anos, sobrinha da entrevistada), ela desacata a diretora, desacata o professor, ele devia ter sido da mesma, da mesma, mandou, manda a diretora calar a boca, ela manda Pedro, essa daí, essa menina que você viu , ela saiu daí .

P.- E o Carlos naquela época devia ser igual ?

R.- Mesma coisa, tudo de sangue quente .

P.- Ela é filha dele?

R.- Filha dele .

P.- Você era chamada então ?

R.- Todo dia Pedro, eu lembro que tinha que ir, na, na, na, na, classe dele porque ele tinha feito alguma coisa.

P.- Aí você ia lá e acontecia o que ?

R.- Reclamação Pedro, ele fez isso, ele fez aquilo.

P.- E ele estudou até, continua estudando lá ?

R.- Continua mas também não concluiu os estudos não Pedro, o único mesmo que eu lembro que estudou mesmo que não, concluiu mesmo por falta de dinheiro mesmo, porque estudava assim, em escola paga foi o Vladimir e o Carlos, o Carlos não, Odair que até hoje ele tem arrependimento de não ter estudado, porque ele é o 1º Sargento, se ele tivesse um pouquinho mais de estudo ele já era um, Coronel né, mas por falta de estudo, então não deu par ele ...

P.- Eu queria que você falasse um pouco mais é, que quando olha, eu perguntei como era a prática do diretor você falou, lembra Dona , da Dona Ana uma diretora enérgica mais muito boa....

R.- Enérgica, muito enérgica mais muito boa.

P.- E, dos professores, como que os professores, as professoras né, eram só professoras ali...

R.- Eram só professoras, que eu me lembro, não lembro de ter professor

P.- ...Eram só mulheres ali ?

R.- Era a Dona Guida, Dona Celeste, Dona Antonietta, Dona Margarida.

P.- Como que elas lidavam, as suas professoras, desde a primeira série até a quarta com a indisciplina dos alunos, não a sua indisciplina especificamente, nem sei se você era ou não

R.- Mas eu lembro que eu fui muitas vezes atrás da porta Pedro, porque fazia qualquer coisinha você ficava no, desde cedo até na hora de você ir embora atrás da porta você ficava, atrás da porta de pé ali.

P.- De castigo ?

R.- De castigo .

P.- Que tipo de, de indisciplina era essa de coisinha errada que vocês faziam que merecesse...?

R.- Não, era que jogava papelzinho no outro, ou você conversar assim com o da frente, conversar com o de trás, assim por falta de atenção mesmo, ali ela tá dando qualquer coisa na lousa assim e você, o outro ali perguntar, empresta a borracha ou me empresta o lápis, é falta de atenção mesmo no que a professora estava dando na lousa .

P.- Você diz que sua, a , a professora do primeiro ano foi a Dona Iaiá ?

R.- Isso .

P.- Que ela era ruim?

R.- A Dona Iaiá era muito ruim .

P.- Como é que é, fala um pouquinho da, do jeitão dessa professora.

R.- Só que ela já era uma pessoa assim já de idade né, já tinha bastante idade e os alunos tudo assim, alunos assim de sete, oito anos, então era qualquer coisinha assim era, ela batia mesmo, não era fácil não, tanto a Dona Iaiá, a Dona Celeste, a Dona Guida eram professoras assim, muito enérgicas .

P.- Batia ?

R.- Batia nos alunos.

P.- Eu tive uma informação Alair, é, nestas entrevistas que eu estou fazendo, não sei se procede esta informação, de que não podia reprovar, aluno que era reprovado perdia a vaga na escola .

R.- Mais é isso mesmo que eu, Pedro, é como eu estou dizendo pra você a amizade nossa com a, a diretora Dona Ana era incrível Pedro, eu lembro que eu, eu, eu vivia dentro da casa dessa mulher da, diretora então ela, era por querer bem mesmo que ela deixava assim uma reprova, outra reprova assim porque ela sabia também acho que das dificuldades que a gente passava .

P.- Então ela permitia essa reprova pela amizade?

R.- Permitia, isso, permitia pela amizade que ela tinha com a, com assim, com a, com o aluno mesmo, era eu e a Nadir, nós vivíamos ali dentro da casa dela .

P.- Certo agora os outros alunos que não tinham o vínculo ----

R.- Não, ela não, eles não permitiam mesmo Pedro, é porque a amizade era de mais mesmo Pedro, você passava ali tanto na volta , ou se não entrasse quando eu ia, na volta eu entrava na casa dela ...

P.- Certo .

R.- ... Da Dona Ana, vivia ali dentro da casa dela mas era por amizade mesmo.

P.- Certo, agora os outros não ?

R.- Não

P.- Não permitiam mesmo ?

R.- Não permitiam.

P.- Essa informação que eu recebi então é ...

R.- É correto , é porque a amizade era assim, ela sabia que a gente estudava ali porque precisava mesmo né Pedro, não era porque ...ali era uma escola assim, mais assim mesmo de gente mais ou menos, não era assim ...

P.- Como que é esse mais ou menos ?

R.- Gente rica mesmo Pedro, gente, de, de nível bem ...;que a amizade minhas mesmo era assim, pô com as pessoas daqui que iam na escola comigo né, que moravam aqui na vila, as amizades minha, assim com os alunos assim mesmo, a gente sentava tudo separadinho, um sentava assim do outro lado assim da quadra, o outro sentava aqui um pouquinho, o tudo separadinho.

P.- Separava também por classe social ?

R.- Eu acho que sim Pedro, porque você brincava mais assim, com as pessoas assim, que era assim do mesmo nível assim, da gente né.

P.- Qual que é a sua opinião a sua forma de pensar, Alair, á respeito da, da severidade dos castigos né, da, das punições dos professores?

R.- Antigamente ?

P.- É, daquela época que você era aluna.

R.- É, eu não gostava né Pedro eu achava que era assim uma coisa injusta, porque eu achava humilhante, ia você ter que ficar atrás da porta, os outros alunos ficavam te gozando, então eu acho que era humilhação .

P.- Certo.

R.- Era humilhante, que não era todas as pessoas que iam, atrás da porta .

P.- Quem ia ?

R.- Acho que ia mais os peráutas né.

P.- Peráutas que iam mais, tinham mais, tinham mais castigos, e você percebe se existia ou não alguma diferença nessas, na aplicação dessas punições, também por classe social?

R.- Não, não, não tinha .

P.- Aí não tinha, a separação por classe.

(somos interrompidos por sua irmã que a chama ao telefone)

R.- Falei com meu irmão: " o Pedro ligou pra mim, falei que é pra dar um entrevista " , mas eu não lembro assim, muito assim da minha, do tempo de escola, né porque você vai ficando velha Pedro eu não lembro se você faz, minha irmã fala assim pra mim: " vai na cozinha pegar tal coisa pra mim " , eu volto e venho assim : " ai, que foi mesmo que você me pediu eu já esqueci ? " né. Então você imagine você lembrar uma coisa assim que faz tanto tempo que, saiu né .

P.- Seu irmão lembra ?

R.- Meu irmão lembra, só que eu lembro porque eu acho que, eles separavam assim os ricos dos pobres, que eu, eu sentia isso na pele de falar, porque os ricos tinham fitinha na lapelinha, assim, da blusinha e os pobres não tinham.

(Alair é chamada por sua irmã, mais uma vez, para atender o telefone)

P.- Bom, você estava dizendo o que você pensava á respeito das punições nós precisamos, precisamos fazer esta interrupção né, é me responda uma coisa Alair, existia algum tipo de, de punição mais severa tipo expulsão do aluno que era, que aprontava muito que era muito insubordinado ?

R.- Eu acho que não Pedro porque você vê, o meu irmão Jair também era outro que, que nossa senhora era incrível e nunca foi expulso da escola né .

P.- No sentido de, de....

R.- De expulsão eu creio que não porque, tem esse filho dele também que é igualzinho o pai, tal pai tal filho, e o filho também não presta e nunca foi expulso. Nem as aulas ele não freqüenta Pedro, e é aqui no Getúlio Vargas mesma coisa.

R.- É, por isso que eu falei pra você que você deveria fazer a pesquisa com eles né, que são dois que estudam lá no Getúlio Vargas .

P.- Estão estudando na atualidade ?

R.- Estão, estudando .

P.- É que a minha pesquisa é histórica né, assim, e pelo meu foco é nos anos sessenta mesmo, né, eu vou te perguntar uma, uma outra coisa.

E, você disse que foi reprovada no primeiro ano, é, não foi desligada da escola por causa da amizade com a Dona Ana ?

R.- Isso foi, foi pela amizade da Dona Ana, nossa era uma diretora

P.- Depois daí você fez novamente o 1º ano, e como é que foi até a 4º, você fez até a quarta ou até a quinta série, você lembra ?

R.- Eu, eu acho, não era, eu , eu aquele tempo lá era, era você tirava o diploma da 4ªsérie

P.- Da 4ª .

R.- Da 4ª série .

P.- Certo, aí você foi até a quarta ?

R.- Eu fui, acho que até a quarta, só porque você vê, é, e nessa época aí como eu falei pra você Pedro nós estávamos passando por dificuldades né, falei pra você que nós tínhamos que fazer até saquinho de carvão, pra nós era divertido aquilo ali, a gente lembra, e era, uma festa. Meu pai ficava trancado de desgosto dentro do quarto e nós brincando, fazendo saquinho e cantando né .

P.- Trabalhando e cantando ?

R.- Trabalhando e cantando.

P.- A, existia alguns alunos que tinham mais dificuldades de aprender isso, aquilo, você disse que a sua dificuldade maior era matemática ?

R.- Matemática e português .

P.- E português. Como que é que a professora ou as professoras lidavam com esses alunos que tinham mais dificuldade, como é que era ?

R.- Eles puxavam mais Pedro, ficavam mais, exigiam mais, davam mais assim, assim fazia mais serviço, assim, de escola, mais tempo de escola, mais trabalho de escola, tinha que, fazia, muito mais, é, tinha aquela, aquela caderno de caligrafia você tinha que encher cadernos e mais cadernos, eu lembro que era bem, bem chato mesmo.

P.- E as provas como é que era feitas essas provas, dada as provas, você lembra ?

R.- A prova, lembro Pedro, esse irmão que vem vindo aí também estudou lá, esse é o Odair. Vem cá Odair vem conhecer o Pedro.

(Seu irmão, Odair, entra na sala, nos cumprimentamos e ele senta-se ao lado da entrevistada. Retomo a gravação)

R.- Não é como agora Pedro.

Irmã – A minha filha foi expulsa porque repetiu dois anos

O –A, mais aí ela era de noite

A- Na onde?

I –No Municipal

A- No Getúlio?

I – No Getúlio .

A- Mas eu acho que é agora Antonietta .

I - Agora, agora----, repetiu dois anos, expulsão .

A- Na nossa época não .

O – Naquela época ia até, não sei quantos anos a, lembro da Dora .

A – A, mas a Dora era..., ---- né .

O – A, mas eu lembro que qualquer pessoa ficava, agora realmente, agora não é agora é dois anos só .

E dois anos, repetiu dois anos eles, eles passam para outra escola, perde a vaga.

P.- E as, as provas como que era as provas que você estava me falando?

R.- As provas assim eram...

P.- O clima de prova, o dia de prova como é que era ?

R.- A, ficava inspetora, assim, dentro da classe, você não tinha, não era pra você colar mesmo de jeito nenhum, nem a, nem o professor ficava, era uma pessoa estranha que ficava na, dentro da sala de aula, não era o professor, você lembra disso ?

O –Lembro .

A – Era uma pessoa estranha que ficava .

P.- Como que era o clima, você lembra do clima da, emocional mesmo da classe eram, eram...

R.- A, a gente ficava tudo nervoso né, nunca sabia se ia bem se não ia, era, era, puxado viu Pedro.

P.- Era né .

R.- Tinha que saber mesmo.

O- Melhor escola de Sorocaba né, era pelo menos .

R.- Uma história assim, uma--- de história você tinha, quem foi fulano de tal, você tinha que levantar e falar .

P.- Como é que era a expectativa da família em relação aos estudos ?

R.- A minha mãe era uma leoa nossa, podia chover, chuva e sol era todo dia, não deixava faltar de jeito nenhum.

P.- E ela falava o porque da, da importância ?

R.- A ela falava porque ela, ela era analfabeta né Pedro, por isso, então ela, queria que os filhos pelo menos os filhos né não, passassem por aquilo, que ela passou né, as vezes queria...

Fomos interrompidos com a chegada de mais visitas, entendi que deveria interromper a entrevista . Combinamos que, se eu julgasse necessário, marcaríamos uma outra entrevista para uma outra ocasião, contudo, com base no material obtido através do depoimento de Alair, julgo ser desnecessária uma outra entrevista, haja vista que nesta há afirmações suficientes que atestam a existência da prática da exclusão, como a entendo, na escola dos anos sessenta do século XX.

Entrevista com Dona Margarida Maria Ferraz
Professora da Escola Municipal Getúlio Vargas, na década de "60 " do século XX

P.- Dona Margarida Maria?

R.- Maria Ferraz .

P. Ferraz. Entrevista realizada em 15 de fevereiro de 2006 .

Pois não Dona Margarida pode ...

R.- Eu entrei nos estudos numa escola particular que se chamava : Internato Santo Antônio.

P.- Certo .

R.- Era de propriedade de Dona Cecília de Campos Malta, era um, supra-sumo de frutas de educação de Sorocaba .

E tinha um esternato, onde as melhores famílias estudavam ali, agora, eu não tinha recursos, porque perdi meus pais, pra continuar naquele tempo, porque naquele tempo apesar dos meus pais estarem vivos, graças a deus, naquele tempo, e eu não tinha condição financeira pra continuar os estudos . Mas de maneira nenhuma a escola aceitou a minha dispensa, eu continuei como bolsista até os onze anos, quando eu passei para o colégio Santa Escolástica, e teve sempre o maior carinho dos meus pais com a professora Dona Helena Maia que me deu prontinha pra eu cursar o Ginásio Santa Escolástica, fiz o curso graças a Deus, com muita facilidade, eu não fui a primeira da classe, mas das primeiras, graças á Dona Helena Maia que tenho na memória e a quem sou grata eternamente, família Maia. Quando eu fui aluna eu, eu sempre fui, costumava às vezes questionar alguma, alguma, não questionar ficar, não, não acompanhar, um questionar, o que eu não entendia o porque eu queria saber o porque das coisas . Então, desde de pequena, desde seis anos eu quis questionar, e isso às vezes causava, causava uma certa (risos) contrariedade na família porque eu queria saber o porque das coisas e nem sempre o porque diz-se a uma criança de seis anos. (risos) . Foi assim minha vida toda, até hoje . (olhando a relação de questões que eu providenciara para entrevista, Dona Guida continua) Aqui: " ano em que se formou " : eu fiz o, fiz o ginásio no Santa Escolástica e o curso todo, daí como eles não tinham o curso de continuação para o magistério eu passei para a escola Municipal de Sorocaba, e terminei então o curso, o curso normal, é ele funcionava no, no prédio do, aqui do Getúlio, do Estadão, do Ginásio do Estado. Não havia nem prédio próprio ainda e a gente tava lá, então então tudo teve um meio pro meu curso formal, eu fui convidada pelo diretor, diretor do ginásio, professor Renato Mascarenhas pra lecionar no pré-normal que estava começando, e eu dei aula nesse pré- normal pros alunos adultos, alguns com quase trinta anos, eu tinha dezenove e pra manter a disciplina na classe, não era fácil, mas graças a Deus eu consegui, consegui brincando, consegui impondo, porque me deram a matéria de educação física na parte teórica, de sala de aula. Olha, eu com dezenove anos, chegando á noite numa classe de adultos, rapaziada, não era fácil . (risos) . Uma vez um aluno, em lugar de uma prova escreveu uma poesia, com o maior respeito, e me entregou , eu li para a classe e disse : " sua poesia está ótima , agora, a prova que você me deu é zero" (ênfase na palavra "zero") . Esse dia eu conquistei a classe porque eu não tive que tentar esconder a poesia (riso), você sabe que a gente lembra assim pela dificuldade de uma, de uma postura, mantermos, manter, era respeito, disciplina numa classe noturna de adultos, né mas foram ótimos, um, um dos ex- alunos hoje e meu compadre, nós somos muito amigos, então foi uma coisa que continua, vamos dizer, anos depois, depois de oito anos , eu pedi minha transferência para o curso primário porque a minha vocação, na minha vontade, que eu sabia que podia produzir alguma coisa, era no primário .Então passei a lecionar no curso primário, fui chamada pelo Adir Medeiros na Escola de Aplicação, porque o primário existia em função da Escola Normal, era para que os futuros professores fizessem, então, a sua prática escolar, sabe, nas classes, chama-se Escola de Aplicação, então essa Escola de Aplicação funcionava no Ginásio Municipal, então, na verdade a escola, então, era isso, né. Foi, um tempo, foi um

período muito calmo, eram poucas classes de início e aí, e a, a nossa a, a nossa escola primária municipal, seja qual fosse a denominação : Escola de Educação , Primário e Curso Primário, enfim, era uma família, as professoras todas muito unidas, todas elas me deram muita ajuda no começo da carreira, muita ajuda mesmo, porque eu não tinha assim, vamos dizer, grande prática, né, tinha maior vontade, mas a prática elas foram, foram me dando e muita coisa desse, dessa classe eu fui modificando . Porque havia coisas que, por exemplo deixava eu ver(passa novamente os olhos sobre o roteiro de entrevista que está em suas mãos) , eram, antigamente escolas, foi antigamente mesmo né, era uma coisa assim mais severa, digamos, mais sem graça.

O aluno entrava, sentava, estudava, escutava, escutava , escutava , escrevia, escrevia, escrevia, escrevia, aí no final do dia ia embora pra casa, lição de casa bastante. Eu achava que não havia muito atrativo na escola, então na minha classe eu fazia(som de sirenes encobre sua voz) nas datas comemorativas, ensinava os hinos de cada, em cada data, até hoje eu sei hino da Proclamação da República, hino desse, hino, hino das aves, hino das árvores, tudo . Eu trabalhava muito em cima da música e isso as outras professoras achavam engraçado né, achavam graça, que de repente, no meio da aula, aparecia uma cantoria e a cantoria aparecia quando a classe estava bem limpinha .Classe limpa, meninos, meninas, sempre tem aqueles mais travessos, então....eu procurava corrigir a disciplina com música, em lugar de " passar um pito", mandar de castigo, ficar com cara no canto, ou então atrás da porta, nada! a gente cantava, por exemplo só, talvez eu misture um pouco do que tenha aqui, (olha para a folha em suas mãos) , por exemplo , aluno que não fazia o dever de casa porque não teve tempo, não sei se hoje ainda é assim, acho que não, não, não havia concepção de um aluno que não levasse lição pra casa. Levava . Então a gente, mas tinha que passar liçãozinha de casa, tudo . Uma vez um aluno não fez a lição de casa, um dia, né, não aconteceu nada, chegou e não aconteceu . No terceiro dia não fez também a lição, não aconteceu nada. No dia não fez também a lição, não aconteceu nada. A hora que eu chamei pra corrigir: "não eu não fiz". No quarto dia eu disse pra ele: "Olhe, eu acho que você deve estar muito cansado, deve ter alguma tarefa de casa, na sua casa, que você não está conseguindo tempo para fazer a nossa tarefa da escola. Então vamos fazer uma coisa: hoje você vai descansar o dia inteiro, não precisa nem abrir sua, sua malinha de escola, você vai descansar, você vai só ouvir, você fica quietinho, não perturba os outros, não precisa trabalhar" . Eu, eu, pela expressão dele eu vi que ele exultou, uma meia hora. Uma hora depois teve gente que ficava se balançando na carteira, olhava pra mala, de repente ele abriu a malinha de baixo da carteira, abriu deu uma puxada no caderno, eu disse: "Não, hoje você vai descansar , feche sua malinha que você vai só descansar." Uma hora antes de acabar a aula ele foi na minha mesa e disse. "Dona Guida, eu posso copiar a lição de casa?" " Lição de casa.? Se você já descansou pode" . Nunca mais esse menino faltou com a lição. Não pus de castigo, não lhe, não lhe dei zero pelo comportamento, porque eu dava muito pouca nota na minha classe, eu trabalhava com ponto, tinha uns cartõezinhos : dez, vinte, cinquenta, cem, eles estavam na idade de colecionar pontos, então nós colecionávamos pontos; "você fez toda lição de casa , pode marcar aí: cinquenta pontos. Você achou difícil, mas fez assim mesmo, difícil mas fez o dever assim mesmo? marca sessenta pontos, você não acabou porque vocês foram passear? então me devolve vinte pontos" .

E eles, mas eles ficavam desesperados por causa dos, dos pontos, nada mais antipedagógico que isto, mais funcionava porque eles trabalhavam com vontade, e era isso que eu queria: que eles gostassem da escola. Então meu relacionamento com eles era excelente, era muito, eu recebi um aluno uma vez que foi (ênfase) muito mal recomendado, até perguntaram se eu aceitaria, ele já era mais velho que os outros, vinha de uma escola de onde havia sido expulso porque que ele estava sentado assim na, na calçada com um espelhinho na mão " dando ar ",

você já ouviu falar isso ? " dando ar " numa cabra, e a cabra morreu, matou, e morreu, eu morri de dar risada (risos) " que é isso? pode mandar" , mandou . Sentou na última carteira, falava muito pouco, falava entre seus pares, tinha um jeito de ficar muito quieto, um jeito de cumprir a tarefa . Um dia eu cheguei na classe, vi um embrulho de jornal em cima da minha mesa, um embrulho de jornal, fechado, olhei " o que será que é isso?", aí eram aqueles, aqueles monte de jornal velho, uma flor, desse tipo que a gente gosta muito, enrolada num jornal. A classe chegou, eram os meninos e as meninas que arrumavam a sala, sempre tinha uma florzinha, sempre tinha uma toalhinha, sempre tinha os encarregados.

Eu já, já entendi tudo porque sabia que era dele, disse: " olha gente, que coisa bonita, a surpresa que recebi, nossa classe vai ficar linda, hoje vai ficar muito alegre "Nisso então o pessoal, até que um dia eu vi, ele entrou correndo na escola, ele me viu chegando, daí, e achei o embrulho que ele estava escondendo, eu não disse nada e continuamos nesse jogo o ano todo, eu me fingindo de morta e ele levando. Quando eu entreguei o diploma no fim do ano pra ele, eu disse: " Antônio, eu quero agradecer todos as flores que você me deu ". " Ô loco " " Dona Guida, quem contou para Sra?", eu disse : " Ninguém contou, não sou boba" , (risos) eu disse " ninguém levava flor escondido pra mim, só você, só podia ser você " Sabe que ele chorou, né, ele chorou .

Então era assim, meu conceito de disciplina era uma coisa completamente diferente do que existia, não , não vou justificar, não vou dizer que esse é o certo nada, eu só digo que comigo funcionou com muita alegria, foi isso.

P.- E naquela época nos anos " 60 , eu sou aluno de lá, né, daquela época, a disciplina era muito rigorosa, o castigo era muito constante .

R.- Muito, muito, muito, agora eu era severíssima na classe, severa mesmo (ênfase), o que eu não admitia, por exemplo, que uma criança ofendesse a outra, porque a minha classe era muito (pensa como se buscasse na mente uma palavra que melhor traduzisse o que pretendia dizer) muito diferente, heterogênea mesmo. Eu tinha aluno filhos de, de diretor, médicos, advogados e tinha alunos filhos de lavadeiras, de faxineiras, gente mesmo do, do trabalho pesado, eram ótimos, tanto aprendeu um, como o outro aprendeu também. E eu sempre escutava isso, que as, que o uniforme mais brilhante que tinha classe não era de camisa de linho, era uma camisa feita de saco de farinha, mas que a mãe era lavadeira, sabia como lavar uma roupa e o menininho espelhava de beleza(risos). Eu, eu escutava, não na classe, escutava de minhas colegas, né, diziam isso. E outra coisa também, eu pedia muito para as mães dos alunos mais abastados, que me dessem as roupas, então, que não servissem mais. Então, com esses uniformes eu vestia as crianças da caixa escolar, que chamavam, entravam numa visita, " costumava", a criançada toda se punha de pé, eu desafiava que me mostrassem quais eram as criança da caixa escolar, esse orgulho eu sempre tive .Não tinha fileira, não tinha nada, eram todos assim, eu era exigente nessa parte. A gente tinha aquela história de olhar da cabeça aos pés para ver como é que tá, se está de uniforme se não faltava nada, era isso, não era , não era uma brincadeirinha eterna, não: hora de conversa era hora de conversa, eu tinha uma televisão na classe, naquele tempo, das primeiras, era só o quadro da televisão, eu arranjei com os pais dos alunos, e na minha hora de leitura, leitura de auditório : " você vai, você vai trazer amanhã uma noticia e vai ler pros seus colegas" . E uma vez eu me sai mal com isso: entrou uma menininha e leu lá" O jornal de ontem deu uma noticia que uma menina de dez anos apareceu grávida" (risos), quase morri, eu sei que as mães telefonavam pra mim, caçoando de mim, diz que queriam ver minha cara; diz que todos, sem exceção em casa e contaram a noticia que ouviram, e a de hoje seria até comum, mas naquele tempo (ênfase), olha, foi uma coisa.

Outra coisa também que eu tomei "pito" de um pai, porque eu fiz uma experiência na aula de ciências, eu levei um algodão, tinha uma servente que fumava, eu falei: "fulana, você tem

cigarro aí, você não quer acender um e esperar no corredor?", ela pegou, acendeu o cigarro, peguei, dei pra ela o algodão e disse: " agora solte a fumaça nesse algodão ", ela disse " Por quê?", "é pra aula de ciências ". Eu disse: " vocês querem ver um pouquinho que cor que fica o pulmão de quem fuma ? Olha aqui" . Nossa, todo mundo chegou em casa e assustou o pai: " pai não fume ". Os pais queriam me matar (risos) Outra experiência que eu fiz também foi assim com, levei um vidrinho com álcool e disse: " Aqui dentro tem álcool e eu trouxe um pedacinho de carne. " Carne bem vermelha, carne de primeira que estava lá, eu disse : " vamos por aqui dentro do vidrinho, fechar, vamos por dentro do armário até a hora de sair " . Na hora de sair peguei, fui ver a carne, estava branca, falei: " vejam como é que fica o estômago de quem bebe, veja a pinga, e a pinga é álcool " disse pra eles, " veja como é que fica o estômago". A foi outro " laréu", ninguém queria que o pai tomasse pinga(riu bastante, falando enquanto ria) . No outro dia só tinha pai se queixando: " e, você, heim!". Porque eles seguiam a risca . A coisa mais bonita desse mundo é a empatia de uma criança, porque e, eles, quando eles entendem o porque das coisas e muito fácil . E essa foi a minha luta a vida toda desde pequeninha, porque eu queria saber o porque das coisas: " não pode tal coisa . Mas porque ?" Quer dizer não é só porque você está mandando que eu faço, eu quero saber o porque, então esse, esse porque me ajudou muito no magistério.

Então o meu senso de disciplina de diretoria das coisas era assim, era uma coisa diferente, não vou dizer que fosse a melhor, absolutamente, eu era severa também, que isso, não, não era assim, não aceitando tudo. Uma vez, pra ver como eu era brava, eu passando tarefa de casa um aluno, naquele tempo não tinha mimeógrafo, não tinha nada, era na raça mesmo, passei um probleminha na lousa, o menininho gritou lá do fundo: "Só isso Dona Guida ?", e tinha bem mais, passei outro probleminha na lousa, geralmente passava três. "Tem mais Dona Guida?" . " Tenho". Passei mais um: " Só isso dona Guida ?" " Não . Tem mais um " . Nessa hora as crianças queriam pular no pescoço dele, (risos) só ele não queria entender . Daí passei uma continha : "Só isso Dona Guida?" " Não, tem mais uma continha." Passei mais uma continha. Aí ele foi afinando, ele foi caindo, foi caindo assim: "só?", com jeito aí eu disse: " agora só". (risos) A idéia era essa, eu levar coisas que , se um dia eu precisasse chamar a atenção, eu partia pra gozação, era uma coisa, não vou dizer que esteja certa, não aconselho ninguém a seguir, comigo funcionou e com eles também . Tenho muitos amigos médicos, engenheiros, jornalistas, foram ótimos alunos, alunos levados . Um dos meus alunos, que mais se destacaram um tempo foi, foi um , um negro que chama, não pode falar preto agora, foi um negro chamado Bedenego, era meu ajudante, era um menino tão forte, tão grande que ele destacava da classe . Calmo, inteligente, olhe foi meu ajudante, era o meu ajudante .

P.- E que, de que origem ele era, ..., social, origem humilde ou ...?

R.- Não sei ..ah humilde, humilde, a sim, muito humilde, atualmente ele é vendedor de doces, já era, já deve ter aposentado, não sei mais . Quase me matou de susto um dia, eu ia virando a minha casa, para aquele homenzarão na minha frente, parou: " Não tá me reconhecendo conhecendo, Dona Guida?" Eu fui olhando pra cima e quando chegou lá em cima eu disse:" Mas Bedenedego há quanto tempo que a gente não se vê". Há uns anos atrás ele veio me apresentar as filhas que se formaram na UNISO, ele veio me apresentar as filhas. Foi um exemplo de aluno, então (excesso de ruídos que impossibilitaram o entendimento para este trecho da transcrição). Quando eu queria que ele destacasse em alguma coisa, eu dizia:" Eu estou querendo mudar aquela última carteira, por mais perto de mim, Bedenego você traz para mim?" " pois não Dona Guida, pode deixar". E lá ia ele, com a carteira erguida e punha no lugar. (riso) Era meu, era meu braço, o ano que ele foi meu aluno ele foi meu braço direito, um encanto de aluno. Muito amigo sabe de quem, do, do Rui, do Rui Albuquerque, conhece o

Rui, então eram amicíssimos, o dia que encontrar com o Rui pergunte que, diga pra ele que eu gostaria de ter notícias do Bedenego, eram muito amigos.

P.- Certo, e como que é que a Sra lidava com a indisciplina, indisciplina mesmo, indisciplina deliberada de algum aluno, como que a Sra lidava com isso, se é que existia isso?

R.- Bem eu fui, fui diretora de escola também, trabalhei também no, no Colégio Véritas, lá eu era assistente do diretor, lá eu fui orientadora educacional, lá eu fui educadora vocacional. Porque eu tinha, eu tenho registro de tudo, então sempre tinha alguma área que estava precisando de ajuda de alguém, daí a coisa era séria, eu chamava a diretora fazia se sentar, eu nunca perdi um aluno por indisciplina: "Senta aí, vamos conversar".

P.- A Sra na posição de diretora?

R.- Posição de diretora e professora também, se fosse o caso, em separado, eu não precisava mandar para diretoria, eu me levava junto. Eu me lembro um caso, houve um caso uma vez mais sério: era um aluno mais velho que os outros e escreveu um bilhete muito esquisito pra um coleguinha, e esse veio parar em nossas mãos, daí a coisa foi séria. Aí conversamos com ele, chamamos os pais, antes de alguma coisa, aprendemos muita coisa que a gente nem sabia, porque naquele tempo (risos), eu resolvia assim, calmamente, mas, mas com a mão firme, não é.

(final da primeira parte da entrevista / interrompemos para que eu pudesse virar a fita no gravador)

Pesquisador: um, dois, três, testando. Segunda metade da entrevista com Dona Guida.

R.- Como era formada a clientela? Clientela heterogênea, mas, completamente, até o momento em que entrasse na escola, que entrou na escola, que entrou na escola você não tinha, não tinha classe, nem o dinheiro, nada, eram todos alunos do mesmo nível.

(passa os olhos pelo roteiro da entrevista em suas mãos)

Quais os critérios observados para realização da matrícula? A matrícula era feita quando a criança entrava, a, que seria hoje pré-primário, porque raramente havia uma dispensa de aluno, então eles iam seguindo classe por classe, continuando o primário todo. As classes somente foram crescendo, crescendo porque no início tivemos poucas classes com 15 alunos, 20 alunos. Eu cheguei até, quarta série a ter classe com 50 alunos. Porque vem mais um, vem mais um, coração de mãe você sabe como é, não tem tamanho, né. Não tem, não tem onde ficar? Vem comigo.

R.-É, é porque as classe, então, geralmente eram 40 alunos, e a gente ainda conseguia Pedro, não, tinha, não tinha vaga na, noutros lugares aqui em Sorocaba, nunca se arrependi de carreira, cinco alunos faleceram. É, a morte deles foi uma coisa bem terrível.

P.- Mas, faleceram enquanto eram alunos?

R.- Enquanto eram meus alunos. Mas, então, é assim, era uma, uma matrícula inicial que continuava por todo primário. Era muito raro haver uma desistência, no caso da desistência uma mudança, a vaga era preenchida, então, com aluno novo.

P.- Em relação as, aos alunos Dona Guida, que tinham dificuldades no aprendizado..

R.- A, os, os alunos como havia diferença de aprendizado, porque quando uma criança vinha de uma outra escola, às vezes escola de sítio, ele está indo pra uma outra cidade, então havia. Eu punha na primeira carteira perto de mim, então ele está, eu estava atenta a toda dificuldade que ele tivesse. Eu tinha meus ajudantes solidários, teve bons alunos que se prontificavam ajudar o coleguinha, eu tive, tive no decorrer desses anos todos alguns alunos com deficiência física, incluindo um dos meninos tinha dificuldade de locomoção, então ele não podia descer no recreio, tomava o lanche na classe, sempre um, um servente, alguém as vezes o levava no banheiro. Até o dia que eu vi, que na hora do recreio alguns, alguns meninos subiam e era proibido subir, porque os alunos "aprontão", a gente não sabia subia pra que, né. Eu fui atrás, eles subiram, o mesmo estava andando pelo corredor, fazendo exercício com eles ajudando, eu não disse uma palavra só vi, ignorei por alguns dias. Eles continuaram subindo, ajudando.

Eu disse pra eles: " Não é, não é preciso que venham só vocês, todos os outros alunos, vamos deixar então cada dia dois, assim vocês também não perdem o recreio". Continuaram . Então havia uma ligação muito grande, não havia vamos dizer, dificuldade pra uma criança que viesse de longe e ficasse afastado, isso nunca .

P.- Ela era incluída, ela era recebida como uma...

R.- Recebida e a gente, naturalmente, incentivando sempre, e eu sempre pedia que contasse que jeito era a escola, se ele tinha saudade de lá, o que que tinha de diferente da nossa, até que pra ir, pra turminha ir se fechando, né em torno dele e, dava certo, (riso) e dava certo .

P.- Mas, até onde eu vou conseguindo entender, Dona Guida, esse procedimento, esse estilo né, de trabalho que a Sra. Foi desenvolvendo ao longo da sua carreira, naquele período, naquele dado momento histórico, era assim muito diferente da prática .

R.- Era meio, era meio avançado

P.- Era avançado né?

R.- A, eu tive uma colega que ótima, eu tenho muita saudade, uma colega que mais me ajudou logo que eu comecei, que ela era bem mais velha que eu, lecionava há bastante tempo, eu tinha meus quadros, eu tinha mural, eu tinha lá, microfone era um cabo de vassoura, falava no microfone, então, essa, eu tinha biblioteca na classe era um caixote, " quem tiver livro repetido em casa, livro que já leu pode por aqui" , na hora da leitura recreativa alguém passava lá, e todos eles iam escolher, e cada um lia o que bem entendia na hora da leitura recreativa. Então foi isso, e essa minha amiga que eu estava contando, de vez em quando ela espiava na minha classe e dizia " Como vai seu pátio de milagres?" (risos) era isso, eu achava super engraçado : " Como vai seu pátio de milagres"

Até um dia que eu fiz um curso e fiquei sabendo, porque eu era a única que não era mãe de família, que era mãe de família, por necessidade dos meus irmãos mais moços que eu, menores, mas não tinha, vamos dizer, marido e filhos. Então, quando havia um curso aqui pra gente fazer geralmente eu fazia. Ai, esse dia eu me vinguei . Eu cheguei e disse, falei pras colegas: " O pátio dos milagres foi oficializado, agora vocês também vão ter que fazer".(risos) Mas assim tudo, tudo nu, nu, numa coisa muito gostosa, sabe, muito, muito amiga não é, é isso. Eu não fazia questão e chamava mesmo "pátio dos milagres". (risos)

P.- Na época dos anos "60"?

R.- Na, pra época era, pra época era.

P.- Muito diferente da prática comum, né.

R.- E era, era se você era, quase que um desafio viu.

P.- A Sra ,a diretora da época era a Dona Ana, né?

R.- Dona Ana .

P.- A Sra é amiga da Dona Ana ?

R.- Nossa, amiga, eu sou, afilhada de crisma da Ana Maria, é uma amizade da vida toda, pena que, que agora ela está adoentada.

P.- Ela está bem doente agora né? Como que era a Dona como diretora?

R.- Olhe a nossa, nossa diretora e os colegas, todos nós éramos uma irmandade, nós não éramos colega de entrevista, nós éramos amigas, isso, isso digo pra você , foi um tempo muito bom (ênfase), um tempo onde a gente sofreu bastante . Houve um governo aí que, meu deus do céu, é, não digo todas professoras, mas eu vivia, sustentava minha casa com que eu ganhava, nós ficamos três meses sem pagamento, é, a política era outra, dava mais ênfase, vamos dizer, pra outra parte que pra nossa necessidade. Mas a gente agüentou tudo junto, tudo, tudo que agente, uma passou a outra passou também, todas nós, graças a deus, fomos caminhando e conseguimos graças a deus.

P.- E seus pais, Dona Guida, eles eram, estimularam bastante seus estudos, eram pais que ...?

R.- Eu perdi meus pais muito cedo, minha mãe com 15 anos, meu pai com 18 anos, fiquei sozinha com dois irmãozinhos pra acabar de criar .

P.- Sozinha com os irmãos ?

R.- Dois irmãos, mas eles sempre incentivaram, eles sempre se alegraram muito, mas eu não fui uma menina que pedisse ajuda, nunca na vida eu me lembro de ter chegado em casa: " mãe, como é que faz essa continha aqui, a Sra...? " não, eu que, era eu que fazia . E Dona Helena, aquela santa criatura, ela me deu aula de francês, e quando eu fiz faculdade eu, eu , eu passei com um bom desempenho, graças á deus, graças ao francês que Dona Helena me ensinou quando eu tinha dez anos de idade .

P.- Sra fez faculdade de que Dona Guida?

R.- Fiz, fiz Pedagogia, opção pra Orientação Educacional, depois Orientação Pedagógica, depois, eu gostei tanto que fiz Administração Escolar, e comecei minha faculdade aos 45 anos, foi quando o dinheiro deu pra eu estudar (risos), foi isso. Foi isso, mas valeu a pena viu, eu aproveitei muito, muito . Eu fui assistente de diretor, fui um ano e meio ali no Municipal, no colégio Véritas eu fui substituta de direção, eu fui diretora também no primário, tudo isso e me aposentei, me tiraram minha classe, eu fui lá dar aula de matemática na quarta série, me puseram na direção, perdi todo incentivo .

P.- Gosta mesmo é da sala de aula?

R.- É, a minha vida é numa sala de aula.

P.- Sempre na quarta série?

R.- Vinte e um anos na quarta série .Diz, diz que em time que está ganhando, não se mexe (risos) não sei, mas, mas era assim , Tinha uma professora que era sempre do primeiro ano, uma sempre do segundo, sempre do terceiro ano, quer dizer que aquilo você então começava no meio do ano, isso com aluno fraquinho, " vai pra você o ano que vem, você vai vê um pouquinho " , assim tudo engraçadinho . Houve um aluno que fez o curso todo aí, todo fim de ano nós nos reunimos : " Quero discutir o seguinte: fulano passa de ano?" , e eu dizia assim: " Passa de ano, pode mandar pra mim". Passou de ano, nunca foi brilhante, mas também não passou de ano por favor nenhum, porque cinco ou seis sempre tirava, né.

Olhe você não imagina o negociante que deu, eu até hoje não tenho casa própria, não tenho carro, nunca tive, ele próspero. Tanto que eu vejo menino que não vai bem na escola e digo: " não se incomodem, lá um dia ainda ele vai ser negociante, (risos) ele vai ser negociante pode deixar com ele ". Mas ele era um aluno.. bem fraquinho. Eu tive uma aluna, ela , acho que passou pouco tempo, foi minha aluna uns meses, a menina só falava francês, eu precisei aperfeiçoar meu francês e falar o francês com ela, isso foi a minha obrigação sempre gostei, essa menina é, ela, eu tinha que explicar a matéria, pra menina entender o exercício, mas valeu .

P.- Valeu ?

R.- Valeu, "poxa vida ". Agora, você quer saber um pouquinho sobre a disciplina, posso falar um pouco sobre disciplina ?

P.- Por favor, por favor .

R.- Eu acho que disciplina é uma questão de comunicação, de orientação, e de dar-se ao respeito, porque no meu tempo havia disciplina nesse ponto, eu era Dona Guida, é, é o meu nome : Dona Guida; nunca ninguém me chamou de tia, era Dona Guida, quando eu fui trabalhar em outra escola eu fiquei uma temporada selecionando professores, chegou uma mocinha, ela foi indicada pra pegar uma 4ªsérie, eu disse pra ela: " você quer que eu acompanhe você ?" " a não precisa Dona Guida, eu entro lá, eu lido com isso " . Pensei comigo: " vou ficar quieta aqui no meu canto aqui, esperando" . Aí não demorou muito apareceu lá chorando. Eu disse : " O que há?" jogaram bolinha de papel, jogaram giz, a, aquelas coisas que a gente vê na escola de hoje. Eu disse: "Mas o que aconteceu?" Ela disse: " Sei lá, Dona Guida, eu cheguei lá com tão boa intenção", eu disse pra eles : gente, corta essa de Dona, meu nome é, é Lúcia " vamos dizer, Lúcia" . E eu enxerguei tudo, enxerguei tudo.

Então eu disse pra ela ficar sentada, se refazendo, subi, conversei com eles, eu disse: " Uma pessoa não pode ser dedi, dedicada e amiga numa classe como vocês", quer dizer, fui curta e grossa. " Com vocês não pode haver amizade e nem sorrisos, e nem delicadeza". A, a classe ficou um gelo, e continuei, e disse a eles: " Que não seja preciso eu subir aqui com ela, porque ela vai voltar aqui e vai dar aula pra vocês". Depois eu desci e conversei com ela também, disse: " A disciplina a gente impõe por meio do respeito, o aluno tem que saber quem é quem, ele é o aluno você é a professora, você vai dar aula, pode chamar de Lúcia, não precisa dizer Dona, não precisa dizer tia, que eu acho muito antipático, não precisa dizer nada só dizer Lúcia fica, mais fácil ainda. Lúcia eu não entendi isso ; e você pode explicar perfeitamente, mas eles têm que saber quem é quem ."Porque isso quem era quem eu fiz com 19 anos numa classe de turma de 28, 28 anos ".

Eu contei pra ela dos casos de alunos bons às vezes que quando, porque um grita ele quer gritar mais alto, e tudo mais, ela conseguiu dar aula depois, mas é isso, é falta, vamos dizer, de...respeito, respeito a gente encontra, respeito ninguém dá, a gente encontra .

Acho que é isso que falta hoje não sei . Talvez hoje não funcionasse, né porque do jeito que a gente ouve, do que a gente ouve falar dessas classes, a, eu não sei dizer. Eu me lembro do menino que matava cabra "dando ar", ficou na minha classe no meio do, no meio das outras crianças, eram crianças novas, eu tinha um pouco de medo né, mas olhe não deu o menor trabalho, se adaptou, ficamos amigos, agora, eu sempre de olho nele, na escola né, criança é criança e os meninos, ainda mais, não é flor que se cheire . (sorriso)

Mas não, eu tinha muita conversa também separados, se eu tinha que falar uma coisa mais séria mais, vamos dizer, desagradável nunca falei na classe, nada disso, de jeito nenhum, porque daí aqueles que iriam se escandalizar, e outros que iriam achar que era um herói, né, porque tava fazendo aquilo.

P.- Chamava em particular?

R.- Então, chamava em particular. Agora eu acho isso também o que falta, o que falta, o que falta (ênfase) no magistério de hoje, do professor de hoje em dia, é amor na profissão ganhar pouco todo vida a gente ganha, então eu me formei, poxa vida "to" com 82, acho que foi por uns 60 anos, dinheiro foi muito pouco, e não fez falta, foi o que recebi, muito, muito baixo, né .E parei de dar aula até porque não faltou senso, uma Sra de 82 anos com aluno particular, onde eu "escute, ela tá ...o que elas vai ensinar agora?"(riso) né, então, uma coisa, o " desconfiômetro " também funciona . Eu parei de dar aula com, deixa ver, acho 78 (riso), antes de fazer os 80 . Mas de vez em quando ainda dou, pros sobrinhos eu sou obrigada, né . Hoje em dia, eles fazem pesquisa, então se precisam de algum dado, é pelo telefone: " tia, a senhora tem alguma coisa sobre Camões? "E eu digo: " tenho, porquê? O que você está precisando? " " Não, é porque, porque é, eu achei sabe tia, eu achei pelo computador mas é tão cumprido, é muita coisa ". Digo: " então leia pra mim o que você achou, "cê " lê e eu vou tirando, e eu vou tirando a limpo". Quer dizer, ele faz um trabalho que já tinha achado, mas enxugando, isso é fácil, isso eu sei fazer, isso é fácil . Isso eu faço pros meus sobrinhos.

P.- E é uma família grande, né Dona Guida ?

Graças a deus nós éramos três, ficamos só nós três, sem pai nem mãe . Hoje nós somos ..um irmão faleceu já, faleceu com 57 anos, mas deixou quatro filhos e oito , cinco netas .

Meu outro irmão tem três filhas, oito netos e uma bisnetinha, quer dizer que eu sou tia avó da um bando de gente, no natal " trinta, tinha trinta e duas pessoas, tudo aí, são quase todos casados já, só um solteiro, que é aqui na minha casa, né, aqui na minha casa". Perguntam : " Guida, como é que cabe?", "viu, coração de mãe não tem tamanho ". Eles querem vir para cá, né . Então é isso, é a minha vida de professora .

P.- Dona Guida como que a Sra traz, vai trazendo a sua história, trazendo seu relato, a sua experiência, como que a Sra via, percebia, pensava á respeito da prática do ensino tradicional daquela época, porque a Sra, de alguma forma, fugia do tradicional, né ?

R.- Eu acho que, que ele funcionava, viu o aluno aprendia, na "marra" (ênfase), mas aprendia . Agora, eu não queria que aprendesse na "marra", eu queria que aprendesse mesmo contente, feliz da vida, brincando um pouco e, na linha, que, que eu, uma coisa que, que eu não abria mão por exemplo: português correto . Até hoje tenho um sobrinha- neta que briga comigo porque, ela fez um provinha, eu fia avaliação, né, tava quase perfeito, eu dei 9,5 pra ela. " Mas porque, tia " " Porque faltou vírgula aqui, o dez é perfeição " . Não fui muito simpática : "Dez é perfeição " . Mas eu tive alunos que tiraram dez, né, muitos que tiraram, tiraram dez .

P.- E alunos que reprovavam com a Sra, era raro ?

R.- Eu, eu tive muito poucas reprovos, porque a gente lutava antes, da, da antes do final era reprovado mesmo, quando, quando, quando não tinha capacidade, vamos dizer assim, como esse caso dos, do, o aluno tirar cinco, se ele não vai além do cinco a repetência era preciso. Agora, como hoje, não há provas, não há exames, não há nada, simplesmente ele fica na escola, o aluno, ele não fica estudando, nem aprendendo, ele passa um ano, ele não passa de ano, isso é um absurdo . Porque, aquele tempo há, havia, vamos dizer, exame de admissão pra entrar no, no, na, na, segunda etapa, que era o ginásio, não é, muitos e muitos alunos vamos dizer, 80% dos alunos saíam da 4ª série, prestavam os exames, entravam direto na 5ª série. E havia um curso de preparatório, eu preparei, meu deus do céu, nem sei quantas crianças, eu lembro que tinha três turnos na minha casa, tinha que sobreviver, não é, mais era uma, mas era uma alegria.

Uma vez chegou um Sr me pedindo: " Dona Guida, meu menino está estudando em tal escola e precisa de um reforço" Eu disse a ele: " Com maior alegria eu receberia seu filho, mas acontece, que eu não tenho uma carteira vazia. Venha ver o senhor" .

(Nesse momento somos interrompidos pelo toque do telefone. Dona Guida me pede licença e vai atendê-lo . Desligo o gravador e em seguida retomamos)

P.- Estava falando á respeito da, dos, reforços que a Sra dava no preparatório na sua casa .

R.- A, foi, pois é. Chega esse pai de aluno e eu não tinha uma, uma carteirinha , eu tinha as minhas carteirinhas, mesinhas né, mas não tinha . A, tudo bem, não demorou meia hora ele me aparece lá carregando uma mesinha na cabeça;" Se é por causa de uma mesinha, eu trouxe uma . Aperte um pouco aí." . (riso) E era desse jeito a minha, a minha vida era assim.

P.- Pois o filho pra aprender com Sra.

R.- Pois o filho pra reforçar para o exame de admissão. Agora, você veja, a criança tinha que aprender mais do que hoje, agora hoje é o que tem, computador, tem, o tem métodos mirabolantes, mas, você não sabe até que ponto, porque a, a, escrita pelo computador informática não, não é aceita no, no, no vestibular né, vestibular eu já disse, pro, as, já disse eu ensinei até os 79, tive aluna .

Eu dizia pra ela:" Acento não é brinco que usa quem quer, acento tem que ser usado, porque deus mandou que nós nos amássemos, e se não tiver acento, vai dizer que nós nos amassemos". Aí ela nunca mais esqueceu de usar . (risos) Coitada " Por quê acento, também, ai professora, só acento " "Pois é, você veja a diferença até na Bíblia, está até na Bíblia, você vai comprometer Lázaro"(riso) E é isso então, coisas que eles não ligam mais: "Não, bobagem, o que que é isso? Faz muito tempo que, tempo da " zagaia ", né . Mas, é nada, funciona . Funciona, porque no vestibular, numa defesa de tese, eles vão corrigir ao mesmo tempo que lêem, é isso . Então, eu acho que nessa parte não é deixar preparado, viu, não, não há desculpa pra isso. " A mas tem minha idéia, estava ótima. "Ótimo, um menino inteligente, ele teve uma ótima idéia. Mas o menino inteligente escreve direito. Nesse ponto eu nunca abri

mão, olhe, eu estou com 82 anos e não aceito muita coisa quee, não vai mudar em nada se eu aceito ou não, mas eu continuo não aceitando, (risos) é um direito que eu tenho né. Então, era isso.

Agora, punição aplicadas, pelos pais , por situação assim eu acho uma aberração não é (fica pensativa) só que, a gente ouve contar, na minha escola nunca houve, mas a gente ouve contar, né, fazia ajoelhar no grão de milho, né, principalmente se for daqueles milhos (risos. A, o meu irmão, meu deus, ele era terrível, ele disse que eu era a professora mais, mais brava que ele, ele teve na vida fui eu, que era, era meu irmão tinha que dar exemplo pros outros ;era danado, sentava na primeira carteira, inevitável, não é. Um dia ele chegou na classe, e ele levou muito puxão de orelha. E eu não dizia nada, porque eu sei com quem eu estou lidando, até um dia ...

P.- Levou muito puxão de orelha da professora do 3º ano?

R.- Da professora do....

P.- Do 3º ano?

R.- Minha conversa com ele era em casa . E eu nunca reclamei de nada, nunca disse nada porque a professora era ela e eu conheço, conheço isso, isso aí . Mas um dia ela passou, tentou pegar a orelha dele, ele pôs a mão e disse: " ai Dona fulana, por favor, puxa a outra que essa daqui tá com espinha, to tratando e tá doendo que só vendo". Nunca mais aluno nenhum levou puxão de orelha, nunca mais, e ele é meu irmão, e ele disse : " Nada de puxar essa, por favor , puxa a outra" . (riso) Isso virou piada depois, na escola . É, era assim, era coisa corriqueira, coisa corrente, faziam mesmo, né, deixavam em pé num canto, né

P.- A Sra não fazia e não concordava?

R.- A não, não concordava, eu sempre achei uma bobagem muito grande que isso não levava a nada, é eu fazia como aquele que eu disse: " Você não fez lição para de casa três dias, você deve estar cansado, então hoje você descansa." Eu disse, eu olhei, era, era o inverso, em vez de eu mandar fazer uma cópia de cinco páginas que depois eu não ia corrigir mesmo, que ninguém é louco de corrigir, a gente, o dia que mandasse alguma criança escrever: " eu devo, eu devo obedecer, eu devo obedecer, eu devo ...", olhe, eu daria um presente pra criança que escrevesse uma linha e pusesse aspas embaixo (risos) a, eu comentaria sobre isso quando eu era professora, são coisas que eu sempre achei bobagem, não adianta fazer, não leva nada né, não é . (Pausa, fica pensativa) Eu era severa .

P.- Severa .

R.- Sim, a criança não, não era abusada, não, eu tomava pulso, eu sempre exigi muito respeito, então quando eu às vezes eu tinha necessidade de faltar, e eu nunca perdi uma licença prêmio, que eu faltava mesmo em caso extremo. Eu faltei e o, alguém me contou: "judiaram da substituta, foi uma criança " Eu disse: "peraí ", aí chamei um lá e disse:"Escuta", e ele disse: " Não fui eu Dona Guida, foi fulano, o fulano andava, andava pela classe miando que nem gato" . "A, é, então tá " .

A fita de gravação chegou ao seu final sem que percebêssemos.

Continuamos conversando sobre os rumos da Educação e outros assuntos mais amenos.

Nos despedimos.

Entrevista Realizada Com Dn^a Maria Dos Santos Pires do Amaral, Professora Da Escola Municipal Getúlio Vargas na Década de Sessenta do Século.

P – Entrevista realizada com Dona Maria...

M- Dos Santos Pires do Amaral .

P – Dos Santos Pires do Amaral, em 13 de março de 2006, pra dissertação de Mestrado em educação, da UNISO .

P – Dn^a Maria a Sr^a autoriza que esse material, o material dessa entrevista, seja utilizado pro, pra minha dissertação de Mestrado ?

M – Autorizo .

P – Certo, o nome completo da Sr^a é ...

M – Maria dos Santos Pires do Amaral .

P – Maria, eu chamei a Sr^a de Margarida .

M- Margarida . (risos)

P – Em que ano a Sr^a iniciou os estudos da Sr^a, Dn^a Maria ?

M – Que eu comecei estudar ?

P – Isso a 1^a série .

M – Eu estudei só no colégio Santa Escolástica sabe , com seis anos agora eu “to” com 78 .

P – Com seis anos ?

M – (Riso)

P – essa era a idade pra início...

M – Não , acho que foi sete porque eu entrei, eu não entrei no pré, entrei na 1^a, no 1^o ano, sete que aquele tempo tinha que entrar, entrar com sete mesmo, né .

P – Direto no 1^o ano .

M - É, é, direto é , e to com 78, então .

P – Como que era a sua experiência Dn^a Maria ,como aluna, como que a Sr^a, como era a menininha , a jovem , aluna ?

M – A gente não lembra muito né mais , eu gostava do colégio porque eu tinha uma amiga, Maria Soares, da família Soares que tinha móveis na rua da Penha né e ela estudava no colégio, ela fez o pré, lidava pra mim ir lá, minha mãe dizia que é longe, né, mas que tanto ela fez eu comecei lá né . Daí fiz o primário, fiz a, fiz a normal, depois eu, quando terminei o ginásio não tinha a normal. Depois...

P – No Santa Escolástica ?

M – No Santa Escolástica, o primeiro ano da normal foi comigo . (riso)

P – Pegou a primeira série ?

M – Primeiro , é primeira turma né, depois fiquei por lá né .

P – Em que ano a Sr^a começou a dar aula na escola Getúlio Vargas , a Sr^a lembra ?

M – No Getúlio Vargas eu não lembro, eu me lembro que eu me formei em 45, 46, 48 eu já peguei escola né, eu fui lá no, a minha escola era em Ipanema do meio, mas não conheci porque eu fiquei comissionada na, no, aquele tempo era Inhambirú agora é Itinga . Depois de lá eu vim aqui pra, aqui perto do, do Mangal, sabe, uma casa que a Prefeitura ficava, alugada dava aula de manhã e uma outra que dava, dava de manhã, acho que é de manhã e outra a tarde ou vice e versa, isso eu não me lembro bem. E depois de lá , daí eu fiquei, tinha me casado né, e daí eu fiquei grávida tirei licença, licença, né, pra, licença-maternidade eu sei que daí continuei, tirei mais licença e daí quando eu voltei fui no Quartel sabe, e depois do Quartel daí que a Prefeitura, porque aquele tempo a gente a, pedia escola assim, meu tio era médico conseguiu com Dr. Alberto, eu entrei, né. E depois aí teve um concurso, né e, eu era parece que a Segunda da lista daí eu peguei, peguei na Municipal tinha duas tinha na, na parece que no, período noturno, né .

P – Aí escolheu aí então?

M – É, escolhi aí, não me lembro o ano, o ano não me lembro, não .

P – Agora eu vou pedir pra Sr^a falar, assim muito à vontade da forma como a Sr^a quiser falar sobre seu ponto de vista quanto a finalidade da escola, sobretudo a escola dos anos 60, qual era a finalidade da escola segundo a sua forma de pensar ?

M – Como, como é isso finalidade ?

P – Pra que servia a escola ?

M – A, (riso) era pra ensinar, né, não sei, eu gostava, eu vinha no Getúlio, eu gostei do Getúlio sabe, não, era aquele tempo era o Otto né, era primo do meu marido ele que era diretor né, e muito bom sabe tinha também a auxiliar dele a Maria, né, que depois também se aposentou ficou a Ana Maria e, eu sei que a turminha era boa a gente gostava né porque, porque combinava bem, combinava de fazer alguma a gente fazia, aquele tempo também tinha, na, na escola era obrigatório de dar aula de catecismo, né, toda sexta-feira tinha aula, quem não era católico saía mais cedo que dava na, na última aula, né, e a diretora depois pegava os alunos, ela mesmo que preparava pra 1^a comunhão sabe, era bom isso né depois na Sexta-feira eles ficavam e ela pegava os alunos que, quando eu dava aula na 3^a série, primeiro vinha na primeira, vinha na segunda, depois vinha na terceira né, e eu sei que, o ambiente era gostoso falar a verdade sabe, sempre tem escola que devia que tem né, um fala do outro né, aí todo mundo combinava sabe.

P - Entre as colegas e os professores ?

M – É, tudo assim, eu continuei com a Guida, porque a Guida mora aqui perto, tudo, né, e sempre, (riso) tá junto, né, ela vem aqui eu vou na casa dela .

P – Ai que bom, eu gostei muito de conversar com a Dn^a Guida .

M – E quando que, no começo eu me apertava um pouquinho, porque eu dei aula também um pouquinho na 4^a, na 4^a série, quando eu tive uma menina os, os seis meses eu não, tava, fiquei de licença, né. E, eu sei que depois quando eu fui, uma coisa que eu tinha dificuldade, qualquer coisa assim eu ia com ela lá sabe, sempre, né .

P – Ela dava sempre pra 4^a série, né ?

M – Sempre .

P – Porque e de que forma a Sr^a escolheu esta carreira, magistério ?

M – Naquele tempo acho que foi como, num sei que, formar professora queria escola, né .

P – A Sr^a queria ser professora ?

M – É queria ser professora mesmo, toda vida né .

P – E a sua família, colaborava , incentivava pra que a Sr^a estudasse, fizesse o magistério como é que era, o pai a mãe da Sr^a ?

M – O, vou falar pra você, quando meu pai faleceu eu tinha 5 meses, né, triste, né, e depois minha mãe ficou viúva, né , tinha eu e meu irmão, né e, acho que, ela que, acho que punha na cabeça da gente, né, aquele tempo vai ser professora, professora a gente ficava naquilo, né que era pra ser professora, né .

P – Sua mãe estimulava ?

M- Estimulava, estimulava bastante .

P – E quando a Sr^a era, era aluna fazia o magistério quais eram as expectativas da Sr^a, dentro da profissão, a Sr^a pensava o que à respeito da profissão, do magistério ?

M – Tava, quando a gente tava eu já tinha, queria sempre, depois, dar aula mesmo, né

P- Que a senhora achava das professoras e dos professores, de ser professora o que a senhora pensava sobre isso?

M- Porque eu me formei em 46 e depois eu já comecei sabe, substituindo o grupo noturno certo, o Nei Fogaça era muito amigo do meu, casado com a minha tia, né, então acho, eu e ela fazia é, chamava, quando sobrava essa aula, sabe, e, depois tinha, tinha, aquele tempo não tinha que nem agora que tem escala, né, então o professor tirava licença e ele me chamava sabe, substituía essas ...(riso).Fiquei todo esse tempo substi, substituindo lá .

P – A Sr^a trabalhou como professora até quando, até que idade ?

M – Eu, eu me aposentei em 77, com 30 anos, com 30 anos dando aula...

P - Magistério ?

M – E, foi em 77, agora está, quantos anos, estou 78, em 78 eu tinha quanto?

P – Que ano a Sr^a nasceu ?

M – Eu nasci em 27 .

P – Vinte e sete, a Sr^a tava com 50 anos quando parou

M – Acho que é, eu to com 78, não to com 77 nada, to com 78, é que ontem eu tava conversando com uma amiga, foi sábado que meu genro também tinha um aniversário, ele me ligou pra “mim” ir num churrasco né, eu sei que daí tava ela conversando assim, que tinha 77, eu tenho um ano a mais tenho 78

P – 78? A Sr^a lecionou dos 20 aos 50 anos ?

M – Porque depois eu tinha a substituição, né, isso aí contou pra...

P – E quando a Sr^a se aposentou a Sr^a parou de dar aula definitivamente, ou continuou dando em particular ?

M – Parei, não eu parei, parei .

P – Parou .

M – Eu tenho cinco filhas, tinha cinco filhas, né, quando eu me casei eu morava na rua Sete depois eu vinha com, com, com as meninas pra escola, elas vinham comigo .

P – Como que era a sua prática profissional, como que era a didática da Sr^a, como que era a atuação da Sr^a em sala de aula ?

M – Eu, eu me formei depois, como eu te falei, substitui no segundo turno , que nem o Nei Fogaça falou: “Agora vai ficar três meses da Virgínia né, ela vai tirar licença especial pra ter criança né.” “Eu sei, mas eu nunca ensinei 1^a série como é que eu vou, outra série eu até fazia, né. Preciso aprender, né.” Ele disse: “A Sr^a vem, você não faz caso fica uns 15 dias com ela na classe, Sr^a...” Eu disse: “Eu venho, sim”. Toda noite eu ia sabe, ficava lá com ela que, primeiramente nós, a gente já estuda só depois de trabalhando que tem, né .

P – A prática a gente adquire praticando .

M – A prática, né, é, a é verdade .

P – Como que era seu contato, a sua relação com o diretor que é Sr Otto Wey e com Dn^a Ana Maria, aí no Getúlio Vargas ?

M – Aí era, tudo bem, muito bom, “puxa”, muito... (riso) .

P - As colegas também eram boas ?

M – Também, “ô” .

P – Com relação, a disciplina, indisciplina dos alunos ao aproveitamento ou não aproveitamento dos alunos, como que era a sala, as salas de aula da Sr^a aí no Getúlio Vargas ?

M – Aquele tempo era bom dar aula, a gente chamava a atenção eles ficavam quietos, agora não, (riso) agora é duro .

P – A Sr^a percebe que tem uma diferença daquele período pra cá ?

M – “Ô”, porque eu me aposentei depois minha filha também dava aula aí, né, no pré, depois , saiu do pré ela ficou com a 1^a série, né, ela disse: “Ai mãe, Sr^a fica, se tivesse dando aula agora, a Sr^a ia ver a diferença”. O aluno não obedece, né , você chama a atenção né, a mãe já fica brava, né .

P - Naquela época era mais, mais, tranquilo .

M – Mais tranquilo, chamava os pais qualquer coisa eles vinham, cooperavam, né, e a aluna obedecia também sabe .

P – Os alunos que, aqueles mais difíceis, aspas, né, aqueles mais difi, mais traquinas . Como que a Sr^a lidava com esses alunos mais peraltas ?

M – Ai a gente vinha falando com jeitinho, né, porque, né, até eles diziam pra mim , nossa “fulano” eu quando me aposentei eu tinha 3 ou 4 que era, nossa, sabe . Mas, na sala de aula,

igual na sala de aula eles não fazem isso, eles sempre reclamam assim; “Ai no recreio eles fizeram isso, isso, aquilo”. Eu digo: “Não tenho nada que ver com o recreio, né”. Eles eram mesmo, né. Não podia mesmo dar liberdade né, mas o resto era tudo bonzinho, ai, falar verdade, os mais pobrinhos era os melhores que a gente lidava .

P – Porque, melhores dona Maria?

M – Não sei, é não sei, olhe obedeciam sabe, porque, eu não tenho queixa na classe eu não tinha queixa, era pouco que eles mandavam com a diretora eles já resolvia ali, né, só quando precisava mandar algum, mas eu acho que ...

P – Mandava pra diretoria só em casos isolados, especiais?

M – É, aquele tempo a gente dava um jeito ali, né, e ...

P – Tentava administrar o problema ali mesmo .E os casos que a Sr^a encaminhava para a diretoria, como que eram esses casos ?

M – Era o aluno que não parava, o aluno que não fazia a lição sabe, esses, falava lá pra ela daí ela chamava, ela que chamava daí a mãe pra conversar né .

P – Naquele tempo existia algum tipo de castigo né, e era mais ...?

M – No começo podia ficar em pé assim, sair fora da classe ali fora né, mais bater já não podia não .(riso)

P – Bater não, quais eram os castigos mas não exatamente pela Sr^a, mas pela escola de uma forma geral, a prática das professoras de uma forma geral, quais eram os castigos mais comuns que aconteciam ?

M – Não tem, ai na escola não, falar verdade não, não sei, o ambiente era bom sabe, essa escola naquele tempo era, (riso) eu sei que tinha tudo, a gente, olha... eu sei que ... eu gostava daí .

P – Gostava né?

M – Gostava daí .

P – A Sr^a morava aí na rua Sete mesmo ?

M – Eu morava na rua Sete depois mudei aqui quando, quando me aposentei já tava aqui, no começo de 70 , no começo, no final de 70, 69,70 . A minha filha, a primeira casou em 70 né.

P – Como que a Sr^a avalia as transformações que aconteceram naquele período, os anos 60 foram marcados pelo, pela, pelo golpe né, pela revolução de 64, a questão política houve uma reviravolta política em todo o país, como isso interferiu se é que interferiu de alguma forma na, na sua condição de professora de criança, Sr^a faz uma avaliação desse período ?

M – Não sei, sabe o que é, criança de, eles tinham 9 anos né, e criança aquela tempo não tinha essa maldade que nem tem hoje né, eles obedeciam, não sei não... não acho não uma coisa não, eles obedeciam a gente sabe, na classe perto da, longe da gente faziam né se a gente virava um pouquinho um já, um já reclamava: “Dn^a Maria,ói fulano aqui.” (riso) eu só virava: “Não to fazendo nada, Dn^a Maria”. E fazia de conta que não via muita coisa né, porque se não, mas eles eram bonzinhos olhe falar verdade a gente acaba a aula bem sossegado sabe .

P – Quantos alunos em média tinham a, as classes ?

M – Olhe sempre tive quarenta, quarenta e pouquinho, me lembro uma vez que eu tinha posto já quarenta ou quarenta e um a Ana Maria veio que, não sei quem de fora: “Ai, posso por, mais um aluno porque naum tem, na outra classe também mais não dá né.” Depois disse: “Mas não tem carteira, mas eu ponho uma carteira aqui”. Na minha classe era , subia a escada ali do redor, ali e dava logo na porta, não tinha, era vago depois ela disse: “Eu ponho uma carteira.” Disse: “Pode por, quem tem quarenta e um tem quarenta e dois, né” .Mas o que era duro depois a gente corrigir tudo né, eu trazia a, sempre lição de casa pra corrigir, sempre, porque não dava, dava redação pra eles né, como é que dava tempo de corrigir quarenta e poucas redações na, na classe .

P – Quarenta é complicado né.

M – Não dá .

P – E os alunos que não faziam lição de casa que eram mais ...tinha uma dificuldade, como é que a Sr^a lidava ?

M – A, daí eu, a gente tinha que ter paciência né, daí às vezes eu chamava a mãe também, falava sabe, depois eles vinham né, mas tinha uns que não faziam mesmo, nossa, olha .

P – Não faziam ?

M – Não, eu sei que ela ia, mas era, não faz lição de casa .

P – Aí a Sr^a chamava a mãe ?

M – Chamava a mãe, a mãe falava que ia fazer, fazer né, um dia fazia depois né, então o que a gente fazia, a gente tinha que largar, né, fazer, fazer o que? Obrigar não podia né, depois sobrava com a gente mesmo né então, mas isso era pouco, pouco caso mesmo.

P – Alguns casos?

M - Alguns só .

P – Como que era a participação dos pais na vida da escola, dentro da escola ?

M – A eles participavam sabe, tinha reunião e eles vinham sabe, muitas vezes a mãe tava trabalhando não podia vinha o pai sabe, eles vinham, e daí a gente já falava tudo pra eles assim né, a gente não queria se também ficar, né, chamando, só quando precisava mesmo né.

P – Quais os comportamentos eram admitidos na sala de aula, em relação aos alunos, o que o aluno podia fazer em sala de aula ?

M – Conversar não podia né, porque se não né, se um fazia uma coisa né, que nem no começo, não tava parando, não tava, inquieto não tava parando, tava conversando, (riso) tinha que não deixar, porque se não um via que o outro tava conversando o outro também né, um saía do lugar ia no outro se debruçava assim sabe, quando eu virava corria e sentava pra lá. (riso)

P – E o que a Sr^a fazia nesses casos ?

M- Eu falava: “Não faça mais isso, vai atrapalhar.” Ia pra copi, copiar a lição do outro né .Eu tinha um então que derrubava a borracha, saía do lugar, eu disse: “Vai pro seu lugar, já”. Disse: “Não, fui pegar minha borracha.” (riso) Pegar a borracha pra olhar como é que fazia o problema né .

P – E os alunos que tinham mais, se é que existiam esses alunos, os alunos que tinham mais dificuldade com o aprendizado, como é que eles eram tratados durante o ano ?

M – A gente puxava mais né a gente ia mais sempre né, quando dava problema assim na lousa qualquer coisa a gente ia sempre na carteira mais desses daí, né . fala, conversava com eles ia falando daí ele ia, falando se era desse jeito, desse jeito, né, sei que ... eu graças a Deus sempre passei bastante aluno era raro, sabe , ficar sabe...

P – Era raro a reprova ?

M - ...Aquele tempo não tinha que nem hoje, que tem recuperação né, sei que ...

P – Era um exame mesmo final ?

M – Era exame mesmo .

P – Eu verifiquei nos livros de registro da escola e foi lá que eu localizei o nome da Sr^a, o nome das outras professoras e dos alunos, e eu observei mesmo que o n.º de reprovados não era tão assim né .

M – Eles achava ruim que teve uma vez eu perdi uma aluna, até eu falei pra diretora Dn^a Ana Maria né, disse: “Judiação, dessa aluna, a aluna é boa, ela é ótima”. E só valia a nota da prova, sabe e não deu na matemática ela não deu, ela repetiu .

P – Ela repetiu ?

M – É, só sei que uma judiação viu, você vê que ano depois não, somava tudo as notas das provas tudo né, mas eu não sei o que deu né, até brinquei com a diretora: “Ai se eu soubesse que ela ia fazer isso eu dava uma olha, uma olhada na carteira dela eu dava(risos).”Mas aluna boa que se crê, né , não sei o que deu, acho que ficou nervosa .

P – Ela ficou reprovada por causa da matemática ?

M – Por causa da matemática .

P – E ela era boa aluna ?

M – Boa aluna .

P – E essa era a regra ...

M – E é, era só a nota do exame final, na prova final .

P – E a Sr^a sabia que ela mereceria não ter não ter reprovado ?

M – É sabia , pois a Ana Maria mesmo conhecia, né, conhecia os pais tudo, né, mas sei que...

P – Quando a aluna, o aluno era reprovado o que acontecia, como é que iam os pais o aluno, na escola?

M – Porque a gente já avisava antes sabe, que, que acho que não dava pra passar, tinha mãe que não ligava fazer o que né, falou, se empurrar não adianta que depois chega na outra série, né, né, piora .

P – Quando era reprovada como que é que, que acontecia ?

M – Um ano eles ficavam né, depois do outro, do outro ano diz que não, mais é acho que , acho que era assim .

P – Sr^a não lembra exatamente disso?

M – Não, eu sei que, eu sempre eu, eu reprovava pouco sabe .

P – É na relação dos alunos da, das classes da Sr^a lá era pouco mesmo, o n.º de reprovos .

Existia algum caso de desligar o aluno da escola por causa de indisciplina, já conheceu algum caso assim do aluno ser desligado, ser convidado a se retirar por conta da indisciplina ?

M – Não lembro não, acho que não, na minha classe não .(riso)

P – Na sua classe com certeza não .

M – Mas acho, que nem na escola mesmo, se não todo mundo comentava, né .

P – Quais eram os comportamentos dos alunos de uma forma geral, não só na sua sala, de uma forma geral os comportamentos dos alunos que não eram aceitos, comportamentos que eram, comportamentos que eram repudiados, que eram proibidos ?

M – Ai, não sei, porque, eles quando faziam as coisas deles, faziam no recreio né, as malandragens tudo faziam no recreio né, e na classe não ...

P – E quando faziam malandragem no recreio eles eram, aí iam pra diretoria ?

M – Aí iam pra diretoria, pra diretoria, a diretora que chamava né, os pais né, ela chamava .(riso) Aquele tempo criança não era que nem hoje sabe, hoje tem muita, né, eu vejo, eu tenho nove netos, né ...

P – Nove?

M –...É, tenho dois bisnetos mas são pequenininhos, mas a gente vê nossa, o caçula tem oito anos mais olha, conversa, fala que...(riso)Fica irrequieto depois na, na classe acho que não para também não .

P- Certo, não ocorria, que a Sr^a saiba não ocorria desligamento de aluno né, e os alunos também não, não eram indisciplinados dentro da sala . Quais eram os critérios, Dn^a Maria pra admissão do aluno na escola, pra aceite de matrícula de aluno na escola, Sr^a lembra ?

M – Olha, aquele tempo, falar a verdade é , eu acho que, sei lá com a Ana Maria sabe, que agora não, agora, quando eu tava lá mais no final era por, né .

P – Sorteio .

M – Sorteio né, mas antes não, iam pedir pra ela tinha vaga ela ia pegando sabe.

P – Certo .

M- E sempre falar verdade quase não dava porque, que nem minha classe você passa, de 42 ficava 2,3 já é bastante, já ia né, eram poucos que repunham né.

P – Eram 39 pro ano seguinte .

M – É só tinha, duas, duas em cada série né, duas classes em cada série .

P – Sr^a lembra de algum caso, de alguma situação que tenha marcado de alguma forma é, punição de indisciplina, algum caso mais específico, como a Sr^a lembrou do caso dessa aluna

que era muito boa aluna e foi reprovada por causa da matemática, foi um caso que marcou não é, algum outro caso que tenha marcado bastante ?

M – Não lembro não, e a Ana Maria também ela era muito sabe, ela, reservada né tinha caso assim ela não comentava com a gente, que tem uns que esparramam né, falam, ela não, ela sabe, ela já resolvia .

P – Ela resolvia, dentro do gabinete dela ali .

M – É, ela resolvia, é .

P – Uma pena de ela estar doente, gostaria muito de entrevistá-la .

M – Mas olha, ela é muito boazinha nossa .

P – É o que todo mundo diz .

M – Agora sei, ai, sei que ...judiação não .

P- Nós sabemos que algumas escolas, algumas, principalmente lá naquele período, e eu sou aluno daquele período, dos anos 60, por isso que eu estou fazendo essa pesquisa. Esse é o meu interesse, nós sabemos que algumas escolas existiam punições mais severas né que, situações vexatórias, de colocar o aluno em pé de costa pra sala de aula, e outras escolas mais severas ainda, o aluno ajoelhado em grãos de milho né, em outras escolas . E a opinião da Sr^a sobre essa severidade toda, aplicada naquele tempo .

M – A eu achava errado né, eu acho, eu nunca deixei aluno assim, eu se fazia qualquer coisa meio errado eu já, mandava na diretoria, poucas vezes mas eu mandava né . Daí ela resolvia, vinha, ele ficava com carinha assim, (riso) meio envergonhado, se pusesse pra fora da classe ele saía pro recreio, que nem uns, umas falavam assim. “E, fulano tava lá no recreio”. (risos) Aí, coitado né, daí fazia ainda coisa errada pra sair né. (risos)

P – Pra ter um recreio mais longo, né. Então não era uma boa tática né, mandar o aluno pra fora.

M – Não era não, tinha uns que pediam toda hora pra ir ao banheiro, e a gente deixava né porque, podia fazer na..., então falava assim: “I, Dn^a Maria...” O outro ia voltava: “...ele nem foi no banheiro, ele tá passeando lá no...” . (risos)

P – E daí o que a Sr^a fazia ?

M – Daí mandava o outro chamar, daí ele vinha sabe.

P – Quando chegava na sala ?

M – Eu dizia, agora a próxima vez você que vai, se prejudicar você pode pedir a gente, pensa que é mentira e não deixa ir, né. Mas tinha que deixar, né. (riso)

P – Deixava, acabava deixando .

M – Deixava.

P – Tinha muitos alunos pobres na escola, ou a maioria eram pessoas mais...

M – Não, tinha ela também pegava, ela pegava assim, pessoas assim sabe da redondeza, tinha uns né, era, porque falar verdade aquele tempo tinha aqueles filhos dos Barbero que estudava ali, tinha um colosso né, aquele do Ivan Doretto que estudou aí né, o Dirceu um colosso de sabe, sei que ...

Mas tinha bem aluno na minha classe, tinha também bem aluno pobrinho, eu tinha um aluno judiação era pobre naquele tempo não dava lanche na escola né, no começo né, então eu via tinha dó, então todo dia eu pegava fazia um sanduíche pra ele, sabe pra ele não passar vergonha eu combinei com ele eu chegava mais cedo eu ia lá punha na carteira dele , em baixo sabe.

P – Sem que ninguém soubesse ?

M – Pra ninguém saber né que, eu sei que ele, sabe .

P – Dava pena né?

M – Dava pena né . Mas depois começou dar lanche na escola né. É, é, no começo as festas eram tão boas, a Ana Maria fazer o dia da criança, tinha uma mesa, punha, né. E o marido dela tinha padaria, então fazia todo doce, aqueles colossos de doce, sabe. Pegava dinheiro da

caixa mais também, contribuição que deram, fazia mais barato né, mais sei que , a criançada se divertia .

P – Se esbaldavam ?

M – A se esbaldavam, e depois não dava mais porque também a Prefeitura não dava mais né, sempre tinha dinheiro um pouquinho em caixa né, pois é.

P – E na sala de aula tinha alunos da caixa Dn^a Maria ?

M – Tinha, aquele tempo eles davam até uniforme no começo, depois que não dava, dava material tudo, né, ultimamente, acho, não estavam dando mais nada, não sei.

P – Na classe da Sr^a era, era, pelo que eu entendi, o nível sócio econômico, eram bastante heterogêneo.

M – Era, bastante heterogêneo, chamava os pais, fala que ia chamar eles já ficavam né, mas agora né .(riso)

P – Gostaria que a Sr^a falasse um pouquinho Dn^a Maria, como a Sr^a sente, o que a Sr^a pensa à respeito da educação atual, da escola atual tendo como parâmetro né a sua vivência como professora lá dos anos 60, fazendo uma comparação...

M – Minha filha foi da direção, não era bem direção o cargo dela é, aqui da, do Getúlio né. Hoje já aposentou, né, ela dava aula de história, ela tá, auxiliar da, da direção né, ela fez bastante curso, né, mas, nunca teve, não teve mais concurso pra ser, né, então ela falou assim, que ela chamou uma vez uma mãe pra falar do filho né, a mãe falou assim pra ela: “É, as professoras trabalham muito em casa, vem estressada e desconta nos alunos”. Na frente do filho, então o que ela falou, assim: “Eu nem chamo mais, vou chamar vem aqui, vem com essas né.” Né. Na frente do filho, então como que vai, vai endireitar, né.

P – Desautoriza a professora, é isso_?

M - ---- a gente chama, e ainda sempre acha que o filho tem razão que a gente que né .

P – E lá nos anos 60 era diferente ?

M – A diferente, “ô”, quando eu comecei a lecionar lá na escola de Salto de Pirapora, eu até brincava com as minhas meninas a gente ouvia até mosquito voar quando, um não atrapalhava o outro, né, ouvia até barulho de mosquito .

P – A Sr^a tá dizendo da diferença que na, nos anos 60 era tudo mais tranquilo e agora tá ficando mais complicado, certo . Estamos iniciando a 2^a metade, ficou interrompida porque a fita a, tinha acabado daquele lado, e eu gostaria nessa 2^a metade, Dn^a Maria, que Sr^a falasse assim muito à vontade, da forma como a Sr^a quisesse falar, é, o que a Sr^a pensa à respeito do futuro da educação no país, tendo como base, o passado, anos 60, o presente: anos 2000, o futuro, qual seria a projeção pra futuro, segundo a sua forma de pensar ?

M – Que tem, que tem aluno que a, estuda mesmo, né, mas tem outros que, né, não sei como é que vai ser não (riso), eu tenho netos que estão estudando, né, ainda não se formaram tudo, né, mais se vê como eles contam, né, aí que fazem isso, fazem aquilo, né, aí graças a deus que meus netos, né, não fazem né. Mas que nem a minha filha fala: “toma cuidado porque depois fica”, né, qualquer coisinha que o outro faz fica, que você, né, aí eles falam que é isso, que, nossa, que não respeitam o professor, só sei que, não sei como é que vai ser, né.

P – A Sr^a tá dizendo aí que eles não respeitam o professor, mas, também, segundo essa experiência da sua filha, também com a autorização dos pais, o aval dos pais, os pais autorizam os filhos a não respeitar .

M – É, assim que fala, a educação vem da casa, né, olhe minhas filhas, elas vinham comigo na escola, né, então eu dizia pra elas: “Olhe, se a professora reclamar de vocês, nós, eu fico quieta na escola, mas quando chegar em casa vocês vão ver o que vocês...”(riso) “Ai, porque eu não quero, porque não pode fazer, porque a professora sempre tem razão, se você não fizer nada ela não vai chamar a atenção de um aluno, bom, né, não vai, né”. E eu sei que ela sempre, né, eu perguntava: “não, ela é comportada, não, ela é comportada”. (riso)

P – Nunca teve queixa ?

M – Nunca tive queixa, né, eu sei que... isso que eu digo, mas tem mãe que larga, né, deixa, né, não se incomoda, tinha umas que a gente chamava na escola ela não gostava de, de ficar ouvindo, né. (riso)

P- Mas era, era comum isso ou era... ?

M- Não, era uma outra, isso era uma outra que de vez em quando sabe, porque na hora chamava a diretora mesmo lá, conversava sabe, porque assim já falava tudo que era, né, então para não interromper a aula né, então ela ... também para os outros alunos verem a mãe tava daquele, aluno estava ali, né, ela era bem discreta, sabe .

P - Quais eram as razões mais comuns que, justificavam para chamar os pais?

M –A, sei, que nem lá na escola, no recreio eu sei que eles falavam tudo que faziam, um colosso de coisas sabe, e eu tinha uns alunos aí que era filho de, gente, (riso) boa, né, mas eu sei que eram levados, né. E na classe, porque eu sempre fui, eles falavam que eu era durona, né, na classe tinha que ser assim mesmo, né, mas no recreio, eu sei que esses daí, quando eu me aposentei eram 4 ou 5, olha, tem coisa de carro até, coisa de loja grande, eu sei que, olha, mas faziam... na classe o que eu fazia? Eu punha um aqui outro lá, outro lá, tinha uma vez depois eu falei pra Ana Maria: “Agora ano que vem você precisa separar, né, a 4ª série, não pode por os cinco juntos”. Mas se a mãe ia, queria, né, ficasse o colega junto, né, colega junto daquele lá, né, eu sei que...(riso)

P – O ideal seria separar o grupinho, desfazer o grupo, mas os pais, as mães queriam que eles ficassem juntos ?

M – A, queria, olha que o último ano que eu dei aula aí eu peguei esses cinco, sei que daí quando eu tava dando aula aquela Borges me chamou, a filha dela foi minha aluna: “Se você quiser você pode pedir aposentadoria já, eu já vejo e na, amanhã você não vem”. A, foi em novembro, minha filha como ia casar em dezembro mesmo, tanta coisa que fazer, a, peguei, já pedi aposentadoria e já, não esperei nem...(riso) Até teve mãe que falou que uma, era até minha prima, né, que o filho dela era meu aluno né, eu digo: “A, não, já que eu posso”.(riso)

P – Foi 1900 e, 70 ?

M – Acho que, não minha filha casou em 77 .

P – 77 .

M – Eu consegui em 77, e, eu sei que já no final eu tava muito, né, mais ...(riso)

P – E aqui no Getúlio Vargas, nos anos 60 a Srª dava aula de manhã ?

M – Era de manhã, depois que foi, era de manhã, era de manhã e sábado era á tarde, porque no começo tinha aula sábado, né, porque isso tinha normal era, o normal era de, era de noite, né. Então eles faziam, dava aula prática de manhã, né, dava aula de manhã, era à tarde, sábado era à tarde, é, eles trabalhavam e sábado, então, né, estudavam de noite, eles trabalhavam durante o dia e sábado a aula era à tarde, era deles, todo dia era de manhã .

P – E a Srª dava aula no sábado á tarde ?

M – É, é, dava.

P – A Srª tava dizendo, nós estávamos, estava numa comparação dos anos 60, a atualidade e a projeção pro futuro ?

M – É .

P – Pro futuro da educação a Srª tem uma idéia ?

M – Eu acho que, acho que vai ficar do mesmo jeito não, impossível que mude não, (riso) ai ...Sei que, eu acho que não vai mudar não, também mudar pra que, não? (riso)

P – Nos anos 60, era melhor, era pior, como é que era ?

M – A, era melhor pra dar aula, né.

P – Melhor pra dar aula ...

M–Os alunos tudo era obediente, obedeciam, sempre tem, toda época, todo mundo reclamava, sempre tem 2, 3 tinha, né, “cê” vê 40 alunos, né, e mas não posso reclamar, né.

P – E a Srª tinha fama de durona, então ?

M – A, a porque não deixava fazer mesmo né. (riso) A, se abaixa a cabeça pra um, né, até um fala a verdade, o pai, depois fala assim: “É, morei lá na rua Prof. ° Toledo sempre fomos vizinhos, depois, e meu filho fez coisa errada você pôs na última carteira”. Ele era grandalhão, sabe, e tinha aluno pequenininho, né, e ele não parava no lugar dele, sabe, tava na frente quando eu via tava olhando pra trás, saía ia...então eu peguei e pus na última carteira, eu digo: “Porque da última carteira ninguém enxerga você, das outras pra lá, né”. A, o pai ficou bravo, a mas ele foi falar comigo na minha casa, eu digo: “A, mas o que você quer que eu faça, ficou mesmo na última carteira, né, porque se tem aluno bem menorzinho do que ele eu não posso por, né, a gente também tem que, ver a altura né”. Ele era grande mesmo, né.

P – E não parava quieto ?

M – Não parava quieto, não parava no lugar .(riso)

P – Foi lá pro fundo ?

M – Da 2ª carteira foi pra última ainda, no canto ainda pra...(riso) A, se a gente não toma providência, como é que a gente faz, não consegue dar aula né, não conseguia dar aula, aí, então, não tem como . (riso)

P – Tem algum, algum episódio, algum caso aí Dnª Maria de algum aluno especial, como uma dificuldade motora ou alguma dificuldade física, assim, de visão ou audição, já teve algum assim?

M – Não, nunca tive.

P – E, alunos com dificuldade, que tenha chamado a atenção da Srª, com dificuldade mesmo no aprendizado .

M – A, isso tinha, tinha uns, sim, que era uma judiação porque a gente via que tem vontade, sabe, uma gente humilde, pra você vê, os pais, tinha a mãe, eu falava: “Dá uma olhada na lição de casa”. “A, mas eu não sei, meu marido também não sabe”. Quer dizer que: “não estudei”, não tinha jeito, né, então a gente que tinha que dar mais atenção pra eles, né .

P – E eles não conseguiam alcançar ?

M – Conseguiam até, até que conseguiam, e tinha umas também lá que sempre que nem , que sempre eu, essa não era assim não, eu fui reclamar com a Ana Maria digo: “Ai, Ana Maria, mas é, é duro”. Ela disse: Ai não se incomode, todos de lá dá, dois, dois anos fica atrás, mesmo”.

P – Uma família que tinha dificuldade ?

M – É, mas a família era gente boa, mas é que nem falou , não sei que, que de cabeça não sabe, que era do, dois anos fazia em cada ano, mas depois foi indo, foi indo melhorou né, mas era gente conhecida aqui .

P – Tinha dificuldade ?

M – É tinha dificuldade mesmo .

P – Nem eram?

M – Gente boa, aluna boa quieta fazia a lição de casa direitinho, né, que a mãe ajudava tudo, né, mas tinha dificuldade .

P - Dificuldade ?

M – É .

P – A Srª se aposentou em 77 e nunca mais foi professora, tem saudades do período de professora Dnª Maria_ ?

M – A, era gostoso, né que a gente saía todo dia, a gente subia aquela rua sete, seu Amaral dava aula de educação física, e as filhas dele, as duas foram minhas aluna, né, e depois, uma um ano, a outra, outro, então ele vinha trazer com a mulher: “pode deixar, eu passo por aqui, eu levo, né”. Então todo dia eu, elas ficavam esperando na porta e vinham comigo pra ir embora também, que antes eu vinha aqui pelo, não tinha casas, por aqui existiam campinhos, atravessava né . Mas depois minhas meninas não gostavam de andar assim, quer dizer, tinha

matinho no caminho já batido, né, então eu comecei ir por lá né, sei que,(riso) era gostoso né, ai, ai .

... tinha dois muito bons alunos, a gente guarda, né. Tinha um de cor, então, o Bedenego, ai mais que aluno bom, aquele também era humilde, sabe.

P – Bedenego?

M – É.

P - Dn^a Guida me falou dele .

M – Á falou, mas que aluno bom, ele até alto, sentava na última carteira mesmo, sabe, e prestava atenção sabe, mas eu sei que muito bonzinho, foi com a Guida também, depois de mim foi pra Guida

P – Com dona Guida também.

M – Mais muito bom, a gente lembra né .

P – Tem mais algum aluno assim que tenha marcado, igual o Bedenego, por alguma razão ?

M – Não, tinha outros, né, mas esse daí eu guardei mesmo, que ele era amoroso também sabe, depois tem outros que tinham mais dificuldade mas era sabe, não ficava muito, né .

Mas ele não, ele era compenetrado, ficava ali sabe, muito bonzinho, educadinho .(riso)

P – A Sr^a gostaria de falar, poderia falar mais alguma coisa a respeito da sua prática da educação sem que eu faça perguntas? O que a Sr^a quiser falar .

M – Não, não, eu não falei pra você, que na, no 4º ano uma vez eu via com a Guida, ela sabe, falava, fazer assim, fazer assim, ensina, ensinava, né, e que nem aula de religião tinha que decorar música, ela ia cantar música nova comigo: “Eu vou cantar pra , pra sua classe primeiro”. Porque eu não conhecia, pras alunas aprenderem . E os que sabiam também daí sabe, ela saía da classe dela, a classe dela era junto a minha, né, todo mundo, uma ajudava a outra sabe .

P – Dn^a Guida saía da classe dela e ia cantar na classe da Sr^a ?

M – Ia, os alunos pra, eles né, que ela cantava na dela eles ficavam ali com o ouvido, assim, sabe, então eu falava pra ela. “Pode deixar eu vou cantar pra eles”. Muitos já conheciam, né e... (riso)

Ela dava antes pra mim, antes eu dava pra eles, sei que era gostoso, uma ajudava a outra, né.

P – Ela gostava muito de hinos né, ela falou que ela decorou todos os hinos .

M – Muito boazinha, nossa, como era, e ela morava, quando era solteira morava na Prof. ° Toledo, entre a rua da Penha e a rua Sete, e ela morava na rua da Penha perto da Prof. ° Toledo sabe, quer dizer que sempre a gente, né, e eu tinha amizade com uma ali da rua Sete ela passava por ali, já conhecia a muito tempo .

P - Já

M – É, ela morava com a tia dela, tia , tia ou vó dela , acho que era tia, que criou né, os pais morreram, morreram antes, né, sei que... já conhecia né .

P – Então nós vamos encerrar a entrevista Dn^a Maria, e esta entrevista realizada com Dn^a Maria pra dissertação de Mestrado em educação, no dia 13 de março de 2006, do mestrando Pedro Alexandre Rondello .

Muito obrigado, viu Dn^a Maria, pela sua colaboração .

**Entrevista realizada em 24-3-2006, com Teonila Púglia aluna da Escola Municipal
Getúlio Vargas na década de 60 do século XX .**

P – Nila você autoriza que o material, o conteúdo desta entrevista seja utilizado na minha tese de dissertação, na minha dissertação de Mestrado ?

N – Autorizo .

P – Eu gostaria que você falasse um pouco Nila, à respeito da sua história, como que era pros seus pais, a questão da escola, ter os filhos estudando, ou não, se estimulava, não estimulava? Como que era isso, em casa?

N – Eu sou de um família de onze irmãos e eu sou aluno, e o estudo sempre foi a prioridade do meu pai e da minha mãe, especialmente minha mãe que era que mais assim, pegava no pé e queria que estudasse. E eu me lembro até que eu tinha muitas amigas, que a prioridade das mães era pra elas arranjam um casamento né, que era pra pensar nisso só, e a minha mãe é professora primária aposentada, meu pai fez até o colegial e a prioridade era estudar, então eles fizeram tudo que tava dentro das posses deles, ao alcance deles e assim, dos onze, acho que apenas um não fez faculdade, todos fez, todos nós fizemos faculdade .

P – E a sua mãe era professora em que escola ?

N – No Padilha, ela se aposentou , que é uma escola tradicional também em Sorocaba, né .

P – E a sua mãe ela, ela é formada, ela tem o magistério, você sabe dizer em que escola ela se formou ?

N – Ela se formou em Itapetininga .

P – Certo .

N – Que tinha a, a escola pra magistério. Sorocaba não tinha e Itapetininga que era bem menor é, as pessoas iam estudar lá, e minha mãe é de uma fase que em 1913 que os pais, a maioria não considerava que devia estudar, mas a mãe dela, a minha avó fez questão, e era meio estranho mandar uma filha, né, uma mulher estudar fora, e a minha mãe foi e se formou nessa escola em Itapetininga professora do primário .

P – Quer dizer que esse, esse pendur aí pelos estudos, né, essa importância dada aos estudos é, vem de muito longe, né ?

N – Vem .

P – De outras gerações .

N – Isso .

P – E você entrou, começou estudar na escola Getúlio Vargas quando Nila, em que ano ?

N – É, eu acho que foi em sessenta e seis que eu comecei ...

P – Sessenta e seis ?

N – Sessenta e seis .

P – Certo, você lembra quem era a sua professora ...

N – Olha, alguns eu lembro dos, tinha a Dn^a Esther que era professora de matemática que era o ...(riso) que á, que todo mundo morria de medo, que ela era brava mais, tinha a Dn^a Sônia, professora de francês, de português uma professora que eu gostei muito foi a professora Marilene Neiva, teve a Dn^a Terezinha, de português também, que, mas eu lembro da Dn^a Marilene que até ela me fez gostar muito de português. Tinha de geografia professor Mauro, esse já faleceu, de história o seu Maneco, eu também gostava muito dele, isso eu to pensando em termos de ginásio, né.

P – Certo, agora voltando um pouquinho mais no tempo, lá no primário, você tem alguma professora que tenha marcado mais, por alguma razão ?

N – Olha, a minha professora de 1º ano, do primário Dn^a Ivone Soran, que é viva ainda .

P – Eu vou voltando lá pros anos 60, Nila e, fico relembando da prática do professor, na sala de aula, dos professores de uma forma geral lá nos anos 60. Queria que você falasse mais

sobre as suas impressões, sobre aquela prática lá nos anos 60, no primário, como que era a atuação dos professores, como que você sentia a atuação dos professores .

N – É, eu to tendo uma vivência diferente hoje porque, eu já tinha faculdade e to fazendo faculdade de novo.

P – Certo.

N – E eu, e eu tenho comparado muito com meus professores do passado, né, e começando desde o respeito dos alunos pelo professor, o respeito do professor pelo aluno que, eu acho que muitos professores já fazem de um modo que eles não se deixam respeitar, né. E eu me lembro no, no ginásio os professores eles dominavam a classe com um olhar, bastava você olhar nos olhos do professor e saber que aquele era o momento de silêncio total e de prestar atenção na aula, né . E em termos de ensino, de qualidade, nossa, não se compara é, eu estando agora na faculdade, eu estou fazendo faculdade de relações públicas, é o curso de comunicação. Adoro isso.

P – A primeira faculdade foi do quê ?

N – De ciências, eu sou professora de ciências e matemática pra ginásio, né, e é interessante, por exemplo, eu revendo português e inglês, as outras são umas disciplinas novas, são de relações públicas, né. E eu, revê, eu revendo as matérias, nossa, mas era um monte de coisa que ficou fixado, que você continua lembrando é, principalmente em inglês que eu achei que tava meio sumindo da minha cabeça e eu percebi bem assim, nossa como, eu to lembrando, e tenho comparado muito com o restante da minha classe que, que a idade deles tava entre 19, 22 anos, eles não sabem nada, nada de português, nada de inglês, e isso me impressiona muito. Às vezes eu tenho comentado em casa é, falando, “nossa, eu ainda sou da geração que pegou um estudo bom, lá no passado”. Eu nunca fui uma pessoa estudiosa de, aquelas de se matar de estudar, eu peguei várias segundas épocas, que eu tinha direito, porque eu era preguiçosa mesmo, e , mas eu fico, assim, impressionada com, com o que tá voltando na minha memória, que eu aprendi no passado e que eu vejo que essa criançada que acabou de sair do colegial é, não aprendeu, não é que não lembra, é não aprendeu e não sabe, nada .

P – Não tem o registro, né ?

N – É, é interessante .

P – Eu queria que você voltasse mais um pouco, Nila, pra sua situação, é interessante essa colocação, essa comparação que você faz com o atual, eu gostaria que você voltasse um pouco mais pro primário, lembra daquela menina que você foi lá no 1º ano, no 2º, até o 4º ano, dentro da escola . Como que a, as professoras lidavam com os alunos, você coloca a questão do respeito, né, que era colocado e, e atendido, né, vamos chamar assim, volta um pouquinho pra lá .

N – Porque ele, e, e esse respeito, né, que eu falei de dominar a classe com o olhar, não era uma, não era uma atitude que punha medo na gente, colocava medo, era, a sensação que eu tenho hoje pensando, que eu continuava, e eu tava lá com minha mãe dentro da classe . É, uma coisa que nós aprendemos muito respeito aos pais né, a gente sempre teve muito respeito com, com meu pai, com minha mãe e sempre minha mãe passou isso da gente respeitar os mais “velhos”, os professores, então era meio que uma continuação de educação mesmo, era, é, eu não tenho nenhuma marca por exemplo de dizer que, nossa, um professor judiou de mim. Mas eu também fui sempre respeitadora de regras, assim, de fazer silêncio eu fazia, não, é, então acho que, principalmente até o fim do ginásio eu sempre fui uma aluna mais comportada e mais, mais quieta. E, e assim, eu não me lembro dizer exatamente o que eu aprendi lá na época, mas passado o tempo eu vou vendo o quanto eu aprendi lá na época, né, que você vê que fica .

P – E você lembra dos seus coleguinhas, das suas amiguinhas do primário?

N – Lembro de alguns que eu sou amiga até hoje, e eu tenho uma memória boa, então por exemplo, eu sou capaz de ver na rua e falar: “estudei com esse, estudei com aquela”, mas não

tive mais contato com ninguém a não ser as que ficaram minhas amigas mesmo, e que eu ainda vejo hoje .

P – Como que é as professoras lá, lá do primário, lidavam com os alunos mais fraquinhos, os insubordinados, você era uma respeitadora, sem dúvida, da sua educação do lar, a escola era um prolongamento da sua casa, mas nós sabemos que tem aqueles, tinha né .Como é que era que as professora lidavam, como é que eram as punições se é que houveram?

N – Não me lembro de, de, de colega que bagunçava em, nem em primário, nem em ginásio, colegial eu já tenho outra história mais, de primário e ginásio eu não lembro, de alunos sendo retirados da classe, sendo chamado atenção, isso não marcou pra mim.

P – Não marcou ?

N – Não .

P – Na sua classe, nas classes que você estudou, como é que era a, a origem social, em termo de classe social das crianças de uma forma geral, qual é a sua percepção? Qual era a classe mais comum?

N – Olha, eu, eu classificaria como uma classe média, mas não uma classe média baixa, né, uma classe média, nem alta, era uma, era classe média . Porque mesmo nessa fase já existia, por exemplo, um colégio que era mais famoso, o Santa Escolástica , ele já existia, mas daí só quem estudaria lá era a classe alta mesmo, né, apesar de não ter a mesma consideração que, que era assim, chique estudar no Estadão e no Getúlio nessa, nessa fase. Até era muito difícil conseguir vaga, né, pra entrar, mas eu acho que assim a maioria da minha classe era classe média .

P – Você lembra de algum, de alguma, discrepância aí, de alguns, de alguns alunos que pertenciam a uma classe mais elevada, digamos assim, de classe social e de alguns alunos que pertenciam à classes mais humildes?

N – Não .

P – Você não lembra ?

N – Não, não, não foi, isso não foi marcante pra mim .

P – Não foi marcante. Nila, eu gostaria que você falasse agora a respeito daquela menininha lá de meados dos anos 60, na escola, o que, que aquela menininha pensava, o que ela sentia, o que ela achava da escola, dos estudos, da sua importância ou não. Queria que você falasse livremente á respeito disso .

N – Eu gostava de ir na escola, não era é, na 5ª série lá dos anos, do primário, do ginásio, eu gostava de ir, mas eu era preguiçosa pra estudar, mas eu assistia as aulas , eu ficava lá, tinha é, professor que você achava mais legal ou menos legal, mas você assistia a aula, e era sempre assim, eu deixava pra estudar na hora “h” da prova, né. E o que aconteceu muito comigo e com meus irmãos, também é: todo ano a família inteira ia pra Mongaguá, na praia, a gente tinha que ir de trem e, e aí sempre a gente atrapalhava essa viagem por causa de segunda época, não só eu, como meus irmãos. Então, o que minha mãe fazia? Levava todos os livros, de todos que ficavam em segunda época, e todo dia antes de ir a praia tinha que falar a lição pra ela, fosse matemática, história, geografia o que fosse, a gente tinha que falar a lição pra poder ir na praia. E, então, durante esses dias todos de férias a gente estudava, aproveitava a praia pra voltar depois, eu não me lembro se era em fevereiro, pra fazer a prova de, de segunda época . E graças a isso a gente não repetia de ano, porque a minha mãe fazia estudar mesmo, né, e, e no, no Getúlio eu, eu sempre fui uma pessoa que sempre fiz muita amizade, sempre tive grupo é, mesmo no primário, ginásio sempre fiz a, a turminha, eu me sentia bem no Getúlio Vargas é, e repetindo, não, não tinha preguiça assim de ir falar: “ai, não quero ir porque eu não gosto”. Não, eu não tinha problema de, de ir à escola.

(fazemos uma pequena pausa para que Nila se sente em outra poltrona, perto do ar condicionado, a pedido dela)

P – E, a Nila menininha, lá no curso primário? Como é que eram as avaliações, como é que eram as provas, como que era o clima de sala de aula no dia, nos dias em que haviam os exames finais, como que ela sentia, aquela menininha sentia tudo isso, como que era pros os coleguinhas dela ?

N – É, é uma coisa que é interessante pra mim, eu não tenho muita memória disso é, eu acho que não tenho nenhuma marca muito do primário, que tenha ficado pra mim, mas também não tenho uma marca forte de, falar: “puxa, eu me lembro daquele tempo”, né . Eu me lembro que até fora da, da classe eu tinha um, um colega que se chamava Alcides e ele era paraplégico, ele usava muleta, aquelas muletas baixas de ferro, assim, e eu lembro que no intervalo eu ficava brincando com a muleta dele, eu, isso eu me lembro bem, eu andando com a muleta dele . E nessa época eles tocavam muita música aquela: “qual cisne branco que em noite...”, e eu cantava Alcides: “Alcides branco que em noite...”, (riso) e eu me lembro disso e daí, na classe eu, eu assistindo a aula eu não me lembro, não me lembro fazendo prova, nada , mas já me lembro em casa que, como nós éramos em muitos, até quando meu pai tava no sexto, meu pai minha mãe estava no sexto filho, ele mandou fazer uma mesa grande que cabiam oito cadeiras, eram seis filhos e as duas cadeiras do meu pai e da minha mãe . Depois vieram mais cinco filhos, a mesa era pra seis, vieram mais cinco e eu me lembro de, eu e meus irmãos mais da minha idade, a gente sentava nessa mesa fazendo lição. E, foi marcante pra mim a mudança do lápis pra caneta tinteiro, pelo menos achei bárbaro .

P – Você foi dizendo aí que a sua mãe era professora e que a mãe dela já tinha investido bastante na formação dela, né, isso não era usual lá em 1913, né. E seu pai, como que era seu pai, seu pai tinha o colegial, ele trabalhava em que, como que era a participação desse pai na vida escolar das crianças ?

N – É, meu pai então até o colegial, é um colegial de contador que ela fez naquela época, naquela época, mas meu pai foi sempre corretor de imóveis, né, o trabalho dele e a imobiliária sempre foi em casa, sempre foi em, no quarto da frente que dava pra rua, e todos nós, onze, fomos funcionários da imobiliária, secretária, secretária do meu pai era a gente mesmo . Só os mais velhos iam arrumando emprego fora, e os mais novos iam entrando, então com isso, desde os 11, 12 anos, todos não trabalhávamos, apesar de ser com meu pai mas a gente já tinha uma responsabilidade de, de, de trabalho, né, e o meu pai, ele estava presente sempre, mas quem cuidava do estudo era minha mãe . Meu pai cuidava mais, por exemplo, se a minha mãe falasse que estava com dor de garganta, que tava resfriado, ele era, era ele quem levava ao médico, e naquela, nessa época era um clínico geral, né, não tinha um especialista como, como é hoje né . Então sempre era com o Dr Paulo Rogick, meu pai, ele fazia questão: tossiu, ele já corria pro médico, que ele não queria ninguém doente em casa. Mas nos estudos sempre era minha mãe, acompanhando lição, tomando lição, sempre ela junto .

P – E você, a sua formação, a sua primeira faculdade foi ...?

N – Em ciências, que é professora de ciências e matemática pra ginásio .

P – Certo, e como é que foi pra você seguir esse caminho profissional, como é que foi pra você decidir fazer esta e não aquela faculdade, ou fazer ou não fazer faculdade. Como que foi acontecendo isso ?

N – Olhe, na verdade a minha escolha de faculdade, mesmo, tá sendo hoje, que eu escolhi. Ciências foi assim, por acaso. Eu comecei fazer faculdade de administração de empresas, eu não tinha muito gosto por alguma coisa: “eu quero ser médica, eu quero ser psicóloga”, não tinha uma, uma idéia já formada sobre isso e meus irmãos foram fazer colegial que eles, é faculdade, e eles já tavam um pouco atrasados pra faculdade, então, eu estaria mais na idade, aí fui junto com eles fazer administração de empresas , fiz dois anos, não gostei e lá na própria, que, que era a Fundação Dom Aguirre, que chamava antes, lá eu vi esse curso de ciências, que eu achei legal, que tinha biologia, que eu gosto muito de biologia e no fim fui, fiz ciências. Mas sofri muito, porque tinha muita matemática, que não é minha praia, mas

consegui me formar, é, em ciências e, e uma coisa que, interessante que aconteceu na minha vida, foi assim, eu não fui planejando ser o que eu fui sendo, e o que eu virei, ele foi acontecendo uma, uma coisa foi puxando a outra, quando eu fazia essa faculdade de ciências eu fiz concurso e fui trabalhar na Secretaria da Fazenda como escriturária, aí olhando o Diário Oficial lá, eu vi que abriu um concurso na, na Secretaria da Saúde que era pra eu ser Visitadora Sanitária da SUCEN, aí achei interessante, ganhava mais é, fiz esse concurso, aí passei, fui pra SUCEN. É, trabalhei lá uns seis anos, mais ou menos, mas quando eu devia estar no 4º, ou 5º ano de trabalho é, eles me ofereceram pra fazer um curso de especialização pra eu me tornar Educadora em Saúde Pública, e que aí era especialização de um ano na USP, e que tudo pago com o próprio trabalho o, eu ficaria um ano afastada o trabalho e receberia o meu salário. Então fui fazer esse curso de Educação em Saúde Pública e fui vendo que, que, que até eu tinha dons com essa parte de educação, ou de educação ambiental ou de educação de saúde, eu tinha dons pra isso. Aí fiz estágio de dois meses no Rio Grande do Norte, fiquei lá, e gostei muito desse caminho aí, aí a hora que eu me formei e voltei pra ser educadora em saúde pública da, da SUCEN, houve um concurso no Estado, eu passei, eu seria chamada, eu saí da SUCEN, que, até foi, foi uma sacanagem, eles investiram em mim, daí que eu saí, né. Mas porque minha família resolveu montar um acampamento ecológico, que era o Pindorama, chamava na época, e, e esse acampamento ele existiu de 64, a, 84 à 87, e daí eu comecei trabalhar com educação ambiental, eu já tinha essa experiência de educação em saúde, que qualquer um dos dois é educação, gostei muito, mas precisava ter alguém sempre vendendo, vendendo, vendendo, e que não fosse eu porque eu tinha um jeito pra vender mas eu não queria, eu queria ficar no acampamento, recebendo as escolas, as crianças. Aí chegou um momento que a gente, que a família, acho que eram oito irmãos os sócios desse acampamento, e aí chegou um momento que eles acharam melhor parar, e eu fui trabalhar no Zoológico de Sorocaba. Aí continuei com a educação ambiental, seis anos acho, no Zoológico, depois fui convidada pra ser diretora do parque Chico Mendes de Sorocaba, também seis anos, mais ou menos, fui a diretora fazendo curso pra criança, sempre com educação, e hoje to na Zoonoses, que eu faço lá, educação em saúde, e nesse meio eu tinha essa especialização de, de, de educação em saúde pública, eu fiz uma de ciência ambiental, de, acho, que foi um ano e meio, aqui em Sorocaba mesmo, e depois fiz uma da SBDG, que também fiz esse, essa especialização. Aí, o ano passado, 2005, dois mil e, dezembro de 2004, uma amiga me dizia: “to na faculdade”. Eu disse: “porque você vai fazer faculdade?” “A, me deu vontade”. Ela é arquiteta, falei: “a, também quero”. Ela falou: “então vamos fazer letras comigo”. Falei: “a não, letras eu não quero”. Aí entrei no site da UNISO, da UNIP pra olhar tudo que tinha, fugindo de matemática, física, química porque eu já sabia, aí quando eu olhei lá, relações públicas e vi tudo que tinha, falei: “nossa !!!” É, mesmo parecendo que é tudo que eu faço, já, assim que eu, é o que eu faço, é o que eu gosto de fazer, né, que é o, se relacionar com, com o público, tudo, aí comecei a fazer, to no segundo ano, chega no, no dia de hoje.

P – E são 4 anos o curso ?

N – São 4 anos, 4.

P – E, Nila, que, que, como é que era lá, o teu pai tinha essa imobiliária, sua mãe era professora, tinham 11 filhos, a mesa, não cabia todo mundo lá na mesa; e como que era financeiramente pro seu pai, pra sua mãe, a manutenção dessa família enorme, né, como vocês lidavam com isso ?

N – Foi sofrido, e minha mãe escondeu muito isso da gente, as fases, de “vacas magras”, né, e agora, por exemplo, como, minha mãe tendo 11 filhos, eram, um, até hoje a gente pergunta pra ela como ela conseguiu trabalhar, tendo 11 filhos, né e, mas minha mãe nunca deixou de trabalhar, ela até tirava licença por causa, a gente brinca onze vezes grávida, né, quantas vezes ela tirou licença e fora as doenças, né. Mas foi graças a esse trabalho digno da minha mãe que ela segurou a casa, na, nas “vacas magras” do meu pai, né, porque corretor de imóveis hoje

vende, amanhã não vende, num mês vende cem, num mês não vende nada, né. Então era muito maluco e, e só que minha mãe fazia de tudo pra gente não perceber que, que tava em algum momento com, com dificuldade, né e até o colegial a gente estudou em escola pública então, foi tranquilo, aí meu irmão, e, minha irmã que fizeram faculdade, uma de medicina, outro de veterinária, eles pensaram bastante, porque eram estudantes super duros, que não tinham dinheiro pra, pra farra, nada porque era apertado, né. E que eu me lembro bem que, até hoje minha mãe fica até brava com todo mundo, mas todos meus irmãos, a gente chega em casa pra almoçar, se for quibe, se for almôndega, todo mundo pergunta pra minha mãe: “Quantos pra cada um”. Porque, é, assim, quando ela punha à mesa ela já avisava: “Duas almôndegas pra cada um, ou três almôndegas pra cada um”. E até hoje a gente pergunta, minha mãe fala: “não, hoje é à vontade”. Mas aquela época, tanto bife, almôndega, o que fosse... e a gente sabia, ninguém pegava um do outro, né, porque essa partilha, também, foi muito passada pra gente, a gente não comer o do outro, né, e até hoje ficou: “Quantas almôndegas a gente pode comer”. (riso)

P – E a sua escola foi uma escola, uma faculdade particular?

N – Foi .

P – E quem que pagou seus estudos ?

N – Fui eu porque eu já estava na Secretaria da Fazenda .

P – Nessa época você já estava bem empregada ?

N – Isso, bem empregada não, (riso) mas eu já trabalhava e até tem, como eu era mais nova se eu precisasse de ajuda eu pedia pro meu pai e pra minha mãe .

P – Seu pai pagou a faculdade de alguns dos filhos ?

N – Pagou é, porque assim, a minha irmã mais velha, ela estudou depois de casada, então ela já trabalhava, né, foi ela que pagou, ela estudou mais pra frente, mas porque ela se casou com 16 anos, ela quis se casar com 16 anos e, daí minha segunda irmã, que fez medicina, meu pai e minha mãe, fez aqui em Sorocaba, né é, meu pai e minha mãe ajudavam, mas ela dava aula, é, na fase de estudante, ela dava aula em cursinho ou em colegial e ela trabalhava também . Foi uma coisa que nunca em casa a gente se assustou foi ter que trabalhar e estudar, sempre assim, fez parte da nossa vida é, estar estudando, né. Aí meu irmão, homem, mais velho, esse não, foi único que não fez faculdade, mesmo, e tem um outro que, que fez já casado, mas, mas também fez, e o veterinário que fez na época certa, na idade certa e era, era Unesp, faculdade pública e ele não pagava, mas ia com pouquíssimo dinheiro pra passar a semana, era assim, sacrificado tanto pra ele, mas eu não tenho uma queixa dessa, época aí e, e assim, a gente da graças à deus que minha mãe ter querido que ele fosse estudar, de ele fazer a faculdade, né .

P – Você é a caçula ?

N – Sou, eu sou a nº 11 .

P – Onze, nós estamos caminhando pra encerrar este lado da fita, ela está chegando ao final, eu vou interromper, vou virar a fita e nós continuamos .

(interrompemos a gravação para eu trocar a fita)

P - Muito bem, Nila você vai dizendo que não, não se lembra muito, não tem muito gravado na memória, embora você tenha uma boa memória, situações em sala de aula não marcaram, punições, não marcaram registros de exclusões explícitas na época em que você era aluna lá no primário, nos anos 60 é, você não vivenciou práticas de exclusão, até onde eu estou entendendo, você também não presenciou, não testemunhou práticas de exclusão, não que você se lembre, senão isso teria ficado registrado, né . Eu vou pedir pra você fazer algumas considerações, falar livremente, abertamente sobre a sua concepção de escola, de estudo, da importância disso, ou desimportância disso, o,que você pensa sobre, na qualidade de aluna dos anos 60, mas também na qualidade de cidadã brasileira ?

N – É, eu peguei uma escola pública que, ela era muito séria, os professores eram, eram sérios, eram trabalhadores, se preocupavam com, com os alunos, com postura, mas quando os alunos aprendiam e, eu falo, já falei algumas vezes do Estadão porque, eram todas escolas fortes de Sorocaba e havia uma disputa muito grande entre Estadão e Getúlio Vargas, é, uma “rixa” mesmo havia, que ficava o Estadão falando que ele era o melhor o Getúlio melhor. Os times de basquete, é, disputava o Estadão e o Getúlio Vargas, eram sempre, tava sempre dando guerra entre Estadão e, e Getúlio Vargas, né. Eu não, assim que, eu me lembro da postura, que é muito forte pra mim, a postura do professor que, comparando com hoje, que eu vejo o professor não, ele já não dá o respeito e ele é, pra mim os alunos são terríveis mesmo, mas o professor é, parece que ele colabora pra que isso aconteça . E, que eu tenho comparado muito, que na época, por exemplo, eu não percebia o quanto eu tava aprendendo, na época de, lá no primário, no ginásio, no meu colegial, e muita coisa a gente ficava brava, com preguiça, né, cansada, e eu não conseguia avaliar, naquela época, o quanto eu aprendi, e eu to percebendo, principalmente, hoje, é, o quanto foi forte aquele estudo pra mim, senão taria apanhando muito na faculdade, nessa de fazer faculdade aí, outra, tava anos sem estudar e de repente resolvi fazer faculdade de novo e, mas em termos de ensino, pra mim, assim, o nível caiu muito hoje, apesar de ter algum outro professor sério na faculdade, lá na UNISO, mas eu acho que caiu muito o, o ensino, a, a exigência, de repente, a troca de uma prova, como: “A, faz um trabalhinho, trabalhinho e pronto, já tá tudo resolvido”. Isso me assusta a, de ver, assim, a não preocupação dos alunos não querendo aprender nada e alguns professores querendo enrolar, e também não querendo dar nada, igual os alunos, né.

P- E a sua experiência lá nos anos 60, lá no início, foi bastante diferente do que está acontecendo hoje. É você conversava com a sua mãe sobre o ensino, sobre escola, tinha essa professora dentro de casa, né, atuando fora de casa e dentro de casa como professora, como que era isso aí?

N – Olha, a gente comentava da escola, do dia, como foi, é, ou a lição que tinha que fazer, pedia ajuda dela pra, pra, pra poder fazer, é uma coisa que eu acho que a minha mãe fez das coisas que ela fez que eu acho que não foi correta é, então dos 11 irmãos a gente tinha, vamos lá, uns 2 ou 3 gostam muito de ler, minha mãe também lê muito até hoje, minha mãe lê de 2 a 3 livros por semana, a Veja inteirinha, então, e ela tem prazer de leitura e eu não tenho. E eu me lembro, nessa época aí de ginásio, nós tínhamos que ler muitos livros, muitos livros e fazer o resumo, e aí eu pedia pra a minha mãe ler para mim e fazer o resumo pra mim, e aí eu lia o resumo e decorava pra poder fazer a prova .

E hoje eu vejo que ela não devia ter feito isso, porque eu já não gostava muito de leitura, isso eu me lembrei agora, eu não tava lembrando, eu já não era muito chegada em leitura, aí eu me acomodei, sendo que minha mãe lia pra mim, né, e, então teve esse tipo de ajuda dela que, na verdade, hoje eu enxergo que não deveria ter acontecido. E ela queria, era tão importante, tinha que passar, tinha que estudar, tinha que ir que ela fazia essa facilidade .

P – Ela facilitava pra vocês conseguirem...?

N – É, mas não era pra todos não, pra mim eu me lembro bem que ela fez isso .

P – Que idade tá sua mãe agora ?

N – 92 .

P – 92 .

N – Quase 93 .

P – E lê ?

N – Lê, de 2 a 3 livros por semana, é, e a Veja inteirinha. Ela que me avisa que na Veja tem um assunto que me interessa, ou seja, de mosquito da dengue, alguma coisa assim ela fala: “Leia, que tem um assunto pra você”. E mesmo assim é difícil pra “mim”, pegar pra, pra ler. Então, e eu sempre me reconheci como preguiçosa, é, assim, né. E agora, e essa faculdade, como eu escolhi de fazer e achei muito legal, eu to completamente diferente do que eu fui

com relação a estudos no passado, eu to uma, assim, uma aluna exemplar. Eu leio, eu estudo, eu, eu era tímida antigamente pra participar de aula, agora eu faço pergunta, se eu não entendi eu já reclamo, eu to lá sabendo bem quanto custa o dinheiro que eu to pagando, que não é barato, né, é, a UNISO. Então eu, eu sinto que eu to aproveitando é, é muito bem, essa faculdade que eu to faz, é, pagando e, e assim to muito interessada . E eu, eu me vejo, eu nunca fui uma estudante como eu to sendo, nesse momento, é lógico que tem dia que dá preguiça, que ta cansada, isso faz parte, né . Mas é, sabe, e to achando gostoso, não to achando chato, não, de ta lá, mesmo ... eu to, o professor vai perguntando eu vou respondendo. Até Sexta eu achei engraçado, ele falou :”a melhor aluna dessa classe, as melhores são a Nila e a Vânia”, uma outra menina lá, ele falou: “ porque o resto, vocês querem que o mundo...”então, isso que eu falo, que o próprio professor não se dá ao respeito: eles querem que o mundo acabe em barranco pra ficar encostado, que não querem fazer nada, né. E ele não faz nada também pra, pra animar a classe, pra mexer com a, com a classe .

P – E o professor lá dos anos 60, ele era, mais profissional ?

N – Ele era mais profissional, eu me lembro de que, eles eram mais sérios, mas eles brincavam, também, né. O meu professor de história, eu era encantada com ele, o seu Maneco, é vivo até hoje e, e meu nome na verdade é Teonila, e eu, ele só me chamava de Téio, que ele resolveu que eu era Téio, e falava que eu era a deusa do nilo . Então, é, eu tinha encantamento, que fiz essa amizade com ele, isso, eu tinha encantamento em assistir aula de história. Então vinha, também, do professor você gostar da disciplina, né. Geografia eu já sofri mais, o professor era velho, nem olhava muito pros alunos na classe, né, mais, e esse de história me fez, fez assim eu me encantar com história e gostar .

P – Certo. E você chegou a dar aula ?

N – Não .

P – Só tinha formação mas nunca, nunca exerceu a profissão ?

N – Eu sempre falei que eu nunca queria ser professora, de tanto que das 6 mulheres de casa a única que não fez magistério fui eu .

P – Porque você não queria Nila ?

N – Não tinha vontade nenhuma de ser professora e não era, não era ainda aquela fase que professor sofria muito com aluno, né, mas eu achava que não era meu dom ficar todo dia presa numa sala com 40 alunos e, eu sempre falava: “Eu não quero ser professora”. E daí eu, a, criei, fiz o colegial e não fiz o magistério .

P – E as outras meninas, as irmãs todas fizeram magistério ?

N – Todas, as cinco fizeram magistério .

P – Seguiram o caminho da mãe ?

N – Isso, depois uma foi médica, a outra foi...mas eu tenho, aposentada como professora duas irmãs, né, que seguiram mesmo . E, e aí eu não quis ser professora, mas eu dou muita palestra, eu dou curso, eu dou aula sobre o mosquito da dengue, isso, mas acho gostoso porque é um público diferente .

P – Certo.

N – Cada dia com um grupo e é diferente, uma palestra só tem uma hora, nunca me interessei em ser professora.

(somos interrompidos pela secretária)

P – Bem, Nila, deixa eu te fazer uma outra pergunta, tenho informação de que os alunos, lá no Getúlio Vargas, por ser uma escola bastante requisitada, as vagas muito concorridas, os alunos não podiam ser reprovados, era uma condição para se manter na condição de aluno do Getúlio, é a aprovação, alguma vez você foi reprovada ?

N – Eu, eu fui reprovada na 5ª série e eu nunca, me lembro de ouvir falar nisso, eu repeti, fiz de novo a 5ª série no próprio Getúlio, continuei no Getúlio até o colegial .

P – Não perdeu a vaga?

N – Não perdi a vaga .

P – É uma informação importante .Outra coisa importante, aí é mais do ginásial e colegial, tinha muita suspensão, você lembra de suspensões ?

N – Tinha .

P – Quais eram um dos motivos principais, que geravam suspensões ?

N – É, só que da suspensão eu me lembro dela no colegial .

P – Você já foi suspensa alguma vez ?

N – Fui. (riso) No colegial tinha, eu, tinha uma turma lá que era do barulho e eu, na verdade, eu não fazia as bagunças, mas eu entusiasmava e tava junto. E aí a gente foi suspensa acho que mais de uma vez . E eu, eu me lembro, no colegial as suspensões eram por matar aula, por pular o muro da escola, ou, ou por não entrar na classe, ficar escondidinho no pátio, lá, é, era o método dele, o diretor chamava e aí ele dava suspensão . Só que tinha vez que ela chamava e não dava suspensão, que eu me lembro que, eu e meu grupo, a gente ficava triste de ele não ter dado suspensão . A gente queria que ele desse .

P – Certo, e eles comunicavam, o diretor comunicava os pais ?

N – Olhe, eu não me lembro, mas eu acredito que sim . Que era uma fase que, apesar de ser colegial, que, que a gente era criança ainda pra lidar, principalmente setenta, né, setenta e pouco, eu acho que comunicavam .

P – Comunicavam, eu tenho uma xerox de um , de um documento, de um comunicado que eu consegui nos arquivos . O diretor comunicava, dizia o motivo, né, eu queria que você lembrasse, o comunicado que eles faziam: “Seu filho, fulano de tal, está suspenso das aulas do dia tal até tal, pelos seguintes motivos ...”.Um dos motivos era tabagismo .

N – Ah, tá, eu fumava escondidinho no Getúlio, mas acho que eu não fui pega ,(risos) fumando lá embaixo .Eu tinha um colega que ele foi assim, suspenso várias vezes . Eu não sei se, mas é o Marco Aurélio, ele era terrível, o Marco. E ele foi suspenso muitas vezes, que às vezes até muito do, o diretor que eu me lembro do, do professor Ademir, ele chamava e esse meu colega enfrentava muito, o diretor, ele “peitava”. E nós, os outros, a gente ficava tudo, assim, uma pose, sabe, de arrependimento, de ficar com aquela cabeça, assim como: “ não, o Sr tem razão”, né. E esse meu colega enfrentava muito . E, no fim, várias vezes ele era o suspenso, e o restante do grupo não .

P – No colegial você já tava dentro da década de 70 ?

N – Tava .

P – Já não era mais o Dr Otto, né ?

N – Não era, não era .

P – E no caso de muitas suspensões não chegava ao ponto, não culminava em expulsão, você não lembra ?

N – Eu me lembro que teve um assim, mas não era nem da minha classe, que teve, acho que um ou outro aluno que deve ter sido expulso no Getúlio .

P – Por insubordinação ?

N – Sim . E, pra eles era uma coisa, assim, muito terrível, né, o que, o que eles tinham feito. Esse meu colega foi expulso .

P – Esse Marcos aí ?

N – É, esse foi expulso do Getúlio, eles já não tavam mais suportando ele, mas ele era uma farra, era um dos meus melhores amigos . Porque ele era engraçado, porque ele era um bagunceiro, mas não era coisa de maconha, sabe, de droga . Era o jeito dele, porque ele era rebelde, e eu me lembro muito das artes, que ele curti demais aquele Alice Cooper, lembra? Que cantava com a cobra no pescoço .

P – Lembro .

N – Ele desafiava muito a inspetora de aluno ele, ele era um cara que queria ser bem fora das regras, assim, então ele dormia às 6 da manhã, daí o dia inteiro ele dormia, acordava pra ir pra

escola. Ele era diferente mesmo. E no fim acabou engravidando um menina, casando e teve um vida normal, então tudo que ele lutou contra, né, a vida dele ficou, ficou normal .

P – Como os nossos pais.

N – É, exatamente, isso aí, interessante, ver as coisas, e depois morreu ainda num acidente de, de carro, numa estrada .

P – E você lembra desse caso de expulsão ?

N – Sim .

P – Do desligamento do aluno, insubordinado, insubmisso .

N – Esse, esse Marco Aurélio, que ele foi expulso, ele enfrentou uma professora, ela mandou ele sair das classe ele não saiu e ficou aquele: “sai agora”, “não saio”, sai não sai, vai pra diretoria, não vou . Até que ela que foi na diretoria pra chamar o diretor pra pegá-lo, como ele já tinha um histórico, digamos, de várias advertências, a escola resolveu tirá-lo né.

P – É, ele continuou estudando em outra escola ?

N – Ele foi pra uma escola Estadual e terminou o colegial, só foi até o colegial .

P – Seus irmãos todos formados, só um que não se formou, seu pai é vivo ?

N – Não é, meu pai já faleceu há 15 anos .

P – Se você fosse deixar, pudesse mudar alguma coisa na realidade da Educação atual, o que que você mudaria? Se pudesse intervir, de algum forma, se tivesse condições de fazer isso, o que você faria?

N - Primeiro que eu gostaria muito que os pais dissessem “não” para os filhos, é, porque, eu não acho caretisse minha, mas essa juventude ta muito sem limite, né, e não sabe o que é um “não” na vida. A primeira coisa que, pro pai devolver pro filho a noção de respeito . Não só os pais, é, cobrar, como à qualquer pessoa, qualquer ser humano, o professor, um colega seja o que for. Porque, a sensação que eu tenho com essa juventude, ela vem agora, como num rolo compressor, passando em cima de tudo e de todos e, e querendo só o seu, e esse consumismo maluco, né. De toda hora querer um outro celular, de querer outro, sempre querendo o mais moderno e não querendo ficar com, com, com o que tem, né . Até assim, quando eu entrei na faculdade eu fiquei com um pouco de medo de, mês que vem eu faço 50 anos, a minha turminha tem de 19 a 22, na classe . Eu fiquei um pouco insegura, eu falei: “eu sou a velha da classe”, né pra eles . E eu continuei investigando os pais deles, têm entre 42 e 43 anos, e eles vivem chamando: “meu pai e minha mãe são véio”. Ontem mesmo eu falei : “que idade tem seu pai sua mãe?” 42, 43, e, e o tempo inteiro, né, eles, eles comentando esse, esse tipo de coisa . E eu entrei muito de observadora, eu falei, eu não vou me meter com essa turma de... um exemplo: o professor dando aula e eu mandar eles ficarem quietos, porque eu mesmo falei, eles é que vão me expulsar da classe, né, porque ... eles tão no momento deles, que eu enxergo isso. Como eu fui bagunceira no colegial, da turma, eu sei dessa que fase é gostoso, matar aula, tudo. Então eu fico muito assim, observando eles, esses dias uma menina: “Nila,, você que é a mais velha que conselho você daria pra gente”. Falei: “ nenhum”. Ela falou: “Mas você não acha que a gente tem que ser menos ousado ?” Eu falei: “ não, eu acho que vocês tem que ser, ousados”. Eu falei: “É uma coisa que a minha geração não teve, de “peitar”, de enfrentar, eu acho que vocês têm”. E falei: “mas por enquanto eu não dou conselho nenhum porque vocês estão em observação”. Porque eu fico vendo, e eu não quero, por exemplo, matar um sonho deles de, derrepente, saber que eles estão inventando uma coisa que pra mim é óbvio que não vai dar certo, mas eu acho que eles têm que passar por essa tentativa, como eu passei, e ir descobrindo, né . Então, é, eu, ta até uma vivência muito interessante pra mim, essa faculdade e a observação, assim, eu to achando muito legal . E pra mim eu to remoçando, convivendo com eles, né, que é uma farra . Eu dou muita risada, é o meu momento de relaxamento, é eu dou risada de doer a barriga, assim, que fazia tempo, né, de chorar de dar risada, que faz tanto tempo, né, trabalhando o dia inteiro . Então é, eu acho que só to tendo lucro nesse convívio com eles, e tomo esse cuidado porque eu não quero

desanimar ninguém, eu acho que isso é uma fase que, crença total de, né, de enfrentar tudo, mas às vezes, algum ou outro, falo: “Puxa, você não devia ter falado assim com o professor”. Eu dou as minhas.... Mas, particularmente, eu converso com alguns mas, mas eu procuro mais ficar quieta .

P – O que, Nila, tinha de muito bom, na educação dos anos 60, que na educação não tem. E vice-versa ?

N – Muito bom que tinha, eu não sei é, eu, eu classificaria o aprendizado, o, o sabe o, é, acho que o quanto é importante, que nem um português, né, hoje você, você, a gente teve uma base de falar correto, de se apresentar nos lugares. Hoje você não vê isso né, de, de, essa turma e, acho que o muito bom pra mim, acho que fica muito mais o aprendizado assim, em termos de...

P – Em termos de qualidade ?

N – De qualidade, eu acho que é qualidade, de professor e de ensino .

P – Certo. Isso nós tínhamos lá, e hoje, comparando, não é a mesma qualidade ?

N – Não é, não é .

P – Isso que eu to entendendo . Inverte agora, o que tem de muito bom hoje que nós não tínhamos lá nos anos sessenta...?

N – Liberdade de expressão. É, a, a liberdade de você falar mais abertamente com o professor é, eu pelo menos falava: “ah, eu não achei que foi legal o jeito que você ensinou tal coisa”. Ontem eu tava saindo da classe, que eu ia fazer um trabalho, e, eu acho que foi uma distração, mas meu professor que é o coordenador do meu curso, curso, ele escreveu situação com “c” na lousa e, eu ficaria quietinha lá pra trás, assim, não falaria nada, aí eu tava saindo da classe eu cutuquei ele, assim, ele é, tem 28 anos, é um professor jovem, eu olhei pra ele falei: “Viu, que situação hein”. Ele: “ o quê ?” Eu falei: “que situação”, ele olhou e fez hããã, daí ele: “ai, “brigada””. E eu não faria isso antes, né, e eu sem, eu converso muito com os professores por eu ser, até pra eles eu to sendo a aluna ideal, né, aquela que presta atenção, aquela que conversa, mas eu não sou a realidade deles . Que a realidade é o, a maioria lá, né, é, o grupo . Então pra mim ta gostoso, que o que eu tive medo de falar lá atrás, eu consigo falar hoje, com respeito, com delicadeza e, e bater papo . E eu percebo, percebo na idade, a idade, se eu tivesse a mesma idade hoje lá do passado, é liberdade mesmo de... de expressão . E reclamar que o professor ta enrolando, ta dando, ta dando uma aula é, uma aula ruim . Eles exageram porque, hoje, né, eles só vêem é, os direitos, os deveres eles não vêem nada, né, é só direito . Mas acho que o mais forte é liberdade mesmo de, de expressão .

P – Quando você disse eles exageram, você está falando do aluno .

N – Eu cito as crianças .

P – Certo.

N – As crianças, e os professores que eu vejo, eles são muito “rasgões” atualmente, criança não sabe rasgar porque tá com a dominador, né,e, e eu acho que eles descem de nível a hora que eles encaram uma discussão com, com os alunos, descem de nível e mostra a fraqueza . Na Sexta retrasada a minha professora pediu silêncio, a classe nem aí , “por favor, parem senão eu vou perder meu emprego eu preciso muito dele”. Eu pensei: tá danada, ela falou tudo que ela não podia ter falado, ela mostrou uma fraqueza na frente do aluno que o silêncio não aconteceu do mesmo jeito . Mas eu pensei: “ Essa aí vai se estressar, até junho ela vai ta acabadinha porque, que ela não consegue dominar, a classe”, né . Então é isso que a gente não via, né, mesmo os pais, né, eles mostravam pra gente que eram meio de aço, né, eram os super-heróis, isso acho que os professores também, no passado era meio é, eu sou muito a favor de roupa suja se lava em casa sabe é, deixa eu tomar uma postura aqui que, pra segurar e depois eu ...

P – Estamos encaminhando pra encerrar essa entrevista, e eu gostaria que você falasse livremente, fizesse uma consideração, ou considerações finais sobre o tema que eu trabalho

muito aqui, que é a educação dos anos 60 e sempre tendo como parâmetro, né, a educação do, dos anos 2000. Nós estamos fazendo, assim, essa comparação...

N- É, eu tenho assim lembranças boas do meu passado estudantil, de ginásio, de primário, é, não tenho mágoa, não tenho, tenho, assim, coisas agradáveis que ficaram pra mim e, e assim, o que é forte pra mim é o quanto eu sou mais eu, hoje, estudando hoje com, até eu brinco, eu falo, acho que as pessoas se formam médicos, advogados, psicólogos, seja o que for, muito jovem é, sabe, que eu vejo os meninos formando com 24 anos, em relações públicas, eu acho ainda que eles não estão maduros o suficiente pra fazer é, um profissional e, comparando, né, eu vejo a liberdade de hoje, é muito mais gostosa, você poder se expressar é, você poder se comunicar . É, eu gosto mais dessa liberdade de hoje, assim eu acho é, que a gente vive mais feliz é, desse modo . Mas, eu acho que essa liberdade fez a, a coisa se perdeu um pouco, o controle, fazer a pessoa se atrair pelo estudo, é, o professor, ser um professor interessante que, que mereça seu respeito que, é, antigamente a gente ficava, pensava: “nossa, como esse aí sabe, né”. Eu ficava impressionada, como ele sabe. Não sei também se era um ilusão de ginásio, sei lá. Mas hoje você não sente essa firmeza nos professores como nos anos 60 . Então acho tinha coisa boa, lá, tinha coisa ruim, e aqui tem coisa boa, e aqui tem coisa ruim, né, eu acho, não sei, é cada momento . Mas eu gostaria muito que retornasse o respeito, a, aos professores, mas que eles soubessem impor o respeito que nem eles estão sabendo mais isso.

P – O respeito com a liberdade, né ?

N – Sim, lógico sem aquele autoritarismo de antigamente né, que não podia abrir a boca .

P – Eu entrevistando uma das professoras, uma graça de pessoa, queria ter sido aluno dela, ela coloca num dado momento, o respeito a gente não vai buscar, né, não é comprado, ele é construído, ela fala da forma dela né . Mas essa gente tem, e ela era uma professora que era bastante, atípica, né, bastante diferente das professoras, mas ela fala á respeito, á respeito do respeito com muita propriedade. Muito bem, Nila.

A fita de gravação chegou ao seu final sem que percebêssemos.

Continuamos conversando sobre os rumos da Educação e outros assuntos mais amenos.

Nos despedimos.

Entrevista com Rui Batista de Albuquerque Martins

P- Entrevista com o senhor Rui Batista de Albuquerque Martins, realizada em cinco de dezembro de dois mil e seis, para fins de mestrado, para a tese de dissertação de mestrado de Pedro Alexandre Rondello.

Rui, você me autoriza que essa gravação, que esse material da entrevista seja utilizado em minha dissertação?

R - Se o material servir pra você, com todo prazer.

P - Eu agradeço. Conta, Rui, como é que foi, qual é o período que você estudou na Escola Getúlio Vargas?

R - Eu estudei no Getúlio Vargas, é, de cinquenta e seis até, é deixa eu ver aqui, cinco anos lá, então até sessenta e um.

P - Até sessenta e um?

R - Isso

(toque do telefone)

P - Nós fomos interrompidos pelo telefone e o Rui vai continuar falando sobre a experiência dele na escola Getúlio Vargas, estava dizendo que entrou em cinquenta e seis e ficou até sessenta e um, que seria na época, o curso primário, né?

Como era lá Rui, a prática educacional, a forma como os professores lidavam com as dificuldades ou com as facilidades, vai contando um pouco da sua experiência e da sua visão na condição de aluno daquela escola...

R - Olha, do ponto de vista educacional eu acredito que a época era muito mais fácil para o professor trabalhar, em primeiro lugar que as famílias tinham uma rigidez maior em questão dos limite dos filhos, é, e pro, e prá famílias era muito importante é que o, que o aluno é gostasse da escola, soubesse da importância, da oportunidade de estudar que você não tinha tantas escolas como hoje e muitos alunos ficavam sem escolas, então era um privilégio você ser aluno, esse era um aspecto. O outro aspecto é que o professor na época, ele tinha um bom salário ou se não tinha um bom salário algumas professoras tinham bons maridos, então as professoras andavam muito bem vestidas, usavam brincos e, e peças de brilhante, né, então elas tinham status importante, então isso é muito importante salientar.

Porque é no Brasil até hoje infelizmente os educadores que, que preparam a a principal matéria prima do, do, do país que é o próprio povo, a humanidade né, então os professores, eles foram com o tempo se desgastando, mas naquela época eles tinham um salário bom, eles eram valorizados, como deveriam ser até hoje, e os professores eram também muito comprometidos com o aluno, é eu acredito que é o, o Piaget ainda tava muito em moda, então por, por, pelo Piaget estar muito em moda, o que, que acontecia? os professores eles tinham um interesse ao a cada aluno, cada, cada caso era um caso pro professor, então se aquele aluno tirava nota baixa o professor procurava reforçar o trabalho daquele aluno, muitas vezes abrindo as suas próprias casas pra que o aluno fosse fazer aulas de reforço, então o professor era comprometido com a educação, mesmo, de uma forma muito, muito profissional né. Evidentemente hoje a gente não pode condenar os professores porque pra ele suprir as necessidades de salário, eles as vezes cumprem três, quatro escolas e é complicado isso aí, porque o salário tá muito defasado pro professor. É, embora o governo do estado tenha oferecido condições dos professores até chegar ao mestrado e muitos cursos, infelizmente é a maioria dos professores precisa comer e não consegue usufruir dessa condição que o estado oferece, bom mas é, vou dar um paralelo aqui de de, de, de tempo né, pra justificar até a situação. Então naquela época os pais tinham um ponto negativo na escola. Os pais não tinham acesso a escola que tem hoje. Os pais chegavam até a entrada da escola, confiavam nos professores e deixavam os filhos dentro da escola. Muitos pais nem

conheciam o ambiente escolar, porque os pais eram considerados, na época, pela, pela educação, na época, é problemas prá é prá convivência escolar. Pai ia reclamar, reclamar de professor, tudo causava alguma intriga, não era interessante pra escola. Hoje felizmente a escola é aberta, embora os pais não tenham o mesmo compromisso, porque a educação foi se perdendo pela própria, pelo próprio comportamento da sociedade de consumo que temos hoje. Nós perdemos muitos valores né, então muitos pais não se comprometem com os filhos em relação a educação né, então a causa do grande desemprego, de pessoas é estarem em situação muito ruim porque a sociedade de consumo, hoje, a sociedade competitiva exige a educação permanente, a educação progressiva, então você nunca pode se acomodar mais com seu emprego. O próprio professor é obrigado hoje a fazer pós graduação, mestrado, doutorado, porquê? Porque a sociedade exige e tem que ser dessa forma né. Domingo mesmo eu tava vendo no fantástico: os conceitos mudaram muito em relação a ao próprio conhecimento humano científico. Hoje se sabe que é, ao contrário de você ter um desgaste grande cerebral pelo, pela educação, é progressiva, você tem a memória assegurada e inclusive você se livra de muitas doenças, como doenças é psicossomáticas e doenças degenerativas, exercitando sua sinapse, né, trabalhando a sinapse. Então veja bem, é na época os conceitos eram outros, um cara se formava engenheiro, ele era engenheiro pra vida toda, ele se formava professor, era professor pra vida toda, então a educação não tinha essa exigência gigantesca que tem hoje. Como outros setores profissionais não tinham, mais é, passando essa visão que eu tenho do que aconteceu, eu quero dizer que esses professores nossos eram professores comprometidos, professores muito preparados, professores que trabalhavam com o coração. A exemplo da dona Guida que hoje é uma, uma lenda pra toda uma geração, o próprio professor Otto Wey Neto, que foi professor de educação física na minha época, eu via ele dar aula pros alunos mais, mais velhos (risos) mas os alunos com maior idade, já quase é adolescente, e ele dava aula de, de educação física, mais tarde ele veio ser diretor da escola, e então agente notava o Otto Wey Neto, por exemplo, é uma pessoa de extrema inteligência, né, uma pessoa comprometida não só com a educação mas com a educação, educação formadora, é, mas é, ele é preocupado com o homem como um todo. Na área de educação física mesmo, a própria formação dele abriu o conhecimento dele. Então a gente verifica, eu tive professores fantásticos na, na, na escola Getúlio Vargas. A minha atividade começou na realidade no, no jardim da infância que se chamava, que eu tinha como professora a Dona Berenice, que era uma meiguice, que tratava todas as crianças como se fossem filhos, e também a gente tinha uma, um fato grandioso dentro da escola que, eu acho, eu acredito que nós perdemos muito com o término desta, deste compromisso: que todo dia de manhã todas as classes se formavam no pátio e cantava o Hino Nacional e se hasteava a bandeira, e havia um, após este ato cívico, todas as crianças eram conduzidas às classes, formando filas. Eu não esqueço nunca um dia que a Dona Berenice pegou e me viu marchando pra classe e falou: “Olha como ele anda, caminha com o peito estufado, né, e marcha forte. Ele vai ser soldado”. Então, é, isso daí até hoje eu conservo como uma, um fato importante pôr que o próprio é militar era super respeitado, sabe, então havia um respeito às profissões, que foi banalizado com os transcorrer dos anos. Então, é, resumindo essas emoções todas, essas passagens que gente tinha de uma escola cujo ensino era exigente e que, a, a Dona Guida pode comentar bastante com você, ela aplicava exercícios que hoje você só conhece na faculdade. É, na mesma forma os professores de português eram super exigentes, né, e os professores, e nós tínhamos latim na escola no primário, tínhamos latim, francês, inglês então, a mais o francês ela puxava porque o francês era língua universal, então dentro dessa, dessa filosofia de trabalho a gente percebe que, que o crescimento é, é a educação era rígida e era, mas era uma educação rígida pra realidade da época, porque eu acredito mais hoje na escola construtivista, que ela trabalha o aluno pro aluno desenvolver o próprio potencial, porque na época, de forma errada nós, é, os nossos país

queriam que a gente tivesse o boletim pleno, ou seja, dez em tudo, e criticava aquele aluno, por exemplo, que tinha nota baixa. O aluno que tinha nota baixa em matemática, ou tinha nota baixa em português, bom, aquele que tinha nota baixa em matemática poderia ser um grande escritor, um poeta, um historiador, agora, aquele que ia mal em português, ele poderia ser um grande engenheiro, poderia, é, trabalhar em exatas, né. Então, é, dentro da escola construtivista você desenvolve o potencial de cada um e respeita o potencial individual, que eu acredito que a hora que a sociedade se, é, comprometer mais com os próprios filhos e perceber o potencial de cada filho e trabalhar em cima desse potencial a gente vai ter um mundo melhor, uma sociedade mais comprometida com o próprio país.

P – Você, naquela época, nos, anos 60, o ensino, óbvio, era tradicional, era aquele modelo tradicional, e você tinha alguma dificuldade em alguma disciplina específica. Como é que era pra você ?

R – Olha, eu, eu felizmente, felizmente eu não tinha dificuldade, eu fui preparado pelos meus pais, embora meus pais fossem bastante simples, é, eu fui preparado pelos meus pais, e principalmente pelo meu avô, pra que a gente gostasse de estudar e quisesse um, uma vontade de vencer dentro da escola, de brilhar dentro da escola e, principalmente a gente prestar bastante atenção, porque eu e meus irmãos, é, eu tenho 5 irmãos, então isso era passado pra gente, pra gente é, é, prestar bastante a atenção nas aulas, não decorar, deixar pra época de prova, mas a gente prestar bastante a atenção nas aulas e formar a nossa própria opinião a respeito, porque também na época, de uma forma até errada, alguns professores infelizmente ainda usam hoje, em determinados exercícios, tinha que ser aquele processo que a escola ensinava, né, então você como tinha é contato com comerciantes, com pessoas que freqüentavam minha casa, a gente tinha uma facilidade, por exemplo, em questão da porcentagem você fazia os cálculos (risos) até, e você tinha que fazer aquela regrazinha, senão você não era aprovado numa, numa prova, né. Então você tinha que cumprir aquele ritual da, da tabela da própria escola. Então isso hoje a, a escola é, já, já superou. Mas era uma época, né, era uma época que você, comentou comigo das dificuldades, né? Então eu não tive, graças à deus, dificuldades, alias é uma coisa que eu prezo muito também, era o comprometimento dos meus pais, a, embora meus pais fossem é, de, de uma classe pobre, né, a minha mãe todo dia ela engomava os nossos uniformes, engomava e a gente ia impecavelmente vestido pra escola. Lógico que a gente voltava, tirava aquele uniforme engomado e ia pro campinho de futebol, que na época também era outra coisa que a gente tinha como privilegio perto de casa, tinha o campinho de futebol, não havia maldade como havia hoje, não havia violência como hoje, os adultos respeitavam as crianças, né, não tinha pedofilia e outras coisas, então a gente, é, brincava na, na, nos matos perto, com determinada inocência e jogando futebol, praticando esportes, então a gente vinha derrotado e dormia pro outro dia tá presente, mas o importante é que a gente ia de, com o uniforme impecável, a escola exigia aquele uniforme impecável e eu, graças à deus, eu sempre conservava um, um distintivo de aluno acima da média, né. Então, era um distintivo verde amarelo, que honrava também os alunos. São praticas, assim, simples mas que distinguem o aluno, né, eu não sei dessa dos processos de igualdade, que se procura fazer hoje, e se caberia essas distinções, né?

P - Qual era o critério da escola, ou da professora, pra dar pra este aluno o distintivo, e pra aquele não?

R – Os critérios eram boletim escolar sem notas vermelhas, né, e também, é, o comportamento.

P - Como que você percebia, você era um menininho, né, uma criança lá bastante estimulada pelos pais, pelo avô, a mãe cuidando muito pra que você fosse muito bem aceito naquela escola que era uma escola exigente, até onde eu pude perceber, exigente, né, como que você percebia aqueles outros alunos, aqueles alunos que não tinham as notas tão boas, tinham

notas vermelhas, ou que não eram, assim, comportados, os que não correspondiam muito às exigências, expectativas da escola, como você via, como eram esses alunos segundo a visão do aluno Rui?

R - Olha , você tinha determinados alunos que, que apresentavam algumas dificuldades, dificuldades que, que as vezes, é, mexiam até psicologicamente com eles, por exemplo: fazia cocô na calça (risos), né, quando tava apertado, pressionado de uma forma ou de outra, porque não atingia o desenvolvimento dos outros em termos de comportamento, a gente não tinha uma, um, o que, que a gente vê nas escolas hoje, pro aluno responder o professor, o aluno ser briguento, sabe, e é curioso porque funcionava assim como uma família. Então, não sei se a Dona Guida ou outro entrevistado que teve contato, é, comentou com você, por exemplo: nós tínhamos um negro enorme que se chamava Abedenego. Esse hoje, ele não sei se ele tá aposentado, mas a ultima vez que eu encontrei com ele, parece um negro africano, tem 2 metros de altura, é um gigante e toda vez que a gente encontra com ele ou com o irmão, irmão dele, o Joel, que também é outro negro enorme, ele fala: “Vai apanhar, Rui.” Porque ele fica tão satisfeito, ele não tem consciência que a mão dele é do tamanho de uma frigideira grande, então ele bate nas costas pra saudar a gente e derrepente machuca a gente (risos). É o amor que é a forma de demonstrar, e o Abedenego é um gorila perto da gente, né, então, e ele não admitia os alunos brigando, quando tinha uma determinada briga , um dia eu mesmo tive uma determinada briga, o rapaz era muito maior que eu, então eu peguei e me apoiei em duas cadeiras e chutei o rapaz , o rapaz caiu, quando ele levantou e eu falei: “ agora vem a surra”. Qual a minha surpresa, que o Abedenego levantou o rapaz, e, e ele ficou esperneando no ar, né, e daí eu fui socá-lo, daí o Abedenego falou: “Não faça isso senão eu solto ele”. Então, daí ele obrigou que nós dois apertássemos as mãos e acabasse com a história, então. P – Ela, ainda ela me falou desse, desse amor pelo Abedenego, falou muito, até , muito bem. E ela pediu que, quando eu te encontrasse, que pedisse notícias do Abedenego, né, se você tiver notícias pra dar notícias pra ela.

R – É, é, olha eu vou procurar o Abedenego porque na realidade eu adoro a dona Guida, minha mãe , minhas irmãs comentam que encontram a dona Guida, e ela pergunta de mim, e eu devo encontra-la também, porque pra, pra abraçar, beijar, sabe, porque foi uma das grandes professoras que eu tive, alias ela não foi grande só pra mim, ela foi grande pra comunidade. Uma mulher comprometida, uma mulher que ensinou. Ainda esses dias eu encontrei uma aluna bem mais jovem que, casada, com, irmã de um vereador aqui, ,e na cidade, é, Martinez, Jussara Martinez, ela é dentista, e ela estava comentando que ela só conseguiu aprender determinados exercícios com a dona Guida, e ela tinha uma dificuldade motora, ela andava cheia de aparelhos e tal, na época, e a dona Guida, ela confortava a Jussara com a meiguice dela, com o carinho, e ela quebrava todos os preconceitos que ela tinha em relação àquela deficiência que ela teve que, que graças à deus, ela superou tudo, hoje ela é uma senhora muito bonita , mãe de dois filhos, mas, é, gostaria, eu prometo pra você que eu vou procurar saber do Abedenego, porque ele me dá muita saudade .

P - E aqueles alunos, os peraltas mesmo, nós sabemos que têm, toda classe tem aquele, aquela turminha, aquela, eu tenho um amigo muito jovem que chama essa turminha, carinhosamente, ele chama essa turminha de “galerinha do mal” (risos) aquela turminha do barulho. Como que era lidado com esse pessoal que tinha mais, mais espontaneidade, é, mais?

R – É, veja bem, é, eu, quando tava nas séries finais, na quarta, quinta série, como eu desenhava bem, é, eu era solicitado pelos meus companheirinhos, que já estavam começando a descobrir a sexualidade, a desenhar mulheres nuas para eles se satisfazerem nos banheiros da escola , então, é, tínhamos dois desenhistas na escola: eu e o Celso Luiz Marangone. Hoje é publicitário em São Paulo, um poeta brilhante, um publicitário brilhante e ele era sobrinho do Marangone, o pintor da história de Sorocaba, então nós passamos a ser, a fazer parte da,

da turma do fundo, n, e a turma do fundo, como você sabe, é curiosa, porque essa turma do fundo era onde as menininhas se reuniam com os menininhos e já começavam as paqueras, os namoros, e essas menininhas do fundo, elas usavam aquelas saias compridas, na época elas levantavam a saia deixando o joelho à mostra, tal, tal, provocando os menininhos, tal, tal, e agente fazia aquela, já começava com as “peraltagens”, de provocar o professor, mas o professor. Era. era fantástico. na época, o professor era fantástico na época porque ele sabia do comportamento. entendia aquele comportamento da criança e ele, sabe, é, quando ele virava a classe ficava em silêncio quando ele virava as costas pra fazer alguma coisa no, no quadro negro que na época era negro mesmo, hoje é verde então ou é branco, então na época quando o professor voltava a classe ficava em silêncio daí o professor permitia é, é de uma forma ou de outra ele sabia quem era aquela turma mais ele sabia que o fundão é, é era alguma coisa é, é admissível né que era o comportamento natural da evolução daqueles, daqueles garotos que eles cuidavam mas é é a que é psicóloga, ela tem uma visão disso que a sociedade ficou hipócrita porque aquela turma do fundo parece que era estéril porque todo pai hoje fala pro filho; “não porque na minha época eu era maravilhoso eu era isso, eu era aquilo pá pá”. E os alunos da turma do fundo desapareceram (risos) então é uma hipocrisia isso mas eu confesso que é, é eu fazia os desenhos tal, e uma ocasião inclusive um amigo meu que tinha pedido um desenho pra mim eu desenharia uma mulher nua eles ficavam maravilhosos por que na época você não tinha play boy, não tinha televisão mostrando é, é sabe você via um joelho e já ficava estimulado e derrepente tinha aquele gibis do Carloseram gibis mal desenhados as vezes que eram o erótico da época dava inclusive, porque era contra os nossos costumes na época a gente relembra isso hoje rindo porque o que, que você vê na televisão hoje a liberdade é totalmente diferente o que complica também é porque o educador derrepente ele se vê numa classe onde a sexualidade é estimulada né então é complicado isso mais é um dia eu estava desenhando entreguei para um rapazinho que havia encomendado, a professora virou bruscamente, olhou e: “O que você tá fazendo? Ele meteu aquele papel: “nada professora deixa”. Ele botou o papel na boca e engoliu o papel, então essas coisas a gente recorda, mas eles nunca me comprometeram é, nunca me comprometeram, nunca é, é ...

P - ...entregaram o autor da obra.

R - ... nunca entregaram o autor da obra, como nunca entregaram o Celso Luís Marangone aliás essa esse comportamento também dos alunos eram compro, tinha uma determinada ética entre os alunos de você não delatar, então você assumia o erro e se o professor falasse: “eu vou punir toda a classe”. Pode ter certeza que não aparecia o autor, essa característica da irmandade é importante, sabe e só hoje a escola veio descobrir é esse movimento, a importância desse movimento porque os alunos são iguais e o professor representa autoridade e o pai, e na época a igreja também era também uma igreja punitiva, Deus castiga, a igreja do mal, a igreja católica predominada então o comportamento social da época era outra, Deus era do medo não era o Deus do amor então você percebe que é hoje o processo é mais socrático o professor passa a ser um orientador né e os alunos não temem aquele professor e o professor entendeu que não adianta ele ele também bater de frente com o aluno porque os alunos tornam-se uma espécie de sindicato contra o professor e só graças a Deus hoje né nós temos uma evolução bastante significativa, tô falando pra você de mais de 50 anos atrás, 50 anos atrás, ainda havia começado o conhecimento de das teorias de Freud hoje não, hoje o professor ele tem uma aula de psicopedagogia, de pedagogia então o professor ele assimila todo esse conhecimento e hoje o professor é mais bem preparado cientificamente então sabe só se o professor for um desequilibrado mental para não ter um contato com esses alunos e ele se impor pelo conhecimento e não pela autoridade, pelo autoritarismo né, mas ele se impõe pela autoridade do conhecimento.

P – E qual é a sua formação Rui ?

R - A minha formação eu fiz até o colegial e daí eu dei uma parada pelo seguinte eu fui um dos primeiros jornalistas, eu fui jornalista aos 17 anos eu era redator chefe de um jornal aliás uma fábrica que muito me orgulha porque meu redator chefe ele foi convidado pra ser assessor de chefe de gabinete do prefeito Armando Panunzio isso na época era folha popular um jornal, e na época eu trabalhava em grande competência dentro desse jornal o próprio Adolfo Prioli historiador, Aroldo delegado de polícia, Roberto que foi é, é o segundo ou terceiro homem da secretaria de segurança do Estado, Ubirajara Batista Ferreira advogado hoje uma lenda entre os advogados e tinha uma série de, de competência dentro do jornal e na hora que ele saiu e indicou pro outro jornal quem seria o redator chefe ele me indicou com 17 anos e com 21 anos graças a Deus eu era redator chefe do “Cruzeiro do Sul” que também acredito que ajudei a transformar num grande jornal, mas é, é quando foi regulamentado a profissão do jornalista eu acabei sendo beneficiado porque eu tinha mais de 5 anos na profissão como outros colegas e daí aquilo lá me deu o diploma que eu precisava, então eu aprendi muito com a vida e olha eu posso assegurar que a minha formação maior que eu considero mais importante para o ser humano que é trabalhar com as próprias emoções que dá o caráter humanista eu tive no Getúlio Vargas, no Getúlio Vargas porque a convivência com aqueles professores.

P - Segunda metade da entrevista, Rui eu gostaria que você falasse se você se lembrar óbvio, como eram aplicadas as punições, como eram, como era exercitado a prática do limite, de colocação de limite no aluno, como era essa prática ??

R - Os problemas das punições na época eu eram as vezes eu acredito que de uma forma até desumana porque aquela história do burro que era encostado no canto da parede é, é era uma verdade é, é haviam os puxões de orelha por exemplo e os beliscões as vezes de determinados educadores, entre aspas, mas era cultura da época né era cultura da época era um a, um comportamento que foi importado principalmente dos Estados Unidos e que procurava também adestrar o aluno né dentro de um processo comportamental eles ofereciam de um lado a educação mas de outro lado eles queriam que o aluno se comportasse de uma forma mais adestrada né então e funcionava isso mais funcionava porque o aluno muitas vezes os alunos não temiam aquele puxão de orelha e não temiam os beliscões sabe nem temia ir pro canto da sala porque ele fazia uma gracinha e os alunos riam dentro daquela colocação que eu falei que os alunos formavam um sindicato, uma cooperativa de ética né então é mais os alunos eles não gostavam, eu acredito que naquela época cada ser humano se valorizava mais e a vida não era banalizada como é hoje também você não tinha lares desfeitos como existe hoje que é altamente comprometedor, os filhos temiam os pais mas não temiam o país porque os pais poderiam bater ou matar, o que seria uma perversidade, eles temiam os pais pelos sermões que pudessem ouvir sabe, pelo descontentamento dos pais porque a forma dos filhos amar era tanta os pais, que você não gostaria, o filho não gostava de ver o pai triste com eles ou aborrecido porque o professor chamou o pai até a escola então é, é eu vejo que naquela época cada aluno não gostava de ser punido para não causar aborrecimento aos pais, sabe, e curiosamente, curiosamente por exemplo nós tivemos eu fui amigo de classe da Teresa Mascaranhas, ela era filha do prefeito Atidoro Mascarenhas que foi prefeito de uma época da minha escola, dos meus estudos lá no Getúlio Vargas, eu me lembro que no primeiro ano por exemplo teve uma festa na estrada de ferro Sorocabana e eu fui receber a medalha de ouro das mãos do prefeito olha a importância que tinha o Getúlio Vargas como instituição na época até hoje é uma escola orgulho da administração municipal mas na época aquilo lá era super valorizada então nós tivemos uma solenidade de final do ano num clube da cidade onde o prefeito esteve presente para entregar as medalhas, então é, é e essa medalha era importante para mim e minha família sabe, então pô como que eu poderia chegar prá minha mãe por exemplo e falar olha mãe que me engomava as roupas todos os dias que tinha aquela dedicação me acompanhava as vezes até a porta da escola né como eu

poderia ser punido entendeu então baseando –se por mim que é uma verdade minha eu vejo que na época era mais fácil o controle é, é da, da comportamental da classe sabe é em virtude disso porque as famílias eram mais comprometidas com os filhos , também tinha o fator de poucas as mães que trabalhavam eram em menor número a maioria era professora né então a maioria era de professor então você não tinha , a mãe lavava roupa cuidava da casa e tal e o marido era provedor e como não havia muita separação, separação a separação era escândalo então se evitava tudo isso e era mais fácil então em termos de punição eu vejo que se você tivesse , fosse impor hoje esse tipo de punição haveria rebelião na escola é, é quebra-quebra (risos) escola porque hoje não se admite mais esse tipo de punição .

P – Havia alguma distinção de classe social dentro da sala de aula, alguma separação, ainda que muito sutil, entre alunos de origem muito humilde e alunos de classe média, classe média alta, você sentia isso?

R – Olha é, é, você sempre tem é, é veladamente alguma preferência por exemplo a escola era municipal e derrepente a Teresa que era filha do prefeito é os professores procuravam é, é sabe evitar o máximo mas vez por outra eles davam uma escapadinha e você (risos) e acabava verificando que a Teresa tinha um mimo especial , mas você verifica na sua, na sua, no seu trabalho que a dona Guida por exemplo exaltou bastante o Abedenego era negro né e era de uma família humilde uma família protestante que poderia até ter inclusive um preconceito por que na época os evangélicos não tinha a consagração que tem hoje , essa grande massa popular né então os evangélicos eram em numero menor então poderia ter havido poderia não mais ele era um negro já era um fator por que na época o preconceito era grande já na época pra você ter uma idéia o preconceito era grande também com o japonês então vinham os produtos japoneses a primeira caneta esferográfica que vieram era até proibido de ser usado na escola a gente era obrigado a usar caneta tinteiro mas os meus pais mesmo falavam isso veio do Japão não presta tinha um preconceito contra o Japão que mais tarde se qualificou como uma grande potência mais é quando a gente comenta esses aspectos aí da escola como era na época é, é eu não posso dizer que de uma forma houvesse o privilégio de uma classe, porque na mesma forma que derrepente tinha um carinho pela Teresa tinha muito mais carinho por um negro bonito né que era um garoto éé de uma alma boa né então os professoras adoravam o Abedenego e é curioso isso né então eu gosto muito de fazer uma avaliação talvez eu tenha em primeiro em principio até cometido um desatino ao comentar que a passava aquele carinho para Teresa que é grande amiga minha veio a se casar com um amigo meu João de Barros já falecido , mas hoje eu conheço os filhos dela é impressionante né veio na minha cabeça porque eu vi de uma forma ou de outra a demonstração de carinho mais os professores tinham aquela “abedenegação” (risos) pelo Abedenego que é um negocio absurdo né ele conquistava todo mundo pelo jeito bom de ser então fica aí a dúvida se tinha realmente algum, algum critério de de classe agora eu por exemplo era aluno de família pobre né e eu nunca senti preconceito nenhum pelo contrario senti muita ...

P - O seu pai trabalhava no que naquela época ?

R - O meu pai era pintor , meu pai era pintor ele chegou nós viemos de Apiai pra Sorocaba mais meu pai teve uma formação legal porque ele foi aluno do colégio Sagrado Coração de Jesus de São Paulo e teve como companheiro de escola o grande Otelo, por exemplo, e meu pai fazia cenários e o grande Otelo representava na escola, mas meu pai não era um aluno exemplar, ele era um aluno maluco, ele por exemplo um dia o Padre pegou e, e olhou pela, pela janela e viu que na frente do colégio tava uma população reunida, olhou na coroa do Sagrado Coração de Jesus né, da estátua que fica em cima, em cima do liceu , o meu pai tava fazendo demonstração de ginástica lá, fazia, e poderia ter caído e morrido, né, então o Padre subiu desesperado: “sai da i menino”. Daí meu pai saiu , quando ele veio pra dar um tapa no meu pai ele meteu o pé no peito, o Padre escorregou, caiu quebrou a janela, quase

despencou o Padre, daí meu pai foi expulso da escola, mas meus tios todos, né, nós éramos é, é a minha avó era professora educadora em Apiaí, prima do Júlio Prestes de Albuquerque que foi eleito presidente e não tomou posse, então era de uma família de Itapetininga, o meu avô era coletor de, coletor federal, então é, é eles é, é tinham uma, uma é, um privilégio de uma determinada posse e mandavam os filhos, os três filhos, aliás, perdão, os quatros filhos estudarem no colégio Coração de Jesus em São Paulo. Por isso que é coração de Jesus, então, mas daí meu pai já não teve essa oportunidade, era um sonhador, enfim meu pai não era rico e daí nós viemos pra Sorocaba, até por problemas políticos que meu avô tinha. O prefeito de Apiaí o prefeito de Ribeira, os dois eram sobrinhos do meu avô e em Apiaí também disputavam dois sobrinhos, meu avô não podia dar apoio para os dois, então nós mudamos pra cá, pra Sorocaba, então, veja bem, mas eu era de uma família pobre, meu pai lutava, ele era pintor, daí ele, como pintura não dava grana e as pessoas até hoje em Sorocaba, Sorocaba é uma cidade, Sorocaba se constrói grandes mansões mas não tem aquela cultura, a família, como por exemplo tem em Itu, então obras artísticas não são valorizadas você vai em determinadas residências aí, você vê aquela decoração fantástica, tv de plasma e coisa e tal, mas você vê uma copia na parede de quadros. Daí você vê que as pessoas são pobres culturalmente, né, então aqui em Sorocaba na época era pior ainda, então, é, nós tivemos grandes pintores que nós temos até hoje Bruno de Juste, Antônio Marangone, é o Aluisio Vieira, que foi o maior pintor sacro do país, talvez do mundo, né, pintava bizantino, e outros artistas plásticos eles nunca sobreviveram da arte, né. Carlos Augusto que ele era técnico da companhia de estampa, então ele pintava era um impressionista de alta, de alto nível ele pintava, mais não sobrevivia da pintura então meu pai passou a “filetar” carroceria, fazer placas comerciais e outras coisas então na minha casa o dinheiro era apertado, mas era uma família feliz, sabe, uma família que pela própria origem do meu avô e da minha avó nós, eu com minha idade, tinha seis, sete anos, eu e meus irmãos tínhamos acessos a, tínhamos acesso a uma biblioteca muito rica e as grandes obras da humanidade, e outras coisas a gente tinha é, sabe, tinha e gostava de ler. Como meu avô lia muito a gente por osmose lia, então isso era importante. Agora, minha mãe nunca trabalhou né profissionalmente em alguma atividade, lógico trabalhou muito (ênfase) em casa por que prendas domésticas, como se falava na época, é um negócio que dá muito trabalho, você como psicólogo sabe muito bem disso, né, que o trabalho de casa não é moleza e não tem fim, não tem fim, não tem é, é décimo terceiro e outras coisas.

P – Agora, caminhando pra encerrar esse encontro, Rui, eu vou pedir pra que você espontaneamente, livremente faça algumas considerações à respeito da educação lá dos anos 60, e também da educação atual, algumas considerações espontâneas.

R - Bom eu, você me levou numa viagem ao passado e eu vejo, vi no meu pensamento a avenida Eugênio Salerno com os flamboyants, é, é lindíssimos na primavera, todos explodindo um colorido fantástico e esparramando pelo paralelepípedo, pelas calçadas da avenida que tinha lá na frente o busto do Eugênio Salerno, descia da, da praça 9 de Julho, era meu caminho da roça e ali na 9 de Julho tinha um violonista fabricante de violino, Luciano Pelegrine, um velho, e às vezes eu parava ali na frente dele para ver o Luciano fazendo, o velhinho fazendo, como o Jepeto, fazendo o violino e tocando o violino, testando os violinos, então eu descia por ali e entrava na escola, a escola pra mim era meu castelo, era um negócio fascinante e depois de adulto eu fui visitar a escola, eu vi que aqueles degraus que parecia tão, parecia tão enormes, gigantesco pra mim, eram pequenos, sabe, aquele pátio que se formava os grupos das classes eram pequenos, é pequeno, então hoje tá transformada, a escola né, a escola hoje tem inclusive um dos melhores teatros da cidade que é o teatro Pedro Salomão José, mas em termos de educação, nessa viagem, eu posso dizer pra você que se a gente levar em conta o trabalho dos professores a gente pode dar nota 10 pela qualidade dos professores, pelo comprometimento e tal, agora pelo é, é inclusive pelo, pelo, pela qualidade de ensino que

se oferecia, agora em termos pedagógicos, psicopedagógicos por exemplo, hoje tem uma evolução muito grande sabe, o tempo é outro, o professor age de forma diferente, sabe, então as escolas caminham pra, da informatização que é um avanço fantástico e eu me lembro do Pedro, é que foi presidente da FEBEM, Joaquim Pedro de Melo Campos, ele foi, inclusive, candidato a reitor da Usp junto com Fernando, disputando com o Fernando Henrique Cardoso uma eleição lá que ele perdeu, mas ele foi presidente da FEBEM, e uma ocasião o Joaquim falava, comentava comigo a respeito do cartão que ele, doutorado em Frankfurt, então ele tava dando uma aula USP e um aluno fez uma pergunta pra ele, e ele pegou, falou que não sabia que ia procurar, daí o aluno falou: “Mas professor, o Sr é doutor da Alemanha e derrepente o senhor não sabe me responder”. E ele falou: “A USP paga pelo que eu sei não pelo que eu não sei”. Então, a resposta foi linda, mas o Joaquim Pedro falou pra mim: “Rui, veja bem, a minha resposta foi bonita porque eu tenho um determinado grau de inteligência, mas é uma vergonha que a Alvares Penteado tenha computador nas salas de aula para o aluno. Via Internet eu posso resolver aquele problema na hora e dar a resposta e a USP ainda trabalhar no mesmo processo que era da época das cavernas, quando se desenhava o mamute e falava: “Olha, você vem por aqui, você vem por aqui e tal, tal, tal, né”. Então quando você compara a educação daquela época com a de hoje, sabe, a biblioteca na universidade, por exemplo, que você tá fazendo seu mestrado tem uma biblioteca belíssima e tem informática dentro da própria biblioteca, você convive com alguns mestres lá que são pessoas de altíssimo nível, né, e você tem acesso via Internet às bibliotecas da USP e outras bibliotecas fantásticas, você tem acesso aos museus do mundo todo via Internet, então nós não podemos mais viver aquela educação, daquela época, os valores, a integridade, a competência profissional, o interesse, o comprometimento, isso sim, tem que ser preservado, eu até termino parabenizando por você, pelo seu interesse que você tá tendo na sua tese de mestrado, que é, é uma pesquisa fantástica e eu queria colocar pra você uma coisa, em até homenagem a uma amiga minha a Hosana, a Hosana, a dona Guida não sei se recorda dela, era uma menina que ela teve paralisia infantil e ela é, é caminhava quase em semi, em círculos porque ela apoiava os pés, ela tinha que girar pra apoiar o outro, ela tinha dificuldades pra subir as escadas, tudo da escola, e essa Hosana ela hoje tá aposentada, ela vive na casa dela, tem um filho normal, ela casou com um atleta um cara que corria na rua Santa Terezinha, ela mora na rua Santa Tere, no bairro Santa Terezinha é uma pessoa fantástica a Hosana, foi uma aluna brilhante e ela também servia de referência para os alunos, porque a gente via ela com todas as dificuldades, era sempre a primeira aluna da classe e era exemplar pra todos nós, então dentro daquela comunidade que a gente tinha, é, uma verdadeira família, derrepente aquela irmãzinha, exemplo pra gente, como que eu posso tirar uma nota baixa se a Hosana com todas essas dificuldades de locomoção, tudo, é brilhante e a Hosana se tornou educadora, professora, lecionou até aposentar, ela tinha dificuldade para subir no ônibus, o marido, é, ajudava e os amigos ajudavam ela a subir ao ônibus né, e se tornou uma grande educadora, e por certo, deu uma contribuição maravilhosa ao país, e eu acredito que dentro da nossa classe, pôr exemplo, agora mesmo eu encontrei o engenheiro Pedro Manieso, era um dos bons alunos também, e ele me cumprimentou dentro do Hospital Oftalmológico e eu fiquei muito feliz, então muitas vezes eu encontro meus amigos de escola, de Getúlio Vargas que brilharam e fizeram sucesso, isso preenche toda historia mas sem dúvida, sem dúvida hoje a educação é muito melhor, eu gostaria que os professores fossem valorizados financeiramente pra, inclusive, ter o comprometimento que tinham os professores dos anos 50.

P - Muito obrigado pela sua contribuição Rui, muito obrigado.

R - Obrigado você pela oportunidade.

P - Encerramos a entrevista com Rui Albuquerque em 06 de dezembro de 2006.

Depois de encerrada a entrevista conversamos mais alguns minutos sobre outros assuntos. Rui me acompanhou até a porta e nos despedimos.

Entrevista com Lauro Gabriel

P - Entrevista realizada em 08/07/2006 com Lauro Gabriel, ex-aluno da escola Getúlio Vargas dos anos 60 do século XX. Entrevista para fins de mestrado, na área de educação da UNISO, do programa de pós-graduação da UNISO.

Lauro você me autoriza utilizar esse material para meu trabalho, para minha dissertação de mestrado ?

R- Tudo bem, sim. (Fomos interrompidos pelo telefone)

P - Lauro eu queria que você contasse como que era na sua infância, lá nos anos 60. Você estudou em que ano ?

R - Eu estudei em 60, 59, 60, 61, 62 e 63. Eu fui reprovado então, eu fiz dois anos a mais de escola.

P - Você foi reprovado, em que série?

R - No primeiro e no segundo ano, que antigamente falava, era primeiro ano e segundo ano, hoje é série. Falava-se: você estuda onde ? “to no primeiro ano , no segundo ano”, então, a classificação era outra, o modo de falar era diferente na época .

P - E você sabe, lembra dos motivos da reprova, o que aconteceu ?

R - A reprova é que eu, principalmente, era um moleque meio levado e esquecia de estudar, era só isso. Esse era o problema, eu esquecia de estudar. E antigamente o primeiro, segundo e terceiro e quarto ano de escola primário você saia do quarto ano sabendo ler, sabendo escrever, e você, sabendo fazer conta de mais, de menos, de dividir, então, o estudo era um pouco mais puxado porque o estudo era curto, não era prolongado, e você depois do quarto ano de escola, nos anos 60 a maioria do pessoal já saia para trabalhar e não eram todos que continuavam estudando.

P - E você saiu, continuou?

R - Eu sai. Aí fui trabalhar, fiquei no armazém, eu sempre morei aqui nas imediações do Getúlio, no Sta. Terezinha, e meu pai tinha um armazém, de secos e molhados aqui no Sta. Terezinha, e eu fui trabalhar no armazém do meu pai, e foi nesse período que meu pai ficou, adoeceu e eu fiquei mais no armazém, até 66. Em 66 eu voltei a estudar. Aí fui até fazer o curso de contabilidade, aí parei e voltei ao trabalho.

P - Em 66 você voltou a estudar, já no ginásio?

R - Já. Já fui pro ginásio, já fiz, antigamente falava, fazia preparatório.

P - Que era admissão?

R - É admissão. Depois você fazia o exame de admissão, você fazia o preparatório de admissão, e eu voltei a estudar no LICEU, aonde eu conclui o ginásio, e vim fazer é, o curso de contabilidade no CIESP , que é onde é o Objetivo hoje, mesmo local, ali na rua Artur Gomes, ali era

P - Ali era o.

R - O CIESP, ele tinha acabado de mudar. O CIESP era ali na antiga concha acústica de Sorocaba. Tinha acabado de mudar recentemente ali pra rua Arthur Gomes.

P - Que era, onde é hoje a polícia ?

R - É, onde é aquela polícia. Ali era, o ano que, eu acho que foi nesse ano que, ou um ano antes, que eles transferiram pra onde é hoje, até hoje o Objetivo.

P - E, bom, o seu pai era dono de um armazém de secos e molhados aqui no bairro?

R - É, aqui no bairro, no Sta. Terezinha.

P- Como que era, quantos irmãos vocês são Lauro ?

R - Nós somos em três irmãos. Eu tenho o mais velho que é o João, depois tem eu, e tem a minha irmã, a Norma, que também estudou no Getúlio. Ela foi mais, ela acho que estudou no Getúlio até o normal e depois voltou a ser professora do Getúlio, e hoje ela trabalha na

prefeitura e ainda, não aposentou ainda, e está na ativa mas, prestando serviço em uma outra escola, mas ela foi acho que mais de 20 anos professora no Getúlio.

P - Isso depois dos anos sessenta ?

R - Depois dos anos sessenta. A minha irmã é 6 anos mais nova do que eu, então ela já pegou os anos 70. Ela entrou nos anos 70.

P - Como que era Lauro, em casa, a questão dos estudos, como que seus pais, eles lidavam com essas coisas, dificuldades, de estudar, você era um menino traquina, como é que era a realidade dentro de casa ?

R - A realidade de casa na época, é, o que a gente tinha que ter muito, na época, era educação, e os pais, as mães, minha mãe principalmente, se soubesse que você tinha sido sem educação na escola, se você tivesse tido, ficado de castigo na escola, por algum motivo a professora botou você de castigo, você chegava em casa e ainda apanhava, porque na época, as professoras eram mais rígidas, pegava a gente pela orelha, é, tinha uma régua. A dona Guida, no Getúlio, já era uma professora diferente. A dona Maria já era uma professora mais brava, pegava pela orelha, punha de pé atrás da porta, e em casa, quando a mãe descobria que a gente tinha, acontecido isso, chegava em casa e ainda apanhava. A mãe não achava ruim da professora ter chamado a atenção. Você chegava em casa e apanhava da mãe, ou do pai porque você foi, ficou de castigo na escola, porque você, o que aconteceu? você foi sem educação, faltou com respeito, fez alguma arte na escola. Antigamente tinha uma malandragem diferente da de hoje, era só na brincadeira, mas tinha assim uma diferença, de, de, acho que o Getúlio sempre foi uma escola, aqui na, na Eugênio Salerno, e tem um nível de, de aluno, um pouquinho melhor. Como eu vinha do bairro, da Sta. Terezinha era um bairro já bem mais pobre, então eu era mais traquino do que os outros meninos. Era ligeiro, mais ligeiro, mais rápido porque eu convivía mais na rua, e meu pai sempre foi comerciante, então a gente também sempre sai um pouco mais diferenciado, falante, mais falante, né, sempre é uma pessoa mais falante porque é um comerciante é uma pessoa mais falante. Mas essa foi uma vida que, no primário a gente saía da Sta. Terezinha e Eugênio Salerno, que eram duas ruas tão perto, mas não tinha comunicação, tinha uma baixada entre uma rua e outra que tinha que fazer uma volta, alguma vez, quando chovia muito, tinha que sair e ir lá pela General Carneiro pra vir pra escola, porque não tinha, não tinha passagem.

P - Ali, onde hoje é a Zeferino Santana ?

R - Não. Ali não. A rua Zeferino Santana não existia. A rua Amazonas ela era, era aqui na rua Piauí, e na rua Maranhão ela acabava, não tinha rua Amazonas, era só um pedacinho lá em cima. Então a gente tinha uma volta grande, e uma passagem é na rua Pará tinha uma passagem, muito precária, a gente passava por dentro da água, em cima de, de, é de duas madeiras, tábua, então na época de chuva, a criança que era do Santa Terezinha que estudava no Getúlio ou no Estadão tinha que fazer uma volta lá pela General Carneiro pra poder vir pra escola, não tinha passagem. A Afonso Vergueiro não existia.

P - Era um brejo ?

R - Era. Tudo, aqui era tudo mato, era um brejo. Nos anos sessenta, aqui era tudo um brejo. Não tinha, não tinha passagem, tinha trilhas, tinha caminho. E é o caminho que você andava no meio do mato.

P - E você estava dizendo, no começo da entrevista que na escola Getúlio o pessoal que estudava, parte do pessoal que freqüentava a Escola Getúlio Vargas era de uma classe social mais...

R - Mais, de maiores, devido a avenida Eugênio Salerno, era uma avenida que só tinha assim uma parte, uma classe melhor de vida, uma elite de Sorocaba então, essas famílias todas freqüentavam o Getúlio.

P - Certo. E você pertencia a um outro...

R – Pertencia a um outro, outra classe, que era o bairro tão perto, mas era uma outra classe, um outro padrão de educação, vai, e sim, liberdade.

P - Tinha mais liberdade.

R - Mais liberdade, de correr bastante. Você, nos anos sessenta a gente, pra ir no matinê, mesmo meu pai tendo um armazém pequeno, a gente ia saía e engraxava no sábado pra poder fazer um dinheiro pra poder ir no matinê no domingo, porque nos anos sessenta, não tinha um moleque que não fosse no matinê no domingo assistir um seriado, na época que o zorro era que nem novela. Passava de domingo, era de pedaço em pedaço, tinha que voltar no outro domingo pra continuar assistindo o capítulo do filme.

P -Aí, você saía no sábado, pra engraxar ?

R- Pra engraxar, pra fazer o dinheiro, pra poder ir no matinê. Ganhava, fazia aí, engraxava uns pares de sapatos pra poder fazer dinheiro. Então, essa era a diferença do nível social. E aí chamava mais atenção, com isso na escola porque via que era mais moleque, devido ao modo de viver que a gente tinha né.

P - Era mais moleque, aprontava mais?

R - Aprontava mais, vivia só sendo chamado atenção na escola. É, tudo, todas as coisas mais difíceis de escola eram os, era os moleques que, mais traquino que ia fazer, então era, uma convivência é, gostosa, que a gente, era assim, um certo respeito entre os moleques, que a gente era mais briguento. Gostava de briga, brigava na rua. Era um verdadeiro moleque de rua. Isso nos anos sessenta fazia, fazia diferença na escola, porque o padrão, uns 50% da escola tinha o padrão de vida melhor. No Getúlio é, tinha aula de religião, e eu me lembro muito bem e era o padre do Santa Terezinha que fazia, e o padre tinha uma perua Kombi, na época, e ele, na última meia hora de aula, era a aula de religião e era o padre que vinha dar, e quem se comportava e respondia as perguntas que o padre fazia e morava pro lado da Santa Terezinha ele levava de perua kombi embora. Eu, varias vezes, tive que vir embora a pé porque não respondia o que ele queria (risos). Então, a gente, eu ia, embora a pé, as vezes ia com a Kombi, fazia tudo certinho na aula de religião. Mas é, e por muito tempo, essa aula de religião tinha no Getúlio, não sei se era em todas as escolas, mas no Getúlio tinha, pra todas as classes, tinha aula de religião, não sei, o primeiro e segundo ano, mas acho que no terceiro e quarto ano tinha aula de religião, uma vez por semana, meia hora, tinha uma aula de religião com o padre, na época, era o padre, o padre Natálio, na época, anos 60, o padre Natálio.

P- A diretora da escola, Dona Ana Maria?

R - Dona Ana Maria.

P - Como que era a dona Ana Maria, como que aquele moleque de rua via a?

R - Ah, eu ia, ah, eu sempre vivia sendo chamado na diretoria porque eu era, no intervalo, era meio traquino então, eu sempre estava na diretoria que a dona Ana chamava mas, sempre teve uma educação muito fina, é, gostava, principalmente de mim, ela gostava bastante, me chamava pra fazer as coisas da escola, é, sempre tive uma convivência boa com a dona Ana, sempre tive, uma convivência, e ela me chamava, cada vez que eu vinha lá, que eu tinha, ela falava: “você aqui de novo rapaz, aí, você não cria juízo mesmo” (risos). E, ficava lá um tempo dentro da diretoria sentado de castigo. Ah, chegava em casa e que algum amigo contava, e ia parar no ouvido da minha mãe, podia saber que ia tomar umas cintadas, umas chineladas.

P - Porque ?

R –Mãe, na época não admitia que o filho, nos anos 60, é fossem,é, não tivessem respeito pelo, pela professora, pela diretora. Responder, jamais. A professora falava, você tinha que abaixar a cabeça, por a mão pra traz. Pegava pela orelha, puxava a orelha, se não fizesse a lição de casa, é, tinha recado no caderno, então você tinha que evitar de vir recado. Se viesse recado então.

P - O que os seus pais, Lauro, pensavam a respeito disso: estudar, ver os filhos estudarem ou não estudarem. Qual era a importância que eles davam para os estudos?

R - Olha, meu pai, ele era, ele tinha só o terceiro ano de escola, então, ele fazia uma boa exigência, muito grande, para os filhos estudarem. Quando eu sai do quarto ano do ensino eu não fui estudar, eu tive uma fase de, que inclusive foi a dona Guida até que fez, que achou que eu estava ficando muito levado e tava, tinha que fazer um exame na cabeça, então, meu pai não me forçou a voltar a estudar porque quando nós fomos ao médico o médico falou pra ele assim ó: “olha você deixe ele, quando ele quiser voltar a estudar, ele volta a estudar”. Agora, meu irmão e minha irmã, meu pai é, exigiu que estudasse. Meu pai, não teve estudo, mas cobrou da gente por estudo.

P - E a sua mãe ?

R - Ah, minha mãe era mais brava, mais brava que ele ainda. Minha mãe corrigia, ajudava, minha mãe, a gente não tinha local decente, mas ficava no balcão do armazém com o caderno aberto ali e minha, minha mãe ensinando, meu pai ensinando alguma coisa, alguma coisa.

P - O fato de você ser esse moleque safado que era na época, é de ter reprovado dois anos fez com que a escola, representada aí pela dona Guida, vamos ver se entendi, suspeitasse que você tivesse algum problema na cabeça?

R - Ah, tivesse problema na cabeça, eu era meio traquina, ela falou: “ah, esse menino, não pode, tem alguma coisa errada com ele” (risos).

P - O que tanto que você fazia, Lauro, ao ponto de acharem?

R - Não, é que eu fazia, fazia traquinagem na escola, eu fazia malandragem, eu puxava a cadeira, caía sentado e tal, pegava e erguia o banco. Eu, uma vez eu ergui o banco, aquele banco que era de sentar de dois cada um, a carteira de dois alunos, eu puxei, o menino não viu, sentou e bateu a costa naquele ferro que tinha, machucou, rasgou a costa do menino. Aquilo foi (risos) uma, uma coisa pra ser chamado a atenção, que não podia ter feito aquilo mas, na época de moleque era moleque, se via, não fazia nada, não tinha maldade, fazia por traquinagem mesmo.

P - Molecagem.

R - Molecagem, fazia molecagem e, e levava, virava o vasinho, punha, de flor, virava de ponta cabeça e arrumava as flores em cima só pra quando fosse pegar a flor cair, então, só, fazia só traquinagem .

P - E briga dentro da escola, no pátio ?

R - Ah, isso na época, na minha época de quarto ano era, tinha briga de turma, de turminha. Eu liderava uma turma, um outro aluno, que pertencia pra outro quarto ano, que era a dona Celeste, ah, as duas classes não agüentam, os moleques não se beijavam não. Então, tinha briga na saída da escola, marcava briga na saída do portão. Só que é diferente de hoje, as brigas eram na mão, não tinham, não usavam arma, não usavam nada, não tinha, era no tapa mesmo, era uma pedra, uma coisa, mas em varias vezes que teve briga de saída de escola, no dia seguinte a dona Ana chamava os cabeças, os briguentos. Chamava lá e dava, ficava meia hora com a dona Ana dando sermão na gente, que ia passar em casa, mandava recado pra minha mãe, pro meu pai vir na escola. Era chegar em casa, era tomar cintada ou chinelada (risos).

P - Como que eram esses sermões de meia hora da dona Ana? O que tanto ela falava?

R - Ah, eu não me lembro muito bem. Isso aí é, era sempre aquilo que, que não podia fazer aquilo, que não devia fazer aquilo, que aquilo tá errado, não pode brigar, tem que ser amigo, as classes precisam se unir, é, até hoje eu, de vez em quando, encontro com o que era líder de uma classe, o líder da outra classe, que é o Ari, do armazém e a gente fala: “tem dia que eu paro pra pensar quanta briga que nós fizemos por nada, só pra dizer quem era o líder mais forte”. Esse é do quarto ano, foi um ano de querer ser um líder, devido eu ter sido repetente então, eu era mais velho do que os outros, os que vinham normal passando, eram um ano ou

dois anos mais novo, então, aí fazia a diferença, mas foram uns anos gostosos da vida que quando, quando a gente se encontra com os amigos, a gente fica lembrando, que nem o Fernando Maluf que hoje é dentista, de vez em quando a gente, ele frequenta o posto de combustível que a gente tem, a gente conversa: “épocas boas de brigas de é, farras juntos” é, quase não tinha, a gente fazia bola de meias, cada um fazia uma bola de meia pra uma classe jogar contra outra. Era quase todos os dias de jogo de bola de meias. Entrava pra, pra classe de volta depois do intervalo, voltava todo mundo suado, todo mundo molhado. Fazia bola de meias ou arrumava uma bolinha de plástico, que na época era difícil, então, a gente, a maior parte era bola de meias cada um, de vez em quando um levava uma meia pra fazer bola.

P - E no intervalo jogava?

R - Jogar no intervalo.

P - Aí saía umas briguinhas ?

R - Aí saía briga e como não podia brigar dentro da escola marcava briga pra fora da escola (risos), mas eram coisas, nada assim de, é, só molecagem mesmo, sabe, eram brigas só de molecagem, não tinha, se for comparar hoje é, hoje só muda com a violência mais forte mas, as brigas de turminha sempre teve, isso desde quando eu me conheço por gente.

P – Acho que desde que o mundo é mundo.

R - O mundo é mundo, existe a briga de, de um bairro, de uma rua com a outra, um bairro com o outro. Aqui na Sta.Terezinha tem um pessoal da Vila Leão que de vez em quando marcava briga mas é, é a gente brincava aqui na rua Zeferino Santana, onde é a rua Zeferino Santana, e tirava guerra de estilingue com mamona e quem ganhava prendia, era, isso como infância dos anos sessenta e que acabava refletindo na escola que tinha alunos também aqui, da Vila Leão que frequentava o municipal também, aí refletia da, da rua, do bairro e acabava pra escola também.

P - Como que era o clima, de uma forma geral, o ambiente dentro da escola, como você sentia ? Era uma coisa tranqüila, era uma coisa tensa, como que era lá dentro ?

R - Era tensa, eu acho que da escola era tenso, porque tudo a gente tinha medo, tinha medo até da faxineira, a gente tinha, porque, ah, fala medo, mas era respeito, foi na época que surgiu, é começou a ter, começou, tomar leite, começaram servir, veio uma lei do governo municipal, servir um leite, que era esse leite em pó, mas um leite ruim de paladar, não era toda criança que gostava é tomar aquele leite, principalmente esse pessoal que tinha o padrão de vida melhor, vinha com a barriga cheia então não gostava de tomar esse leite. Era um tal de, você passava na escola, “pega um copo pra mim e me dá o copo seu também”(risos), então, o cara tomava dois copos de leite porque era um: “eu não vou tomar isso aí não, mas você entra na fila pega e me dá que eu quero tomar”. Isso tinha bastante disso aí, a gente levava, o lanche, então o lanche que a gente levava o que que era?: um pãozinho com manteiga, não tinha outra coisa, dificilmente punha outro recheio é, e já o outro pessoal já levava um pão de forma, um pão mais macio pra comer e a gente, esse pessoal da Sta. Terezinha, da Vila São João aqui que, que mas também frequentou o municipal, você olhava o lanche dos caras, tinha muitos que era pão com banana, pegava uma banana e no intervalo você olhava: o cara tava comendo (risos), um pãozinho com banana. Mas era, a escola em si foi muito bom, muito boa, mas sempre a gente tinha o respeito, fazia tudo escondido porque tinha medo que alguém visse, alguém visse. Eu me lembro em uma ocasião eu é, a classe nossa, o nosso quarto ano, principalmente o quarto ano que mais tava, que já tá numa idade e como eu era o mais alto, eu era o último da fila, e o lema de início dessa brincadeira de pai do intervalo, tinha um poste, uma escadaria no pátio, e tinha um poste no meio, onde divide o estadual e o municipal, e quem era o último a colocar a mão no poste que era o pai, que começava. E eu era o último da fila, e eu comecei a pular da escadaria, eu ameaçava descer, eu pulava por fora da escadaria pra “mim” chegar primeiro. Seu Zé na época que era, vamos por, inspetor de aluno vá, e ele um dia, ele entrou debaixo da escada e quando eu pulei a escada ele pegou (risos) eu

pelo braço e levou eu de volta, eu sei que eu fiquei acho umas duas semanas sem sair no intervalo, de castigo (risos) porque estava sujeito a cair quebrar uma perna, quebrar um braço só pra poder chegar na frente dos outros.

P - Então o que que era, era uma competição ?

R - Não. Era uma brincadeira, em vez de ficar escolhendo quem ia ser o pai do intervalo, o menino que ia correr atrás dos outros, então, a gente bolou, eu não lembro na época, mas eu mesmo devo ter bolado, então, pra não perder tempo de escolher, então quem chegasse por último e pusesse a mão no poste ele que começava a ser pai do intervalo, era uma brincadeira de pega-pega de pai, mas era uma brincadeira de pega-pega que ia pegando, então aquele também passava a pegar os meninos. Hoje você não vê mais isso.

P - Hoje é só no vídeo game e computador ?

R - E hoje é só no vídeo game e computador é, antigamente se formava dez, doze meninos e ia pegando, não precisava, era só bater a mão, já parava a brincadeira, e ele já passava a correr atrás também dos outros .

P - Virava pega também.

(Eu vou interromper um pouquinho agora, Lauro, pra, está chegando o final desse lado da fita, um momento).

Segunda metade da fita de gravação: continuando.

P -Os seus irmãos nunca reprovaram ?

R - Não. Meus irmãos nunca reprovaram no primário, o João não reprovou, nem a Norma, o João acho que reprovou um ano no ginásio, mas já não estava mais no municipal, se não me engano estava no estadual .

P - Eu tive uma informação do professor, Sr Otto, que ele não permitia reprova lá no municipal, lá no Getúlio Vargas, se reprovasse o aluno seria desligado, mas conversando com as pessoas, com as outras pessoas, eu não tenho essa confirmação de outras pessoas ?

R - É eu me lembro disso, só que o Otto, ele, ele era diretor da escola, da parte do ginásio que era, aí vinha primeira série, segunda série, terceira e quarta série, porque era separado o primário .

P - A direção era separada ?

R - Era separada a direção, e a gente ouvia falar que o Otto não admitia que reprovasse, agora eu não lembro se o João é, reprovou no Getúlio e depois passou pro Estadual por esse motivo, que não podia perder um ano.O João, meu irmão, é capaz de, podia explicar isso melhor, eu sei que o João saiu do municipal e foi pro o, foi pro Estadual .

P - A Dona Ana Maria, que era diretora do curso primário, ela era, segundo depoimentos, ela era mais complacente.

R -Ah! a Dona Ana é era uma, uma diretora me lembro, andava impecável, a dona Ana era impecável no modo de se vestir, sempre penteada é, bem arrumada, mas, assim, de uma educação. Difícil de se ver aquela diretora gritar; ela só chamava o aluno, trazia para sala dela, sempre foi assim, sempre é a gente é estava escutando, hora de aula, quando a Dona Ana chegava na porta e ficava olhando, e a gente, molecada, tremia lá dentro porque ela não gritava, mas se ela tivesse vendo que alguém estava fazendo alguma coisa, daqui a pouco já vinha o seu Zé e chamava: “fulano a Dona Ana tá te chamando”. Ela conversava porque ela queria os seus alunos direito. Eu não sei se foi criado por ela, o aluno que tivesse uma certa nota ganhava um distintivo é, não lembro se é acima de 80, na época não era 8, era 80, não sei se era acima de 80, o aluno ganhava um distintivo, eu não lembro se o distintivo partia da dona Guida ou era da diretoria, mas era da diretoria porque o distintivo é vinha, acho, na minha vida toda só ganhei uma vez distintivo (risos), e todo mês perdia (tossiu) você ganhava e perdia.

P - Tinha validade?

R - A validade, é, até a próxima prova, então se você fosse bem você ganhava o distintivo, e se você fosse mal você perdia o distintivo.

P - Como que era esse distintivo?

R - Era um laçinho verde e amarelo que você punha no peito, assim, e você andava e estufava o peito e andava pra fora. As meninas punham na ponta, na ponta do seio que tava nascendo e ficava andando com o distintivo, mostrando que tinha ido bem na prova .

P - E o critério para obter esse distintivo?

R - Eram, eram o valor da nota, tinha que, no geral, que eram provas separadas, geografia, história é, ciências, eram provas separadas, e você fazia a média, na classe, porque no primário era uma nota só, você tinha boletim com uma nota. Lembro bem que no ginásio eram notas separadas, no primário era uma nota, fazia prova separada e aí ela fazia a média pra por no boletim. Tinha uma média, eu não lembro o quanto era, mas era acima de 80.

P - Você só teve uma vez?

R -Eu só fiquei um mês com o incentivo (risos) a vida inteira, minha mãe, né, quando eu cheguei em casa eu falei: “ mãe ganhei esse distintivo”, “iii, então a sua cabeça outra vez não está muito boa” (risos), “porque o normal é só ter nota baixa”.

P - E seus irmãos ganhavam o distintivo?

R - Ah, meu irmão só vivia de distintivo, a minha irmã só de distintivo é, só eu que não tinha esse distintivo não .

P - Era a fitinha verde e amarela?

R - A fitinha verde e amarela que punha. Agora tinha aluno, principalmente mulher, que pegava no primeiro mês e ficava até o fim de ano tirando o distintivo, tirava normal, tinha alguns meninos, tinha, o Miguel Trujillo, um menino que tinha na minha classe, fizemos terceiro, segundo, terceiro e quarto ano juntos, rapaz todo mês tirava distintivo. Então, tinha alguns moleques.

P - Mas o critério era a nota.

R - Era a nota, não era educar, não era o comportamento não, era só nota.

P - Não era comportamento, não era origem, classe social ?

R -Não. Não tinha nada, era nota, quem fosse bem, é, na época estudou, comigo também, a Cremilia Antônia, era a Cremilia Antônia, morava na General Carneiro, essa moça, ela em todo ano, todo ela passava de distintivo.

P - O ano inteiro ?

R - O tempo que a gente era companheiro e quando, quando não chovia, que o tempo estava bom aí eu cortava caminho pra vim pra cá, mas quando o tempo não estava bom, é, saía por cima, ia pela General Carneiro, então a gente fazia aquilo, um bloco de criança, de menino, e ia embora todos juntos, teve época que, aqui na baixada o pessoal ficou com medo de passar porque tinha tarado, porque tinha, então as meninas não passavam de jeito nenhum, então a gente fazia companhia e dava a volta pela General Carneiro, mas era um, foram anos, é, que hoje até eu tenho, porque escola critica o modo de educação. A escola que eu estudei, que eu me formei a escola era mais, não é que a escola era mais rígida, o respeito pela escola era maior, é, você saía da escola no quarto ano sabendo ler, escrever e hoje se você pegar uma criança do quarto ano, não sei se ela sabe ler e escrever, é, porque me lembro, é, o que comentei hoje de manhã, quando saí, quando eu fui fazer exame pra tirar diploma do quarto ano, tinha diploma no quarto ano, é, fazia exame oral , fazia leitura e era a Dona Ana que fazia, que tomava a leitura era a Dona Ana, não era a professora, tinha que ler lá pra diretora, eu me lembro que a Dona Guida falou pra mim assim: “você vá lá agora, você tá bom, você vai ler que nós vamos, todo mundo fica rezando aqui”, porque eu sempre, até hoje, eu sou ruim de leitura, é, então eu era muito ruim de leitura, então o medo que eu tinha ido bem em todas as provas pra passar de ano e faltava só a leitura, então eu ficava rezando, a Dona Guida ficou rezando na classe (risos) pra “mim” ir bem na leitura lá com a Dona Ana, saía da classe

e ia lá na diretoria, ela pegava o livro e escolhia o trecho do livro pra você ler pra ela, não podia gaguejar, tinha que ler mesmo, não podia, e eu como era ruim de leitura, é, estavam com medo de eu ir mal na prova e ser reprovado (risos). Dona Guida falou pra mim assim: “Vai todo mundo ficar rezando por você aqui (risos) pra você ir bem na leitura lá”. Aí fui bem, passei pro quarto ano, passei, não fiquei entre os últimos, fiquei numa classificação boa, eu lembro que eu fiquei numa classificação boa pra sair do quarto ano, mas foi uma batalha da vida muito boa, tenho saudade do Getúlio, é, deixou uma lembrança, uns amigos na escola, e eu sempre, eu voltei, cheguei voltar depois na escola, porque sempre fui comerciante, estava minha irmã estudando, sempre ia fazer alguma coisa na escola, e eu sempre tive, tive contato com a Dona Guida, com a Dona Ana, é, a gente, em 71, meu pai, nós vendemos o armazém e meu pai montou uma padaria na Sta. Terezinha, aí a Dona Ana, acho que já estava aposentada, passou a ser cliente da gente da padaria, então eu tinha convivência quase diária com a Dona Ana, e ela não perdeu, sempre com aquela elegância dela, o modo de andar elegante, sempre com pessoas, assim, com uma certa elegância mesmo, ela tinha, na hora que levantava até na hora de deitar, aquela mulher lá, então a gente ficou convivendo com ela bastante, eu tenho uma passagem muito boa no Getúlio.

P - Agora voltando lá pra, pro clima, né, pro clima criado dentro da escola. Eu acho que a dona Guida, em algum momento, eu acho que foi a dona Guida que me passou a informação. Mas ela tinha uma outra forma de lidar com a realidade dentro da sala de aula. Mas, como era com as outras professoras?

R - Com a, é, Dona Maria, nós não se enquadrava porque ela era tão brava, e eu sempre fui de não levar nada para casa, e como a gente foi comerciante a vida toda, comerciante, meu pai sempre teve, então a gente tinha uma certa facilidade com números, porque eu na escola primária, matemática, eu sempre era o número um, eu estava entre os melhores devido à convivência no comércio matemática, números, não deixa de fazer parte e eu não esqueço a Dona Maria, pois escreveu lá na lousa, pois um problema na lousa, e era de percentual e eu era um menino, aí eu olhei aqueles números, aí eu respondi pra ela, falei: “Dona Maria, esses números não vão dar número redondo no final, vai dar vai dar número decimal”. “Como é que você sabe?” porque eu sabia de cálculo, eu já tinha feito o cálculo de cabeça, mas eu acho que ela errou alguma coisa (risos) fez a conta e o número não dava inteiro, e o resultado não dava inteiro e na época eu fazia o resultado inteiro. Ah, comprei uma briga com ela (risos) que eu fui corrigir o que ela tava pondo errado na lousa.

P - E o que ela falou ?

R - A eu não lembro, na época eu sei que ela ficou brava, ficou assim, acho que minha prova ela corrigia com detalhe. (risos).

P – Com lupa?

R – (risos) Ela pegou com lupa, pra olhar minha prova, porque, ficou bronqueada, porque, ela ficou chateada, de eu estar, o aluno corrigindo a professora, falando que não ia dar número inteiro, antes de ela terminar, mas devido a gente viver no comércio, tinha uma certa facilidade, é com meu pai, eu, a gente aprendeu a fazer esse cálculo mais rápido né ?

P - Como que era o castigo? Você falou que puxava a orelha, colocava em pé atrás da porta, mandava bilhete, como é que era?

R - Olha é, eu não, eu não me lembro direito, de milho, a gente comentava de ajoelhar no milho, tinha que ajoelhar no milho.

P - Você ajoelhou alguma vez ?

R - Eu cheguei ajoelhar no milho é, ficar de, olhando para parede. Era mais vergonhoso ficar olhando para parede, passar a aula toda, olhando para parede.

P - Em pé?

R - Em pé. Passava a aula toda, e não podia virar no canto da sala olhando para parede.

P - Era mais vergonhoso ?

R- Esse era mais vergonhoso. Você não descia para o intervalo, ficava ali de pé, o pé inchava de ficar de pé ali três horas, três, quatro e meia de pé. Esse era um castigo que quando você fazia uma, uma traquinagem bem pesada. Lá tinha a dona Celeste e a dona Iáíá.

P - Quem era dona Iáíá ?

R - A dona Iáíá era uma professora. Aquela era brava, aquela batia mesmo. A dona Iáíá eu não consegui. A minha mãe veio pedir para tirar eu da classe dela, porque ela me conhecia, e sabia que ia dar pau, e foi na primeira semana deu pau. Ela me deu um apagador na cabeça, de onde eu estava, virei para conversar, de onde ela estava ela atirou o apagador na minha cabeça então, eu cheguei em casa a minha mãe ficou sabendo, eu apanhei por ter feito isso aí.

P - Apanhou da mãe ?

R - Eu apanhei da minha mãe e aí minha mãe resolveu o seguinte, conversou com a dona Ana, e me tiraram, aí passaram eu para dona é, dona Berenice .

P - Era o primeiro ano ?

R - Primeiro ano. Eu já era um, um, já era levado, então não conseguia cruzar com a dona, com a dona Iáíá.

P - Ela batia mesmo ?

R - Batia. A dona Celeste também batia. A dona Celeste também, que era quarto ano, era brava e, e quando eu passei do terceiro para o quarto ano a minha mãe deve ter vindo na escola, pedir para mim ir com a dona Guida. Se eu caísse com a dona, a dona Celeste ia dar pau no, no caminho é, então eu fui com a dona Guida. Não sei se teve interferência da minha mãe, deve ter tido na época, interferência da minha mãe. Tinha mais a dona Berenice, era uma professora enérgica, mas era, mas maneirava um pouquinho, e, e. É, o ter o segundo ano eu fiz com a dona Francisca. Essa professora ela fez pouco tempo no municipal, ela foi é, pra mim ela era parente da dona Celeste, ela pedia pra mim fazer umas coisas pra ela, ela morava na rua Professor Toledo, e eu, de vez em quando, ia fazer alguma coisa pra ela não lembro o que, levar alguma coisa que ela pedia. É, é uma pessoa que eu me dei muito bem, era muito, era bem calma, bem tranqüila e eu me dei muito bem com a professora dona Francisca. É, porque eu tinha sido, tinha sido reprovado o segundo ano com a dona Maria, aí eu fui, encontrei com a dona Maria de novo no terceiro ano, que ela parou de dar aula pro segundo e passou para o terceiro, ela me reprovou e aí eu fui com a dona Francisca e quando eu fui para o terceiro ano, encontrei com a dona Maria de novo, e a dona Maria sempre foi enérgica, sempre brava, ela já não, não batia, pegava pela orelha pegava, pegava o braço, naqueles dias era diferente de hoje né, a professora queria, tinha que fazer você ter respeito, dando uns puxões de orelha mesmo, é, mas fui bem no terceiro ano com a dona Maria, convivi bastante com a Beatriz, aí, encontramos na mesma classe com a filha dela. Minha irmã também estudou com uma das filhas dela, não me lembro qual delas. A minha irmã também estudou com uma das filhas da dona Maria que estudava no municipal.

P – No terceiro você cursou com a dona Maria e você foi para dona Guida depois?

R - Dona Guida.

P - No quarto ano?

R - No quarto ano. Aí, nesse tempo eu me mudei e parei, eu sai da escola e voltei a estudar só em 66. Nesse período aí eu saí, e em 66 voltei a estudar.

P - Nesse período você ficou trabalhando no armazém ?

R - Fiquei trabalhando no armazém. Meu pai adoeceu, eu não me lembro o ano, mas não foi esse o motivo. O motivo de eu não ter voltado a estudar foi de eu ter ido no médico e o médico ter falado para meu pai que deixasse eu com liberdade, se eu quisesse estudar eu estudava se não quisesse, não. Aí eu fui trabalhar junto com meu pai, fiquei lá a vida toda, tanto eu quanto meu irmão trabalhamos a vida toda com meu pai.

P - Certo, no armazém, na padaria ?

R - Na padaria, todo esse tempo.

P – Você voltou em 66, terminou o ginásio, depois foi para o, pro.

R - Pro “Ciências”, fazer o curso de contabilidade, são três anos de contabilidade, na época, não tinha é, não sei se tinha ciências contábeis, mas lá não tinha ciências contábeis e, (interrompi brevemente para arrumar a fita do gravador) Aí se formei em contabilidade, montei, contabilidade, quando eu fui pra contabilidade nós já tínhamos a padaria. Me formei, logo me casei, morando na Sta. Terezinha mesmo, meus filhos estudaram no municipal, meus filhos vieram para o municipal .

P - Quantos filhos você tem?

R - Eu tenho um casal de filhos.

P - Com que idade eles estão agora ?

R - A Lauriane está com 32 e meu filho, o Lauro Jr. que está com 34.

P - Eles continuaram a estudar ou optaram pelo comércio.

R - Não. Estudaram. Só o Lauro Jr. que queria, que puxou o pai, também parou um intervalo, voltou mas não terminou ainda, resolveu casar e não terminou a faculdade.

P - E que faculdade?

R - Direito. Segundo, terceiro ano e abandonou e não voltou mais.

P - Quando você foi fazer técnico em contabilidade, aí você já sabe, naquele período você já sabia que o seu caminho, o caminho que você trilharia na sua vida seria o comércio?

R – Ah, seria no comércio, no comércio. Eu sempre é, várias vezes conversando com meu irmão ele: “ah! eu não vou, vou trabalhar num outro lugar”, e eu falava: “Não, eu vou ficar com o papai”, falava: “eu vou ficar com o papai no armazém”. E sempre me dediquei mais do que meu irmão no comércio e aí meu irmão estudou, fez duas, duas faculdades, três faculdades, duas faculdades, fez educação física e fez direito, e no fim virou a ser comerciante, tem outro comércio também, nunca exerceu nada na profissão dele, a não ser quando ele, teve um período que ele foi, trabalhou na prefeitura, o João trabalhou acho que 3 anos na prefeitura, é, na época dele veio acho que com a parte de lazer, na prefeitura (pequena pausa para arrumar o gravador) ele é um dos mediadores da feira, da feira da barganha, e no início isso daí era no fórum velho, no centro da cidade, ele foi um dos organizadores, das pessoas que organizavam a feira que hoje é o, não sei se você conhece é, vale até a pena ir, num domingo, para você imaginar que nada se perde, tudo se vende, troca. Se você nunca foi vá um dia, no domingo na feira da barganha, você vê a multidão de gente que você vê, até prego torto tem lá pra fazer troca .

P – E quando você montou seu comércio, que seria o comércio, você poderia me dizer...

R - Graças a Deus fui bem sucedido no comércio nosso, desde, desde a infância, é nunca deixando oportunidade nenhuma passar, trabalhando muito, trabalhando o dia de vinte quatro horas, tinha dia que vinte quatro horas não dava, tinha que ter pelo menos umas trinta horas por dia pra poder dar conta do, do serviço então, a gente encarou com vontade mesmo no serviço, até hoje ainda trabalhamos, até hoje a gente não sabe, nem eu e meu irmão, sabemos porque que os dois levantam as quatro e meia da manhã, os dois, hoje, Sábado, estávamos os dois, eu “rodei” um pouco e eu cheguei era umas cinco e pouco, cinco e quinze, eu cheguei na firma e meu irmão já estava lá. Até hoje a gente continua levantando cedo, trabalhando bastante horas, só que mais com a cabeça hoje do que com o corpo.

P - Na administração ?

R - Na administração, mas não deixamos de chegar cedo no serviço, que é um hábito que a gente tem desde o tempo do meu pai, com o armazém de secos e molhados já abria as cinco e meia da manhã, então, a gente levanta cedo a vida toda, a vida toda a gente levanta antes do sol nascer, então, foi uma vida de comércio, graças a Deus, a gente foi bem sucedido e meu pai nos encaminhou, meu pai nos ensinou. Nós temos um pai fantástico, cabeça muito aberta, pouco estudo mas uma capacidade fantástica. Não tem nem como falar dele. Ele

chegou ao ponto de, quando a gente começou assim, liderar no comércio, ele virava e falava assim: “olha, eu tô velho, eu estou meio fora de forma, não estou atualizado, não sei se essa opinião minha serve”. Só que ele falava isso, só que quando ele dava opinião dele a gente podia fazer que era aquilo que ia dar certo. Ele falava que ele estava fora de forma mas a opinião dele você podia fazer que era aquilo ali.

P - Dava certo. Lauro, nós estamos encaminhando para encerrar, eu queria que você falasse alguma coisa, que você fizesse alguma consideração, falasse o que você quisesse falar, queira falar, a respeito da educação, na escola, das suas vivências, sentimentos ...

R - É, eu, como eu já comentei, eu acho que o pessoal dos anos 60, talvez 50, até uma parte dos anos 70, é, as crianças eram mais educadas. Quando passou a punir professor porque chamou atenção do aluno, punir porque não deixou aquele aluno, deixou de castigo, os pais virem na escola reclamar, eu acho que aí é, foi perdendo um pouco a educação. O que eu vejo hoje é que os pais não tem tempo de dar educação para os filhos e transporta essa educação para a escola, então, e nos anos 60 o que eu vejo, que a escola era um complemento da educação que se vinha de casa, então, e hoje, com esse mundo, moderno transfere para a escola a educação. Você vê que uma criança nasce, 1 ano ou 2, com 1 ano já está indo para a escola, então, o que que está fazendo, os pais, estão transferindo a educação para a escola. Então, isso no meu ponto de vista, não está muito certo não. A minha filha começou por meu neto, primeira vez com 2 anos, eu falei: “mas o que que é isso? Não sabe pedir, não sabe pedir água, não sabe, você sabe que é hora de dar água pra ele, mas a escola não sabe”. Eu atrasei 1 ano de por meu neto na escola porque eu não admitia, pra mim, (Nesse momento chegou o final da fita sem que percebêssemos. Lauro concluiu suas considerações)

Ao final da entrevista ficamos conversando informalmente sobre outros assuntos na cozinha da clínica enquanto tomávamos café. Depois disso eu o acompanhei até o portão, eu agradei pela entrevista e nos despedimos.

Entrevista com Dona Eunice Padilha de Campos

P - Entrevista realizada com a Dona Eunice Padilha de Campos, em 10 de janeiro de 2007, para fins de dissertação de mestrado de Pedro Alexandre Rondello.

P - Dona Eunice a Sra. autoriza que eu utilize esse material, desta entrevista, para minha tese de dissertação?

R - Completamente, pode ser utilizado a vontade.

P-A Sra. disse que começou a lecionar na escola Getúlio Vargas em

R - 1968, numa escola, numa classe de pré.

P- E a Sra. foi aluna da escola Getúlio Vargas?

R - Eu fui aluna, fiz o curso completo de magistério, inclusive o curso de aperfeiçoamento também fiz.

P - O primário, o ginásial da senhora, foi feito em que escola ?

R - A primeira série eu fiz numa escola que chamava-se, na época, Cartilha, foi feita na escola 25 de julho, na rua Santa Rosália e a professora era a professora Hilda Delsantoro Leite.

P - Ai foi o primário ?

R - Ali foi a primeira série, a partir da segunda série eu fui pro Instituto Educacional Matheus Mailasky, vinculado a estrada de ferro sorocabana .

P - E o ginásial ?

R - O curso ginásial, eu fiz a principio, no colégio Anchieta, depois passei para Getúlio Vargas e Aquiles de Almeida e retorno novamente ao Getúlio Vargas.

P - No Getúlio Vargas, o magistério, em que ano que foi ?

R - Que eu estudei o magistério eu fiz em 1964.

P - Eram três anos ?

R - Eram três anos de magistério e, como opção, para mais um do aperfeiçoamento, que eu fiz .

P - E concluindo o aperfeiçoamento já se tornou professora da escola ?

R - Eu já era professora do Getúlio Vargas quando eu encerrei o terceiro magistério, eu fui fazer o aperfeiçoamento já sendo lotada na casa.

P - E a senhora era professora do pré?

R - Da pré escola, eu iniciei as atividades como professora da pré escola.

P - E continuou como professora de pré, de pré escola, até quando ?

R - Ah, eu fui professora de pré escola oito anos.

P - Gostaria que a senhora falasse um pouco da sua história de vida.

R - Da minha historia de vida ? Bom, é, eu iniciei bastante jovem, com dezoito anos e nessa época eu tive a primeira licença que foi da professora Luiza Aiden, que foi uma licença pelo nascimento do seu terceiro filho José Aiden daí, dessa licença eu me afastei, é o método utilizado, eu estava, na época, iniciando a carreira e tinha uma vaga noção de pré escola mas muito interessada pelo assunto. Então eu fiz um pouco de estágio com a professora Rosa, que ela dava aula através do método Montessori . Ela dava aula numa das salas do seminário diocesano de Sorocaba. O método Montessori, como você conhece, é um método silencioso, onde pouco se fala e onde a gente dá as dicas para a manipulação do material pela criança. Existe bastante, é tinha bastante material lúdico, que eu utilizava, e esse material lúdico, que eu utilizava, a mim foi passado os ensinamentos, além da professora Rosa, pela professora Cida, Maria Aparecida Correia, que ela também tinha uma classe de pré escola no Getúlio Vargas. Então nós utilizávamos, na época, barras de cubos, cubos pedagógicos , diversas caixas. Então eram inúmeras as caixas e era uma caixa para cada aluno, o número de alunos eram pouquíssimos, era uma delícia trabalhar porque eram mais ou menos quinze alunos, então era uma classe silenciosa.

P - Na pré escola?

R - Isso, na pré escola, após isso, dois anos que eu estava lecionando, passando para trez anos, Sorocaba teve o primeiro curso de pré escola. Esse primeiro curso de pré escola, ele funcionou no colégio Santa Escolástica e eu sou da primeira turma, da pré escola. Se eu não tivesse feito no Santa Escolástica eu já estava com minha matrícula pronta lá no colégio Caetano de Campos em São Paulo. Era um curso que eu ia fazer de qualquer maneira, eu já sabia que ia fazer. Então daí eu optei por Sorocaba, e eu fiz aqui em Sorocaba, na época o método Montessori já estava caindo, já não era mais para ser utilizado, daí então eu tomei os ensinamentos mais difíceis, de professores, que vieram de Belo Horizonte e, eles ficaram no Colégio Santa Escolástica aproximadamente um mês, e foi uma experiência riquíssima, que eu trouxe comigo até quase o final da minha carreira. Essa equipe de Belo Horizonte era uma equipe formada e que vieram nos ensinar como trabalhar com as crianças através do método globalizado. Passaram esses seis meses, a prefeitura de Sorocaba sediou a vinda das professoras de pré escola de Santos, que na época, as professoras de educação física, elas prepararam tudo, com curso, para as professoras de pré escola de Sorocaba. Foi um curso também maravilhoso, na época do professor Otto Wey Neto. E isso foi desenvolvido no SESI de Sorocaba, e eu também...

P - Esse método globalizado, fala um pouco desse método.

R - Esse método globalizado era o seguinte: você trabalhava com os alunos através, principalmente, das datas comemorativas ou, se não eram através das datas comemorativas, alguma coisa que enfocasse diretamente a criança na vida, como ser humano. Então foi uma coisa muito educativa, essa época de pré escola. Nós utilizávamos, na época, continuou utilizando do método Montessori as linhas circulares, por quê? Porque através da linha circular trabalhava com os alunos e ajudava eles com que eles “mantessem” o equilíbrio. Era um equilíbrio emocional e um equilíbrio também material. Aí a gente ensinava também para a criança as direções, direita, esquerda, e também a disciplina, era muito importante.

P - Essa forma de trabalhar as crianças em relação ao seu equilíbrio emocional como era feito?

R - Eu digo isso porque na mesma época eu tive criança com fobia. A fobia, na fobia, é um impedimento muito grande para o aprendizado.

P - Crianças com fobia na sala de aula?

R - Na sala de aula. Alunos, isso, eu tive, eu tive um que ele era mesmo, é, era irreversível a isso, e eu com aquela experiência muito curta custou pra eu notar que aquilo era fobia. Então o que foi o que aconteceu? Eu solicitei à direção da escola que eu precisava de uma linha no pátio da escola, e eu trabalhava, iniciava a atividade dentro da sala de aula e eu tinha que sair pra fora por causa desse aluno. Eu levei praticamente, eu acho que uns seis meses para que ele se adaptasse comigo dentro de uma sala, e eu só consegui isso através dessa linha. Então eu dava aula, a maior parte da minha aula era dada no pátio, até que eu conseguisse trazê-lo para sala de aula.

P - Certo. E essas aulas dadas no pátio a senhora pegava todos alunos e transferia a sua classe da sala de aula para o pátio?

R - Para pátio.

P - Com o apoio da direção da escola?

R - Da direção da escola. Era desenvolvida no pátio.

P - A fobia dessa criança era?

R - Sumiu. Depois ele se adaptou normalmente.

P - Como que ele manifestava, de que forma era manifestada a fobia dele?

R - Ah, ele, a fobia dele era manifestada por que ele vinha até a porta, muito bem, de uniforme, muito bem, ele entrava pra dentro da sala de aula, ele já sentia aquele desespero e não queria ficar e queria voltar pra casa de qualquer jeito, a mãe deixava comigo, e ele se

esperneava dentro da sala de aula. Então não era possível dar aula pra ele. Se eu saia um pouquinho com ele quando eu tinha uma estagiária, eu deixava a estagiária, com os demais e saia um pouquinho, saia um pouquinho com ele pronto, ele mudava até a fisionomia, ele parava de chorar, ele ria comigo. Então eu resolvi trazer a classe pra fora.

P - Certo. Em seis meses ele conseguiu superar?

R - Ele conseguiu superar.

P - Com a facilitação da senhora?

R - Isso. Ele conseguiu.

P - Como que os coleguinhas, isso era uma classe de pré? Como que os coleguinhas lidavam com essa situação?

R - Olha, no início foi uma situação muito difícil porque eles se assustavam, a maioria tinha saído de casa e ido para a escola, então as vezes, consequentemente por causa daquele problema, tinha outros que choravam também dentro da sala de aula, então estava gerando uma situação mais difícil, então foi um ano difícil, mas encerramos muito bem com ele. Na pré escola foi bom. Depois, mesmo com a pré escola, quando eu já estava encerrando, era o último ano que eu ia lecionar, eu não sabia ainda, mas encerrou o período e o professor Otto Wey Neto, e nessa época então ele me convidou, ia existir mais duas classes novas no Getúlio Vargas, então ele me convidou, é e eu estava bem adaptada a escola, então se eu não podia, uma classe nova para desenvolver meu trabalho? Daí eu parti para classe nova. Nesse ínterim, muda o secretário da educação, passa ser secretário da educação o professor Segamatti, foi na gestão do professor Segamatti, coisa que me lembro até agora, tanto de apoio pra mim, como de apoio para meus alunos, foi a vinda de uma professora do Rio de Janeiro, a professora Corina, ela era professora de história, era sensacional, tanto é que ela é voltada estritamente para pré escola, mas os ensinamentos dela seguiu comigo pro resto da minha carreira, tanto na valorização do aluno, a valorização da carreira de professora. Ela já era uma professora que, na época, ela já estava com setenta anos de idade, mas foi uma pessoa que o auditório do Getúlio Vargas ela conseguiu levantar o auditório do Getúlio Vargas, com as suas aulas.

P - Certo. Esse período em que o senhor Otto faz esse convite pra que, para a senhora, mais ou menos em que ano foi?

R - Ele foi em 1975.

P - Já fazia, então de sete pra oito anos?

R - Isso.

P - Que a senhora lecionava na pré escola?

R - Isso. O que eu tinha a contar também pra você é que eu inaugurei o auditório do Getúlio Vargas. Esse auditório do Getúlio Vargas foi inaugurado com a última turma que eu lecionei de pré escola. Este auditório ficava seletivo, maravilhoso. Nós estreamos, com uma música "país tropical", que era o chá da moda e as minhas crianças dançaram. Eu lembro bem, todos ficaram de pé, para essa apresentação. Então foi um marco muito grande pra mim. Na época era prefeito municipal Dr. Armando Panunzio. Certo? Ele participava. Ele foi um prefeito importantíssimo para Sorocaba. Ele nos visitava de manhã, no cafezinho da manhã.

P - Lá na escola?

R - Lá na escola. Ele, ele era, gostava de ser tratado como uma pessoa normal, nada de mais, mas ele nos visitava. Dois prefeitos fizeram isso: Dr. Armando Panunzio e Dr. Teodoro. Um dia, eu dando aula e ele me pega pelas costas, ele passou ele tava lá. Então, dois prefeitos, super atenciosos.

P - Envolvidos com o processo.

R - Envolvidos com o processo educativo. Então, agora eu vou voltar novamente. Essa Dona Corina, apesar da idade que ela tinha, os professores não paravam sentados, todos se mexiam, sabe, ela era super elétrica.

P - Ela dava aula para formação dos professores ?

R - Para formação dos professores.

P - Ela foi contratada pela direção da escola ?

R - Pela prefeitura municipal de Sorocaba.

P - Ela foi chamada para treinar.

R - Chamada. E também, nesse curso quando eu terminei, a gente tinha uma prova. Nessa prova eu, cheguei nessa prova, dez com três estrelas, foi uma experiência minha muito grande. A gente tinha que apresentar a parte metodológica, tanto como a experiência vivida como também um trabalho.

P - E essa metodologia toda, professora Corina, nisso tudo o que era priorizado ?

R - Aí o que era priorizado, sobretudo, era o trabalho com aluno que o aluno viesse se inteirar diretamente com aquilo que era aprendido através da história que ela desenvolvia, e essa história tinha que abranger conhecimentos gerais, tinha que abranger história, geografia, matemática e ciências. Era essa preocupação dela, é, tinha que enfatizar bem isso, e sem deixar de lado os aspectos morais da coisa.

P - Gostaria que a senhora voltasse um pouco mais no tempo e falasse um pouquinho sobre a jovem, a adolescente, Eunice, que decidiu por seguir a carreira no magistério.

R - Eu inicialmente eu não queria. Eu era arredia. Porque quando foi pra eu iniciar como professora, quando eu estava fazendo o terceiro magistério, o meu pai, ele tinha arrumado para que eu trabalhasse no cartório, que antigamente era na Rua Souza Pereira, com a oficial que era a Arlete, e daí também o senhor Luíz Piqueto, também estava envolvido nisso, eu ia trabalhar no cartório. Daí um dia, em conversa, e meu pai falou assim: “Olha, você já faz magistério, é melhor que você vá direto para o magistério, porque agora sou aposentado da “Sorocabana” e você, terminando o seu curso, nós vamos embora de Sorocaba, e pela facilidade que a gente tem lá na baixada santista nós vamos mudar para Santos ou para Praia Grande e você vai trabalhar na Praia Grande e vai ser professora lá”. Mas, com aquela idéia de jovem de, e Sorocaba se desenvolvia, e eu falei: “Mas, meu Deus do céu, o que é que eu vou fazer lá, onde não se tem nada, agora que eu vou poder passear um pouco mais”. Daí eu falei para ele: “Olha pai, eu não sei mas acho que para ir pra praia só se for pra Santos, porque na Praia Grande eu não quero, porque não tem nada o que fazer lá, eu acho que eu não vou gostar de ficar lá”. Daí ele falou assim: “Bom então vamos esperar mais um pouco”. Daí eu, é que aqui, aqui em casa sempre veio muita gente. Um dia em conversa com o professor Hélio Teixeira Calado, estava aqui, e ele falou assim: “Manda sua filha fazer um plano de aula e me leve lá no SESI porque quem sabe alguma coisa surge pelo SESI pra ela”. E eu fiz esse plano de aula e levei pro seu Hélio. Mas nesse meio tempo eu estava encerrando, já em 1967 eu estava encerrando o magistério. Na última semana que eu estava terminando, me chamaram para que eu fosse lá substituir uma professora que faltava, chamada dona Célia. Eu fui e a diretora, na época, Ana Maria Jordão gostou, ela falou assim: “Oh! mas eu não sei, acho que em fevereiro vai ter uma licença, da professora Luiza, e eu preciso de uma pessoa que fique firme aqui comigo, que não falte, aquela licença já terminou, e quem sabe daria certo com você”. Eu falei: “tudo bem, então vamos tentar”. No mês de janeiro eu fui para Santos, fui para São Paulo, me matriculei na Caetano de Campos, fiquei aguardando a chamada lá de Santos...

(nesse momento a sobrinha de Eunice entra na sala e ela, Eunice, a chama para sentar-se conosco. A jovem recusa, se desculpando. Eunice continua.)

... eu quero que ela ouça sabe porque? porque depois acho que eu não vou ter mais tempo, talvez, de contar a história novamente, então eu quero...

P – Essa moça é...?

R - Essa moça, ela é minha sobrinha, Joyce, também é professora, também. Então, e daí ela falou: “Venha para você ficar conosco”. Eu falei: “Tá bom, eu vou ficar”. Nisso então ela

falou assim: “Olha, vai ter mesmo a licença, você pega essa licença, aí você vê o que você faz”. Fiquei feliz da vida porque eu, jovem querendo passear, ir de um lado para o outro, então ia dar tudo certinho, como eu imaginei, e foi assim. Dali nunca mais saí.

P – A senhora ali se iniciou, e se aposentou quando dona Eunice ?

R - Eu, já está fazendo doze anos.

P - Doze anos ?

R - Doze anos.

P - Em 95?

R - Isso.

P – Foi professora de 68 à 95

R –Isso, antes disso, uns seis anos antes, eu me desliguei para assumir um cargo administrativo.

P - Certo. E qual era o cargo ?

R - Olha, eu comecei primeiro como orientadora pedagógica e depois eu passei a ser assistente.

P - Assistente de direção ?

R – É, Área Administrativa.

(Sua sobrinha retorna à sala e diz que não vai poder ficar. Eunice aceita a recusa da sobrinha)

P - Em que escola a senhora assumiu essa direção?

R - Olha, eu fui orientadora pedagógica do Getúlio por dois anos. Saí de lá e vim pro Leonor Pinto. Lá, quando a Célia Nardi assumiu o cargo de secretária da educação. Daí ela assumindo o cargo de secretária da educação, daí eu passei também a trabalhar na prefeitura. Eu trabalhava meio período no Leonor e meio período eu dava assistência na prefeitura, na formação de cursos para os professores de toda a rede, que antigamente eles chamavam de “renascer”, né. Eram quinze dias e era dado aula para os professores.

P - Vou pedir agora, dona Eunice que a senhora fale um pouquinho da sua família de origem. Da sua família, de como era a educação, os estudos, pelos pais, pela família de uma forma geral.

R - Oh, meu pai era Pedro Padilha de Campos, ele teve uma formação primária e teve também uma formação de ensino médio onde ele formou-se pela escola profissional de Sorocaba e automaticamente também no último ano ele fez o curso ferroviário, que houve depois, naquela junção de curso profissionalizante e curso ferroviário, então ele fez isso. E ele é formado pela Segunda turma de Sorocaba, é então foi essa a formação que ele teve, e depois ele passou a ser ferroviário. Minha mãe é Olinda Padilha de Campos, ela é de educação primária, só a quarta série primária. Foi empregada doméstica, foi tecelã, tá? Quando ela foi empregada doméstica ela foi empregada da família dos Padilha. Meu pai foi nascido em São Roque e minha mãe foi nascida na cidade de Itu. Sempre eles foram preocupados com a educação, tanto é que eu e meu irmão tivemos formação, eu tive formação universitária, meu irmão teve até o ensino médio.

P - Qual é a formação da senhora, pela universidade ?

R - Pela Universidade eu fiz até a pós graduação de pedagogia e didática de ensino superior.

P - Uma profissional da educação, Dona Eunice?

R - Sou. Sou formada também em técnicas comerciais.

P - São só a senhora e seu irmão ?

R - Só nós dois. Que tem agora esses três filhos.

P - A senhora não se casou ?

R - Não. Sou solteira.

P - Ele casou e teve três filhos ?

R - Isso. O nome dele era Claudinei Padilha de Campos.

P - Falecido ?

R - É falecido. Está fazendo dois anos.

(Nesse momento sua velha mãe, presente e silenciosa durante toda a entrevista, ficou com o semblante bastante triste)

P - Vou pedir para a senhora contar um pouquinho agora, Dona Eunice, pra dentro da escola Getúlio Vargas, início de carreira da década de sessenta, eu queria que a senhora falasse um pouco sobre o ambiente escolar, quem eram os alunos recebidos pela escola, como a escola recebia esses alunos, quem eram os colegas da senhora, como funcionava, qual era a dinâmica interna da escola ?

R - O Getúlio Vargas, na época que eu, na época de 60, era a escola mais, é vamos dizer, que atendia mais a elite de Sorocaba. Eram principalmente filhos de juizes, transferidos de outras cidades, corporação militar também, médicos. Então a elite era a frequência do Getúlio Vargas. Quem favorecia muito isso era principalmente, é, os, os professores, modéstia a parte, eram ótimos professores, eles faziam isso, e também o diretor da escola, muito empenhado, atencioso pela educação de Sorocabana.

P – Os professores e diretor eram também responsáveis pela elite frequentar a escola? É isso?

R – É. Então sempre foi assim, formavam-se enormes filas para se ter uma vaga no Getúlio Vargas. Isso para pré escola. Para os de segunda série em diante era feito um vestibular, onde os primeiros classificados, é, ficavam lotados na escola. A escola era pequena, tinha apenas uma classe de cada série, então, é, os alunos, como houve muita procura, então por isso que houve uma extensão. Então eles aumentaram mais duas classes, mas era formada por essas pessoas.

P - A maioria ali era composta por pessoas da elite sorocabana ?

R - Da elite sorocabana, mas contava também com outros alunos também, que frequentavam também a escola, mas a maioria era a nata .

(Nesse momento somos interrompidos pelo fado da fita de gravação ter-se encerrado sem que tivéssemos percebido. Virei a fita e retornamos à entrevista)

P - Segunda metade da entrevista com dona Eunice. A senhora estava dizendo dona Eunice, sobre as suas colegas da época.

R - Então eram minhas colegas da época, professoras: primeira série professora Maria Aparecida Correia, professora Berenice Santana Guerra, professora Maria Estela Camargo de Moraes, professora Maria Margarida Ferraz que é a Dona Guida , e a Maria Aparecida Correia que era a Dona Tita. Depois automaticamente foram surgindo outras, como por exemplo, a professora Ana Antônia Rosa Jordão, e depois veio Maria Celeste do Espírito Santo, e éramos todas dirigidas por, pela Dona Ana Maria Rosa Jordão.

P – E a senhora lembra o nome de todas as professoras, nome e sobrenome de todas?

(Somos interrompidos pelo barulho que os pintores que trabalhavam em sua casa fizeram na janela)

R - Ah, tenho que salientar também. Quando eu iniciei, também fui convidada a dar uma aula experimental. Convidada pelo secretário da educação e cultura, na época, que era o professor Luiz de Almeida Marins. Ele me convidou que eu desse uma aula para as professoras de toda rede municipal. E fomos escolhidas duas: eu escolhida e escolhida também a professora Maria Estela de Camargo de Moraes. E demos a aula para as demais professoras da rede municipal, que na época, eram as professoras do Getúlio Vargas e professoras da escola municipal Leonor Pinto.

P - E essa aula era para professoras da pré escola ?

R- Não. Professoras já de primeiro grau, isso. E também fui convidada e fiz parte da comitiva que foi para a implantação da lei de diretrizes e bases da educação, e nós fomos para São Paulo, para fazer um pequeno estágio para que eles nos dessem orientação sobre a lei de diretrizes e bases e eu fiz parte também dessa equipe.

P – Bem no início da década de 70 ?

R - Bem no início, bem no início .

P - Como que era lidado lá na escola, a senhora diz da sua experiência com aquele aluno, por exemplo, que tinha fobia, a senhora cuidava de uma forma bastante cuidadosa ou cuidadora com aquele menino. Como era lidado, de uma forma geral, a senhora vai lembrando, dentro da escola, com alunos de primeira a quarta série, alunos que tinha mais dificuldade ou alunos indisciplinados, como que as colegas lidavam? Como que a direção lidava com essas situações ?

R - Olha, essas situações a escola sempre teve, um ou outro, por um motivo ou por outro motivo, sempre teve, mas nós travávamos conversas entre nós, as professoras, onde aquelas, mais antigas, sempre elas procuravam nos orientar. E também a própria direção da escola. Nós não tínhamos apoio de psicólogos, mas tudo que era vindo das pessoas mais velhas, das mais experientes, nós sempre procurávamos seguir.

P - Para lidar com as dificuldades?

R- Para lidar com isso.

P – Para os mais velhos ajudarem?

R – É, nos ajudar, né ?

P - As mais experientes.

R - Era um ponto de apoio.

P - A senhora estava dizendo que sua família, seus pais te estimularam?

R - Muito. Eu venho já de uma família que já tem formação de professores. Eu tenho uma prima da minha mãe, já falecida, professora Alzira, que foi a primeira professora da escola mista da Vila Fiori. Ela dava a primeira série. Sempre, toda vida lecionou. Formada pelo Instituto Peixoto Gomide de Itapetininga. Foi uma grande professora, só pelo fato de ela se dedicar a carreira toda á primeira série, e em escola rural, acho que tem que dizer que foi uma boa professora. Então é uma pessoa que, para os meus alunos, eu nunca deixo de citar o nome dela. Então, na medida do possível, já vem vindo sempre como formação pedagógica.

P - Já está na família?

R - Já está, uma coisa, que já é da família .

P - E sua sobrinha Joyce também segue a carreira de professora ?

R - Também, segue a carreira de professora. É professora do ensino fundamental da escola Hélio Rosa.

P - Quando eu cheguei, antes de iniciarmos a entrevista, a senhora estava falando a respeito de alguns alunos, de alguns, de alguns documentos que a senhora tem aí, relacionados a aquele período. Fala um pouco desses alunos, da sua experiência com aquelas crianças.

R- Olha eu tenho, a, posso dizer, e eu tenho um material, que eu sempre fui muito voltada pra área, gostava muito de matemática, e gostava muito também da parte de literatura. Então eu sempre encerrava minhas aulas com a aula de literatura, tanto é que eles nem percebiam, mas eu li a coleção do Monteiro Lobato inteira.

P - Como era isso ?

R - Ah, como que era isso ? Eu pegava o livro, a coleção do Monteiro Lobato, fazia com que eles vissem. Eu tava entrando: “Ai, professora o que é isso?” Não, eu evitava. Então eu pegava um livrinho pequenininho e levava, e falava: “Olha aqui, hoje deu tempo”. Eu sempre preparava minha aula meia hora antes, eles arrumavam o material e essa última meia hora era para alguma coisa extraordinária. Essa coisa extraordinária era um bate-papo muito gostoso, porque este bate-papo era meu e deles, entendeu? Então nós conversávamos, eu ligava o rádio e nós conversamos. E eles, no final do ano eles iam, porque cada dia eu lia, lia praticamente um capítulo.

P - A senhora lia pra eles ?

R - Eu lia pra eles. Eu lia pra eles e eles rachavam de dar risada, de dar risada, e isso dava certo. Então eu era bastante voltada pra eles e o Monteiro Lobato focava justamente aquilo

que eles queriam. Molecada de terceira série gostava muito das malvadezas né? Então, sem perceber, os meus alunos, eles saíam riquíssimos de Monteiro Lobato. P – Sem impactá-los com o volume da obra do Monteiro Lobato ?

R - Da obra do Monteiro Lobato, justamente. Agora, no final de todo ano eu falava pra eles , eles nem sabiam, saíam da escola e nem sabiam: “Olha, vou falar pra vocês de uma pessoa que escreve para criança”. Contava pra eles quem era Monteiro Lobato? Mas eles jamais iam pensar que aquilo era... Eu acho que agora eles sabem quem é, porque de tanto que eu li pra eles, mas eles nem sabiam o que era, e também na época da, mês de maio, eu lia um livro: “Flor de maio”. Era um livro típico para o mês de maio. Então a leitura daquele mês era: “Flor de maio”.

P - Do que tratava o livro ? Eu não conheço.

R - Você não conhece ? Então eu vou deixar você curioso e você vai procurar esse livro. Esse livro, flor de maio, é uma borboleta, é uma borboleta que ela voando, ela perde um pedacinho da asa. E a mãe dessa borboleta acha uma flor de maio e ela fala assim: “meu Deus, essa flor de maio dá certinho na asinha da minha filha, porque vai substituir aquele pedacinho, eu acho que eu vou pegar um pedacinho dessa flor e vou levar para ver se eu consigo consertar esta asa da minha filha, porque daí ela vai poder conseguir voar”. E ela consegue. Entende ? E por isso que a flor de maio, a partir dali, eu nunca vi isso, ela tem sempre faltando um pedacinho pra fechar. É esse pedacinho que a mãe tirou. É um livro delicadíssimo sabe ? Então meus alunos sempre leram esse livro. É um livro fininho, mas é uma graça. Então, quando chegava no mês de junho, já era preparando já as férias, né? Então eu escrevia pra eles um agradecimento pelo ano letivo que nós tivemos, até aquela data, e já entregava a eles um livro, que é fininho, que era esse livro aqui, que era: “Xande o Grande”.

(Eunice se levanta e vai até a estante pegar o livro que me mostra)

P – Não é Alexandre o grande, não.

R - Não. “Xande, o grande” era um menino, que nas férias que ele saía de viagem, mas ele saía de viagem com os pais mais os amigos. Eles faziam uma viagem sabe do que ? De trem. Então eles vinham no trem fazendo as molecagens e ele achava super bacana porque ele viajava todo ano. O pai fazia ele fazer essa viagem. E ele vinha de trem, então ele achava uma delícia comer pão com mortadela e um cafezinho com leite dentro do trem, e aquele barulho do trem. E então ele trazia roupas. Ele trocava de roupa dentro do trem. Era uma viagem fascinante. Essa viagem fascinante, nada mais é do que, por exemplo, um trajeto de Sorocaba à São Paulo. Era o percurso, por exemplo, de Itapetininga à Sorocaba, mas pra ele valia a vida essa viagem. Então, eu fazia que eles lessem esse livrinho durante as férias, mas é o que eu falava pra eles: “O trem não está mais em moda. Isso aqui é bom para você ver o quanto era gostoso uma viagem de trem. E hoje vocês viajam de carro, vocês não tem nada desse fascínio”. E era um fascínio a viagem de trem. E vinha lá o motorneiro apitando. Então, uma série de coisas. Se quiser ler também, é um livro excelente para criança, principalmente terceira série. Era uma, aqui é uma viagem.

P - A senhora utilizava, então, desses recursos no sentido de estimular?

R - Lógico, de estimular, não tenha dúvida.

P - As fantasias, a criatividade.

R - É. Nossa. Então, eu viajava com os parentes. Era uma coisa muito bacana. Então, eles tinham a experiência. Esse aqui, eu não disponho dele de jeito nenhum.

P - É uma relíquia ?

R - É uma relíquia. Esse aqui, depois no final do ano, eles vinham com outro livro pra ler. Esse outro livro, esse aqui, é da edições paulinas, mas é uma lição de vida pra nós, nem tanto para criança, mas garanto que eles gravam até hoje. É esse aqui. (Eunice pega outro livro e me mostra) É a palhinha do presépio.

P - A palhinha do presépio?

R - Isso. É um livro fininho. Eles liam esse livrinho. Eu dava pra eles lerem no mês de novembro, já pra fazer o encerramento do ano letivo. Então, aqui neste livro diz o valor de uma palhinha, sabe? Então, qual foi o valor da palhinha pra salvação de um presépio? Então, é muito importante.

P - A moral, a mensagem embutida na história?

R - Isso. A humildade de Jesus, sabe? E aqui, se a criança não for católica não tem problema, é só enfatizando, é só passando a mensagem do bem querer, entre um e outro. É uma coisa muito importante. Então, esse aqui eram as chaves da minha, da minha carreira. Eu tenho também aqui, que o método globalizado né, isso aqui era tudo que eu trabalhava com eles, que é o ensinamento através do jogral.

P - Ensinamento através do jogral?

R - É.

(Eunice coloca em minhas mãos uma pasta com parte dos materiais que utilizava com seus alunos, os quais vou folheando e comentando para que fique presente nesta gravação)

P - Moral e civismo através de jograis ?

R - De jograis. Eu aplicava muito isso com as minhas crianças.

P - Organização de auditores, também atividades lúdicas?

R - Isso.

P - E pesquisas e tarefas escolares?

R - É. Utilizava com eles. O Hino Nacional, nós cantávamos um vez por semana e os meus alunos, eles sabiam a exortação do Hino Nacional.

P - Não me lembro. Eu sou aluno de lá, daquela época, mas eu não me lembro.

R - É. Existe a exortação ao Hino Nacional e eles falavam a exortação e depois, em seguida que era o Hino Nacional.

P - E a senhora ainda se lembra? A senhora pode dizer, me falar a exortação?

R - Olha, essa exortação ao Hino Nacional, eu cito até hoje, nas minhas reuniões do Rotary Clube. É assim: “Brasileiro, ouve a música sagrada, que te evoca à grandeza da Pátria, de pé, firme, perfila-te, atenção, é a voz do Brasil que te fala ao coração, ela te lembra o pavilhão querido, auri-verde e azul de nobre porte, que te põe a pensar neste Brasil unido, das cochilhas do sul às caatingas do norte. O teu Hino é cantante, lindo e com ardor. Cante, brasileiro, com amor o teu canto sagrado, o Hino Nacional”. Aí começa o canto.

P - Eu não conhecia.

R - Não conhece?

P - Não que eu não lembrasse, é que de fato não aprendi.

R - O autor é o professor Aristides Sollon Bastos dos Reis, ele escreveu essa exortação, então isso aí era falado .

P - Como que era o clima, dentro da sua sala de aula ? Veja aqueles quinze alunos, a média era de quinze na sua sala né ? Volte lá, veja aqueles quinze alunos, aquelas crianças, se preparando para ingressar na, que hoje é chamado fundamental ?

R - Isso.

P - Como que era ?

R - Era uma classe serena, é gostosa. Eles eram umas crianças muito meigas, umas crianças muito carinhosas. Sabe? Uma turma muito boa. Gostei de trabalhar com eles.

(Traz em seu semblante, neste momento, uma expressão pensativa, talvez nostálgica)

P - Sente saudades?

R - Muito. Nossa. (Eunice se levanta e volta a sua estante de livros procurando por papeis, volta a sentar-se e me mostra fotos de sua turma) A minha primeira turma, a minha primeira turma, deixa eu ver aqui, eu tenho aqui, essa é minha primeira turma.

P - Em sessenta e oito ?

R - Isso.

(Vou folheando o álbum)

P - Já entra nos anos setenta?

R - Esse aqui também é nos anos setenta. Essa aqui é a Maria Teresa Moreno. Então, geralmente, os alunos desta classe eram filhos de juiz, filhos de próprio colegas da escola, que tinha. Então era uma turma muito boa, muito bacana. Olha, os armários eram abertos, para facilitar que as crianças mesmo pegassem o material. Então não existia porta nos armários, armários abertos.

P - A senhora estava dizendo que esta turma composta por filhos de colegas da escola, filhos de juizes, quem mais, dona Eunice ?

R - Olha, juizes e militares quando vinham aqui, pra Sorocaba, procuravam a escola e eles eram encaixados também. Deixa eu ver, vizinhos ali de perto, de médicos, era isso.

P - Crianças de um nível, de uma classe social mais humilde, passavam também por aquela pré escola ?

R - Passava. Tinha criança que passava. Daí, nesse caso a própria escola mantinha através da caixa escolar, mantinha-os através da caixa escolar, com uniforme, material tudo.

P - Já partindo da pré escola ?

R - Isso. Já partindo da pré escola.

(Continuamos olhando as fotos)

P - Eu vou pedir para a senhora agora, Dona Eunice, fazer considerações a respeito da escola, do ensino lá dos anos sessenta, onde a senhora ocupou os papéis, tanto de aluna como de professora, em comparação com o ensino, a escola na atualidade, falando a respeito da qualidade do ensino, mas também em relação as normas, a forma como eram aplicadas as normas, os valores, em comparação com o atual.

R - Eu acho o seguinte: na minha época, na sala de aula, o professor tinha uma autoridade maior porque a educação em casa era, era melhor pela valorização que era dada à função do profissional. E, a medida que este tempo esta passando o que eu noto é o seguinte: a figura, a imagem do professor não é tão valorizada o quanto deve ser. Se, nas próprias casas, se desse o valor, seria melhor o desempenho do professor, e melhor seria também o desempenho do aluno. Por que? Se vê que, antigamente, eles eram preparados na escola, eles não precisavam do cursinho para se passar no vestibular pesado. Hoje ele vai pra a escola, ele não presta a atenção necessária e depois ficam lacunas que precisam ser preenchidas com os cursinhos. Então, a exigência por parte dos pais era muito maior. Automaticamente os professores sabiam que eles eram cobrados então, eles se doavam muito mais. Então, eles procuravam passar muito mais. Com essa desvalorização, ouve essa quebra, ouve esse declínio.

P - Na qualidade?

R - Na qualidade do ensino. E muita coisa também, que eu acho, é que a escola do ensino fundamental exigia do aluno, desde a época de pré escola, uma ordenação motora muito mais focada, coisa que hoje não é cobrada, por influências de outras atividades, como por exemplo, o computador. Então a caligrafia foi deixando de lado, sabendo o nome, escrever bem o nome pra que eu vou procurar escrever se o computador me da pronto? Então, eu não preciso ficar medindo lá o espaço, pra fazer, vamos dizer, redigir um ofício, não preciso disso. Então, os novos equipamentos também contribuíram para essa queda. Na minha época, que eu lecionava, a minha classe tinha uma letra maravilhosa. Hoje, eu vejo homens feitos com uma letra péssima, difícil de ser lida. Então, eu acho que o que precisaria era ter uma nova valorização dessas, que são pequenas coisas, mas pra mim, me diz muito. O capricho do aluno. Eu sempre falava para os meus alunos: “Eu não quero caderno cheio de florzinha, bonitinho, mas eu quero um caderno cheiroso, onde eu possa abrir o seu caderno e ler o que você faz”. Tanto é que eu falava pra eles: “Caderno cheiroso pra mim é isso, é que eu abro,

eu vejo a sua letra, eu leio, eu estou entendendo. Porque não se escreve só pra mim, vocês estão escrevendo para outras pessoas também”. E hoje eu sinto, eu noto, eu percebo, que isso não está sendo valorizado. Sinto com muito pesar isso, tanto é que eu vou mostrar para você (Eunice se levanta e procura, entre os materiais, um caderno de um ex-aluno dos anos 70 que ela, Eunice, mandou encadernar com capa de couro. Encontra o caderno e me mostra), porque esse caderno aqui olha, daqui pra frente era letreirinha dele. Olha letreirinha de menino.

P - Esse caderno que a senhora me mostra é de lá, do início lá da sua carreira ?

R - Isso.

P - Certo. 3ª série, Sorocaba, isso já estava localizado nos anos, ah! tá aqui: Sorocaba 23 de março 1976 ?

R - Isso.

P - Aluno de terceira série?

R - Terceira série.

P - Certo. De quem era esse caderno, dona Eunice ?

R - Esse caderno era do Alexandre Maciel. Hoje ele é cineasta.

P - Alexandre Rodrigues de Lima Maciel?

R - Isso.

P - Ele é cineasta ?

R - Ele é cineasta.

P - E o caderninho dele ficou com a senhora ?

R - Ficou

P - E é uma relíquia ?

R - Também é.

P - E era assim o caderno ?

R - Não. Esse aí é meu.

P - A senhora mandou encadernar ?

R - Eu mandei encadernar.

P - A senhora transformou o caderno num livro, uma bela capa, personalizada?

R - Oh! Meu Deus do céu.

P - É um documento.

R - É um documento. (Procura por outros materiais e me mostra) Esse aqui era a capa de um trabalho.

P - Deixa eu ver. A medida que eu vou olhando essa pasta, que a senhora me pôs nas mãos, eu vou falando sobre ela para registrar.

R - Tudo bem.

P - A importância da palavra falada. As capas dos trabalhos que as crianças faziam?

R - Isso. Eles faziam as avaliações.

P - Certo.

R - E daí eles pintavam. Coisa que hoje em dia é negativo né ? Criança tem que ser criativo..

P - Certo. E eles colocaram desta forma né?

R - É. Então.

P - Escola municipal de primeiro e segundo graus Dr. Getúlio Vargas. Esse era o cabeçalho das, dessas pinturas, esses desenhos eram de seus alunos ?

R - É. Eles que faziam a pinturinha, né.

P - Aniversariantes do mês de agosto. Tinha relação de aniversariantes ?

R - Tinha.

P - Oração de uma jovem mãe.

R - Do dia da mãe.

P - Datas comemorativas. Caxias.

R - Isso que eu dava pra eles né ?

P - Certo.

R - Este daí eu fazia grande e eles faziam pequenininho.

(A campainha da casa de Eunice é acionada. Chegam visitas)

P - A senhora vai atender o portão ?

R - Não. Não, hoje estou exclusivamente atendendo você.

(A mãe de Eunice recebe as visitas, fazemos uma pequena pausa e retomamos a entrevista)

P - As férias estão chegando.

R - Isso aí era o que eu entregava para eles já no mês, no ultimo dia de aula do mês de junho. Era entregue isso e o livrinho pra eles.

P - Aquele livrinho do “Xande, o Grande”.

R – Do “Xande o Grande”. Tanto é que eu dava embrulhadinho para eles sentirem a importância daquilo.

P - Dona Eunice, nós estamos caminhando para encerrar o registro desse encontro e eu gostaria que a senhora fizesse. (nesse momento a fita de gravação chegou ao seu final sem que percebêssemos. Pedi a Eunice que fizesse considerações sobre a educação. Depois disso sua mãe nos serviu café. Ficamos conversando sobre outros assuntos. Eunice me acompanhou até o portão. Nos despedimos.

APÊNDICE B Quadros quantitativos da década de 60 do século XX

ESTABELECIMENTO: CURSO PRIMÁRIO ANEXO À ESCOLA NORMAL MUNICIPAL DOUTOR GETÚLIO VARGAS

ALUNOS MATRICULADOS E PROMOVIDOS EM 1960

1º ANO – A (MISTO) - Professora Desolina de Souza

36 ALUNOS MATRICULADOS

23 ALUNOS PROMOVIDOS - 63,88%

1º ANO – B (MISTO) - Professora Aparecida Alves de Oliveira Delosso

39 ALUNOS MATRICULADOS

33 ALUNOS PROMOVIDOS - 84,61%

2º ANO – A (MISTO) - Professora Maria Antonieta Melchior

36 ALUNOS MATRICULADOS

28 ALUNOS PROMOVIDOS - 77,77%

2º ANO – B (MISTO) - Professora Maria dos Santos Pires do Amaral

33 ALUNOS MATRICULADOS

29 ALUNOS PROMOVIDOS - 87,87%

3º ANO - (MISTO) - Professora Maria Aparecida Corrêa

46 ALUNOS MATRICULADOS

38 ALUNOS PROMOVIDOS - 82,60%

4º ANO – (MISTO) - Professora Margarida Maria Ferraz

42 ALUNOS MATRICULADOS

37 ALUNOS PROMOVIDOS - 88,09%

5º ANO - (MISTO) - Professora Celeste Stella de Campos Maia

26 ALUNOS MATRICULADOS

14 ALUNOS PROMOVIDOS - 53,84%

RESUMO FINAL DE 1960

SÉRIES	1º	2º	3º	4º	5º	TOTAL
ALUNOS MATRICULADOS	75	69	46	42	26	258
ALUNOS PROMOVIDOS	56	57	38	37	14	202
ALUNOS ELIMINADOS	-	-	-	-	-	-
PORCENTAGEM /PROMOÇÃO	75	83	83	88	54	78

Em 1960, 78% dos alunos matriculados nesta escola foram promovidos às séries seguintes.

ALUNOS MATRICULADOS E PROMOVIDOS EM 1961

1º ANO - A (MISTO) - Professora Gleide Cororullo Finardi

36 ALUNOS MATRICULADOS
20 ALUNOS PROMOVIDOS - 55,55%

1º ANO - B (MISTO) - Sem titular efetivo / Professora substituta Edi Leite

38 ALUNOS MATRICULADOS
26 ALUNOS PROMOVIDOS - 68,42%

2º ANO - A (MISTO) - Professora Maria Antonieta Melchior

31 ALUNOS MATRICULADOS
31 ALUNOS PROMOVIDOS - 100%

2º ANO - B (MISTO) - Professora Maria dos Santos Pires do Amaral

31 ALUNOS MATRICULADOS
24 ALUNOS PROMOVIDOS - 77,41%

3º ANO - A (MISTO) - Professora Maria Aparecida Corrêa

31 ALUNOS MATRICULADOS
28 ALUNOS PROMOVIDOS - 90,32%

3º ANO - B (MISTO) - Professora substituta Francisca Santos Guariglia

31 ALUNOS MATRICULADOS
27 ALUNOS PROMOVIDOS - 87,09%

4º ANO - A (MISTO) - Professora Margarida Maria Ferraz

34 ALUNOS MATRICULADOS
34 ALUNOS PROMOVIDOS - 100%

4º ANO - B (MISTO) - Professora Celeste Stella de Campos Maia

29 ALUNOS MATRICULADOS
29 ALUNOS PROMOVIDOS - 100%

RESUMO FINAL DE 1961

SÉRIES	1º	2º	3º	4º	TOTAL
ALUNOS MATRICULADOS	74	62	62	63	261
ALUNOS PROMOVIDOS	46	55	55	63	219
PORCENTAGEM/PROMOÇÃO	62,16	88,70	88,70	100	83,90

Em 1961 é retirada do livro de registros a categoria que nos informa sobre o número de alunos eliminados. Não há, também, a presença da 5ª série, como havia no ano anterior.

ALUNOS MATRICULADOS E PROMOVIDOS EM 1962

1º ANO - (MISTO) - Professora Berenyce Santanna

37 ALUNOS MATRICULADOS

32 ALUNOS PROMOVIDOS - 86,48%

2º ANO - A (MISTO) - Professora Maria Antonieta Melchior

26 ALUNOS MATRICULADOS

26 ALUNOS PROMOVIDOS - 100%

2º ANO - B (MISTO) - Professora Maria dos Santos Pires do Amaral

26 ALUNOS MATRICULADOS

25 ALUNOS PROMOVIDOS - 96,15%

3º ANO - A (MISTO) - Professora substituta Maria Lúcia Neiva de Lima

28 ALUNOS MATRICULADOS

22 ALUNOS PROMOVIDOS - 78,57%

3º ANO - B (MISTO) - Professora substituta Francisca Santos Guariglia

29 ALUNOS MATRICULADOS

26 ALUNOS PROMOVIDOS - 93,10%

4º ANO - A (MISTO) - Professora Margarida Maria Ferraz

29 ALUNOS MATRICULADOS

28 ALUNOS PROMOVIDOS - 96,55%

4º ANO - B (MISTO) - Professora Celeste Stella de Campos

26 ALUNOS MATRICULADOS

24 ALUNOS PROMOVIDOS - 92,30%

RESUMO FINAL DE 1962

SÉRIES	1º	2º	3º	4º	TOTAL
ALUNOS MATRICULADOS	37	52	57	55	201
ALUNOS PROMOVIDOS	32	51	48	52	183
PORCENTAGEM/PROMOÇÃO	86,48	98,07	84,21	94,54	91,04

Em 1963 a porcentagem de aprovação sobe de 83,90% do ano anterior para 91,04%.

ALUNOS MATRICULADOS E PROMOVIDOS EM 1963

1º ANO - (MISTO) - Professora Berenyce Santanna

38 ALUNOS MATRICULADOS

34 ALUNOS PROMOVIDOS - 89,47%

2º ANO - (MISTO) - Professora Maria Antonieta Melchior

36 ALUNOS MATRICULADOS

33 ALUNOS PROMOVIDOS - 91,66%

3º ANO - A (MISTO) - Professora Desolina de Souza

26 ALUNOS MATRICULADOS

23 ALUNOS PROMOVIDOS - 88,46%

3º ANO - A (MISTO) - Professora Maria dos Santos Pires do Amaral

28 ALUNOS MATRICULADOS

28 ALUNOS PROMOVIDOS - 100%

4º ANO - A (MISTO) - Professora Margarida Maria Ferraz

34 ALUNOS MATRICULADOS

34 ALUNOS PROMOVIDOS - 100%

4º ANO - B (MISTO) - Professora Celeste Stella de Campos Maia

29 ALUNOS MATRICULADOS

29 ALUNOS PROMOVIDOS - 100%

RESUMO FINAL DE 1963

SÉRIES	1º	2º	3º	4º	TOTAL
ALUNOS MATRICULADOS	38	36	28	63	165
ALUNOS PROMOVIDOS	34	33	28	63	158
PORCENTAGE/PROMOÇÃO	89,47	91,66	100	100	95,75

O fenômeno do aumento no número de promoções se mantém neste ano, atingindo um percentual de 95,75%. (1)

(1) No livro de registro consultado consta 3º ano A duas vezes, cada qual com uma professora diferente. No resumo do ano de 1963 registrado em livro não aparecem dados referentes ao 3º ano B.

ALUNOS MATRICULADOS E PROMOVIDOS EM 1964

1º ANO – A (MISTO) - Professora Berenyce Santanna

31 ALUNOS MATRICULADOS
30 ALUNOS PROMOVIDOS - 96,77%

1º ANO - B (MISTO) - Professora Desolinda de Souza

29 ALUNOS MATRICULADOS
20 ALUNOS PROMOVIDOS - 68,96%

2º ANO - (MISTO) - Professora Maria Antonieta Melchior

39 ALUNOS MATRICULADOS
37 ALUNOS PROMOVIDOS - 94,87%

3º ANO - (MISTO) - Maria dos Santos Pires do Amaral

38 ALUNOS MATRICULADOS
37 ALUNOS PROMOVIDOS - 97,36%

4º ANO - A (MISTO) - Professora Margarida Maria Ferraz

33 ALUNOS MATRICULADOS
33 ALUNOS PROMOVIDOS - 100%

4º ANO - B (MISTO) - Professora Celeste Stella de Campos Maia

33 ALUNOS MATRICULADOS
33 ALUNOS PROMOVIDOS - 100%

RESUMO FINAL DE 1964

SÉRIES	1º	2º	3º	4º	TOTAL
ALUNOS MATRICULADOS	60	39	38	66	203
ALUNOS PROMOVIDOS	50	37	37	66	190
PORCENTAGEM/PROMOÇÃO	83,33	94,87	97,36	100	93,59

O número de promoções decresce de 95,75% em 1963, para 93,59% em 1964.

ALUNOS MATRICULADOS E PROMOVIDOS EM 1965

1º ANO - A (MISTO) - Professora Berenyce Santanna

32 ALUNOS MATRICULADOS

30 ALUNOS PROMOVIDOS - 93,75%

1º ANO - B (MISTO) - Professora Maria Stella de Camargo

34 ALUNOS MATRICULADOS

24 ALUNOS PROMOVIDOS - 70,58%

2º ANO - A (MISTO) - Professora Maria Antonieta Melchior

36 ALUNOS MATRICULADOS

36 ALUNOS PROMOVIDOS - 100%

2º ANO - B (MISTO) - Professora Gracia Paulilo Lazarini

27 ALUNOS MATRICULADOS

23 ALUNOS PROMOVIDOS - 85,18%

3º ANO (MISTO) - Professora Maria dos Santos Pires do Amaral

42 ALUNOS MATRICULADOS

39 ALUNOS PROMOVIDOS - 92,85%

4º ANO (MISTO) - Professora Margarida Maria Ferraz

43 ALUNOS MATRICULADOS

43 ALUNOS PROMOVIDOS - 100%

5º ANO (MISTO) - Professora Celeste Stella de Campos Maia

32 ALUNOS MATRICULADOS

32 ALUNOS PROMOVIDOS - 100%

RESUMO FINAL DE 1965

SÉRIE	1º	2º	3º	4º	5º	TOTAL
ALUNOS MATRICULADOS	66	63	42	43	32	246
ALUNOS PROMOVIDOS	54	59	39	43	32	227
PORCENTAGEM/PROMOÇÃO	81,81	89,39	92,85	100	100	92,27

Neste ano o número de promoções continua decrescendo. Temos no ano anterior 93,59% de alunos aprovados. Em 1965 o número é de 92,27%. Volta a constar no livro de registro dados sobre a 5ª série.

ALUNOS MATRICULADOS E PROMOVIDOS EM 1966

1º ANO - A (MISTO) - Professora Berenyce Santanna

41 ALUNOS MATRICULADOS

32 ALUNOS PROMOVIDOS - 78,04%

2º ANO - A (MISTO) - Professora Maria Antonieta Melchior

33 ALUNOS MATRICULADOS

32 ALUNOS PROMOVIDOS - 96,96%

2º ANO - B (MISTO) - Professora Gracia Paulilo Lazarini

27 ALUNOS MATRICULADOS

27 ALUNOS PROMOVIDOS - 100%

3º ANO - A (MISTO) - Professora Maria dos Santos Pires do Amaral

35 ALUNOS MATRICULADOS

35 ALUNOS PROMOVIDOS - 100%

3º ANO - B (MISTO) - Professora Maria Stella de Camargo

32 ALUNOS MATRICULADOS

31 ALUNOS PROMOVIDOS - 96,87%

4º ANO (MISTO) - Professora Margarida Maria Ferraz

39 ALUNOS MATRICULADOS

39 ALUNOS PROMOVIDOS - 100%

5º ANO (MISTO) - Professora Celeste Stella de Campos Maia

31 ALUNOS MATRICULADOS

31 ALUNOS PROMOVIDOS - 100%

RESUMO FINAL DE 1966

SÉRIE	1º	2º	3º	4º	5º	TOTAL
ALUNOS MATRICULADOS	41	60	67	39	31	238
ALUNOS PROMOVIDOS	32	59	66	39	31	227
PORCENTAGEM/PROMOÇÃO	78,04	98,33	98,50	100	100	95,37

Em 1966 mantém-se registros da 5ª série e o número de promoções aumenta sensivelmente, atingindo um total de 95.37%.

ALUNOS MATRICULADOS E PROMOVIDOS EM 1967

1º ANO – A (MISTO) - Professora Berenyce Santanna

35 ALUNOS MATRICULADOS

33 ALUNOS PROMOVIDOS - 94,28%

1º ANO – B (MISTO) - Professora Nilza de Lourdes Cassola

28 ALUNOS MATRICULADOS

26 ALUNOS PROMOVIDOS - 92,85%

2º ANO – A (MISTO) - Professora Maria Antonieta Melchior

37 ALUNOS MATRICULADOS

34 ALUNOS PROMOVIDOS - 91,89%

3º ANO - A (MISTO) - Professora Maria dos Santos Pires do Amaral

35 ALUNOS MATRICULADOS

35 ALUNOS PROMOVIDOS - 100%

3º ANO - B (MISTO) - Professora Maria Stella de Camargo

31 ALUNOS MATRICULADOS

31 ALUNOS PROMOVIDOS - 100%

4º ANO – A (MISTO) - Professora Margarida Maria Ferraz

36 ALUNOS MATRICULADOS

36 ALUNOS PROMOVIDOS - 100%

4º ANO - B (MISTO) - Professora Celeste Stella de Campos Maia

35 ALUNOS MATRICULADOS

35 ALUNOS PROMOVIDOS - 100%

RESUMO FINAL DE 1967

SÉRIE	1ª	2ª	3ª	4ª	TOTAL
ALUNOS MATRICULADOS	63	37	66	71	237
ALUNOS PROMOVIDOS	59	34	66	71	230
PORCENTAGEM/PROMOÇÃO	93,65	91,89	100	100	97,04

O número de promoções continua subindo, atingindo em 1967 o maior índice dentro da década de sessenta do século XX: 97,04%. Não há o registro da 5ª série à partir deste ano.

ALUNOS MATRICULADOS E PROMOVIDOS EM 1968

2º ANO - A (MISTO) - Professora Maria Antonieta Melchior

38 ALUNOS MATRICULADOS

36 ALUNOS PROMOVIDOS - 94,73%

2ª ANO - B (MISTO) - Não consta nome da professora

30 ALUNOS MATRICULADOS

25 ALUNOS PROMOVIDOS - 83,33%

3º ANO - A (MISTO) - Professora Maria dos Santos Pires do Amaral

39 ALUNOS MATRICULADOS

38 ALUNOS PROMOVIDOS - 97,43%

4º ANO - A (MISTO) - Professora Margarida Maria Ferraz

36 ALUNOS MATRICULADOS

35 ALUNOS PROMOVIDOS - 97,22%

4º ANO - B (MISTO) - Não consta nome da professora

35 ALUNOS MATRICULADOS

32 ALUNOS PROMOVIDOS - 91,42%

RESUMO FINAL DE 1968

SÉRIES	2ª	3ª	4ª	TOTAL
ALUNOS MATRICULADOS	68	39	71	178
ALUNOS PROMOVIDOS	61	38	67	166
PORCENTAGEM/PROMOÇÃO	89,70	97,43	94,36	93,25

Em 1968 o nível de promoções sofre um sensível decréscimo em relação ao ano anterior, atingindo o nível de 93,25%. (2)

(2) Não consta em Livros de Registro as demais séries.

ALUNOS MATRICULADOS E PROMOVIDOS EM 1969

2º ANO - A (MISTO) - Professora Maria Antinieta Melchior

38 ALUNOS MATRICULADOS

38 ALUNOS PROMOVIDOS - 100%

2º ANO - B (MISTO) - Professora Maria Stella de Camargo

37 ALUNOS MATRICULADOS

30 ALUNOS PROMOVIDOS - 81,08%

4º ANO - A (MISTO) - Professora Margarida Maria Ferraz

39 ALUNOS MATRICULADOS

38 ALUNOS PROMOVIDOS - 97,43%

4º ANO - B (MISTO) - Professora Celeste Stella de Campos Maia

34 ALUNOS MATRICULADOS

34 ALUNOS PROMOVIDOS - 100%

RESUMO FINAL DE 1969

SÉRIES	2ª	4ª	TOTAL
ALUNOS MATRICULADOS	75	73	148
ALUNOS PROMOVIDOS	68	72	140
PORCENTAGEM/PROMOÇÃO	90,66	98,63	94,59

Em 1969 ocorre pequeno aumento no número de promoções, atingindo o nível de 94,59%. (3)

(3) Não consta em Livros de Registro as demais séries.

RESUMO DA DÉCADA DE 60 DO SÉCULO XX

O quadro abaixo traz o resumo dos dados quantitativos obtidos nos livros de registro da escola em toda a década de 60 do século XX.

SÉRIES	1º	2º	3º	4º	5º	TOTAL
ALUNOS MATRICULADOS	454	561	445	586	89	2.135
ALUNOS PROMOVIDOS	363	514	415	573	77	1.942
PORCENTAGEM/PROMOÇÃO	79,95	91,62	93,26	97,78	86,52	90,96

ANEXO A Cópias xerografadas de documentos da Escola Municipal “Dr. Getúlio Vargas”

Cópias xerografadas de comunicados de punições aplicadas na Escola Municipal “Dr. Getúlio Vargas” na década de sessenta do século XX. (1)

(1) Omiti propositalmente os nomes das pessoas que sofreram as punições por motivações éticas.

GINÁSIO E ESCOLA NORMAL MUNICIPAL "DR. GETULIO VARGAS"

Sorocaba, 9 de novembro de 1964

Ilmo.(a) Sr.(a)

Nesta

De ordem do Sr. Diretor deste estabelecimento de ensino, no cumprimento de que determina o Regimento Interno dos Estabelecimentos de Ensino Secundário e Normal, cumpre-me informar:

que sua filha, foi advertida por se encontrar fumando dentro do recinto escolar.-

Movido pelo mais puro espírito de solidariedade que deve unir a Escola ao lar, visando colimar as finalidades da educação integral, educando para a Democracia, ao inteiro dispôr de V. S.

Atenciosamente

p. Diretor

IMPORTANTE — Solicitamos a devolução deste, datado e assinado pelo responsável
Sorocaba, de de 19

RESPONSÁVEL



"DR. GETÚLIO VARGAS"
Avenida Dr. Eugênio Salerno, 298
SOROCABA

Sorocaba, de de 196.....

Ref. N.

TERMO DE SUSPENSÃO

De ordem do sr. Diretor, ficam suspensos por 5 dias (dias 11, 12, 13, 14 e 16), por não comparecerem às solenidades programadas para a SEMANA DA PÁTRIA, os seguintes alunos:

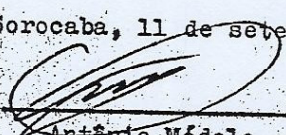
1ª série A -

1ª série B -

3ª série Fe. -

4ª série -

Sorocaba, 11 de setembro de 1963.

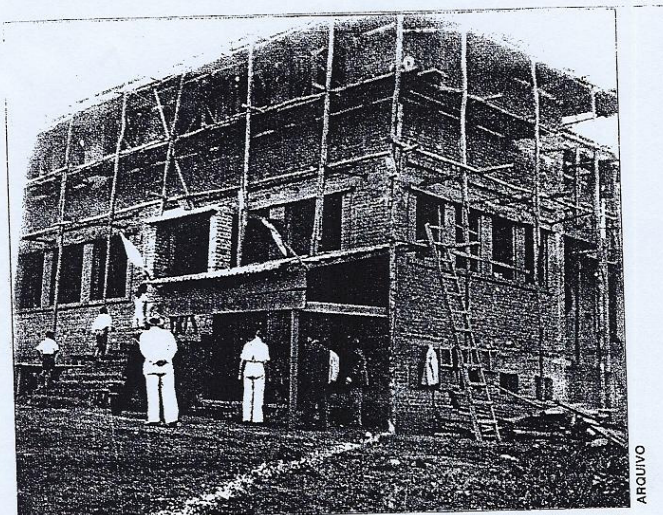

Antônio Módolo - Secretário

ANEXO B Reproduções fotográficas

. Reprodução fotográfica das obras de construção do prédio da Escola Municipal “Dr. Getúlio Vargas” – Início da década de 40. Extraída da Revista A Cidade – Sorocaba de todos nós – 351 anos. Sorocaba: Jornal Cruzeiro do Sul, 15/08/2005, p. 112.
Não há referências ao autor da fotografia.

. Reprodução fotográfica do prédio da Escola municipal “Dr. Getúlio Vargas” nos dias atuais. Autoria de Iago Checco Rondello em 18/01/2007.

Escola Municipal de 1º e 2º graus “Dr. Getúlio Vargas” – Década de 40 do século XX
Foto/Arquivo – Revista: A Cidade – Sorocaba de todos nós – 351 anos. 15/08/2005.



Obra de construção do prédio da EM “Dr. Getúlio Vargas”

Escola Municipal de 1ª e 2ª graus “Dr. Getúlio Vargas” – Janeiro de 2007.
Autor: Iago Checco Rondello - 18/01/2007.

